



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

ZANNETY CONCEIÇÃO SILVA DO NASCIMENTO SOUZA

**ABORTO PROVOCADO NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA: O DISCURSO DAS MULHERES**

Salvador
2009

ZANNETY CONCEIÇÃO SILVA DO NASCIMENTO SOUZA

**ABORTO PROVOCADO NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA: O DISCURSO DAS MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem na área de concentração Mulher, Gênero e Saúde.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Normélia Maria Freire Diniz.

Salvador
2009

Souza, Zannety Conceição Silva do Nascimento

S719a Aborto provocado no contexto da violência doméstica: o discurso das mulheres / Zannety Conceição Silva do Nascimento Souza. – Salvador, Ba, 2009.

280f.

Orientadora: Normélia Maria Freire Diniz

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, 2009.

1. Aborto provocado. 2. Violência doméstica. 3. Mulheres - Saúde. 4. Enfermagem. 5. Gênero. I. Diniz, Normélia Maria Freire. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU: 618.39

ZANNETY CONCEIÇÃO SILVA DO NASCIMENTO SOUZA

**ABORTO PROVOCADO NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: O
DISCURSO DAS MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem na área de concentração Mulher, Gênero e Saúde.

Aprovada em 30 de abril de 2009.

Banca Examinadora

Normélia Maria Freire Diniz – Orientadora Normélia Maria Freire Diniz
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo.
Professora da Universidade Federal da Bahia.

Lucila Amaral Carneiro Vianna Lucila Amaral Carneiro Vianna
Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo.
Professora Titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo.

Solange Maria dos Anjos Gesteira Solange Maria dos Anjos Gesteira
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo.
Professora da Universidade Federal da Bahia.

Regina Lúcia Lopes Mendonça Regina Lúcia Lopes Mendonça
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Professora da Universidade Federal da Bahia.

Dedico esta dissertação às todas as mulheres que travam batalhas cotidianas para enfrentar as desigualdades de gênero e continuam firmes, trabalhadoras, religiosas, mães, amantes, profissionais, filhas, esposas e guerreiras em busca de liberdade de expressão, alegria plena, paz de espírito e a valorização como mulher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela inspiração, sabedoria e discernimento na vida e no cuidado aos pacientes, principalmente às mulheres e seus recém-nascidos.

Aos meus pais Aurélio e Conceição pelos ensinamentos de honestidade, respeito ao outro, da importância de estudar e trabalhar; pelo apoio na realização de minhas atividades.

Às minhas irmãs Jôse e Madalena pela paciência nos momentos de stress, pelo suporte de informática e sugestões pertinentes.

Ao meu esposo Neto pelo carinho, apoio, paciência, tolerância no cansaço, desespero e ansiedade, pelo amor durante todos estes anos de convívio.

Aos familiares pela força e torcida, em especial Zé Maria, Diana e Fabíola.

Ao Educandário Senhora Santana e suas professoras Ireninha, Jormeire, Dilza, Maria Dagmar de Miranda (in memoriam), Fátima e Socorro que iniciaram meus passos no conhecimento das letras. E aos professores de todas as outras etapas escolares pelo fortalecimento do saber.

Ao Colégio Nobre e cursinho Padrão pelo preparo rumo à Universidade.

À Universidade Estadual de Feira de Santana pela graduação em Enfermagem, pelo exemplo das professoras do fazer ético e compromissado na profissão.

Ao Hospital São Matheus pela liberação durante a seleção do mestrado e apoio, na pessoa de Dr. Arlindo Mendes.

Agradeço ao Hospital da Mulher nas pessoas dos amigos Iracema Paim e Joaquim Brandão pela colaboração nas saídas para as aulas sem prejuízo profissional.

À Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem pelo acesso à pós-graduação.

À Faculdade Nobre de Feira de Santana e meus amados alunos pela colaboração e compreensão neste processo.

À minha orientadora Normélia Maria Freire Diniz pelo carinho, atenção nas orientações, e pelo exemplo de vida e de acolhimento às mulheres no ciclo gravídico-puerperal, em especial, para aquelas em situação de abortamento.

À professora Solange Gesteira pelo apoio, sugestões, dicas, partilha dos momentos de angústia na construção deste trabalho.

À professora Cristina Melo pela orientação para uma boa escrita, pelo incentivo e sugestões durante todo o curso.

Aos professores Ana Lefèvre e Fernando Lefèvre pela colaboração no conhecimento do Discurso do Sujeito Coletivo.

Ao GEM (Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher) pela oportunidade de crescimento científico.

Às professoras do GEM e do curso de pós-graduação em Enfermagem pela partilha de conhecimentos e incentivo neste mestrado.

Às colegas de mestrado ano 2007 por todos os desafios enfrentados juntos nesta jornada.

Agradeço às amigas: Mirian, Eva, Silvone, companheiras da Kombi de Feira, pelas conversas, conselhos, receitas, ralis na BR324, orações, discussões e pela amizade incondicional.

À Ivan e Ana Cláudia pelo atendimento sempre paciente na secretaria da Pós-graduação.

Ao grupo responsável pela higienização e segurança da Escola de Enfermagem pela organização do ambiente.

À Simone, Angélica, Daiane, Larissa, Marília, Thaís e Maysa estudantes da graduação, agradeço a alegria nos trabalhos do GEM, o apoio de informática, a partilha dos artigos, projetos de extensão, congressos, dos recados do Orkut, da amizade conquistada.

À amiga Telmara que me acolheu, partilhou emoções, desabaços, diversões, histórias e a Luís seu esposo pelas caronas, pizzas, piadas, conversas, suporte de informática e simpatia.

À amiga Ariane cuja amizade conquistada neste mestrado, pela acolhida, pela sopa maravilhosa, e pela partilha dos momentos de alegria, desânimo, coragem, pressões e pelo sucesso alcançado. Antonio seu esposo agradeço por todo carinho, simpatia e incentivo.

Ao amigo y profesor Marcial: por las clases de español, por la amistad en todo momento, un grande abrazo y mis sinceros agradecimientos.

À Edenice Reges e Clarissa pelos acolhimentos em suas residências, pelo cuidado e carinho.

Agradeço à Maternidade Tsylla Balbino pela oportunidade de realizar a pesquisa sua unidade.

Às(os) amigas(os) Roberta Ferraz, Fernanda Sanches, Clara, Anne, Michelle, Luciano, Silvia Passos, Gléssia, Rosana, Carine Queiroz, Alessandra, Luciane, Valterney, Rita Rocha, Deisy Vital, pela sinceridade e torcida, pela amizade, um beijo no coração.

Às(os) amigas(os) e colegas enfermeiras, técnicas e médicos do Hospital da Mulher, da UTI do Hospital Geral Clériston Andrade pelo apoio e torcida.

À Paula de Lemos Berinson pela revisão final do português e apoio.

À Dilma, Seu Tião e Érica da DIGIART pelo suporte emocional e gráfico.

A Catarina pelos alimentos maravilhosos e bate-papo agradável.

E muito obrigada às mulheres da pesquisa por abrirem suas vidas e suas histórias.

“... mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo esta marca, Maria, Maria mistura a dor e a alegria.”
(Milton Nascimento)

SOUZA, Zannety Conceição Silva do Nascimento. 280f. **Aborto provocado no contexto da violência doméstica: o discurso das mulheres.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

RESUMO

Aborto provocado e violência doméstica são considerados problemas de saúde pública pela magnitude de conseqüências que afetam à saúde física e mental das mulheres. Não é uma prática recente e a depender da cultura adquire representações sociais diferentes, sendo alvo de discussões na atualidade. O objetivo geral deste estudo foi analisar o discurso das mulheres que vivenciaram o aborto provocado no contexto da violência doméstica. Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa realizada numa maternidade pública do município de Salvador, Bahia, com 17 mulheres internadas por aborto provocado. A coleta de dados foi por entrevista semi-estruturada, com auxílio de gravador, feita entre julho a setembro de 2008. A organização e análise do material foram feitas pela estratégia metodológica do discurso do sujeito coletivo de Lefèvre, que busca a fala da coletividade, a partir da identificação de idéias centrais sínteses e expressões-chave contidas nos discursos individuais das mulheres. A análise fundamentou-se em estudos de gênero, direitos reprodutivos, aborto provocado, violência doméstica e políticas públicas. Resultados: as mulheres se caracterizam como adolescentes e adultas jovens, baixa escolaridade, autodeclaradas negras e pardas; solteiras, morando com familiares, dependentes financeiramente de pai e mãe, desempregadas, desenvolvendo atividades autônomas de baixo retorno financeiro, outras sustentadas pelo companheiro. A maioria já tivera três filhos ou mais, utilizaram o Cytotec como método abortivo e justificam o aborto provocado, pela falta de emprego, ou baixa renda para sustentar uma criança; abandono, instabilidade financeira e violência doméstica por parte do companheiro e de familiares. Apresentam sentimento de culpa, vergonha e arrependimento, temem os julgamentos da família e da sociedade, já que o aborto representa um estigma social caracterizado como pecado e crime. Concluímos que as mulheres que abortam, precisam de espaço para acolhimento, escuta e resolução de suas demandas pelos serviços de saúde, no que se refere aos aspectos subjetivos e biológicos; o Estado precisa garantir os direitos reprodutivos das mulheres e a sociedade discutir e aprovar a descriminalização do aborto pensando no contexto destas mulheres. Mesmo com o reconhecimento das políticas públicas de saúde acerca da humanização do atendimento nos casos de aborto provocado, existe um distanciamento da efetivação desta prática por parte dos profissionais de saúde. A Enfermagem, caracterizada pelo cuidado, deve passar por processo de capacitação para o entendimento do contexto social das mulheres que abortam no sentido de reformular suas práticas; além disso, fomentar o debate sobre esta realidade nos currículos de formação.

Palavras - chave: Aborto Provocado; Violência doméstica; Gênero; Enfermagem

SOUZA, Zannety Conceição Silva do Nascimento. 280f. **Abortion in the context of domestic violence: the speech of women.** Dissertation submitted to the Postgraduate Program of the Federal University of Bahia . Salvador, 2009.

ABSTRACT

Because of the consequences to women's mental and physical health, abortion and domestic violence are considered public health problems. Those practices are not recent, and, depending on the culture, it acquires different social representations and becomes the aim of discussions. The aim of this study was to analyze the speech of women which aborted in the context of domestic violence. It is a descriptive study whose approach is qualitative. The research environment was a public birthing center on Salvador (BA). The population was composed by 17 women got in the hospital with an abortion. Data collection was carried out from July to September 2008 by means of semi structured interview and a tape recorder. We organized and analyzed the material through collective subject speech methodology authored by Lefèvre, which searches for collectivity speech through the identification of central ideas and key-words contained in individual speeches of women. Our analysis was based in gender studies, reproductive rights, abortion, domestic violence and public policies. According with results, most of women are Adolescent e Young adults, have low education level, use to declare themselves as Black and Brown persons; they are single, live with parents and depend on father and mother; unemployed, they work on their own but don't earn too much; others are sustained by their mates. For most of them this is the third pregnancy. They said they made use of Cytotec to abort and justify their attitude as a result of unemployment or low wages to sustain a child, abandon, financial instability and domestic violence committed by their own mate and family. They feel guilty, ashamed and repentant, fearing family and society judgments, since the abortion represents a social stigma, considered sin and crime. We concluded that aborting women need a space in order to be received and listened. Their demands must be solved by health services, concerning subjective and biological aspects; the State must guarantee women reproductive rights and the society must discuss and approve the non-criminalization of abortion, considering the context of those women. Even though health public policies recognize that, in case of abortion, the caring must be humanized; this is far from being realized. The Nursing characterized by caring, must pass through a process of capacity on the understanding the social context surrounding aborting women in order to reformulate those practices; besides, we must discuss this reality on graduating curriculum.

Keywords: Abortion; Domestic Violence; Gender; Nursing.

LISTA DE QUADROS DE IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE

- 1** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com o Companheiro – Salvador – Jul. a Set. 2008.....58
- 2** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com a Família – Salvador – Jul. a Set. 2008.....74
- 3** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com Trabalho e/ou o Estudo – Salvador – Jul. a Set. 2008.....88
- 4** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com a Anticoncepção – Salvador – Jul. a Set. 2008.....96
- 5** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre o Aborto– Salvador – Jul. a Set. 2008.....103
- 6** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre o Aborto Provocado pela Violência Doméstica – Salvador – Jul. a Set. 2008.....120
- 7** Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Decisão de Abortar – Salvador – Jul. a Set. 2008.....125

LISTA DE QUADROS DE DISCURSOS

QUADRO 1.A	Idéia central síntese: Provocou o aborto porque quis, já tem muitos filhos, tinha medo de perder os estudos, não tem condições financeiras, não queria parar de trabalhar, gosta de festa e por causa da idade.....	158
QUADRO 1.B	Idéia central síntese: Mãe não queria conversar, briga, compra remédio abortivo e obriga filha a tomar.....	163
QUADRO 1.C	Idéia central síntese: Ter um filho sem pai é difícil.....	164
QUADRO 1.D	Idéia central síntese: Toma remédio para perder porque sempre quando está grávida o esposo começa a maltratar, diz que filho não é dele e some.....	165
QUADRO 1.E	Idéia central síntese: Triste, se pudesse teria o filho; sente-se perturbada após o aborto, se arrepende, sabe que é pecado e diz que é o último.....	167
QUADRO 1.F	Idéia central síntese: Contou pra família, ficou nervosa com o que a família ia pensar e por isso abortou.....	171
QUADRO 1.G	Idéia central síntese: Nenhuma gestação foi planejada, usou camisinha, mas estourou, não teve dinheiro para a pílula do dia seguinte, realizou a cesárea antecipada para laqueadura tubária e não conseguiu fazer.....	172
QUADRO 1.H	Idéia central síntese: Pensa em voltar pra casa e se cuidar mais, trabalhar, fazer planejamento familiar, retomar os estudos, encontrar o filho e dar mais valor à família.....	175
QUADRO 1.I	Idéia central síntese: Foi bem tratada na maternidade, o atendimento foi rápido, foi logo pra sala de curetagem, porém algumas médicas fizeram comentários que tinha que se cuidar.....	177
QUADRO 1.J	Idéia central síntese: Tomou chá, 08 dias usou citotec, mas perdeu com a injeção para dilatar útero e a sonda.....	181

QUADRO 1.K	Idéia central síntese: Faz aborto à noite, esconde para que os filhos não presenciem, mas eles cuidam dela.....	183
QUADRO 1.L	Idéia central síntese: Fugiu de casa com doze anos, veio pra Bahia de carona com caminhoneiro, para comer tinha que transar, conheceu pessoas na rua e se envolveu com filhos da patroa, por falta de opção foi fazer programa até arrumar alguém que queria compromisso.....	184
QUADRO 1.M	Idéia central síntese: Pagava a vizinha para tomar conta dos filhos durante o trabalho, pede para levar o pequeno na creche para poder ir até a maternidade e enquanto internada deixa-os com a ex-sogra.....	188
QUADRO 1.N	Idéia central síntese: Abortou para evitar discriminação de companheira homossexual.....	189
QUADRO 2.A	Idéia central síntese: Amizade, festa, viajar juntos, vivíamos bem, até que engravidei.....	191
QUADRO 2.B	Idéia central síntese: O companheiro brigou por ter usado remédio abortivo.....	194
QUADRO 2.C	Idéia central síntese: Relação com companheiro não tem estabilidade.....	195
QUADRO 2.D	Idéia central síntese: A relação é péssima, já foi agredida duas vezes, de murro, empurrão, agressão verbal, inclusive grávida fiquei com olho roxo, dei queixa na delegacia das mulheres.....	196
QUADRO 3.A	Idéia central síntese: Faz sentido porque a mãe falava que não ia querer filha em casa com filho, ficou traumatizada e era contra o aborto porque nunca tinha acontecido com ela.....	205
QUADRO 3.B	Idéia central síntese: Horrível cada um que passa é que sabe. Não fica arrependida pelo aborto, mas com a consciência pesada, foi a necessidade e desespero.....	207
QUADRO 3.C	Idéia central síntese: Ficou desesperada, como se não significasse nada na vida dele, nem o filho que tava na barriga; foi atrás se	

	humilhou, decidiu abortar porque não tinha mais respeito e confiança no companheiro.....	209
QUADRO 3.D	Idéia central síntese: O que fez tomar a decisão foi isso; não quer filhos e mais filhos de pais diferentes, quer se cuidar, fazer planejamento familiar, estudar e no futuro ter um filho.....	213
QUADRO 3.E	Idéia central síntese: Ele disse que se tirasse o filho ia se separar de verdade, no dia que tomou o remédio, ele veio com ignorância, não sabe se vai ficar com ele após aborto.....	215
QUADRO 3.F	Idéia central síntese: O cunhado insinua que ela tem outra pessoa, se ele soubesse que ela estava grávida não teria discutido, empurrado, tocado a mão nela.....	216
QUADRO 3.G	Idéia central síntese: Nunca aconteceu violência na família só vê pela televisão; está na maternidade, mas o marido sabe, foi bem tratada.....	217
QUADRO 4.A	Idéia central síntese: Mãe privava de muita coisa quando criança, sempre gostou mais de filho homem, hoje a trata com ignorância e isso pesou na decisão de abortar.....	218
QUADRO 4.B	Idéia central síntese: Pai é sempre ofensivo, bebe e xinga, faz aborto escondido dele, todo mundo tem medo.....	224
QUADRO 4.C	Idéia central síntese: O pai do filho ajudou muito, quando médico perguntou sobre o aborto não falou que eram dois para não complicar o pai da criança.....	227
QUADRO 4.D	- Idéia central síntese: Não tem pai, nem mãe, os irmãos são desunidos, a única parente próxima é uma tia.....	228
QUADRO 4.E	- Idéia central síntese: O relacionamento familiar é bom, ama os parentes porque o marido não vale nada.....	231
QUADRO 4.F	Idéia central síntese: A cabeça fica perturbada com a gravidez porque não curtiu a vida de casado; se sente aliviada após aborto, mas tem vergonha de encarar a família.....	233

QUADRO 4.G	Idéia central síntese: Avó parou de falar com ela após briga em relacionamento homossexual e mãe da companheira não aceita a relação.....	234
QUADRO 4.H	Idéia central síntese: A relação com sogro e sogra é boa, mas o cunhado quer separá-la do irmão, bateu, xingou colocou pra fora de casa.....	235
QUADRO 5.A	Idéia central síntese: Marido não queria comprar abortivo, mas ela forçou e ele comprou.	237
QUADRO 5.B	Idéia central síntese: Não decidiu, foi obrigada; mãe compra abortivo e obriga a filha a tomar.	238
QUADRO 5.C	Idéia central síntese: Desconfiou tomou chás, comprou citotec, tomou e aplicou via vaginal; tomou injeção para dilatar útero, usou sonda, foi para o hospital após hemorragia.	239
QUADRO 5.D	Idéia central síntese: Pediu dinheiro emprestado para abortar, gastou muito dinheiro e fez tudo sozinha.....	245
QUADRO 5.E	Idéia central síntese: Tomou chá, expulsou feto em casa, sangrou, foi na maternidade várias vezes e voltou após ultrassom e hemorragia.....	248
QUADRO 5.F	Idéia central síntese: Companheiro não queria que tirasse o feto, mas aceitou com medo de nascer defeituoso e ficou do seu lado.....	252
QUADRO 5.G	Idéia central síntese: Se arrepende do aborto vendo as criancinhas, mas namorado não estava trabalhando e ia atrapalhar seu futuro.....	254
QUADRO 5.H	- Idéia central síntese: Tia usou água inglesa após aborto e ficou bem então fez a mesma coisa, mas pegou infecção; conversaram ela, a tia e o namorado e decidiram juntos abortar.....	257
QUADRO 6.A	Idéia central síntese: Trabalhava e sustentava irmãos; tá desempregada, agora abriu um negocinho em casa mesmo, se não abortasse ia empatar seu futuro e não tinha como dar futuro ao filho.	258

QUADRO 6.B	Idéia central síntese: Trabalha, mas a mãe é que sustenta a casa, abortou porque não teve jeito.....	262
QUADRO 6.C	Idéia central síntese: Desempregada, é sustentada pelo companheiro.....	265
QUADRO 6.D	Idéia central síntese: Precisa voltar ao trabalho, não vai apresentar atestado médico para não perder o emprego.....	267
QUADRO 7.A	Idéia central síntese: Tava tomando remédio, mas engravidou e sente culpa após aborto.....	268
QUADRO 7.B	Idéia central síntese: Engravidou porque se sente mal com medicamento, engorda, sente tontice e ânsia de vômito.....	269
QUADRO 7.C	Idéia central síntese: Parou de tomar anticoncepcional e não usava nenhum método, então engravidou e pegou sífilis.	271
QUADRO 7.D	Idéia central síntese: Fica gorda com remédio e injeção, não usa camisinha porque parceiro não gosta.....	274
QUADRO 7.E	Idéia central síntese: Usa camisinha, mas acha que estourou; quando não usa toma chá ou água com sal.....	276

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragens
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIPD	Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento
CRLV	Centro de Referência Loreta Valadares
DEAM	Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
DST	Doença Sexualmente Transmissível
ECH	Expressões Chaves
FIGO	Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia
GEM	Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher
GT	Grupo de Trabalho
IAD	Instrumento de Análise do Discurso
IC	Idéias Centrais
MS	Ministério da Saúde
NOAS	Norma Operacional de Assistência à Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde de Mulher
PNAISM	Política Nacional de Assistência Integral à Saúde da Mulher
SIH	Sistema de Informações Hospitalares
SUS	Sistema Único de Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia
VIVER	Serviço de Atenção às Pessoas em Situação de Violência Sexual em Salvador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	20
2	CONTEXTUALIZANDO O ABORTO PROVOCADO E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	25
2.1	ABORDAGEM CONCEITUAL.....	25
2.2	ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS.....	29
2.3	POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER EM SITUAÇÃO DE ABORTO PROVOCADO E DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA....	31
3	AS DIMENSÕES SOCIAIS DO ABORTO PROVOCADO E DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	37
4	MÉTODO	45
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	45
4.2	CENÁRIO DA PESQUISA.....	46
4.3	PARTICIPANTES DO ESTUDO E ASPECTOS ÉTICOS.....	48
4.4	COLETA DE DADOS.....	49
4.5	ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	50
4.5.1	O discurso do sujeito coletivo.....	50
4.6	REFERENCIAL TEÓRICO: GÊNERO.....	51

5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	56
5.1	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DEMOGRÁFICAS E REPRODUTIVAS DAS PARTICIPANTES DO ESTUDO	56
5.2	O DISCURSO DAS MULHERES	57
5.2.1	O discurso das mulheres sobre a relação com o companheiro.....	58
5.2.2	O discurso das mulheres sobre a relação com a família.....	73
5.2.3	O discurso das mulheres sobre a relação com o trabalho e/ou o estudo.....	87
5.2.4	O discurso das mulheres sobre a relação com a anticoncepção.....	96
5.2.5	O discurso das mulheres sobre o aborto.....	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	137
	APÊNDICES	149
	ANEXOS.....	278

1 INTRODUÇÃO

O aborto provocado não é prática recente e, dependendo da cultura, adquire representações sociais diferentes, sendo alvo de discussões por todo o mundo na atualidade. Estas discussões são acirradas e oscilam entre posições que defendem o direito à vida do feto e o direito à autonomia reprodutiva da mulher (ABREU, 2008).

A experiência do aborto provocado na mulher se dá de forma peculiar e única, sem o exercício pleno de seus direitos reprodutivos. Ainda mais quando o grau de escolaridade é baixo, ela não possui condições de se manter financeiramente e a isso se acrescenta o fato de não contar com o apoio nem do companheiro nem de familiares na gestação, essa é uma decisão sofrida, angustiante e carregada de culpa.

É quando se ressentem dessa falta de apoio que as mulheres buscam o aborto provocado de forma clandestina: pelas leis brasileiras o aborto é crime e da forma como ele é praticado, aumenta as estatísticas de morbidade e mortalidade maternas, principalmente causadas por hemorragias e infecções. Além do mais, dada a sua clandestinidade, a assistência biopsicossocial recebida é precária, razão por que, sem encontrar apoio nos serviços de saúde (BRASIL, 2001), as mulheres guardam a dor para elas mesmas.

A situação de abortamento eleva os índices de atendimentos nas unidades hospitalares de saúde. No Brasil, segundo dados do SIH/SUS (2002), foram realizados 236,7 mil procedimentos de curetagem pós-aborto. Estudos como o de Menezes e Marinho, presentes no Dossiê sobre Aborto Inseguro na Bahia, mostram que em Salvador, cenário desta pesquisa,

a curetagem uterina é o segundo procedimento mais freqüente na rede do SUS. Em 2007, foram realizadas 8.387 curetagens: isso dá aproximadamente 699 por mês, 23 por dia e 01 a cada hora. A cada 04 internações por parto, 01 é para curetagem pós-aborto na cidade, média bem menor que a nacional (6,7 partos/01 aborto) (SIMONETTI; SOUZA; ARAÚJO, 2008, p.15).

A magnitude deste problema podia ser sentida em minhas atividades no exercício profissional enquanto enfermeira em hospitais públicos e maternidades do município de Riachão do Jacuípe, onde, desde 2000 assistia a mulheres em trabalho de parto e com história de abortamento provocado, sendo que as últimas sofriam as consequências da clandestinidade.

São números significativos: segundo o Ministério da Saúde- MS, o abortamento representa uma das principais causas de mortalidade materna no Brasil. O Dossiê Aborto – Mortes Preveníveis e Evitáveis - afirma que entre os principais problemas do aborto clandestino e inseguro estão: as perfurações uterinas, a hemorragia e a infecção, apresentando diferentes graus de morbidade, sequelas e mortes (REDE FEMINISTA DE SAÚDE, 2005).

Ao cuidar daquelas mulheres que se encontravam em abortamento provocado ou na fase de pós-aborto em unidades públicas, comecei a atentar para a necessidade de escutá-las e acolhê-las, pois traziam dentro delas o sofrimento: pelo aborto, a violência de gênero, a dificuldade de acesso aos serviços e a negação dos seus direitos reprodutivos.

Isto visto e visando aprofundar os estudos teóricos e práticos sobre a saúde da mulher no ciclo gravídico-puerperal, entrei na Pós-Graduação (Especialização) em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

É necessário discutir o aborto no ambiente acadêmico e assistencial, mas ainda mais importante do que isso é formar profissionais que vejam a assistência à mulher em abortamento provocado com um olhar diferenciado: trata-se de uma estratégia para a melhoria da qualidade do cuidado hospitalar e para o fortalecimento da escuta acolhedora nos serviços de planejamento familiar.

Quando comecei na carreira acadêmica ensinando a disciplina Atenção à Saúde da Mulher, na Faculdade Nobre de Feira de Santana em 2006, programei algumas discussões sobre o tema nas aulas teóricas e práticas hospitalares, e foi neste momento que despertei para a necessidade de entrar para o Mestrado Acadêmico em Enfermagem, onde poderia ter um contato mais aprofundado sobre o tema, para a análise social dos fatos, voltada para as questões de gênero, e me capacitar mais para a docência e também para a vida profissional. Ao ingressar no mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia e no Grupo de Estudos sobre a Saúde da Mulher - GEM e ao longo das leituras da produção científica sobre a saúde da mulher, percebi a relação existente entre o aborto provocado e a violência doméstica.

A partir daí, conheci estudos da abordagem quantitativa sobre o aborto provocado, que refletiam os índices de internamento, as complicações, o perfil das mulheres que praticavam aborto, juntamente com os fatores que as predispõem para tal, e, além disso, a associação entre

aborto provocado e violência doméstica (SANTOS, 2006)¹. Ademais, outros estudos com abordagem qualitativa demonstraram o interesse em apreender as representações sociais acerca do aborto provocado por parte das mulheres (PEREZ, 2006)², bem como na descrição do discurso acerca da assistência prestada à mulher em processo de abortamento provocado (GESTEIRA, 2006)³. Estudos diversos sobre a violência doméstica, conjugal e suas repercussões para a vida das mulheres (DINIZ, 2002; 2003) também aumentaram o meu interesse nessa inter-relação.

O aborto é visto na sociedade sob várias formas e traz à tona discussões sobre vida, ética, religião, valores morais e o direito de escolha da mulher: apenas a ela cabe decidir sobre ter filhos ou não e isto envolve resolver o que fazer com o próprio corpo. Gesteira (2006), em seu estudo, aponta, na fala das mulheres, para o exercício do direito sobre o corpo: é o que estas mulheres fazem quando decidem abortar no caso de uma gravidez não desejada.

A gravidez indesejada é consequência de diversos fatores, sendo um deles a violência conjugal. Perez (2006) mostra que 47% das mulheres internadas por abortamento sofreram violência na gestação atual; destas, 67% afirmaram que a decisão de abortar derivou da violência sofrida. Por sua vez, Alves (1999) identificou, em seu estudo, que um grande índice das mulheres entrevistadas (74%) vivenciou a violência conjugal, dado confirmado pelo estudo de Diniz e Monteiro (2002), que verificou que 20% de mulheres sofriam agressões no período gestacional, sendo que 11,11% afirmaram que o aborto foi consequência disso.

Para se discutir a violência contra a mulher, faz-se necessário incluir o debate sobre as relações de gênero. Ao longo da história, as mulheres têm se deparado com a desigualdade de direitos. Em nome da supremacia masculina, a mulher renuncia a sua autonomia. O papel da mulher, da forma como é socialmente construído, enfatiza a maternidade e a vida no ambiente doméstico. A violência surge como um fator de demonstração deste poder por parte do homem/agressor.

¹ Rosana Souza dos Santos desenvolveu esta pesquisa em um projeto de iniciação científica (PIBIC) pela UFBA, com os objetivos específicos de identificar a violência doméstica enquanto desencadeadora do aborto provocado por mulheres e identificar as repercussões da violência doméstica e aborto provocado sobre a saúde física e emocional das mulheres.

² Bárbara Angélica Gómez Pérez, em sua dissertação defendida na UFBA, objetivou analisar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado.

³ Tese de Solange Maria dos Anjos Gesteira defendida na UNIFESP, tendo como objetivo geral analisar o discurso das mulheres em processo de aborto provocado e das profissionais da equipe de enfermagem com relação à assistência respectivamente recebida e prestada numa instituição pública de referência em um município da Bahia.

Este é um fenômeno multifacetado, que necessita de envolvimento multidisciplinar e políticas para o seu combate e prevenção. No âmbito da saúde, a violência ainda é muito pouco discutida, devido ao fato de não haver resoluções biológicas rápidas para o problema. (MINAYO, 2007).

As consequências da violência para a saúde da mulher são visíveis e significativas. Segundo estudo realizado por Souza (2000), entre os problemas mencionados pelas mulheres como resultado de relacionamentos conflituosos, estão as Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs, a cefaléia, as afecções ginecológicas, a disfunção sexual, a inapetência, a insônia, a depressão, a ansiedade, a baixa auto-estima, um medo permanente: também foram citados sentimento de culpa, vergonha, humilhação, gravidez indesejada e aborto (seja ele espontâneo ou provocado).

É imprescindível dizer que a procura da mulher por assistência, tanto por ocasião da violência conjugal quanto do aborto, se inicia pelos serviços de saúde, de forma mais predominante nos serviços públicos. Em virtude disso, ingressei em um projeto de extensão intitulado ‘Acolhimento de Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Aborto Provocado’⁴, realizado pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como mestranda, para melhor me aproximar desta realidade.

Gesteira (2006, p.166) afirma que os profissionais de saúde, apesar de incluídos nas propostas do Ministério da Saúde sobre humanização do atendimento à mulher em situação de abortamento, não estão conectados com os princípios e diretrizes destas políticas. Neste estudo, a autora chama a atenção para o fato de que “as falas das profissionais da equipe de enfermagem com relação ao aborto denotam criminalização, censura, julgamento e, mais do que isso, reprovação”.

Por causa das consequências que acarretam, tanto o aborto quanto a violência, são objeto de debate em diferentes âmbitos no Brasil, e tornaram-se pauta para a agenda das políticas públicas. A atenção à mulher vítima de violência foi organizada em diversos programas e ações, visando diminuir os efeitos maléficos das agressões às mulheres, os custos com sua recuperação e reabilitação e também para resgatar os direitos sociais, sexuais e reprodutivos.

⁴ Projeto de extensão vinculado à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, realizado em uma maternidade pública de Salvador com o objetivo geral de acolher mulheres em situação de violência doméstica e abortamento provocado, vinculando seu atendimento ao Centro de Referência Loretta Valadares.

A violência doméstica e o aborto provocado fazem parte do cotidiano de muitas mulheres; um estudo recente mostra que 88% das mulheres internadas por abortamento já haviam sofrido violência doméstica em algum momento de suas vidas; e 27,9% destas associaram a decisão de abortar à violência doméstica sofrida (PEREZ, 2006).

Refletindo sobre tudo isso, percebi a necessidade de estudar o aborto provocado do ponto de vista das mulheres, em um discurso amplo, coletivo, que mostrasse suas interfaces com as relações de violência vividas no contexto familiar a partir dos estudos pré-existentes.

Daí surgiu a questão norteadora: qual o discurso das mulheres que vivenciaram o aborto provocado em um contexto de violência doméstica? Este estudo tem por objetivo geral analisar o discurso das mulheres que vivenciaram o aborto provocado em um contexto de violência doméstica.

Quando se conhece a realidade enfrentada pela mulher que vivencia o aborto provocado em um contexto de violência doméstica, vem à tona um contexto sociocultural que precisa ser considerado na formulação das políticas públicas e legislações. Nesse sentido, a pesquisa poderá fornecer subsídios para interligar o serviço de saúde estudado à rede de proteção e atenção à mulher em situação de violência na cidade de Salvador e contribuir com as pesquisas sobre o tema. Assim, ao procurar o serviço de saúde em primeira instância a mulher em processo de abortamento provocado poderá ser identificada como vítima de violência doméstica e encaminhada aos serviços disponíveis na rede.

No que diz respeito ao universo acadêmico, esta pesquisa poderá ampliar o debate sobre a assistência à mulher em abortamento provocado, extrapolando os procedimentos técnicos (cessar o sangramento, curetar, fazer analgesia, prevenir infecção hospitalar e fazer transfusão de sangue). Isto porque é necessário que durante a formação do profissional de enfermagem no período de graduação e pós-graduação sejam discutidos o acolhimento e a assistência integral a esta mulher.

Portanto, compreender o aborto provocado e a violência doméstica contra a mulher, enquanto problemas de saúde pública em uma realidade social como a brasileira torna-se uma questão bastante complexa, embora extremamente necessária, pois ambos são temas que englobam inúmeros paradigmas, tais como o gênero, a religiosidade e os padrões éticos e legais.

2 CONTEXTUALIZANDO O ABORTO PROVOCADO E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

2.1 ABORDAGEM CONCEITUAL

Para se discutir o aborto provocado, precisamos entender alguns conceitos relacionados com este tema. Segundo Rezende (2006), denomina-se abortamento à expulsão do ovo antes de sua vitabilidade. Já para a Organização Mundial de Saúde - OMS e a Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia - FIGO, abortamento é a expulsão ou extração do concepto pesando menos de 500g, o que equivale a aproximadamente 20-22 semanas. Pode ser espontâneo ou provocado.

“O aborto espontâneo é a interrupção da gravidez que ocorre sem nenhuma intervenção externa e pode ser causado por doenças da mãe ou por defeitos genéticos do embrião; o termo ‘aborto provocado’ diz respeito à interrupção da gravidez causada por uma intervenção externa e intencional” (FAÚNDES; BARZELATTO, 2004, p.43). Para fins deste estudo, usarei o termo aborto provocado, pois a caracterização dos sujeitos será pautada na interrupção voluntária da gestação.

A definição do aborto passa pelo conceito individual acerca de quando a vida se inicia e de quando o embrião ou feto começa a ser considerada uma vida, com todos os direitos. Segundo Faúndes e Barzelatto (2004) todos os componentes envolvidos no processo reprodutivo são humanos e vivos: portanto, perguntar quando a vida humana se inicia é errado. O conceito de concepção, aliás, tem várias interpretações, indo de ficar grávida até a de dizer que o momento da concepção é aquele em que a alma penetra no indivíduo (interpretação religiosa) (FAÚNDES; BARZELATTO, 2004).

Mas além do aborto, que cobre todas estas teorias e interpretações, também é necessário entender a gravidez, definida como o período que começa com a implantação do ovo no útero e termina com um aborto ou com o nascimento (FAÚNDES; BARZELATTO, 2004). Nos debates acerca do aborto provocado, os estágios de desenvolvimento fetal são determinantes: as linhas que o defendem partindo do princípio de que constitui um direito da mulher sobre o seu próprio corpo se baseiam na explicação biológica da vida fetal. Os estímulos nervosos (sinapses), a partir da formação do tubo neural, se dá por volta do 3º mês ou 12 semanas. Por isso, se houver interrupção da gravidez até este momento, não haverá sofrimento, já que, nesta abordagem, não existiria sistema nervoso.

Falar de aborto provocado é interagir com a dimensão social do papel feminino da reprodução, construído desde os primórdios da humanidade e variando de cultura para cultura e que aponta para as questões que envolvem o poder da mulher de decidir sobre o seu próprio corpo. As mulheres são representadas socialmente como aptas sobretudo para a procriação, sofrendo as inferências da religião, da medicina e também da legislação; é nesse contexto que o aborto provocado se insere, pois, segundo Gesteira (2006), ao decidir abortar, a mulher contraria toda a expectativa reprodutiva que a sociedade deposita nela e começa a ser vista como insensível e até criminosa. Na verdade, as condições em que esta mulher engravidou e gerou este feto não são analisadas em nenhum momento, mas, no instante em que provoca o aborto, ela é menosprezada e atendida diferentemente, o que é um equívoco.

Por causa destas penalidades sociais e legais, muitas mulheres convivem com um grande risco, o de morrer, pois fazem abortos clandestinos e, na maioria dos serviços de saúde, não há apoio pós-abortamento, o que gera um ciclo de gravidezes indesejadas e abortos consecutivos.

Na clandestinidade, a maioria das vezes ele é realizado em condições precárias e inseguras: seja em ambientes sépticos e por pessoal não treinado ou, inclusive, pela auto-indução através de medicamentos e prática de métodos tradicionais. Evidentemente esta situação concentra-se nos grupos de mulheres rurais e de menor poder aquisitivo, pois as de maiores recursos econômicos e das grandes cidades acedem a serviços modernos e seguros. (CHUMPITAZ, 2003, p.4)

Podemos dividir o aborto provocado de duas formas: aborto seguro e aborto de risco, categorias já reconhecidas internacionalmente; de acordo com Faúndes e Barzelatto (2004), podemos considerar como aborto seguro aquele que implica risco extremamente baixo para a parturiente: é um aborto médico ou cirúrgico realizado por pessoal treinado, em meio adequado e com os meios necessários. Já o aborto de risco, segundo os autores e a OMS, é um procedimento para interrupção de uma gestação indesejada, realizada em ambientes sem padrões médicos mínimos e/ou realizados por pessoas não habilitadas.

Analisar o aborto de risco implica, portanto, refletir a deficiência na garantia dos direitos sexuais e reprodutivos femininos, e a apropriação/medicalização de seus corpos como alvo da assistência à saúde, em harmonia com todos os limites e imposições sociais.

Exigir às mulheres e meninas que não se sentem em condições de procriar e exercer a maternidade responsável que o façam é tão ilegítimo e cruel quanto a

imposição da prática da mutilação genital. Infligir penas às que tomam a difícil decisão de abortar é tão hipócrita quanto intolerante. Porque nenhuma mulher quer abortar, mas quando precisa, o que merece - além de assistência social, médica, jurídica e psicológica - é afeto, solidariedade, tolerância, respeito e repouso. Para a mulher que aborta, repouso... (PIMENTEL; PANDJIARJIAN; PIOVESAN, 2007, p. 3).

Esta assistência humanizada para a mulher em situação de abortamento deve estar pautada nos princípios do Sistema Único de Saúde - SUS, ou seja, a mulher precisa ser atendida em condições de igualdade, sem discriminação, com as mulheres que estão em trabalho de parto, por exemplo. Deve, pois, ser vista integralmente no contexto familiar e socioeconômico e ter seu problema de saúde resolvido em todos os aspectos.

E em se tratando do contexto familiar e socioeconômico das mulheres, eis que aparece a violência. A violência intrafamiliar é considerada como sendo toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física e psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família, podendo ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família (BRASIL, 2002). Difere da violência doméstica porque nesta o ato violento pode ser cometido por “outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no mesmo espaço doméstico. Incluem-se aí empregados (as), pessoas que convivem esporadicamente, agregados.” (BRASIL, 2002, p.15).

A violência doméstica contra a mulher se tornou uma preocupação social a partir dos movimentos feministas da década de 60/70, que pregavam contra a supremacia masculina, o direito à autonomia da mulher e o controle sobre o próprio corpo. As mulheres discutiam sobre o direito ao seu corpo, ao prazer sexual desvinculado da procriação, a desmistificação do corpo como objeto pertencente ao masculino e contra a violência, principalmente a sexual, que inferiorizava a mulher.

Segundo Oliveira (2007), o desejo sexual ou amoroso não está presente na violência sexual. A mulher é vista como mero objeto de uso masculino, ela é subjugada e os direitos que tem sobre o próprio corpo lhe são negados. Segundo esta concepção, de que acabamos de falar, a violência sexual representa uma forma de agressão entre os homens: este panorama foi construído desde as primeiras guerras, quando a mulher era violentada sexualmente para servir como símbolo de conquista de um grupo de homens sobre outro.

A violência contra a mulher é maior no âmbito privado, e o movimento feminista assinala que o âmbito privado é também político. Esta violência se manifesta na família por meio de relações incestuosas, mutilações genitais, infanticídios, preferência pelo filho homem e casamentos forçados. Dentro do casamento, o sigilo imposto pela sociedade, com a tradicional representação de que ‘em briga de marido e mulher ninguém mete a colher’, oculta história de espancamentos, estupro conjugais, controle financeiro, negligência, homicídios justificados pela honra (BRASIL, 2005).

A mulher, além da violência intrafamiliar, experimenta a violência interpessoal comunitária, justificada pela simbologia do poder masculino e da sexualidade em função do homem. No ambiente público, acontecem as manifestações da violência através do assédio moral e sexual no trabalho, agressões sexuais, proxenetismo organizado, escravidão e esterilizações forçadas. (BRASIL, 2005).

As manifestações da violência contra a mulher são causas de muitos atendimentos nos serviços de saúde; partindo, pois, dos princípios de humanização da assistência à saúde propostos pelo Ministério da Saúde, esperava-se que esta mulher que já procura o serviço com um histórico privado de violência doméstica, recebesse o acolhimento e o encaminhamento necessários para a minoração do seu sofrimento e a responsabilização do agressor. No entanto, mais uma vez, estas mulheres são vítimas da violência institucional, assim como de reações de menosprezo e julgamento por parte dos profissionais de saúde.

A vulnerabilidade da mulher que sofre violência doméstica é notória e conhecer como a cliente percebe este processo é fundamental para as equipes de saúde, assim como é fundamental a multidisciplinaridade desta atenção de que ela necessita. Nas vítimas de violência se observam as sequelas e o adoecimento principalmente psicológico, pois “as marcas da agressão acabam desaparecendo, ao passo que as ofensas, as humilhações deixam marcas indeléveis” (HIRIGOYEN, 2006, p.173).

A mulher vítima de violência doméstica pode até conseguir sair da relação com o agressor, mas as suas conseqüências permanecem via estresse pós- traumático: anos mais tarde, algum acontecimento sem importância pode fazê-la voltar ao passado e reviver suas ansiedades, com isso mantendo-a em situação de vulnerabilidade. Ela permanece fechada em si mesma, persuadida de que o mundo exterior é hostil e pode permanecer por muito tempo se sentindo desvalorizada (HIRIGOYEN, 2006).

A violência doméstica está em relação direta com o aborto provocado e espontâneo, e os dados epidemiológicos justificam a relevância de pô-los em relação e estudá-los dessa forma.

2.2 ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS

A magnitude do aborto provocado e da violência doméstica é demonstrada nos aspectos epidemiológicos, o que nos leva a refletir sobre a importância de políticas públicas que garantam direito de acesso aos serviços de saúde e de respeito ao ser humano.

Segundo o MS, “o abortamento é a quarta causa de óbito materno no País. Os dados mais recentes disponíveis de razão de mortalidade materna por causa, de 2001, apontaram 9,4 mortes de mulheres por aborto por 100 mil nascidos vivos” (BRASIL, 2004b, p.1).

Não se trata, porém, de um número exato, já que a maioria das mulheres opta pela clandestinidade do aborto por temer as punições legais, e no serviço de saúde se torna difícil identificar se todos os relatos de abortos espontâneos foram realmente verdadeiros. Além disso, as mortes maternas por hemorragia também podem ter sido fruto de abortos mal-sucedidos.

O SUS em 2001 efetuou 236.365 internações hospitalares motivadas por curetagens pós-aborto, o que corresponde aos casos de complicações decorrentes de abortamentos espontâneos e inseguros, ao custo de R\$ 28.901.626,00 (BRASIL, 2007). Dados do Ministério da Saúde, Brasil (2002), mostram que na região nordeste está o 2º maior índice de curetagens pós-aborto (85.019), menor apenas do que o da região sudeste. O procedimento da curetagem uterina é o segundo mais praticado nas unidades de internação, superado apenas pelos partos normais. Este procedimento é realizado, na maioria das vezes, em seguida a um abortamento. Dados da OMS para o Brasil demonstram que 31% das gravidezes terminam em abortamento, sendo que, destes, 1,4 milhões são espontâneos e inseguros, equivalendo a um índice de 3,7 abortos para 100 mulheres de 15 a 49 anos (BRASIL, 2007).

No que diz respeito às mortes maternas por aborto, este percentual é mais significativo na Bahia, incluindo Feira de Santana, Alagoinhas e Salvador, totalizando 84 óbitos entre os anos de 2000 e 2002 (REDE FEMINISTA, 2005). Segundo o Dossiê sobre a Realidade do Aborto Inseguro na Bahia, a primeira pesquisa de Compte em 1995 investigou as 951 mortes de mulheres em idade fértil ocorridas em Salvador no ano de 1993; nesta pesquisa, a primeira causa de óbito materno foi o aborto, diferenciando-a das outras capitais brasileiras, em que a primeira

causa de morte, por esta época, era a hipertensão. A pesquisa evidenciou que 77% desses abortos foram induzidos e 40% deles ocorreram em adolescentes. As outras causas de morte materna, por ordem de importância, foram hipertensão arterial, as infecções pós-parto e as hemorragias (SIMONETTI; SOUZA; ARAÚJO, 2008).

Ainda de acordo com este Dossiê, um segundo estudo sobre morte materna em Salvador foi realizado por Menezes e Aquino em 2001: neste, o aborto aparece em segundo lugar entre as grandes causas de óbito, com 22,0% dos casos, sendo a principal causa isolada; as complicações relacionadas com o puerpério (15,2%) e as doenças hipertensivas da gravidez (13,6%) vêm em seguida. Entre as causas diretas, o índice foi de 31,3 %. Apenas uma morte relacionou a causa mortis a este tipo de procedimento na Declaração de Óbito (SIMONETTI; SOUZA; ARAÚJO, 2008).

Em 2007, na cidade de Salvador, o MS/DATASUS demonstrou, através de dados, que a maternidade Tsylla Balbino, cenário deste estudo e uma das mais antigas da capital, foi responsável pelo maior número de internações devidas a aborto (1.713), o que corresponde a 20,6% das internações nos estabelecimentos públicos de Salvador; seguem-se o Instituto de Perinatologia da Bahia – IPERBA, com 1.290 internações (15,9%) e a Maternidade Prof. José Maria de Magalhães Neto que, apesar de possuir o maior número de leitos, apresenta o menor número de casos de internação por aborto das três (957 casos ou 11,5% dos casos) (SIMONETTI; SOUZA; ARAÚJO, 2008).

No que se refere à violência contra a mulher, dados do Ministério da Justiça (2005) revelam que nas ocorrências registradas pelas polícias civis brasileiras em 2005 as vítimas de lesão corporal dolosa são maioria do sexo feminino (54,8%) e têm entre 35 e 64 anos de idade: somente na Bahia, esse número foi de 41.443. A polícia civil do Estado da Bahia registrou 1233 ocorrências de estupro, sendo a idade das vítimas, na sua maioria, entre 12 e 17 anos. Ainda segundo os dados do Ministério da Justiça, as vítimas de atentado violento ao pudor são também, na maioria, do sexo feminino (70,6%) e têm até 11 anos de idade.

A pesquisa DATASENADO (SECS, 2007) assinalou que de cada 100 mulheres entrevistadas, 15 vivem ou já viveram algum tipo de violência doméstica, iniciada até os 19 anos de idade; contudo, apenas 40% destas denunciaram o agressor, e em 87% dos casos maridos e companheiros.

Os números confirmam que o adoecimento de mulheres pelo aborto e pela violência doméstica é representativo, motivo pelo qual se tornou alvo de políticas públicas de saúde, já que, segundo o Ministério da Saúde (2007), as mulheres representam a maioria da população brasileira (50,77%) e principais usuárias do SUS. No processo saúde-doença, as mulheres são as principais cuidadoras e procuram os serviços de saúde acompanhando pessoas de qualquer idade quando adoecem, sejam crianças, outros familiares, pessoas idosas, com deficiência, vizinhos ou amigos.

As mulheres, por estarem submetidas a uma carga maior de trabalho e às múltiplas jornadas, que incluem a vida familiar e doméstica, com papéis bem definidos, são mais vulneráveis às doenças. Além disso, “outras variáveis como raça, etnia e situação de pobreza realçam ainda mais as desigualdades. As mulheres vivem mais do que os homens, porém adoecem mais frequentemente. A vulnerabilidade feminina frente a certas doenças e causas de morte está mais relacionada com a situação de discriminação na sociedade do que com fatores biológicos” (BRASIL, 2007, p.9). No que respeita ao aborto e à violência doméstica, o adoecimento físico é acompanhado de adoecimento mental, fruto da culpa, da insegurança e do medo.

2.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER EM SITUAÇÃO DE ABORTO PROVOCADO E DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Até o advento do SUS, a saúde da mulher não era o foco das políticas públicas de saúde; antes disso, os serviços de saúde eram organizados na perspectiva de manter a força de trabalho, que consistia em homens assalariados urbanos e operários das indústrias (FERNANDES; NARCHI, 2007).

Esta supremacia masculina na prioridade à saúde era reflexo da hierarquia social entre os gêneros, e, desde a antiguidade, a mulher não era vista como um sujeito de direitos; a partir do século XIX, houve uma exaltação do papel da maternidade. Mesmo assim, isso não refletia uma valorização da saúde da mulher, uma proteção para vulnerabilidades femininas, mas antes uma

preocupação com o povoamento, a reprodução da força de trabalho, a perpetuação das relações de poder entre os sexos (BRASIL, 2001a).

Ainda no século XIX, a mão de obra feminina no mercado de trabalho começou a ser introduzida. Paralelamente a isso, os programas de saúde começaram a ser direcionados a grupos populacionais; nesta perspectiva estes programas foram vistos pelas mulheres como representando uma mera proteção intra-uterina para os futuros trabalhadores. Com isso, a medicina assumiu o controle do corpo feminino: nessa perspectiva, a menstruação se tornou patológica, a gravidez uma doença e o parto natural saiu das casas para os centros cirúrgicos, ou seja, do ambiente doméstico para o ambiente hospitalar (BRASIL, 2001a).

A introdução da mulher no mercado não significou status e reconhecimento, muito pelo contrário: mantiveram-se a subordinação, as desigualdades sociais e a submissão, construídas ao longo da história e representadas por baixos salários e condições precárias de vida, com o que também ficaram mais vulneráveis e sujeitas a enfermidades (FERNANDES;NARCHI, 2007).

As desigualdades nas condições de saúde entre homens e mulheres reporta às desigualdades no exercício dos direitos, principalmente reprodutivos. O direito ao aborto seguro e aos demais direitos reprodutivos, pautados na igualdade entre os gêneros, mobiliza as mulheres desde os anos 60, por meio do movimento feminista. As lutas pela cidadania feminina influenciaram o planejamento político das ações de saúde.

... foi proposto que a perspectiva de mudança das relações sociais entre homens e mulheres prestasse suporte à elaboração, execução e avaliação das políticas de saúde da mulher. As mulheres organizadas reivindicaram, portanto, sua condição de sujeitos de direito, com necessidades que extrapolam o momento da gestação e parto, e mandando ações que lhes proporcionassem a melhoria das condições de saúde em todos os ciclos de vida. Ações que contemplassem as particularidades dos diferentes grupos populacionais, e as condições sociais, econômicas, culturais e afetivas, em que estivessem inseridos (BRASIL, 2007, p 16).

Com o movimento feminista, a saúde da mulher passou a ser debatida de forma mais ampla, estendendo-se além do ciclo gravídico puerperal (pré-natal, parto, puerpério e planejamento familiar), prevenção do câncer cérvico-uterino e mamário, prevenção da gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. As mulheres enquanto cidadãs começaram a exigir participação política, autonomia e direitos sociais. Neste sentido, a saúde incluía proteção

contra as várias formas de violência e o atendimento com respeito e dignidade (FERNANDES; NARCHI, 2007).

Ao assumir novos papéis sociais, a mulher desvinculou o ato sexual do papel reprodutivo; mas esta situação não lhe trouxe maior liberdade, uma vez que a autonomia chegou juntamente com julgamentos sociais, tabus e imposições morais predeterminadas; é neste contexto que encontramos os abortos clandestinos ou inseguros e a violência conjugal socialmente aceitável (BRASIL, 2001a). Estas situações aumentaram ainda mais as estatísticas de morbi-mortalidade feminina.

A discussão do tema nos âmbitos das políticas públicas foi inserida nas primeiras décadas do século XX. Em 1984, o Ministério da Saúde elaborou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM, com princípios e diretrizes que em seguida embasariam a formulação do SUS, ou seja, descentralização, hierarquização e regionalização dos serviços, assim como a integralidade e a equidade da atenção (BRASIL, 2007).

Para a execução deste programa, foram propostas normas de conduta para a humanização e a qualidade do atendimento à saúde das mulheres, incluindo

ações educativas, preventivas, de diagnóstico, tratamento e recuperação, englobando a assistência à mulher em clínica ginecológica, no pré-natal, parto e puerpério, no climatério, em planejamento familiar, DST, câncer de colo de útero e de mama, além de outras necessidades identificadas a partir do perfil populacional das mulheres (BRASIL, 2007, p. 17).

O PAISM cresceu juntamente com o SUS, e, com o objetivo de ampliar as responsabilidades dos municípios na Atenção Básica, o Ministério da Saúde lançou, em 2001, a Norma Operacional de Assistência à Saúde - NOAS; com isso, as mulheres obtiveram um reforço nas ações básicas mínimas de pré-natal e puerpério, planejamento familiar, prevenção de câncer de colo uterino e a possibilidade de garantir seu acesso aos serviços de maior complexidade, sem a necessidade de grandes deslocamentos geográficos (BRASIL, 2007).

Nas avaliações seguintes sobre a efetividade e eficácia do programa, observou-se que a saúde da mulher não atingia ainda todos os aspectos necessários. Por serem mulheres, elas eram tratadas de maneira diferente e havia lacunas na assistência que lhes era prestada; as necessidades das mulheres estavam ligadas a climatério/menopausa, queixas ginecológicas, infertilidade e

reprodução assistida, saúde da mulher na adolescência, doenças crônico-degenerativas, saúde ocupacional, saúde mental, doenças infecto-contagiosas e a inclusão da perspectiva de gênero e raça no desenvolvimento das ações. Com isso, em 2003, a Área Técnica de Saúde da Mulher do Ministério da saúde incorporou a articulação com outras áreas técnicas e a proposição de ações que abrangessem a atenção às mulheres da área rural, às que tinham deficiência, às negras, às indígenas, às presidiárias e lésbicas e a participação nas discussões e atividades sobre saúde da mulher e meio ambiente (BRASIL, 2007).

A partir daí, surgiu a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - PNAISM, prevista para começar a funcionar entre 2004 e 2007, abordando as diferenças regionais e geográficas, tendo entre as propostas a promoção da saúde, ampliação do acesso aos serviços, humanização e melhoria da qualidade da atenção. Aparece como uma nova tentativa de promover a melhoria das condições de vida e saúde das mulheres brasileiras, contribuir para a redução da morbidade e mortalidade femininas no Brasil, especialmente as que podiam ser evitadas, em todos os ciclos de vida e nos diversos grupos populacionais sem discriminação de qualquer espécie e ampliar, qualificar e humanizar a atenção integral à saúde da mulher no SUS (BRASIL, 2007).

A partir deste programa, a discussão sobre o aborto inseguro e a violência doméstica foi intensificada; os objetivos específicos presentes na política ressaltavam a necessidade de “promover a atenção obstétrica e neonatal, qualificada e humanizada, incluindo a assistência ao abortamento em condições inseguras, para mulheres e adolescentes... promover a atenção às mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual” (BRASIL, 2007, p. 11).

O aborto provocado e a violência doméstica são temas cercados de preconceito. Isso se reflete no atendimento prestado nos serviços de saúde; eles aparecem como temas que os profissionais não se interessam em debater: assim, a responsabilidade pelo aborto provocado e a violência doméstica não é assumida pelo serviço e disso decorre que estes processos não são vistos em seus aspectos multidisciplinares.

No que diz respeito ao abortamento, o Ministério da Saúde publicou, em 2005, a Norma Técnica de Atenção Humanizada à Mulher em Situação de Abortamento. A atenção humanizada parte do princípio do direito, igualdade e ética no cuidado à pessoa humana e esta norma técnica orienta os profissionais de saúde com relação à forma de proceder ao atendimento a estas mulheres, no sentido de ampliar os cuidados imediatos, reforçando o planejamento familiar

enquanto conjunto de medidas visando prevenir a gravidez indesejada. Além disso, reforça a capacitação dos recursos humanos para a melhoria da qualidade do atendimento e a redução das estatísticas de complicações (BRASIL, 2005).

No acolhimento, o princípio básico é a escuta desprovida de julgamentos e comentários desrespeitosos. Uma relação empática desenvolvida pela equipe de saúde constitui uma atitude terapêutica e fortalece as ações que estão além do controle biomédico. Durante esta escuta acolhedora, deverão se identificar os motivos que levaram a mulher ao aborto provocado: estes podem variar, indo de dificuldades financeiras a violência doméstica. No que respeita a esta última (como se não bastassem outros agravos à saúde da mulher), as estratégias e políticas públicas implantadas abrangem não apenas a área da saúde, mas também a parceria com a segurança e justiça. Na área da segurança pública, por exemplo, na década de 80 surgiram as Delegacias da Mulher e, em 1986, a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher - DEAM (CARVALHO; BEZERRA, 2007).

Com relação à saúde, as ações do Ministério foram estruturadas com base na capacitação e orientação de atendimento às mulheres vítimas de violência nos serviços de saúde (IPAS, 2007).

Em 1994, teve lugar a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher - “Convenção de Belém do Pará”-, e o Brasil se tornou signatário da proteção dos direitos da mulher. Esta convenção declara que a violência contra a mulher constitui uma violação aos direitos humanos e às liberdades fundamentais (PARÁ, 1994).

Em 1998, o MS lançou o Manual de Prevenção e tratamento dos Agravos Resultantes de Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes, com o objetivo de capacitar os profissionais de saúde para o atendimento humanizado, visando à melhoria do planejamento e execução de ações de prevenção e redução dos agravos à saúde ocasionados pela violência (BRASIL, 2005).

A atenção à mulher ganha mais força em 2001, com a publicação da Política Nacional de Redução de Morbi-mortalidade por Acidentes e Violências, que determina o atendimento multidisciplinar às mulheres em situação de violência, contemplando ações que aumentam a auto-estima, a reeducação de agressores e redes de apoio, como abrigos e unidades para a realização de aborto legal (BRASIL, 2001). No mesmo ano em Salvador, surge o VIVER, Serviço de Atenção às Pessoas em Situação de Violência Sexual, para atendimento psicossocial a vítimas de violência sexual e é estruturada a lei 10.224 (15 de maio de 2001) no Código Penal, para

situações de assédio sexual. Em 2002, o MS lançou o Manual de Orientações para a Prática em Serviço: Violência Intrafamiliar.

Na sequência, em 2003, foi promulgada a lei 10.778 de 24 de novembro, estabelecendo a notificação compulsória em todo o território nacional para os casos de violência contra a mulher atendidos em serviços de saúde públicos e privados (BRASIL, 2007), o que, infelizmente, não acontece.

No governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, uma Secretaria Especial de Políticas para Mulheres foi criada e inserida no plano nacional, uma seção para enfrentamento da violência que tem por pressupostos e diretrizes autonomia, igualdade no mundo do trabalho e cidadania; educação inclusiva e não sexista; saúde das mulheres, direitos sexuais e reprodutivos; enfrentamento à violência contra as mulheres (BRASIL, 2005).

Em 2004, o MS criou uma portaria dispondo sobre a estruturação da Rede Nacional de Prevenção à Violência e Promoção da Saúde e a Implantação e Implementação de Núcleos de Prevenção à Violência em Estados e Municípios. Esta portaria objetivava articular a gestão e as ações das diversas instâncias estratégicas governamentais para o apoio, acolhimento e resolução de problemas relacionados à violência (BRASIL, 2004).

E em 2006, a Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha) e as redes de atenção Integral a Mulheres e Adolescentes em Situação de Violência Doméstica e Sexual fortaleceram as ações de combate e atenção à violência. Esta lei foi aprovada com o objetivo de criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, envolvendo a instância jurídica (BRASIL, 2006).

Para a atenção à mulher vítima de violência, é necessário que a rede de apoio esteja interligada, envolvida em sistemas de informação ativos e ágeis; nesta rede estão incluídos a assistência social, os Conselhos, as equipes e serviços de saúde, o poder judiciário, os movimentos comunitários, os programas sociais de emprego e renda, o setor educação, a segurança pública, os projetos de habitação e o grupo de trabalho - GT. O papel deste último é discutir e avaliar o funcionamento da rede, propor melhorias, participar da elaboração, implantação e desenvolvimento de políticas públicas, enquanto o da rede é realizar ações de promoção e prevenção da saúde, diagnóstico e tratamento de agravos, garantia de direitos, justiça, recuperação e re-inserção social de mulheres em situação de risco e violência, além de participar da organização e implementação de políticas.

3 AS DIMENSÕES SOCIAIS DO ABORTO PROVOCADO E DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

O aborto provocado envolve dimensões sociais que passam por concepções das relações de gênero e pela discussão do controle social dos corpos femininos. Tais concepções distribuem papéis sociais diferentes a homens e mulheres, o que afeta seus direitos em vários aspectos, entre os quais os reprodutivos. Dentro desta distribuição de papéis, a função reprodutiva feminina é alvo de controle das práticas médicas, de saúde, e a maternidade faz parte de uma obrigação social exigida para a mulher.

Quando falamos em obrigações sociais da mulher, é necessário discutir como as relações humanas agem na formação destas normas, padrões e estruturas; a saúde também está cercada por padrões pré-definidos pela sociedade. Segundo Alves (2008), a teoria sistêmica estrutural-coletivista de Talcott Parsons apresenta a saúde individual como pré-requisito funcional para a manutenção de uma dada estrutura social e a doença seria um desvio da normalidade. Neste sentido, o papel do doente seria buscar tratamento e voltar à normalidade social, principalmente por meio dos parâmetros e profissionais oferecidos pela sociedade em que está inserido. O aborto provocado contraria a expectativa padronizada pela sociedade do papel feminino da maternidade: por isso, a mulher que comete esse ato passa a ser vista, no sistema social, como doente.

Ao procurar os serviços de saúde para provocar um aborto, a mulher procura se adaptar ao seu contexto, que naquele momento não comporta uma gestação; porém, ela é atendida apenas em seus aspectos biológicos e se submete ao poder biomédico, que não associa “a doente” a alguém cercado pelos padrões do gênero e que possui sentimentos, emoções e que passa por dificuldades sociais diversas, tais como violência doméstica, impossibilidade financeira de cuidar de crianças, rejeição afetiva familiar, pouca ou nenhuma renda. Nesse contexto, o que mais importa é a conduta moral definida pela sociedade, que não aceita que a mulher deixe de sentir desejo ou instinto maternal incondicional, nem que interrompa uma gestação por qualquer que seja o motivo.

Este poder biomédico sobre o corpo pode ser discutido a partir do poder soberano que era destinado aos patriarcas romanos, onde o pai tinha o direito de dispor da vida de seus filhos e escravos já que a tinha dado (FOUCAULT, 1988). Segundo o autor, o poder sobre a vida se concretizou a partir do século XVII, com a visão do corpo como uma máquina; e na segunda

metade do século XVII, pela visão do corpo espécie, interagindo com a mecânica do ser vivo, seus processos biológicos e intervenções (controles reguladores/ biopolítica da população). Assim se estruturou a era do bio-poder para sujeição e controle dos corpos e das populações, o que foi útil ao desenvolvimento capitalista. Desse ponto de vista, um corpo doente era uma máquina parada que trazia prejuízos ao meio de produção.

Em termos do desenvolvimento social capitalista, o controle dos processos biológicos femininos fundamentados na proteção ao ser mulher, que menstrua e pode tornar-se gestante, subentendia o empenho na criação de indivíduos fortes para o trabalho. Na verdade, o controle rigoroso da mulher no ciclo gravídico-puerperal restringia seu papel, limitando-a ao ambiente doméstico, mais seguro, enquanto aos homens competia o ambiente público.

A medicalização dos corpos femininos, das experiências femininas naturais de menstruar, gestar, manter o peso, reproduzir, é motivo de sofrimento para as mulheres, mas também faz parte de uma escolha delas. No momento em que a mulher procura um profissional médico com problemas físicos motivados por causas sociais e recebe alívio de seus sintomas, as causas sociais são esquecidas e permanecem sem solução (RIESSMAN, 1983).

A medicalização do processo de abortamento confirma a opinião de Riessman (1983) acerca do controle médico dos corpos: a mulher chega abortando nos serviços de saúde, recebe tratamento físico (curetagem uterina, analgesia, prevenção de infecção, transfusão sanguínea), mas as causas sociais não são discutidas nem são viabilizadas soluções. O que se cobra da mulher são as conseqüências de seu ato para a propagação da espécie, para o seu papel social de maternidade. Ela então passa a se submeter aos procedimentos de controle sobre seu corpo, sem questionar as condutas que serão tomadas nem poder questioná-las.

A partir de inquietações de movimentos feministas na década de 60, que questionavam estes papéis, foi que começaram a surgir discussões sobre gênero. Segundo Nicholson (2000), por um lado 'gênero' foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a 'sexo', para descrever o que é socialmente construído em oposição ao que é biologicamente dado. Além disso, gênero tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção do masculino/feminino (SCOTT, 1988; NICHOLSON, 2000).

Compreender gênero inclui conhecer toda a trajetória da invisibilidade feminina ao longo da história e a maneira como se formaram as relações de subordinação homem/mulher; não consistindo, porém, apenas na investigação da origem desta subordinação, mas no entendimento e

avaliação de que o complexo das relações humanas não é apenas binário, ou seja, mulher × homem, natureza × cultura, masculino × feminino, corpo × mente, razão × emoção. E no olhar das relações sob a ótica de gênero é que esclarecemos muitas das razões da desvalorização do feminino, seja no trabalho, no ambiente do lar, nos aspectos biológicos ou nos instrumentos simbólicos (cores, músicas).

A dinâmica de desvalorização da mulher no aspecto biológico está interligada com a desvalorização no aspecto social e já era um ponto de discussão e interação entre as feministas do patriarcado e as feministas marxistas a partir dos anos 60. O Feminismo marxista interliga a teoria da opressão de classe e da divisão do trabalho no Capitalismo, discutido por Marx, às questões da subordinação e desvalorização do feminino. Argumenta-se por meio desta teoria, que as mulheres são forças de reserva para o Capitalismo, que os salários geralmente mais baixos das mulheres fornecem uma mais-valia extra para um empregador capitalista. Servem aos objetivos do consumismo capitalista no seu papel de administradoras do consumo familiar (RUBIN, 1975).

Analisando as relações entre homens e mulheres pela teoria feminista do Patriarcado, podemos dizer que o macho sente necessidade de dominar a fêmea, com base nos papéis da reprodução e da sexualidade. O corpo feminino, nesse caso, é o agente da reprodução da espécie e o homem utiliza este corpo como objeto, desvalorizando o ato da mulher gestar e parir. Isso gera um debate em torno das diferenças sexo/gênero e mostra como o determinismo biológico interfere nas relações de poder entre o masculino e o feminino.

As concepções culturais, familiares, escolares, da mídia e os princípios religiosos perpassaram, ao longo do tempo, as relações de gênero. Tais conceitos são diversos, mas se assemelham em alguns pontos e permeiam o passado e a contemporaneidade nas concepções do corpo. O gênero é um modo contemporâneo de organizar normas passadas e futuras, um modo de nos situarmos, e um estilo ativo de viver nosso corpo no mundo (BUTLER, 1987).

O estilo de viver o corpo no mundo depende da influência dos princípios religiosos predominantes no contexto em que a mulher está inserida; o aborto provocado faz parte desta concepção do direito ao corpo e é necessário entender as concepções religiosas sobre o assunto, para analisar o porquê da criminalização social e culpa que permeiam tal prática.

Para compreender as concepções religiosas sobre o aborto, destacarei a seguir, as três religiões mais difundidas no Brasil e como percebem o assunto. O Brasil tem predominância da fé católica; segundo Vlahou (2007), é estimado pelo Vaticano 155 milhões de católicos no país.

A Igreja Católica é uma instituição de influência representativa nas questões sociais, e atua em âmbito cotidiano, histórico e mítico.

A Igreja Católica Romana (ICR) é uma das mais antigas instituições do mundo: é herdeira do Império Romano e da Idade Média. Vive, simultaneamente, três tempos: a) o tempo cotidiano, aquele da sociedade como um todo; b) o tempo histórico, que se estende por dois mil anos de existência; e 3) o tempo mítico, o de sua mensagem religiosa propriamente dita. A ICR tem, também, uma tríplice leitura do espaço: a) um espaço restrito, a diocese onde é exercido o poder dos bispos; b) um espaço mais amplo, a igreja universal, com sede em Roma; e c) um espaço mítico, religioso propriamente dito. ROY (1990 apud AZEVEDO 2003, p.58).

Na abordagem mítica da Igreja existem alguns dogmas, e a discussão sobre o aborto provocado se insere neles. A prática do aborto é condenada pela Igreja Católica independente da situação, pois esta “considera que a alma é infundida no novo ser no momento da fecundação; assim, proíbe o aborto em qualquer fase, já que a alma passa a pertencer ao novo ser no preciso momento do encontro do óvulo com o espermatozóide. A punição que a igreja católica dá a quem faz o aborto, é a excomunhão” (AUTOR DESCONHECIDO, 2009b, p.1).

A excomunhão em situação de aborto não se aplica apenas à mulher; desde 1917, que a Igreja determina que seja extensiva ainda a todos que estiverem associados ao ato pecaminoso. Excomungar alguém significa negar-lhes

todos os sacramentos e sua comunicação com a igreja: uma punição eterna no inferno. Com a encíclica Matrimônio cristão de Pio XI em 1930, ficou determinado que o direito à vida de um feto é igual ao da mulher, e toda medida anticoncepcional foi considerada um "crime contra a natureza" exceto os métodos que estabelecem a abstinência Sexual para os dias férteis. Em 1976 o Papa Paulo VI disse que o feto tem "pleno direito à vida" a partir do momento da concepção; que a mulher não tem nenhum direito de abortar, mesmo para salvar sua própria vida. Essa posição se baseia em quatro princípios: 1) Deus é o autor da vida. 2) A vida se inicia no momento da concepção. 3) Ninguém tem o direito de tirar a vida humana inocente. 4) O aborto, em qualquer estágio de desenvolvimento fetal, significa tirar uma vida humana inocente. (AUTOR DESCONHECIDO, 2009b, p.1).

Estes princípios religiosos são representativos na sociedade, determinam as condutas nos aspectos relacionados à sexualidade e reprodução; são reforçados pelos escritos bíblicos, que

incentivam à natalidade como benção para o casal, principalmente para a mulher, comparada em muitos trechos à videira fecunda.

No Brasil, mesmo com a concepção vigente do Estado laico, os debates acerca do direito à mulher sobre seu corpo e sobre decidir como, quando e com quem ter filhos, envolvem ainda alguns argumentos religiosos; porém, as mulheres, grupos feministas, órgãos governamentais e não governamentais na sociedade moderna discute o fato, questionando que as concepções tradicionais da Igreja não podem ser verdades imutáveis, que não acompanhem a evolução da humanidade.

Uma das características mais destacadas de uma sociedade moderna, com relação a sociedade tradicional, é a progressiva diferenciação entre as pessoas, suas atividades e seus conhecimentos, com base na razão instrumental, na separação entre Igreja e Estado e no laicismo. O indivíduo e o individualismo constituem sua principal referência. Essa visão do ser humano e do mundo contrasta com a cosmovisão cristã e católica, em que a interação do ser humano com a natureza e com outros seres humanos dá se em relação a um princípio superior, a uma religião ou a algum tipo de espiritualidade. O Cristianismo baseia-se, essencialmente, numa utopia unitária e não fragmentada. Em contrapartida, a sociedade moderna é fragmentada e fragmentária, e não reconhece a submissão, sem prévio debate, do indivíduo a qualquer verdade ou autoridade (AZEVEDO, 2003, p.61).

Em relação à posição da Igreja Católica quando se trata do tema aborto, é importante ressaltar que a presença e discurso do Papa, enquanto autoridade eclesial e orientador espiritual da doutrina contribuem para a formação de opiniões, inclusive das próprias mulheres que praticam o aborto. Azevedo (2003) aponta que o Papa João Paulo II, por exemplo, em suas viagens para fins pastorais e espirituais, apresentava gestos geopolíticos, e,

do ponto de vista da moral sexual familiar, o papa restaurou a doutrina tradicional, sem conseguir, contudo, que a maioria dos católicos deixasse de recorrer, por exemplo, aos novos métodos de controle de natalidade. Para João Paulo II, a família é base de todas as virtudes e o espaço fundamental de regulação moral da sociedade. [...] Ao receber cientistas, em 1983, o papa qualificou a contracepção e o aborto como “os dois frutos de uma mesma planta”. Contrariando algumas correntes científicas, reafirmou a posição oficial da Igreja de que um novo ser humano surge desde a fecundação do óvulo e que o aborto representa o assassinato de uma criança não nascida. Do mesmo modo, o Catecismo Universal prescreve que a cooperação formal com o aborto é um delito contra a vida, gerando, para o responsável, a pena canônica da excomunhão. O papa também condena a procriação artificial, as manipulações genéticas, a clonagem e o tráfico de embriões (AZEVEDO, 2003, p.61).

Outras doutrinas e religiões se posicionam de formas variadas ao aborto provocado. As Igrejas protestantes (batista, luterana, presbiteriana, unitária e metodista) são mais flexíveis nos enfoques do que a Igreja Católica Romana. Naquelas a prioridade é o respeito à mãe e neste sentido as discussões acerca do aborto se tornam menos radicais.

A grande diferença entre católicos e a maioria das igrejas protestantes, está no respeito à vida da mãe. Assim, todos concordam em que é no momento da concepção que está adquire todos os direitos pessoais e direitos atinentes à maternidade, pois é encarregado de gestar, cuidar e alimentar o embrião desde o momento de sua concepção até o momento de seu nascimento. Ao mesmo tempo é preciso ver que o médico tem o dever primordial para com a mãe, pois foi ela a pessoa que o requisitou. Assim, se uma escolha tiver de ser feita entre a vida da mãe e a do embrião ou do feto, recairá sempre sobre ela a escolha prioritária, cabendo, portanto ao médico decidir, em ultima análise quando ele poderá desligar a mãe de sua responsabilidade em relação ao feto. Foram os países protestantes os primeiros neste século a adotar legislações mais liberais em relação ao aborto (AUTOR DESCONHECIDO, 2009b, p.1).

Os seguidores da religião Espírita, outra bastante difundida pelo Brasil,

concordam, de maneira geral, no que tange ao aborto, em considerá-lo um crime; mas por razões diversas daquelas apontadas pela igreja católica. Vêm nesse ato uma recusa aos desígnios de Deus. Ao mesmo tempo, consideram a vida do ser já existente como prioritária em relação ao ser que ainda não existe e, havendo risco para a mãe, a interrupção da gravidez pode ser praticada. O Espírito, segundo sua doutrina, sempre existiu, desligando-se pela morte e reencarnando em outro corpo. Para eles portanto não há, no caso de um aborto, a "morte" de um ser. O que existe é a frustração de um Espírito que tem seu corpo abortado. Se as razões para esta interrupção da gravidez forem injustificáveis, os causadores terão naquele espírito um inimigo perigoso, causa de males futuros (AUTOR DESCONHECIDO, 2009b, p.1).

Em virtude destas concepções religiosas acerca da concepção, procriação e aborto, a maioria das mulheres ficam submetidas socialmente a normas, princípios, condutas femininas determinadas pelo padrão de gênero; com isso, não expressa e nem fomenta os seus direitos sexuais e reprodutivos.

O direito de viver seu corpo no mundo é alterado quando analisamos a violência doméstica. Quando exercida contra a mulher, é um reflexo das relações de poder entre os gêneros e da busca desta autoridade por um dos gêneros. Na sociedade atual, resquícios da teoria do Patriarcado ainda podem ser contemplados nas relações entre homem e mulher, principalmente no âmbito conjugal, onde a figura masculina enquanto provedor (chefe de família) adquire direitos de posse

sobre a figura feminina. Na maioria das vezes, atos de violência conjugal são analisados socialmente enquanto direito do marido em relação à esposa.

Saffiotti (2002) explica que as maiores vítimas da violência de gênero são mulheres, que têm sua conduta determinada e controlada por este poder patriarcal socialmente atribuído aos homens. Ou seja, a sociedade transfere para o homem a responsabilidade de punir o que considera um desvio feminino, mesmo que, da parte das futuras vítimas, haja uma tentativa de alterar uma conduta por ele predeterminada.

Nem sempre, contudo, o aborto provocado foi visto como ilegal, imoral, anti-ético, tampouco enquanto procedimento médico. Segundo Riessman (1983), em meados do século XIX o aborto era largamente praticado antes da percepção dos movimentos fetais: as mulheres trocavam entre si informações, tais como remédios caseiros, e com a chegada de instrumentos abortivos no mercado elas se tornaram hábeis nessa técnica.

Houve um crescimento natural dos tratamentos das obstruções menstruais por parte de médicos irregulares, parteiras, curandeiras e isso se tornou uma ameaça aos médicos tradicionais, homens na sua maioria. Foi ainda no século XIX que aconteceram movimentos nativistas para o monopólio das práticas abortivas legais e de nascimento por parte dos médicos, para a reprodução da espécie, diziam eles (RIESSMAN, 1983).

Aqui observamos o quanto o contexto social altera as relações entre os gêneros: no passado, o desejo da mulher de controlar o nascimento, a redução da dor no parto, a segurança no aborto representaram uma perda em longo prazo, e, nos dias atuais, a mulher tenta resgatar direitos reprodutivos latentes com muitas dificuldades.

A mulher que comete um aborto por histórico de violência doméstica pode estar reagindo à dominação masculina patriarcal, mas também é vítima desta dominação; a decisão de não ter filhos ou de gerar vidas nem sempre é determinado pela mulher, mas pela sociedade. Segundo Bourdieu (1998), a concepção social de que o homem é viril, reprodutor, de que deve mostrar sua honra e mantê-la, está representada pela existência fantasiosa do objeto fálico como potência fecundante. As diferenças anatômicas e biológicas entre os órgãos sexuais na maioria das vezes servem de justificativa para as diferenças sociais; a representação simbólica da germinação do útero através do ‘enchimento de sêmen’, após ereção do falo, reforça a construção social arbitrária da dominação masculina, partindo dos papéis sexuais e reprodutivos (BOURDIEU, 1998).

Estudos que relacionam aborto provocado à violência doméstica vêm acompanhados de relatos de repressão de direitos por parte do companheiro ou da família, de estupro dentro da própria relação do casal, além de negligência financeira para com a mulher e de abandono social. O abandono da ‘mulher deflorada’ ou da mulher que abortou é acompanhado pelo estigma social de julgamentos sobre honestidade, honra e caráter feminino.

O aborto é crime pelas leis brasileiras desde 1840, permitido apenas em situações de estupro e quando há risco de vida para a mãe; no aspecto social, está cercado por conceitos religiosos de preservação da vida de forma incondicional, éticos, médicos, e, enfim, pelas estatísticas de morte materna relacionadas com a clandestinidade. As discussões atuais relembram as discussões feministas dos anos 70, pois a mulher permanece com seu corpo em destaque no âmbito do controle das práticas médicas, suas funções biológicas caracterizam sua valorização na divisão social do trabalho e a decisão em termos de direito sexual e reprodutivo é interpretada como fuga do seu papel social da maternidade e reprodução da espécie.

As mulheres estão em processo de nova construção de papéis sociais, o que vem alterando a visão do biológico; com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a maternidade se torna uma opção mais tardia. O aborto seguro entra na discussão dos órgãos oficiais de saúde e da política como direitos reprodutivos pelas pressões dos movimentos sociais organizados. Os debates sobre violência doméstica não se restringem ao âmbito privado, do domicílio, e agora integra a agenda política brasileira.

Estes debates alteram o processo biomédico do cuidado à saúde, inserindo reflexões sobre gênero e mecanismos sociais de estruturação de papéis. A lei de notificação compulsória⁵ da violência doméstica, por exemplo, estimula a investigação de causas sociais para lesões nos corpos femininos e abortos provocados, na medida em que a mulher não será apenas atendida no seu aspecto biológico, mas também encaminhada para denúncia, assistência jurídica e psicológica nas redes de atenção, bem como para opções de planejamento familiar.

Um problema de saúde não deve, portanto, ter uma análise puramente biologicista e técnica, pois as dimensões sociais deste problema interferem na sua resolução, na forma de atuação profissional diante do problema, no compromisso social do profissional com o ambiente de trabalho e na construção de uma visão crítica do mundo e das relações humanas.

⁵ Lei 10.778 de 24 de novembro de 2003 estabelece a notificação compulsória da violência nos serviços públicos e particulares de saúde

4 MÉTODO

O método é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (DESLANDES, 1994, p. 16).

4.1 TIPO DE ESTUDO

Conhecer o discurso da mulher que aborta no contexto da violência doméstica envolve subjetividade e vivência deste fenômeno por parte das mulheres, além de percepção e intuição por parte do pesquisador. Segundo Minayo (1994), estes aspectos não podem ser investigados e/ou compreendidos com base em dados estatísticos, pois envolvem crenças, valores, significados sociais.

Partindo deste princípio, optamos pelo estudo qualitativo, considerando as relações humanas, o contexto social onde as mulheres estão inseridas e a forma como suas emoções e sentimentos cotidianos influenciaram sua ação abortiva e seus comportamentos durante e após a realização do ato.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa enfatiza os processos, a relação íntima entre o pesquisador e o que é estudado; existe uma busca pelo modo como a experiência social é criada e re-significada. O aborto provocado é uma experiência social eivada de tabus e significados. Aqui, no nosso caso, observamos que, quando situado no contexto da violência doméstica, estes significados são reformulados pelas mulheres, pela equipe de saúde e inclusive pela sociedade.

Para analisar o discurso das mulheres da pesquisa, foi necessário descrever suas características, o aborto provocado e a violência doméstica e o modo como eles apareceram nas falas. Eis porque consideramos a possibilidade de partir para uma pesquisa descritiva, feita através de registros, análises e correlações sobre os fenômenos estudados, sem manipulação dos dados. Aí se revelaram o discurso do sujeito coletivo, as condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas.

4.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário para a aproximação com esta realidade foi uma maternidade da rede pública estadual da cidade de Salvador, administrada pela Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, criada pelo Decreto Lei nº 17.287, de 23 de fevereiro de 1959. Esta unidade tem por finalidade prestar assistência ginecológica e obstétrica às mulheres, tratando as gestantes e proporcionando assistência no período do puerpério, além de instruir e aperfeiçoar seu pessoal técnico e administrativo, cooperando com instituições congêneres e com elas mantendo intercâmbio, tendo como raio de ação o Estado da Bahia (BAHIA, 1959).

Nesta maternidade se observa uma distribuição estrutural das enfermarias e serviços de apoio em pisos térreo e superior. As enfermarias que a compõem são designadas por letras (A, C e D), sendo uma delas destinada para mulheres em processo de abortamento. A maternidade de que falamos é referência para o Estado, conhecida como a unidade que não permite o retorno da mulher sem atendimento. Em virtude disso, se observa aí um fluxo intenso de mulheres, em sua maioria de baixa condição socioeconômica que finalizam nesta unidade um processo de peregrinação em busca da assistência por toda a cidade. A escolha deste cenário para o desenvolvimento desta pesquisa está justificada pelo que acima ficou descrito e pelo fato de ela ser conveniada com a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão para discentes dos cursos de graduação e pós-graduação.

O contato com o cenário escolhido foi possível a partir de meu ingresso em um projeto de extensão coordenado pelas professoras Dr^a Solange Maria dos Anjos Gesteira e Dr^a Normélia Maria Freire Diniz, em parceria com esta maternidade, o GEM e o Centro de Referência Loreta Valadares - CRLV. O CRLV é um serviço público e gratuito de prevenção e atendimento jurídico, psicológico e social para mulheres em situação de violência, que funciona na cidade de Salvador (CRLV, 2007).

Este projeto de extensão, intitulado “Acolhimento de Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Aborto Provocado”, teve início em julho de 2007 e terá duração de dois anos. Tem por objetivo geral acolher mulheres em situação de violência doméstica e abortamento provocado, vinculando seu atendimento ao CRLV, no que se respeita à violência e ao estresse

pós-traumático e por objetivos específicos identificar mulheres que estejam em situação de violência doméstica, prestar atendimento no planejamento familiar auxiliando na prevenção da gravidez indesejada, introduzir as mulheres em processo educativo individual ou em grupo no sentido de levá-las à compreensão do fenômeno violência e sistematizar a coleta de dados sobre violência doméstica e o estresse pós-traumático a partir do atendimento.

Na execução do projeto foram seguidas estas etapas: criação do projeto de extensão UFBA/Tyssila, com inclusão de estudantes de graduação e pós-graduação; reuniões preparatórias do grupo na Escola de Enfermagem; criação da Comissão Interna pela diretoria da maternidade; apresentação e integração entre membros da escola e membros da Maternidade Tyssila Balbino; seminário de divulgação das pesquisas já realizadas na maternidade, abrindo os trabalhos do projeto.

O projeto, autorizado pela diretoria e registrado em Diário Oficial do Estado da Bahia, permitiu a realização de visitas semanais à maternidade, identificando mulheres em situação de violência doméstica em pós-aborto provocado por meio de ficha-teste de notificação compulsória. Convidei essas mulheres para participar do grupo de vivências, de onde faziam parte, além de mim, profissionais como: psicólogos, assistentes sociais, médicas, enfermeiras, estudantes e professoras da graduação e pós-graduação em enfermagem e psicologia.

Nesse espaço, as mulheres eram ouvidas e encaminhadas para diversas condutas terapêuticas e de apoio jurídico, além do planejamento familiar. No convívio em grupo, amadureci a escuta acolhedora, o distanciamento dos julgamentos sociais e o convívio com as histórias trazidas por estas mulheres e então, após seis meses de participação no projeto, sentindo-me preparada para trabalhar com o tema.

Com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa - CEP e autorização da diretora da maternidade para a coleta de dados (APÊNDICE A/B), iniciei as entrevistas para a dissertação. Chegando à unidade, eu me identificava, por meio de crachá e munida de um ofício autorizado pela diretoria geral da maternidade, me apresentava à enfermeira e às técnicas do setor, explicando-lhes a pesquisa e reforçando que aquela era uma atividade acadêmica, científica, e me dirigia até a enfermagem para o contato com as participantes.

4.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO E ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEPSESAB) da Escola Estadual de Saúde Pública da Bahia (ANEXO A). Foram convidadas para a pesquisa trinta mulheres, mas apenas dezessete aceitaram participar: em comum, o fato de terem abortado, sofrido violência doméstica (antes ou depois do aborto) independente de idade e de estarem sendo atendidas naquela maternidade.

Durante o internamento, eu me aproximava de cada mulher, me identificava, me sentava ao lado dela e nós começávamos a conversar sobre o seu processo de abortamento; ao longo deste diálogo acolhedor e sem julgamentos, eu explicava sobre a pesquisa e lia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), contendo objetivos, justificativa e procedimentos envolvidos, além dos referenciais básicos pautados na resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10 de outubro de 1996, de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, reforçando que elas seriam tratadas com dignidade e respeito, sem qualquer risco de vulnerabilidade decorrente da investigação.

Após serem esclarecidas a respeito da pesquisa e de seus direitos, e após sermos autorizadas por elas, mediante a assinatura no termo, um local discreto e privativo era escolhido: algumas optavam por fazer a entrevista na própria enfermaria, outras em uma sala à parte. Pelo fato de o aborto provocado ser considerado crime no Brasil, algumas mulheres só aceitavam participar da pesquisa depois que reforçávamos a afirmativa de sigilo absoluto apontado pelo termo de consentimento, com os nomes fictícios escolhidos por elas mesmas. A maioria solicitou que nos formulários não houvesse nenhuma forma de identificação, tais como telefone ou endereço pessoal para contatos posteriores. Também lhes foi dito que elas poderiam desistir da pesquisa e retirar seu consentimento em qualquer etapa desta: das convidadas, uma iniciou a gravação e desistiu, sendo excluída da pesquisa. Cumprimos, portanto, o referencial ético de autonomia das participantes.

Em relação à não maledicência e beneficência, as mulheres foram orientadas para o fato de que não haveria benefícios financeiros para nenhuma das partes, bem como para a gravação das falas com o auxílio de um gravador, não havendo nada que as identificassem em suas falas; também assinalamos que o resultado da pesquisa seria divulgado em meio acadêmico e científico através de apresentações em eventos e publicação de artigos científicos em revistas. O tempo

todo respeitamos as participantes, pausando as entrevistas quando era necessário (se a emoção tomasse conta delas e elas chorassem, por exemplo) e recomeçado se a paciente assim o desejasse, como aconteceu com uma delas que quis recomeçar. A presença de acompanhante ou de profissionais da maternidade também era motivo para pausarmos a entrevista; uma das entrevistadas, menor de idade, teve o termo assinado também pela mãe, e como em sua fala ela relatou que sofria violência por parte da mãe, a entrevista foi pausada enquanto ela a visitava.

4.4 COLETA DE DADOS

Com vistas à coleta de dados, utilizamos como instrumentos um formulário para caracterização social e demográfica (APÊNDICE C) e a entrevista com roteiro semi-estruturado (APÊNDICE D). Este formulário foi adaptado da ficha de notificação compulsória de violência contra a mulher para caracterizar as participantes da pesquisa. A entrevista teve por objetivo oferecer maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo a entrevistada ser observada naquilo que diz e na forma como diz: registro de reações, gestos, etc. (MARCONI; LAKATOS, 2007).

A entrevista, confirmando o que diz Deslandes (1994), foi escolhida porque atendeu a dois propósitos bem definidos na pesquisa: a necessidade de comunicação verbal entre a pesquisadora e as mulheres, reforçando a importância da linguagem e do significado da fala; e a coleta de informações sobre o aborto provocado no contexto da violência doméstica.

Durante a entrevista semidiretiva, com roteiro semi-estruturado, não seguimos necessariamente a ordem de formulação das perguntas: as entrevistadas puderam falar abertamente, com as palavras que desejaram e na ordem em que desejaram. Apenas foi feito um esforço no sentido de reencaminhar a entrevista para os objetivos traçados, caso a entrevistada se afastasse deles (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003).

As entrevistas duraram entre 30 minutos e 1 hora, e foram gravadas. Somente a primeira entrevistada solicitou que não se usasse o gravador e que a sua fala fosse transcrita para o papel, o que foi feito; as entrevistadas podiam ouvir os seus discursos imediatamente após o término da entrevista, discordando de suas palavras ou acrescentando novos aspectos, se assim o desejassem.

As falas foram transcritas após a entrevista e tabuladas de acordo com a estratégia metodológica do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC, estruturada pelo professor Fernando Lefèvre e descrita a seguir.

4.5 ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

4.5.1 O discurso do sujeito coletivo

A organização e tabulação dos dados foram feitas com base no método do discurso do sujeito coletivo (DSC), que consiste em uma estratégia metodológica, discursiva, que “busca reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-sínteses quantos se julguem necessários para expressar uma dada figura, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno” (LEFÉVRE e LEFÉVRE, 2003, p.19). Assim, um discurso coletivo é construído a partir de falas individuais, onde a coletividade fala diretamente.

O pensamento de uma coletividade sobre um dado tema pode ser visto como o conjunto dos discursos, ou formações discursivas, ou representações sociais existentes na sociedade e na cultura sobre esse tema, do qual, segundo a ciência social, os sujeitos lançam mão para se comunicar, interagir, pensar. (LEFÉVRE e LEFÉVRE, 2003, p.16).

Para a construção do discurso do sujeito coletivo, as seguintes etapas foram seguidas: transcrição na íntegra das entrevistas, com as respostas organizadas por questões e a análise isolada de cada questão de todos os sujeitos; ou seja, o instrumento de análise do discurso do sujeito coletivo (IAD) foi adotado em todas as suas etapas.

Em seguida, fizemos a leitura e análise exaustiva do IAD 1, que continha as respostas, e a partir daí as expressões-chaves - ECH foram sublinhadas ou grifadas; segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), as expressões-chave são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso que devem ser sublinhadas, iluminadas ou coloridas pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento.

Identificadas as expressões-chave, nova leitura em busca das idéias centrais - IC foi feita; a idéia central é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, da maneira mais sintética,

precisa e fidedigna possível o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, e que, posteriormente, construirá o DSC (LEFÉVRE e LEFÉVRE, 2003).

Cada passo foi inserido no IAD, nas respectivas colunas das falas: expressões-chave -ECH, idéias centrais - IC e ancoragens – AC; porém, nesta dissertação, não nos aprofundamos nas ancoragens, porque o encontrado a partir das ECH e IC, foi suficiente para o alcance do objetivo da pesquisa. A partir daí, agrupamos as idéias centrais do mesmo sentido ou de sentido equivalente ou complementar, etiquetando-as por letras.

Iniciamos então a construção do DSC com um novo instrumento de análise de discurso - IAD2, constando todas as expressões-chaves destacadas no IAD1, na coluna das expressões-chave do IAD2, e na coluna ao lado o DSC construído. A construção do DSC de cada agrupamento de expressões-chave foi feita através da sequência destas, obedecendo a uma coerência, com princípio, meio e fim do discurso. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), é preciso discursivar e partir do mais geral para o mais particular. Os conectivos podem ser usados para dar mais coesão às expressões-chave.

Lefèvre e Lefèvre (2003) ainda ressaltam que os particularismos existentes no discurso, tais como sexo, idade, eventos particulares, doenças específicas, devem ser eliminados, bem como as repetições de idéias, utilizando todo o material das expressões-chave para a construção do DSC.

A apresentação dos discursos do sujeito coletivo foi feita através de quadro-síntese (APÊNDICE G), expondo as expressões-chaves, seguidas das idéias centrais, e seu DSC correspondente. A análise dos discursos foi realizada com base no referencial teórico de gênero, apoiada nos estudos de aborto, violência, família e políticas de atenção à saúde da mulher.

4.6 REFERENCIAL TEÓRICO: GÊNERO

Pensar o corpo feminino e o direito da mulher sobre este envolve reflexões de gênero, e nos remete à discussão sobre as desigualdades entre homens e mulheres. Feministas como Margaret Mead e Simone de Beauvoir retratavam as questões de gênero antes mesmo de haver uma classificação para este fenômeno de construção social das diferenças e identidades sexuais (SARDENBERG, 2004).

O gênero é uma maneira de indicar as construções sociais das idéias sobre os papéis próprios para homens e mulheres. É uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, que não deve ser percebido, já que perceber um corpo é “reconhecer todas as nossas intenções, tanto as que vão expressas nas palavras, como as que vão incluídas no tom da voz, nos gestos, nos olhares, na expressão da boca, no jeito do corpo” (GAIARSA, 2002, p. 24).

Ao conceituar gênero, é necessário demarcar o conceito de sexo, que consiste nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. O uso do gênero, citado em primeira instância entre feministas americanas, indicava uma rejeição a este determinismo biológico que a palavra sexo ou diferença sexual apontava, e apresentava uma ressalva ao aspecto relacional das definições normativas da feminilidade (SCOTT, 1993).

A necessidade de demarcar gênero e sexo, considerando gênero apenas como um constructo histórico-social resulta de um interesse de transformação fundado na visão de que somente pode ser transformado aquilo que é construído social e historicamente. No entanto, a manutenção da divisão sexo-gênero possibilita, por outro lado, a utilização de uma contra-argumentação fundamentada nas diferenças anatômicas e fisiológicas entre os sexos e que serve de justificativa para a permanência das diferenças e das desigualdades de gênero já que, nessa mesma visão, a natureza é tomada como entidade autônoma, regida por leis próprias. Desta forma, o importante não é eliminar, na definição de gênero, aquilo que se considera da ordem da natureza, mas, ao contrário, incorporar essa outra dimensão, concebendo o corpo também como entidade socialmente modelada (SANTOS, 2004, p. 45).

A reflexão feminista sobre esta temática surgiu nos fins dos anos 60 e início dos anos 70, na Europa e Estados Unidos, em grupos de mulheres no cotidiano. A partir de 1970, se percebe um deslocamento da ênfase de mulher para mulheres, e “o gênero abriu os caminhos para a desconstrução e para a desnaturalização do masculino e feminino” (SARDENBERG, 2004, p. 24).

Desnaturalizar o masculino e o feminino é conceber que o corpo é uma construção histórica que vai além de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações; ao falarmos do corpo, temos que analisar a roupa, os acessórios que o adornam, as intervenções que nele são operadas, sua relação com as máquinas, os sentidos incorporados, a expressão através do silêncio, a educação explicitada em seus gestos (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2003).

Nossa identidade é construída juntamente com os valores e representações que contornam os nossos corpos, desde a formação familiar até a religiosa, cultural, ética, e sustentada pelos veículos de comunicação em massa, tais como novelas, filmes, músicas, revistas, livros, propagandas (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2003).

A imposição da hierarquia entre o gênero feminino e o masculino, com a superioridade deste último, é justificada, desde a antiguidade, pela necessidade de proteger as mulheres por causa de características fisiológicas que as colocavam em posição de vulnerabilidade. A menor força muscular, a menstruação, o fato de carregar e nutrir os seres humanos em seus ventres, tudo isso fez com que a sociedade atribuísse ao corpo feminino um caráter de fragilidade, necessitando, portanto, de cuidados e proteção, papel que se atribuía naturalmente à natureza viril do homem.

Segundo Louro, Felipe e Goellner (2003), as especificidades das concepções sobre os corpos se intensificaram no século XIX, com o debruçar da ciência sobre o corpo humano através de um discurso científico: as características biológicas dos seres determinavam lugares sociais. Neste contexto é que as mulheres começaram a se tornar alvo da medicina, à época ciência predominantemente masculina, consideradas, ao lado dos negros, como inferiores, por apresentarem aspectos biológicos considerados incompletos ou díspares (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2003).

Nesta perspectiva do corpo funcional, vigoroso e cheio de saúde, criaram-se estereótipos: a mulher era bela, dócil, elegante, retilínea, delicada e tinha o corpo pronto para a gestação de crianças saudáveis, os homens, viris, fortes, musculosos, rudes, estavam sempre prontos para engravidar a mulher.

A partir destas concepções, o lar, considerado espaço privado, passou a ser reconhecido como sendo de domínio da mulher. Neste espaço, a mulher poderia exercer determinadas características virtuosas, consideradas específicas do sexo feminino, como a paciência, a intuição e a benevolência (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2003).

Estudar as relações sociais a partir da análise de gênero é admitir que, da mulher, se espera, social e ideologicamente, o encontro com a felicidade completa no espaço da família como mãe e esposa, esta sendo uma extensão da feminilidade (SOUZA; FERREIRA, 2000), questionada quando ocorre uma mudança dos papéis pré-definidos pela sociedade.

Quanto aos homens, representam o poder, negando qualquer ato de ternura, passividade, dependência: são decididos, sexualmente insaciáveis e sedutores, competitivos e, na busca por este poder, utilizam inclusive a violência para a auto-afirmação e a conquista. Diante desta cobrança social, os homens não são capazes de demonstrar afeto familiar nem de assumir o cuidado com sua prole (BORIS, 2004).

Esta disputa social de poderes aumenta com o final da Segunda Guerra Mundial, pois as mulheres que já haviam se inserido no espaço público para trabalhar, diante das perdas de vidas masculinas na guerra e da necessidade de subsistência, conquistam a equidade no direito ao voto e à posse de propriedades, ou seja, tornam-se juridicamente iguais aos homens (PASSOS, 2000). Para a autora, houve, porém, uma preocupação feminista com relação ao retorno dos homens da guerra, e a partir deste retorno, da exigência da volta deles ao espaço produtivo agora ocupado pelas mulheres.

Discutir gênero é identificar que o espaço social ocupado não se torna melhor ou pior por estar sendo utilizado por homens ou por mulheres; este espaço pode ser dividido entre ambos. As atividades laborais domésticas e públicas podem ser executadas por homens e mulheres de forma equânime, desde que eles tenham aptidão e preparo para realizá-las.

Até meados da década de 70, teorias de gênero estavam preocupadas em “delinear as causas da opressão feminina, da subordinação da mulher na história, do patriarcado. Mas “a mulher” é um objeto ideal, porque não existe “a mulher”, no geral. Existem mulheres de carne e osso, plurais. “A mulher” é um constructo, é um ideal... como o conceito de gênero permitiu-nos perceber” (SARDENBERG, 2004, p. 21).

Scott (1988) assinala que o gênero é uma categoria útil de análise, que transita entre o patriarcado, a divisão sexual do trabalho pautada na reprodução versus modos de produção, e a formação da identidade de gênero decorrente do desenvolvimento da criança.

O Patriarcado é um sistema social em que a figura do homem, representada pelo pai é o líder da família, o responsável pelas definições de comportamento e ações dos demais membros (mulher e filhos). Para as teóricas feministas, falar de patriarcado numa ótica do gênero significa que a subordinação das mulheres aos homens se explica pela “necessidade” de o macho dominar a fêmea, fortalecida pelo fato de o corpo feminino ser o agente reprodutor da espécie humana (SCOTT, 1988).

Integra a ideologia de gênero, especificamente patriarcal, a idéia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Ainda que não se possa negar o predomínio de atividades privadas ou íntimas na esfera da família e a prevalência de atividades públicas no espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo e, portanto, as diferenças entre o público e o privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados (SAFFIOTI, 2004, p.54).

Para Scott (1988), as teóricas do Patriarcado questionam as desigualdades entre homens e mulheres com relação à organização social no seu conjunto, sem deixar claro, porém, em que a desigualdade de gênero influencia as demais desigualdades; a outra forma de análise pelo Patriarcado diz respeito à dominação masculina proveniente do labor reprodutivo feminino, ou seja, uma análise pela diferença física.

Outra perspectiva de análise em gênero provém das feministas marxistas, que relacionam o Patriarcado com o Capitalismo; os debates iniciais giravam em torno da rejeição das ‘exigências de reprodução biológica’, determinando a divisão sexual do trabalho pelo Capitalismo.

A análise de gênero também tem uma abordagem psicanalítica; neste sentido, a identidade de gênero seria construída a partir da experiência concreta que a criança observa em casa dos papéis e tarefas atribuídos e demonstrados pelos seus pais, além de todo o sistema de comunicação, linguagem e representação existentes socialmente que fazem a criança se posicionar no mundo de uma determinada forma e se tornar um adulto obediente aos padrões observados.

“O gênero é, portanto, ação, relação e representação e, em virtude de seu caráter relacional, torna-se impossível compreender a feminilidade sem fazer referência à masculinidade e vice-versa” (SANTOS, 2004, p.46).

Com isso, analisar o aborto provocado no contexto de violência doméstica é aprofundar esta relação entre homens e mulheres, ou entre mulheres e mulheres, que interfere nas decisões e comportamentos envolvendo os dois temas.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, DEMOGRÁFICAS E REPRODUTIVAS DAS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Antes de analisar o discurso das mulheres que participaram desta pesquisa, apresentaremos o contexto em que estão inseridas, com base em aspectos sociais, demográficos e de história reprodutiva (APÊNDICES E e F). Observamos que a maioria das mulheres entrevistadas era na maioria de adolescentes e de jovens adultas: respectivamente 23,53% e 29,42% (APÊNDICE E).

Analisando estes percentuais, pudemos inferir que as mulheres que abortaram em um contexto de violência doméstica, estão em uma fase de desenvolvimento enquanto seres humanos, do qual se espera um crescimento educacional e profissional, com a sua entrada no mercado de trabalho; mas o que se observa é que as adolescentes e adultas jovens (52,95%) vivem sua sexualidade, um direito humano fisiológico, sujeitas à gravidez indesejada e precoce, o que interfere neste processo de crescimento.

A consciência a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos como parte integrante dos direitos humanos básicos para o crescimento e desenvolvimento deve ser estimulada desde a formação escolar pelos poderes públicos responsáveis pela educação.

Se os governos não implementarem o direito das mulheres à sexualidade, como elemento importante nos seus currículos nacionais, as pessoas (especialmente adolescentes e jovens) terão menos oportunidades de tomar decisões bem informadas em relação à parentalidade, iniciação sexual, prevenção de HIV, etc. A educação sexual cria oportunidades para empoderar cidadãos e cidadãs e as pessoas adquirem a capacidade de tomar decisões sobre suas próprias vidas e corpos. Sua ausência empobrece as pessoas. (ARMAS, 2008, p.64)

No que se refere à escolaridade, a maioria (52,94% das entrevistadas) informou ter cursado o ensino fundamental ou o segundo grau incompleto: ou seja, mais da metade das mulheres que abortaram possuíam baixa escolaridade; isto explica porque esta população feminina tem dificuldades para alcançar mobilidade social, uma vez que uma melhor qualificação profissional exige mais tempo de estudo.

Já no que diz respeito à cor, 47,06% se declararam negras e pardas; esta situação é confirmada com o apresentado no Dossiê da realidade do Aborto Inseguro na Bahia ((SIMONETTI; SOUZA; ARAÚJO, 2008), quando este assinala que esta Unidade da Federação tem uma população de maioria negra. Sinaliza que na região metropolitana de Salvador, as mulheres representam 52,4% da população, e destas aproximadamente 81,9% são negras e pardas. Afirma ainda este Dossiê que, o aborto “atinge desigualmente as regiões e as mulheres, segundo grupos sociais, culturais e étnico-raciais, e penaliza principalmente as mulheres jovens, negras e de pouca escolaridade, residentes nas regiões mais pobres do país” (SIMONETTI; SOUZA; ARAÚJO, 2008, p.9).

Com relação à situação conjugal, 76,47% das mulheres eram solteiras, e 23,53% viviam em união consensual, confirmando o estudo de Olinto e Moreira Filho (2006): o risco de mulheres que vivem em união consensual provocarem um aborto é cerca de duas vezes maior, se comparado com mulheres casadas.

A maioria das entrevistadas afirmou morar com familiares (pai, mãe, tios, irmãos) (58,82%); 41,18% moravam também com filhos e o mesmo percentual de mulheres mora com companheiros. No concernente a trabalho, 11,77% vivem às próprias custas: as demais dependem parcial ou totalmente de familiares. Destas, 52,94% eram totalmente dependentes, fosse de pai e de mãe (47,06 %), fosse de marido e/ou companheiro (29,4%).

Quanto à história ginecológica e obstétrica, a maioria das mulheres já tivera mais de três gestações (58,8%), sendo que 64,71% delas afirmaram haver provocado aborto em outras ocasiões; 23,53% das mulheres entrevistadas informaram haver sinais que indicavam infecção (secreção ou sangue com mau cheiro). A maioria delas (88,24%) preferiu se utilizar de Cytotec para fins de aborto, enquanto outras afirmaram associar Cytotec com outras substâncias exógenas, tais como chás, água inglesa, injeção, lavagem vaginal (APÊNDICE E).

5.2 O DISCURSO DAS MULHERES

Aqui se inicia a análise dos discursos das mulheres, que a princípio eram individuais, mas depois foram reconstruídos em discursos-síntese, expressando o discurso da coletividade que vivencia o aborto provocado no contexto da violência doméstica. Cada um deles é enriquecedor para nós pesquisadoras, mulheres e profissionais de enfermagem.

Estes discursos do sujeito coletivo foram organizados a partir das perguntas presentes nas entrevistas e foram organizados da seguinte forma: sobre a relação com o companheiro; sobre a relação com a família; sobre a relação com o trabalho e/ou o estudo; sobre a relação com a anticoncepção; sobre o aborto, envolvendo a decisão de não levar a gravidez adiante e os métodos abortivos.

Em alguns momentos os discursos provenientes de perguntas diferentes foram analisados em conjunto, por apresentarem relação entre seus conteúdos.

5.2.1 O discurso das mulheres sobre a relação com o companheiro

No que se refere à 2ª pergunta ('Fale de sua relação com seu companheiro atual e/ou anteriores') foi possível agrupar, a partir dos discursos das entrevistadas, as idéias centrais-síntese, apresentadas e analisadas a seguir:

Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com o Companheiro – Salvador – Jul. a Set. 2008

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	2.A. - Amizade, festa, viajar juntos, vivíamos bem, até que engravidei.
02	2.B. - O companheiro brigou por ter usado remédio abortivo. 3.E. - Ele disse que se tirasse o filho ia se separar de verdade; no dia que tomei o remédio, ele veio com ignorância, não sei se vou ficar com ele após o aborto.
03	2.C- Relação com companheiro não tem estabilidade.
04	2.D. - A relação é péssima, já foi agredida duas vezes, de murro, empurrão, agressão verbal, inclusive grávida ficou com olho roxo, deu queixa na delegacia das mulheres. 1.D - Toma remédio para perder porque sempre quando está grávida o esposo começa a maltratar, diz que filho não é dele e some.

Idéia central-síntese: 2.A. - Amizade, festa, viajar juntos, vivíamos bem, até que engravidei.

Esta idéia síntese mostra que o envolvimento da mulher com o companheiro se volta para o prazer, o compartilhamento de momentos de lazer, de festa, da vivência sem restrições de sua sexualidade. É o que hoje em dia as pessoas chamam ‘ficar’.

A história com o pai do nenê foi assim: a gente era muito amigo, fazia muita festa junto, todo fim de semana a gente ia fazer churrasco, saía. Então, um desses dias eu dormi com ele de sábado pra domingo, e domingo eu fui embora, ele para um lugar e eu pra outro. Um mês depois a menstruação não veio. (pausa) Eu fiz o teste de farmácia, mas eu não acredito, este teste de farmácia é maluco. Aí eu esperei mais, fiz o beta deu positivo, misericórdia! Eu conheço ele há muito tempo, a gente se conheceu numa festa, ele mora lá no bairro mesmo. Assim, quando eu conheci ele, ele tinha a mulher dele e eu tinha meu marido, a gente era amante. Aí eu me separei, ele se separou e foi morar comigo e a gente tá junto até hoje. Não tenho do que reclamar dele não, ele me trata bem e só saio mais com ele, praia, festa a gente só vai junto. Ele é tranquilo, ele tem paciência, demonstra gostar muito de mim, só que pra o namoro dar certo tem que ter amor, compreensão das duas partes. Ele até que é compreensivo, sempre me ajudou mesmo assim eu brigo muito com ele; mas ele é diferente, ele é legal, mais carinhoso, atencioso, se eu ligar pra ele e disser que tô precisando, ele me apóia e não me deixa sozinha. Nossa relação? Ah, era mil maravilhas! Tudo que ele me dava eu retribuía da mesma forma às vezes até em dobro. Antes eu não queria porque eu já tinha saído de relacionamento há pouco tempo, não queria entrar de novo; só que ele, homem como é, palavras bonitas, não sei o quê, eu cai de novo e aí me enganei. A gente saiu, viajou e teve relacionamento, aí aconteceu: eu engravidei. Antes da gestação era muito freqüente, carinhoso, hoje sumiu, mudou, não liga mais pra mim. Mas, agora bola pra frente, eu vou ver se ainda vou continuar com ele, que Deus permita; se eu não continuar paciência, eu sei que na próxima vez agora não vai acontecer, da próxima vez que eu vier aqui só se for pra ter e não pra fazer mais curetagem.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.A. (APÊNDICE G, p.186)

No Brasil, ‘ficar’ é uma expressão coloquial que designa uma relação afetiva passageira, que

caracteriza-se pela ausência de compromisso, de limites e regras claramente estabelecidos: o que pode ou não pode é definido no momento em que o relacionamento acontece, de acordo com a vontade dos próprios ‘ficantes’. A duração do ‘ficar’ varia: o tempo de um único beijo, a noite toda, algumas semanas. Ligar no dia seguinte ou procurar o outro não é dever de nenhum dos ‘ficantes’ (AUTOR DESCONHECIDO, 2009).

No DSC acima (2.A.) vemos que o ‘ficar’ é desprovido de uma preocupação do homem e da mulher quanto ao corpo vinculado à reprodução; é importante ainda ressaltar que as mulheres, em seu discurso, já se expressam de forma clara e sem restrição a respeito da busca de autonomia

em tudo que envolve o sexo, deixando claro que não buscam um homem provedor. O motivo de suas relações não é a procriação, mas antes o prazer.

O exercício da sexualidade e a busca pelo prazer são necessidades vivenciadas pelas mulheres que contribuem para a melhoria de sua qualidade de vida e bem-estar. “Os direitos sexuais precisam ser legitimados como parte essencial dos direitos humanos para todas as pessoas” (CORNWALL; JOLLY, 2008, p.45).

Sendo um direito, deve ser exercido de forma plena, sem medos, angústias ou arrependimentos; para tanto, as mulheres necessitam do fortalecimento de seus direitos reprodutivos, principalmente no que diz respeito à prevenção da gravidez indesejada. Porém, o discurso nos leva a refletir que mulheres e homens vivenciam uma sexualidade sem a responsabilidade necessária ao exercício de um direito; não é explicitado um conhecimento de seu corpo, limites, conseqüências das relações sexuais desprotegidas, como doenças e filhos não desejados.

Ao mesmo tempo em que falamos de direitos sexuais, observamos que o discurso das mulheres ainda é perpassado pela idéia do amor de ‘conto de fadas’; mas isso é frustrado quando a mulher se descobre grávida e abandonada pelo companheiro; desde a formação da sua identidade, a figura masculina não pensa nas conseqüências de uma gravidez indesejada da mulher, seu papel é o de fecundar, mostrar a masculinidade. Ao abandonar a mulher gestante, a realidade do cotidiano vem à tona: o prazer é vivenciado por ambos, mas a gravidez se desenvolve no corpo feminino; com isso, a mulher fica responsável por levar em seu ventre uma vida: a ela cabe levar ou não a gravidez adiante. Seria tudo muito simples se, quando decidisse não assumir a responsabilidade pelo feto sozinha, abortando, ela também não levasse a culpa sozinha.

Idéia central síntese: 2.B. - O companheiro brigou por ter usado remédio abortivo.

Idéia central síntese: 3.E. - Ele disse que se tirasse o filho ia se separar de verdade; no dia que tomei o remédio, ele veio com ignorância, não sei se vou ficar com ele após o aborto.

Nos discursos, as idéias centrais síntese acima mostram que a decisão de abortar é da mulher, independente do desejo do companheiro de ter o filho.

[...] Ele ficou muito preocupado quando aconteceu isso e até chegou a brigar comigo por causa desse remédio, mas ele queria o filho e eu não. Não sei se agora a gente vai ficar junto realmente. Eu não garanto isso porque ele não queria que eu usasse remédio, que eu tirasse.
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.B. (APÊNDICE G, p.189)

[...] É normal; agora porque eu tomei o remédio ele se retou e ficou falando. Ele já teve aqui e disse: menina você é maluca, rapaz, fica tomando remédio dos outros, não sabe nem o que é isso direito! Qualquer coisa que os outros te dá você faz, você lá sabe se ia funcionar ou não, pra você tomar, você podia se prejudicar. [...]
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.B. (APÊNDICE G, p.189)

O discurso acima apresenta a preocupação do companheiro com os efeitos maléficos da medicação abortiva para a saúde da companheira; este conhecimento acerca das consequências do aborto inseguro se dá pela representação social existente, veiculada pela mídia, a sociedade e os profissionais de saúde de que o aborto clandestino é um ato perigoso, com risco para a vida.

As mulheres, mesmo diante da realidade do aborto inseguro, estão assumindo o direito em relação ao seu corpo e decidindo interromper a gestação, independente da aceitação do companheiro e dos prejuízos que o ato possam lhe trazer.

Ele disse se você tirar meu filho, a gente vai se separar de verdade. No dia que eu tomei o remédio, ele veio com ignorância, e eu fui mais grossa; ele disse que eu tinha perdido a fertilidade, aí eu falei que não me levasse mais não (na maternidade); aí eu fui arranjar uma colega para me levar. Fiquei sem falar, ele não olhava pra mim, eu não olhava pra ele; no dia seguinte a gente discutiu, eu disse a ele que acabou que eu não queria mais ele. Fui comprar o remédio de novo, quando eu voltei minha cunhada dando risada, tava botando as músicas e ele chorando; ela já botou de propósito entendeu? Então eu não sei se ele vai querer ficar comigo ou se ele não vai. Mas pelo jeito que ele tá! A mãe dele chamou ele e disse que ele tava sendo criança, que esse era o momento da gente se unir, da gente parar de brigar pra um cuidar do outro e não ficar brigando e só assim que a gente vai conseguir ir pra frente.
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 3, idéia central síntese 3.E. (APÊNDICE G, p.210)

Observa-se que não existe um diálogo entre os parceiros sobre a decisão de abortar, nem sobre o acompanhamento e o cuidado da companheira no processo de abortamento. O homem se isenta do compromisso, reproduz o discurso dos profissionais de saúde sobre risco e consequências do aborto inseguro que é veiculado pela mídia e por outros meios e não assume a responsabilidade juntamente com a mulher; com isso, se instala um conflito entre o casal, com o

homem permanecendo em uma posição de observador: o fato de ter ‘avisado’ sobre os riscos o eximiria da participação na decisão da mulher de praticar o aborto e nos cuidados a ela.

O homem vivencia a descoberta da gravidez com estranheza. Segundo Nolasco,

Iniciar o caminho em direção à paternidade a partir de buscas internas, articuladas ao desejo de ser pai, não é para os homens uma realidade. Tal como representada no universo masculino, a paternidade é um símbolo da virilidade e “macheza”. Neste sentido, a concepção masculina da paternidade é construída a partir de uma visão biológica, “situando-a como expressão da reprodução do mundo animal (NOLASCO, 1993, p.160).

A decisão de abortar é solitária:

Os homens não se vêem como parte do processo de gestação: a título de respeito à privacidade feminina, eles delegam à mulher a autoridade da gestação... a paternidade é para o homem uma situação em que ele não sabe como agir e se situar internamente, a não ser como observador do que vai acontecendo com a mulher (NOLASCO, 1993, p. 160-161).

Este papel de exclusão do homem na saúde reprodutiva se reflete nos serviços de saúde, já que o debate sobre a inserção do homem nas políticas de saúde é recente. Esta visão de gênero influi diretamente nas ações dos profissionais, que mantêm uma ênfase na assistência reprodutiva feminina sem a participação ativa e frequente dos companheiros no processo saúde-doença.

A discussão sobre a participação do homem na saúde reprodutiva feminina começou a partir dos anos 80 no Brasil com a criação do PAISM, que colaborou com a construção dos princípios e diretrizes do SUS. Promover a saúde da mulher de forma universal, integral e igualitária é favorecer o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos, estruturando os serviços de saúde e as políticas públicas para também incluir o homem neste processo.

Com a realização da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento - CIPD no Cairo, em 1994, e da IV Conferência Mundial sobre Mulheres em Beijing, China, em 1995, houve um debate,

no sentido de ampliar os direitos sexuais e reprodutivos para que o homem e a mulher pudessem usufruir de uma vida sexual sadia, com acesso aos serviços de qualidade. Um novo aspecto foi introduzido nos documentos dessas Conferências, que foi o da inclusão dos homens na questão da responsabilidade individual e social do comportamento sexual e reprodutivo. Isso ocorreu ao considerar que, se os homens mudassem seus padrões de comportamento sexual haveria uma transformação nos indicadores desfavoráveis de saúde da mulher (GALASTRO; FONSECA, 2007, p.455).

O Ministério da Saúde lançou algumas iniciativas neste sentido, como foi o caso do incentivo à participação do homem no atendimento pré-natal, no planejamento familiar e no parto, através, por exemplo, da lei 11.108 de 07 de abril de 2005, que garante às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato no âmbito do SUS. Em relação ao planejamento familiar, no manual de orientação para profissionais de saúde, o MS também assinala que a responsabilidade dos homens para com a saúde sexual e a saúde reprodutiva parte da parceria entre homens e mulheres, já que

na sociedade em que vivemos, as questões relacionadas à anticoncepção são tradicionalmente vistas como de responsabilidade exclusiva das mulheres. [...] Para o pleno desenvolvimento de homens e mulheres, é importante a construção de parcerias igualitárias, baseadas no respeito entre os parceiros e em responsabilidades compartilhadas. Portanto, é fundamental o envolvimento dos homens com relação à paternidade responsável, à prevenção de gestações não desejadas ou de alto risco, à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/HIV/AIDS, dividindo também com as mulheres as responsabilidades com relação à criação dos filhos e à vida doméstica (BRASIL, 2008, p.6).

Pelo fato de o aborto provocado ser ilegal no Brasil, percebemos que não há iniciativas no sentido de estimulá-lo como parte dos direitos reprodutivos femininos. Mas o Ministério da Saúde incentiva um cuidado humanizado à mulher que provocou o aborto, durante a assistência hospitalar, por parte de toda a equipe. No entanto, percebemos que a figura masculina (o companheiro) aparece apenas no momento em que se questiona à mulher o contexto em que ocorreu a gravidez indesejada e essa ação de conversar sobre o companheiro é especificada como atividade dos profissionais de saúde mental e serviço social.

A partir disso, o homem, neste processo de atendimento com os demais membros da equipe de saúde, se distancia, apenas comparecendo ao hospital para buscar as mulheres no momento da

alta hospitalar e reforça o silêncio das mulheres no que se refere ao compartilhamento do aborto provocado. Vale ressaltar que quando as mulheres não possuem companheiro, a família também participa do processo da mesma forma, em silêncio. Isto contribui para que os profissionais não falem sobre o aborto provocado, aumentando o estigma e o sofrimento psicológico das mulheres.

Os resultados do trabalho realizado com mulheres pós-abortamento provocado, em grupos após a alta hospitalar são parte do projeto de extensão intitulado ‘Acolhimento de Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Aborto Provocado’. Desta forma, as falas das mulheres mostraram que ter um espaço onde elas possam compartilhar os sentimentos vivenciados no processo de abortamento é muito importante para a melhoria da sua auto-estima e para o enfrentamento da realidade pós-aborto; o trabalho também demonstra que a integração entre ensino e serviço e as estratégias de compartilhar em grupo de vivências os sentimentos em relação ao aborto provocado favorecem o acolhimento das mulheres por parte dos profissionais e estudantes (SOUZA et. al, 2008).

Estudo realizado por Duarte et. al. (2002) mostra que os homens que disseram participar mais ativamente das tarefas relativas ao cuidado com os filhos e aqueles que disseram ter escolhido, juntamente com as parceiras, o método contraceptivo em uso, foram os que se posicionaram mais favoravelmente à possível interrupção da gestação. Ou seja, quanto mais envolvidos no processo reprodutivo em geral, e especificamente na paternidade, mais abertos e sensíveis aos sentimentos das mulheres eles estavam.

2.C- Relação com companheiro não tem estabilidade.

A idéia central-síntese acima e o DSC abaixo leva a algumas reflexões:

Eu não me casei. Agora eu arrumei um companheiro, mas só que ele não era legal pra mim. É assim, não tem aquela estabilidade, ele tem dois filhos só, e precisou a ex-mulher colocar ele na justiça; aí eu daqui vendo isso tudo, já tendo visão de como ele era, futuro, se eu tivesse um filho com ele como ia ser? Tentei evitar, tomava remédio, tudo, mas tomando remédio mesmo engravidei, dele. Agora ele tá aí correndo atrás de trabalho e disse que essa semana agora ia começar a trabalhar, e não começou a trabalhar; há muito tempo que ele vem procurando trabalho e não consegue.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.C (APÊNDICE G, p.190)

Nesta situação, a decisão pelo aborto é pautada na instabilidade financeira do companheiro; mesmo sabendo que o homem não tem um trabalho, um estudo, dele se cobra que cumpra o papel de provedor, socialmente determinado. Para algumas mulheres, as relações conjugais muitas vezes já vêm precedidas de um passado de paternidade irresponsável, e isso as impulsiona a permanecer no papel voltado para uma pseudo-dependência, cobrando do atual companheiro um sustento e proteção que lhe é devida e que é sua por direito.

A “idéia de proteção” se sustenta por meio de duas vertentes: uma material e outra moral. A exigência de proteção material é ‘resolvida’ com a tentativa de aquisição de patrimônio e segurança financeira pelo trabalho, que, somada às exigências morais, funciona como base para realização de um desejo importante na caracterização da subjetividade dos homens: a construção de uma família (NOLASCO, 1993, p. 160).

Nesta construção familiar, o gênero permeia a divisão sexual do trabalho. Segundo Giffin (1994), em algumas sociedades a definição do gênero feminino está tradicionalmente relacionada com a esfera familiar e a maternidade, enquanto que a referência fundamental para a construção social do gênero masculino é sua atividade na esfera pública, concentrando os valores materiais que fazem dele o provedor e protetor da família.

Mesmo com as mulheres inseridas no mundo público através da força de trabalho, percebe-se que a vivência da violência é um reflexo da divisão de papéis sociais, ou seja, o homem que é socialmente determinado para funções no ambiente público sofre a violência de forma predominante neste espaço. Já a mulher vivencia a violência no âmbito doméstico, por ser este considerado específico às suas ‘atribuições’, e na maioria das vezes o agressor é o próprio parceiro (GIFFIN, 1994). Na análise da próxima idéia central-síntese, veremos como a mulher vive a violência doméstica com seu parceiro, inclusive durante períodos de vulnerabilidade, como, por exemplo, durante a gestação.

2.D. - A relação é péssima, já foi agredida duas vezes, de murro, empurrão, agressão verbal, inclusive grávida ficou com olho roxo, deu queixa na delegacia das mulheres.

1.D - Toma remédio para perder porque sempre quando está grávida o esposo começa a maltratar, diz que filho não é dele e some.

A partir das idéias centrais-síntese acima e dos trechos de DSC abaixo, podemos ver a manifestação da violência conjugal influenciando a decisão de abortar. De acordo com um estudo realizado por Souza (2000), a violência emocional, física ou sexual é intensificada na gravidez e suas manifestações motivam, direta ou indiretamente, o aborto provocado.

Pra mim é um desespero porque sempre quando eu estou grávida eu... tenho problemas assim no meu casamento; meu esposo começa a me maltratar, começa a me desprezar, dorme na rua, entendeu? E pra mim tem sido difícil, porque eu não tenho mãe, não tenho ninguém aqui pra me ajudar, e eu dependo muito de meu trabalho, só de mim mesma, entendeu? [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.D. (APÊNDICE G, p.160)

Estudos como os de Menezes (2003) e Couto (2003) reforçam o DSC acima quando assinalam o aumento da violência conjugal no período gestacional, sob várias formas, sejam elas agressões físicas, patrimoniais e/ou psicológicas. Com a gravidez, a mulher e o homem assumem o papel de mãe e pai, o que altera o cotidiano do seu relacionamento afetivo. Diante disso, o homem demonstra ciúme ao ter que dividir a atenção e o amor da mulher com o recém-nascido.

O relacionamento homem-mulher é o primeiro ponto de atenção para a análise dos sentimentos de exclusão e de inveja suscitados no homem quando assume o papel de pai. Quando o casal se une em uma relação dual, tornam-se objetos de desejo um do outro e, logo, abastecem-se em um encontro afetivo e erótico. Quando decidem por um filho, assumem a gravidez em sentidos conscientes, ou seja, a barriga crescerá, a gestante terá desejos de alimentos incomuns, o bebê nascerá, terá determinadas características etc. Não sabem, no entanto, da transformação psíquica que atinge a cada um deles de maneiras diferentes e peculiares. (CAMPOS, 2006, p. 149)

Este ciúme, levando a uma alteração de comportamento, em muitos casos é transformado em situações de violência.

O sentimento de exclusão aparece a *priori*, quando o narcisismo da mulher modifica gradualmente a imagem que tem de si mesma e a faz voltar-se totalmente para seu estado de completude e para seu bebê. Assim, o homem sente que sua esposa volta toda a atenção, que julga ter sido usurpada dele, para esse novo membro que parece pertencer somente a ela. O homem percebe a si mesmo como alguém negligenciado da nova relação estabelecida (CAMPOS, 2006, p.149).

Péssima, por isso mesmo que eu também não tive vontade de ter esse filho. Sabe, eu vim do interior como eu já disse antes, e então eu não tenho ninguém de parente aqui, só tenho ele. Mesmo assim, tem vez que domingo ele trabalha até duas horas da tarde e chega segunda, vai pro bar com os amigos, se divertir por aí, então eu sofro muito com ele. Uma vez mesmo eu tava grávida de minha filha né? Tava com três mês de grávida. Aí eu passei no bar, e pedi a ele um dinheiro pra comprar um leite; ele já tava meio embriagado aí disse: pra que você quer dinheiro? Pra comprar o leite da menina; então ele começou a me xingar e eu xinguei ele também, aí ele pegou e me agrediu, no bar mesmo na frente de todo mundo, me deu um murro. Ainda fui dar uma queixa cheguei lá não tinha levado os documentos, aí disseram: só amanhã quando trouxer os documentos. No outro dia desisti de fazer a denúncia[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central-síntese 2.D. (APÊNDICE G, p.191)

A violência física é mostrada no discurso acima e consiste, segundo o Ministério da Saúde (2002), no ato onde uma pessoa provocar lesões internas, externas ou ambas, usando a força física ou algum tipo de arma, por estar em relação de poder com a outra. Fica claro, neste discurso, que a dependência financeira expõe as mulheres a situações de humilhação e estresse na relação conjugal.

Segundo Barros (2000), “a família é o lugar onde se manifestam o amor e a violência”. O ambiente doméstico vive com regras próprias, e a sociedade pouco intervém nas desavenças familiares, ou seja, “no seu interior admite-se o direito de bater em outros membros, os pais batem nos filhos, os irmãos se agredem, o marido espanca a mulher. Essa violência não é só considerada legítima, como saudável e educativa” (BARROS, 2000, p.139).

Na atualidade, com a Lei Maria da Penha, as mulheres começaram a tomar conhecimento de seus direitos e do respaldo legal que possuem para a prevenção e o combate à violência doméstica. Mesmo assim, ainda é grande a falta de informação, como mostra o discurso anterior, e as mulheres ainda procuram a delegacia sem saber que documentos levar, como proceder à denúncia e com isso se perde a oportunidade de coibir muitos casos de agressões, já que a volta ao ambiente doméstico aumenta as chances de a mulher desistir da denúncia, quer pela presença dos filhos quer pela perda de coragem mesmo.

Se as mulheres aceitam agüentar tais comportamentos, é porque as agressões físicas não chegam de repente “como uma trovoada em céu sereno”, mas são introduzidas por micro-violências, por uma série de palavras de aviltamento, por pequenos ataques verbais ou não verbais que se transformam em assédio moral, diminuem a resistência delas e as impedem de reagir. A dominação e o ciúme são, de início, aceitos como prova de amor (HIRIGOYEN, 2006, p.89).

A violência física geralmente vem acompanhada de outro tipo de violência, como veremos no próximo DSC, a saber, a negligência e a violência psicológica: conforme a lei Maria da Penha, violência psicológica é,

... qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006, p.2).

A negligência se caracteriza pelo desleixo e pelo descuido, no processo de abortamento, por exemplo, quando o companheiro permanece inerte lhe negando assistência e se eximindo de assumir parceria na decisão, no ato e nas complicações decorrentes disso juntamente com ela, como nos mostra o trecho do DSC a seguir:

[...] Um dia, ele tava bebendo, a gente discutiu, ele me deu um empurrão, foi a única coisa, que pra mim foi uma agressão ele ter me empurrado, entendeu? Nossa relação era muito violenta, já teve tesourada, batida de corrente, era cadeado, hoje em dia é que graças a Deus, não acontece mais, mas era muito violento. É ciúme, ciúme por isso decidi separar, começou aquelas brigas dentro de casa e eu me separei dele. Quando me separei, fui fazer o exame, eu soube que tava grávida. Assim mesmo voltei, falei com ele, mas ele sumiu; depois ele apareceu (após a descoberta da gravidez), e aí eu briguei com ele, xinguei ele todo, não vou mentir. Aí eu briguei com ele, pegou e disse: - ah pobrema seu, você se vire! Aí eu fiquei mais desesperada ainda (pausa). Ele disse que era comigo e com a porra. Como é que eu ia ter um filho de um homem desse? Outro? Aí fiquei tão parada na bola, que é que eu ia fazer? Aí decidi tomar o remédio. Saía assim, bebia, e quando ele chegava (pausa) até me espancava. A gente briga muito. Muito, muito, muito, e ele é ciumento! Briga demais. Eu ia sofrer, a criança ia sofrer, como é que uma mãe ia ver seu filho sofrer e sem poder fazer nada? Daqui a pouco ter mais um filho e tá separada, então decidi que tinha que tirar. Eu comecei a passar mal (no processo de abortamento), ele disse eu não vou te levar! Aí foi que eu esperei o dia clarear mais um pouquinho e peguei meu táxi e vim pra cá (maternidade). Falei com a vizinha, deixei meu menino lá, e vim embora. Isso que ele fez agora foi a gota d'água, separou mesmo.[...]
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.D. (APÊNDICE G, p.191)

É interessante observar que nos momentos de necessidade uma rede de relações, apoio e solidariedade paralela entre vizinhos se forma, caracterizada pelo cuidado com as crianças, por exemplo, enquanto a mãe faz curetagem. No caso acima, uma vizinha é citada, ou seja, as mulheres exercem por vezes o papel de cuidadoras, inclusive dos filhos de outras mulheres.

A violência doméstica pode ser considerada também como violência de gênero, quando a agressão e demonstração de poder se exercem de um gênero sobre o outro. Segundo Saffiotti (2004), a relação violenta constitui uma verdadeira prisão, o gênero passa a ser uma camisa de força: o homem deve agredir (macho dominando a qualquer custo) e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu destino assim o determina.

[...] Além disso, ele sempre me rejeita, teve uma vez mesmo nessa minha filha caçula, ele chegou pra mim disse que não era filha dele, me esculhamba. Então pra mim tem sido difícil dá esta notícia (gravidez) pra ele porque ele foi meu primeiro marido, meu devedor, vivo com ele há doze anos e no primeiro filho ele não fez isso comigo não, mas da segunda pra cá ele me maltrata muito. Então é uma decisão que eu quero mesmo é estrangular (laqueadura tubária), porque eu tenho sofrido muito. Doze anos é muito, doze anos de sofrimento e eu não quero mais essa vida pra mim. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.D. (APÊNDICE G, p.191)

No trecho acima, a mulher relata o sofrimento vivido há doze anos e vê na laqueadura tubária a saída para essa situação difícil; ela não cogita em denunciar, em se afastar do agressor, pois considera que por ele ser seu primeiro marido e devedor (ele foi o responsável pela perda da virgindade), indiretamente há um compromisso que não pode ser desfeito.

Segundo Couto (2002) na cotidianidade a mulher vivencia o temor do seu companheiro e o não enfrentamento da situação de violência, mostrando-se absorvida pelo seu mundo próprio, que a afasta da preocupação com o conceito. Na relação conjugal violenta, movida pelo sentimento de culpa, instala-se a relação sujeito-objeto, e a mulher como um objeto na maioria das vezes mostra-se no modo de ser impessoal.

No que tange a relatos de casos de rejeição e agressão na gravidez, alguns estudos vêm demonstrando a permanência e/ou aumento da violência conjugal na gestação, impulsionado por fatores de risco, tais como desemprego, uso de álcool pelo companheiro, história prévia de vivência de violência pela mulher. Menezes et al. (2003) em sua pesquisa sobre a prevalência de violência doméstica com mulheres em pós-parto confirmam estes dados, assinalando que o

padrão de violência que estas mulheres sofriam havia permanecido inalterado em 18,2% dos casos e em 10,9%, aumentara durante a gravidez.

Em muitas situações, a violência conjugal está associada com a violência praticada por outros membros da família de forma insidiosa e socialmente disfarçada, oculta no ambiente doméstico. O espaço doméstico, que a princípio se configura como “local de apoio e proteção dos indivíduos tem se constituído no espaço privilegiado da violência contra mulheres, crianças e idosos” (PAVEZ, 1997, p.22). No trecho do DSC abaixo, a manifestação da violência doméstica é permeada por questões de violência pautada no gênero, com a determinação social de papéis exclusivamente femininos.

[...] Dos companheiros anteriores era um inferno; o pai dos meus dois primeiros filhos, a vida dele era me bater, se eu não fizesse tudo que ele queria, se não fosse do jeito que ele queria. Dei queixa dele na delegacia das mulheres, dei lá na do bairro onde a gente morava, ninguém resolvia nada, a polícia ia lá e tal e depois soltava ele e continuava tudo de novo. Porque na época eu era de menor, e morava de favor na casa da mãe dele, e então eu tinha que me sujeitar a tudo. Eu era empregada da casa, tinha que lavar, cozinhar pra todo mundo, eu era só mulher dele, mas tinha que fazer pra toda a família dele. Só que um dia eu me decidi: não, não dá não, mesmo que eu fique na rua eu vou sair dessa. Aí simplesmente eu me separei dele e fiquei morando na casa dos outros de favor, até que um dia arrumei um trabalho e aluguei uma casa e fui morar só com meus filhos. Mesmo assim ele me perturbando, aí fui e chamei a polícia, a polícia foi lá e levou ele e nunca mais me perturbou, aí foi que ele se conformou com a separação. Mas dentro de casa era muita briga, ele só me agredia, meu olho roxo, eu grávida ele me deu um murro e meu olho ficou roxo, fui pra delegacia das mulheres, na época eu era de menor só que levava ele e depois soltava, não resolvia o problema[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.D. (APÊNDICE G, p.191)

O discurso acima revela a dificuldade de efetivação das políticas públicas mesmo quando a mulher já possui um respaldo legal com relação à detenção do agressor: e embora ela procure a instância responsável, o agressor permanece à solta e continua a praticar os mesmos atos violentos. Ser menor de idade e morar com os familiares do agressor são fatores que influenciam as atitudes da mulher em relação a conviver com a violência sofrida e aceitá-la. A submissão às vontades e determinações não só do companheiro, mas de sua família, provém, além disso, da formação diferenciada de meninos e meninas.

Na vida de fato, segundo Pavez (1997, p. 22),

“permanece a subalternização das mulheres, a diferenciação de papéis e responsabilidades onde o que é delimitado para as mulheres é inferior e desvalorizado, além de ser compreendido dentro da ótica humana. Nasce-se com o dom de lavar roupas, limpar a casa, cuidar das crianças, realizar todas as atividades do cotidiano para a manutenção da força de trabalho”.

Isso nos remete às obrigações domésticas, como ficou detalhado no trecho do DSC acima descrito. Este mesmo trecho nos mostra que a independência financeira, eleva a auto-estima feminina, porque, por mais que uma pessoa alheia ao fato aconselhe a vítima de violência, ela só consegue realmente sair da situação difícil por reflexão e decisão próprias.

As mulheres que abortaram e participaram deste estudo, relataram histórias de violência sofrida não em um, mas em vários relacionamentos anteriores. O sofrimento frequente em suas relações afetivas é presenciado por filhos pequenos e é causa de fragilidade: daí as mulheres não acreditarem muito nas denúncias e nem esperar providências jurídicas.

No trecho do DSC abaixo, percebemos um dos tipos de violência, comum na relação conjugal, a saber, a violência patrimonial, também conhecida como econômica ou financeira. Este tipo de violência se caracteriza por atos destrutivos ou omissões do agressor ou da agressora, afetando a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família: os atos incluem roubo, destruição de bens pessoais, recusa de pagamento de pensão ou participação nos gastos básicos da família (BRASIL, 2002). Como veremos a seguir, as mulheres que sofrem este tipo de violência têm objetos destruídos, como aparelhos de telefone celulares, fotos de amigos ou familiares, discos, roupas, objetos domésticos, tudo, enfim, que tiver valor sentimental e/ou econômico para as mesmas.

[...] E o pai da minha terceira, ele também adorava me agredir, a gente brigava, tudo era motivo pra ele me agredir, me ameaçar, dizer que ia me matar; quando a gente se separou agora, não tem nem um ano que eu me separei dele, tive que dar uma queixa na delegacia das mulheres. Ele quebrou tudo dentro de casa era um inferno, ele quebrou meu celular, e tudo isso na presença dos meus filhos que não eram filhos dele. Aí eu também decidi botar um ponto final e toda noite ele ia pra minha porta depois que eu terminei pra perturbar, brigar, me ameaçar, ficar batendo na porta aí dei uma queixa e ainda tem processo lá, que ia remarcar a audiência. Ainda não remarcaram. A delegada chamou ele lá, conversou, disse que ele tinha que se manter uns 40 metros de distância da onde eu moro. Entendeu? Aí ele me deixou em paz[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.D. (APÊNDICE G, p.191)

Para coibir a violência doméstica contra a mulher, foi aprovada a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha. Atualmente, no Brasil, as mulheres já começam a se utilizar de seus direitos, lançando mão de denúncias nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMS). Segundo a Lei Maria da Penha, em seu Art. 2º,

toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social (BRASIL, 2006, p.1).

Foi esta lei que permitiu que aumentasse o número de mulheres que denunciam agressões e sublinhou o exercício dos seus direitos. Assim, por exemplo, no seu Art. III se escreve que às mulheres serão asseguradas as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2006). Isso é reforçado pelo § 1º, que afirma que “o poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 2006, p.1).

O efetivo cumprimento desta lei pelos órgãos inseridos nas políticas públicas de segurança e saúde esbarra com empecilhos como, por exemplo, a falta de profissionais treinados para o atendimento à mulher e de Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher em todos os municípios, o que leva algumas mulheres a não se deslocarem até esses órgãos, por causa dos custos que isso implica, e a não se utilizarem das delegacias comuns pelo receio de serem julgadas, com base na construção social de que ‘em briga de marido e mulher ninguém mete a colher’ ou da sugestiva resolução através da conversa e da reconciliação doméstica.

Esta construção social ou perspectiva de gênero afirma que

Homens e mulheres aprendem e internalizam, desde muito cedo, o seu sexo social. Isso se dá a partir de estereótipos culturais, que expressam o consenso generalizado de imagens atribuídas ao homem e à mulher. Socialmente, são exigidos, reproduzidos e naturalizados como próprios do comportamento masculino, a força, a agressividade, o destemor, enquanto que, ao contrário, das

mulheres se exige a suavidade, a abnegação e a obediência. Isso determina uma hierarquia de desigualdades nas relações entre homens e mulheres, que se constituiu e institucionalizou historicamente em supremacia e dominação masculina, ao lado de inferiorização e subordinação feminina. A naturalização do comportamento agressivo e dos modos violentos que parecem determinar a masculinidade leva muitos homens a desconsiderarem atos violentos como aqueles praticados em suas relações conjugais (DINIZ, 2003, p.82).

Tais atos se manifestam na privação arbitrária da liberdade e na manipulação afetiva, como nos mostra o trecho do DSC abaixo, além da agressão física propriamente dita; o companheiro agressor priva a mulher de seus laços afetivos e ela se torna ‘presa’ de um amor possessivo, que deseja sua presença constante e exclusiva e propõe filhos. Na família moderna, é comum encontrarmos casais que se juntam e já trazem consigo filhos de outras relações, podendo estes casais ter filhos em comum ou não. As mulheres, em seu discurso, refletem sobre o passado de seus companheiros e analisam, no processo decisório do aborto provocado, o comportamento que estes tiveram e têm em relação a filhos e/ou a mulheres que tiveram.

[...] Ele me prendia muito, ele não deixava eu falar com ninguém, não deixava eu sair, não queria que eu falasse com minha mãe, com a minha tia, depois que eu conheci ele, meu relacionamento com minha mãe mudou muito. Ficou um relacionamento muito agressivo, eu não saía com minha mãe, não brincava com minha mãe, só saía quando ele queria, aquela pessoa muito presa muito distante de todo mundo. Por ele eu já teria tido um filho, porque ele fala direto que quer um filho comigo. Só que pelo fato dele não dar muita atenção, carinho, não ser uma pessoa assim que se preocupa com os filhos, eu acho que com o meu vai ser a mesma coisa, eu já tenho três, o pai não dá muita atenção, não dá as coisas que precisa, já pensou com quatro na mesma situação? pra mim ia ficar difícil[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 2, idéia central síntese 2.D. (APÊNDICE G, p.191)

5.2.2 O discurso das mulheres sobre a relação com a família

A seguir, apresentaremos o discurso do sujeito coletivo e as idéias centrais-síntese surgidas da pergunta aberta ‘Fale um pouco da relação com sua família e/ou família do companheiro’ e presentes neste discurso sobre a relação das mulheres com seus familiares.

De acordo com o Ministério da Saúde (2002), família é um grupo de pessoas com vínculos afetivos de consanguinidade ou de convivência. A família é a responsável pela transmissão dos

valores e costumes que levam à socialização dos indivíduos em primeira instância, contribuindo para a formação das personalidades e da bagagem emocional das pessoas (BRASIL, 2002).

Representando a forma tradicional de viver e uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade, a família operaria como espaço de produção e transmissão de pautas e práticas culturais e como organização responsável pela existência cotidiana de seus integrantes, produzindo, reunindo e distribuindo recursos para a satisfação de suas necessidades básicas (CARVALHO, 2003, p.109).

A família é fruto das transformações sociais que ocorreram na família nuclear, composta por um homem, uma mulher e seus filhos, com um enfoque privado, um interesse crescente de estar juntos, se ajudando mutuamente em suas necessidades básicas: a família contemporânea é relacional e se caracteriza pela preocupação de homens e mulheres com seus territórios pessoais dentro do ambiente doméstico, pelo caráter público, de vigilância do Estado e pelo direito dos pais de punirem os filhos (SINGLY, 2007).

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a família deixou de ser patriarcal, uma vez que esta nova mulher está cada vez mais assumindo o papel de provedora: de forma que os interesses individuais sobressaem aos interesses comuns, o casamento tem enfraquecido enquanto instituição e o número de divórcios está aumentando. E não apenas isso, também a sexualidade tem alterado a composição familiar: hoje não é raro ver famílias formadas por relações homo afetivas, ou por parentes ou indivíduos que convivem juntos por razões de trabalho ou estudo (SINGLY, 2007).

Os discursos que serão analisados abaixo têm relação com o aborto provocado no contexto das relações familiares.

Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com a Família – Salvador – Jul. a Set. 2008

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	4. A. - Mãe privava de muita coisa quando criança, sempre gostou mais de filho homem, hoje a trata com ignorância e isso pesou na decisão de abortar.
02	4.B. - Pai é sempre ofensivo, bebe e xinga, todo mundo tem medo dele por isso faz aborto escondido.
03	4.C. – O pai de meu filho me ajudou muito; quando o médico perguntou sobre o aborto não falei que

	eram dois para não complicar o pai da criança.
04	4.D. - Não tem pai, nem mãe, os irmãos são desunidos, a única parente próxima é uma tia.
05	4.E. - O relacionamento familiar é bom, ama os parentes porque o marido não vale nada.
06	4.F. - A cabeça fica perturbada com a gravidez porque não curtiu a vida de casado; se sente aliviada após aborto, mas tem vergonha de encarar a família.
07	4.G- Avó parou de falar com ela, devido a relacionamento homossexual e mãe da companheira não aceita a relação.
08	4.H. - A relação com sogro e sogra é boa, mas o cunhado quer separá-la do irmão, bateu, xingou, colocou pra fora de casa.

4. A. - Mãe privava de muita coisa quando criança, sempre gostou mais de filho homem, hoje a trata com ignorância e isso pesou na decisão de abortar.

Esta idéia central-síntese retrata a relação de violência entre mãe e filha onde desde a infância, ou seja, aqui a identidade destas mulheres foi construída em espaço familiar eivado de agressões.

Para Rosaldo (1979), a identidade feminina se constrói a partir de sua convivência com a mãe, no aprendizado das maneiras e atividades desenvolvidas por esta naturalmente no cotidiano. A jovem pode se desenvolver sem conflito; porém, “crescer como subordinada pode ser difícil e se a mãe assumiu uma auto-imagem depreciadora, a identificação com ela dificilmente não será problemática” (ROSALDO, 1979, p.42).

Eu não sei dizer como era a relação com minha mãe, desde criança ela me priva de muita coisa, não deixava usar short. Ela era muito cuidadosa, queria os filhos todos juntos dela, e sempre gostou mais de menino homem, ela disse que se pudesse tinha os filhos todos homens. Eu quando era pequena, vivia fugindo, ela mandava meus irmãos me procurar, aí quando eu voltava da casa de minhas amigas, ela me batia e eu fugia de novo. Minha relação ruim com minha mãe começou quando eu tinha onze/doze anos, ela levava a gente pra igreja e dizia que ela era crente e eu também era, até me batizei. Aí eu arrumei um namorado que gostava muito de mim, eu dizia que ia estudar e ia namorar escondido. Um dia ele tomou coragem e foi falar com ela, ela fez a maior ignorância, jogou água. Meus dois irmãos mais velhos se juntavam para bater nele. Tomei raiva de meus irmãos, de meu pai, de minha mãe, aquilo foi juntando e com dezesseis anos eu fugi de vez com uma pessoa (namorado) que eu nem gostava muito, mas me deu a mão e me

apoiou e disse eu tenho pra onde te levar; com três meses eu voltei pra casa e ela disse aonde eu tinha ficado três meses ficasse pro resto da vida, que só me queria de volta se um dia ela precisasse[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.A. (APÊNDICE G, p.216)

O contexto relacional familiar das mulheres que abortam revela uma desestrutura emocional que vem desde a infância e onde não há respeito pelas idéias e desejos dessas mulheres, quando a educação é firmada pela força física e não pelo diálogo. Para Ricas (2006, p. 152), “O respeito à criança e a garantia de seu reconhecimento como cidadã perpassa por questões que vão além da não utilização do castigo corporal. Muitas vezes, são aplicados castigos sob formas veladas, com alto grau de violência psíquica, em nome da manutenção de costumes e bons hábitos, arraigados em determinadas sociedades”.

No trecho do DSC acima, as condutas da mãe na educação da filha adolescente pode não ser percebida pela primeira enquanto violência; mas encontramos traços de violência psicológica quando a mãe priva a filha do uso de roupas, de ter namorado, da imposição religiosa, bem como quando parte para a agressão física. No que se refere à preferência da mãe por filhos homens e sua verbalização, bem como o papel que dá aos filhos de procurar a irmã, bater nela e em seu namorado, pelo fato de ela ser mulher, nos remete à discussão de gênero. Ao fortalecer a hierarquia dos irmãos homens sobre as mulheres, reforça-se a teoria do Patriarcado, que afirma que a subordinação feminina vem da necessidade do macho de dominar a fêmea, em outras palavras, é o poder masculino que subordina a mulher ao ambiente doméstico e isso está socialmente aceito e consolidado (SCOTT, 1993).

A partir disso, a família entra em crise se as relações de gênero demonstradas pelos pais, que em princípio servem de modelo, não forem equilibradas. Há alguns momentos na história de vida das famílias em que o sistema de relacionamento pode estar rompido e corrompido: um ou mais integrantes da família podem não estar em harmonia. Isso pode se dever a discordâncias em suas possibilidades de ser, perceber, compreender e interpretar o mundo individual e o mundo familiar, de onde surgem modos alternativos que não permitem a abertura do outro para ele (DELGADO, 2005).

Vejamos o trecho (4.A.) abaixo:

[...] Ela não deixa eu almoçar direito, me nega comida, me nega tudo. Antes de sair pra ela trabalhar ela diz: - ah fecha meu quarto, pra ninguém entrar ni meu quarto, tranca tudo dentro do quarto pra eu não comer. Aí já pensou: eu com filho, com filho ia ser pior ainda, não ia dá nada, não ia ajudar, ia querer que eu passasse fome, eu ia passar fome, (pausa) eu ia ficar com fome, e quem ia me dar? Ninguém. [...] Eu não tenho aquela liberdade de sair e chegar dez horas. Em casa, ela quer que eu fique presa aí ela xinga tudo, entende, que não presta, que eu só ando com quem não presta, e isso vai revoltando né? Me revolta, eu já sai de casa uma vez, e pra sair outra é daqui pra ali. Tipo assim, eu tenho muita amiga lésbica, sabe, que eu converso mesmo, não tenho preconceito nenhum; só que aí ela ficou falando que eu era sapatona e aí me botou pra fora. E eu disse: - é a senhora já abortou tanto e ela não diz nada, ela fica calada. Eu fumo, bebo diariamente e minha irmã faz tudo embaixo do pano, então ela acha que quem é a mais errada de casa sou eu. Ela tem problema no coração, aí qualquer coisa que eu falo ela começa a se tremer e diz que se morrer a culpada vai ser eu mesmo [...] Pra ela é como se eu não fosse nada entendeu? Se eu não ligo pra ela, se não ir lá vê ela, se eu não mandar uma mensagem, uma carta ela também não faz nada, não liga, faz de conta que eu não existo.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.A. (APÊNDICE G, p.216)

O discurso acima assinala a vivência de violência na relação mãe-filha: nesta se vê que a comunicação é unidirecional e arbitrária. Aí a disciplina está vinculada à idéia de autoridade pela força e pela violência. Assim sendo, para controle e domínio de seus filhos, muitas mães e pais percebem a educação como sendo sinônimo de violência física, medo, uso da ameaça, abandono, retomando um modelo antigo de educação que difere da educação moderna (ARPINI, 2003).

A família monoparental, citada no discurso das mulheres, condiz com o que acontece atualmente no Brasil, ou seja, a mãe tem se tornado a única responsável por manter o domicílio quando o marido morre, quando o casal passa por instabilidades financeiras ou quando da ausência da figura masculina. Segundo Arpini (2003), a ‘mãe’, diante da ausência de um ‘pai’, temendo que seus filhos e filhas não a respeitem e venham a desconhecer os limites, precisam ‘manter as rédeas’ da situação, para isso se utilizando da violência. Porém, a autoridade no sentido essencial da palavra não necessita de coerção ou persuasão, antes exigindo respeito pela pessoa (ARENDETT, 1994).

Veremos nos trechos do discurso a seguir (DSC 4.A.) que a violência doméstica gera um distanciamento emocional entre mãe e filha e reforça laços afetivos adjacentes. Um dos discursos relata o abandono vivenciado desde a infância, a negligência da mãe com relação ao seu processo de desenvolvimento enquanto pessoa, a falta de uma relação amorosa, e a tomada de decisão a partir desta formação identitária, associando o aborto à ausência do afeto materno. Rinaldi (2003) discute que é a partir da relação da menina com ela mesma, com a sua mãe e a mãe de sua mãe,

que seu 'ser mulher' será construído, por meio de um processo de invenção e criação da feminilidade.

[...] O meu coração para ela está bem fechado, não sei se eu chegar em casa hoje ou amanhã se eu vou falar com ela normal, pra mim tanto faz como tanto fez. Quem me criou foi minha vó; minha vó me dá mais carinho, mas minha mãe não, minha mãe é mais ignorante. Ela xinga, bate, me esculhamba. Quando eu era pequena ela saía pra rua e chegava no outro dia; eu tinha uma mãe de leite, minha vó que me criava. Até hoje ela não me considera como filha não. [...] Sabe, quando eu tinha quatorze anos de idade minha mãe arranhou uma casa própria e pediu pra eu passar uns dias com ela; desses dias fiquei dois anos com ela, depois ela arranhou um namorado e pediu pra eu morar com meu pai, porque ela ficou com medo de eu dar em cima do namorado dela [...] De certa forma pesou (na decisão de abortar), porque eu não tive o carinho de mãe, sempre tive o de avó, de tia, mas não é a mesma coisa, sempre fui muito carente de mãe. Nunca tive apoio, quando fiquei moça pela primeira vez tive que contar a meu pai, mas pai ficou feliz, só que eu não queria contar a meu pai, eu queria contar a minha mãe; aí eu contei a minha tia, minha avó, porque tinha que saber, mas queria contar pra minha mãe quando dei meu primeiro beijo, quando eu tive meu primeiro namorado, sempre quis contar tudo pra minha mãe. Só que não podia porque ela nunca tava comigo, sempre tava distante; minha mãe tem mais dois filhos, esses dois filhos minha mãe deu tudo, só ficou eu; eu que meu pai me arrebatou da mão dela e me tomou pra criar, se não até eu ela dava aos outro pra criar; eu não conheço meus irmãos, eles são mais velhos, vai ver eu até me relacionei e eu não sei. Aí eu fico assim pensando assim: por que será que minha mãe me trata dessa forma, o que será que eu fiz a ela, será que no momento que ela me teve ela não me desejou? Da mesma forma que eu não desejei o meu agora? Aí eu acho que se minha mãe tivesse assim totalmente sempre comigo isso não teria acontecido, ou se tivesse acontecido eu não teria abortado, entendeu? [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central-síntese 4.A (APÊNDICE G, p.216)

Isso remete mais uma vez ao debate de Rosaldo (1979) sobre a formação da personalidade feminina; em decorrência das suas vivências com a mãe na infância e na adolescência, percebemos que o DSC acima aponta uma carência por parte das entrevistadas: o desejo de ter compartilhado com a mãe as experiências de sua juventude nos dois principais marcos da sexualidade da adolescente, a primeira menstruação e o primeiro beijo.

Em diferentes culturas, a menstruação tem sua importância: é o sinal biológico de que a mulher está preparada para a reprodução da espécie, principalmente porque a sua ausência, em mulheres com ciclo menstrual regular, denota uma provável gravidez (SARDENBERG, 1994). Cada mulher vivencia esta passagem da infância para a puberdade de forma diferente, e traz com ela crenças, tabus e significados geralmente compartilhados com outras mulheres.

4.B. - Pai é sempre ofensivo, bebe e xinga, todo mundo tem medo dele por isso faz aborto escondido.

O modelo tradicional de pai é pautado em imagens do pai rígido, distante, investido de autoridade, mais comprometido com a disciplina, a norma e a punição do que com a relação afetiva pai-filho (NOLASCO, 1993). No DSC abaixo, as mulheres relatam esta vivência com um pai tradicional.

[...] com meu pai é horrível. [...] Meu pai é engraçado, ele fica calado o tempo todo, só fala quando minha mãe fala e é sempre ofensivo, nunca tem uma palavra de conforto. Meu pai é muito crítico, tudo ele critica, ele ofende a pessoa que nem sente. Ele é brabo mesmo, qualquer coisinha ele gosta de bater, essas coisas, mas hoje ele não me bate mais; ele bebe, fica esculhambando, não vou mentir. Aí eu digo: - pô imagine se eu tiver grávida, o que é que ele vai falar de mim, o que é que ele vai falar às pessoas, fiquei pensando assim, por isso que minha mente ficou muito perturbada e eu fiz as coisas sem pensar direito. [...] Aí pronto todo mundo tem medo dele, de pai. Ele não gosta que eu faça aborto, ele diz se engravidar dez vezes, dez vezes é pra parir. Aí eu faço escondido dele. Só que ele é um tipo de pai bem antigo, ele acha que eu tenho que dormir cedo, então tem vezes que ele fala as coisas, eu não concordo e debato com ele. Aí ele disse que eu sou muito ousada porque eu falo assim: - poxa o senhor não me criou, eu já tô grande, já sou adulta e o senhor agora quer me botar de um jeito diferente da criação que levo? É que meu pai é o tipo da pessoa que não quer ficar comigo, ele quer ficar com aquilo que eu herdei. [...] hoje eu não falo com ele, não procuro, graças a Deus não preciso dele pra nada.
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.B. (APÊNDICE G, p.222)

No discurso acima, vemos uma representação do pai como violento, distante, aquela figura que critica, ofende, repreende, agride, impõe sua vontade e amedronta; analisando o papel do pai ao longo dos tempos, encontramos que o pai, na Antiguidade, tinha “sobre o filho direito de vida e morte, direito de castigá-lo à sua vontade, de mandar flagelá-lo, de condená-lo à prisão e até mesmo de excluí-lo da própria família, e à mulher condição jurídica inferior, pouco diferenciada na condição de seus filhos” (CAMARGO, 1998, p.33).

Mesmo com a modernidade e a evolução dos hábitos e costumes da família, encontramos muitos relatos de violência doméstica contra a mulher, cometida pela figura paterna, incluindo aí a violência sexual. Isso nos leva a dialogar com Camargo (1998), que aponta que nas relações familiares, na maioria dos casos, continua predominando o medo do açoite como repressão à desobediência ao pai ou a seu substituto e a violência como determinante do poder do pai sobre a esposa e os filhos.

Portanto, se o pai se utiliza da violência para um exercício do poder no lar é porque, na maioria das famílias, não existe mais a predominância deste pátrio poder nas relações atuais. Assim sendo, a figura do pai, que tinha como papel orientar os filhos, estabelecendo as regras e os limites domésticos, diante de uma juventude que cresceu sem a presença afetiva e efetiva de um pai, vem desaparecendo: os filhos não reconhecem mais sua autoridade.

4.C. – O pai de meu filho me ajudou muito; quando o médico perguntou sobre o aborto não falei que eram dois para não complicar o pai da criança.

No contexto do aborto provocado, encontramos também, neste estudo, as mulheres no papel de protetoras dos companheiros. Vejamos o DSC abaixo (4.C):

O meu (aborto) foram dois fetos, e eu não falei pro médico, ele não me perguntou por que eu ia dizer? Eu tomei porque eu quis; se falar uma coisa dessa chama o pai da criança, quer saber por que fez, por que não fez, chama o pai da criança, dá até cadeia. Eu não vim no dia que tomei porque iam me fazer muita pergunta e eu não ia complicar a vida dele com vinte e três anos, ele trabalha coitado e me ajudou muito; se fosse outro saía de baixo, ele foi bom.
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central-síntese 4.C. (APÊNDICE G, p.225)

Pode-se extrair do discurso acima descrito que quando o companheiro lhe dá apoio, a mulher quer protegê-lo de qualquer complicação jurídica, assumindo que realizou o aborto por vontade própria e tomando para si só a responsabilidade. Assim, fica claro que cabe a ela decidir sobre seu corpo e sua vida, assim como é evidente que ela conhece a legislação que no Brasil considera crime provocar o aborto. De acordo com Bittencourt (2008), o Código Penal de 1940 considera um delito tanto o aborto provocado quanto o consentido: o primeiro é aquele em que a mulher assume a responsabilidade pelo abortamento e o segundo aquele que a gestante, embora não provoque, consente que alguém o faça.

Diante destes fatos, a mulher acredita que se no atendimento médico se descobrir que o aborto foi provocado, a responsabilidade tanto civil quanto criminal recairá igualmente sobre o companheiro. É ele que ela tenta proteger quando guarda silêncio e tarda a procurar por assistência médica.

4.D. - Não tem pai, nem mãe, os irmãos são desunidos, a única parente próxima é uma tia.

O trecho do discurso abaixo (4.D.) demonstra que a mulher que aborta o faz, em alguns casos, em um contexto de desestruturação familiar, quando lhe falta apoio, e/ou depende dos filhos e do companheiro.

[...] Meu pai faleceu, eu não conheço não. Desde que eu nasci que eu não conheço meu pai não. Num é uma família assim unida (volta a chorar) cada um vive sua vida. Minha mãe era muito boa (permanece chorando) se eu ainda tivesse minha mãe, não passava metade dessas coisas. Ninguém sabe pra onde eu fui. Sabe que eu vim pra um hospital, mas não sabe pra onde eu fui. Meus irmãos são muito desunidos, um não liga para outro não. E aí eu só tenho mesmo, Deus, meus filhos, e às vezes ele né, meu esposo. Meu pai não conheci e eu fui registrada por um rapaz que gostava de minha mãe. Minha mãe faleceu de derrame cerebral tem oito meses, minha vida é um pouco complicada. Agora as únicas pessoas próxima a mim, é minha tia, só ela que fala comigo, me apóia em tudo. É a única parente que eu tenho, que me apóia em tudo é minha tia [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.D. (APÊNDICE G, p.226)

Percebemos neste discurso uma ausência de ambiente familiar que se responsabilizasse pela provisão de cuidados nos momentos em que a mulher estava mais vulnerável, tendo provocado o aborto.

A família se inclui entre as instituições sociais básicas..., é apontada como elemento-chave não apenas para a "sobrevivência" dos indivíduos, mas também para a proteção e a socialização de seus componentes, transmissão do capital cultural, do capital econômico e da propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre gerações (CARVALHO, 2003, p.109).

A violência doméstica ocorre paralela à violência urbana, já que a realidade, no âmbito público, repercute no comportamento e nas ações dos indivíduos no âmbito privado. Permeia todas as classes sociais, mas é na classe menos favorecida que ela se manifesta de forma mais marcante. “As desigualdades sociais e o contraste brutal entre opulência e indigência, as poucas oportunidades de emprego, de ascensão social e remuneração condignas levariam os pobres a se rebelar e a tentar recuperar o excedente de que foram expropriados” (MINAYO, p.5, 1998).

É nas grandes metrópoles, segundo Minayo (1998, p.4), que

a violência adquire um clima propício para o seu desenvolvimento já que abriga as variáveis como o tamanho das cidades, a aglomeração de pessoas, a perda de referências familiares e de raízes culturais favorecendo a formação de subculturas periféricas, à margem das normas e leis sociais, produzindo-se as chamadas "classes perigosas" e daí se originando a delinquência e o crime.

O próximo trecho do discurso (4.D.) retrata alguns aspectos destes problemas. Também demonstra de que forma a mulher que aborta vivencia, juntamente com a família, este contexto:

[...] E a gente já saiu de várias casas por causa de meu outro irmão porque ele fazia dizem que avião, ele era novo tinha dezoito anos na época que ele morreu. Avião é você ficar levando e trazendo as coisas dos outros, eu acho que é isso, eu não sei direito, é droga você leva e traz o recado pros outros; e a gente já tinha mudado várias vezes, minha mãe botou ele num centro de recuperação, não foi uma nem duas vezes, botou ele várias vezes num centro de recuperação, gastou dinheiro que não tinha. Ele pegava dinheiro da conta de minha mãe, não sei como ele conseguia pegar o cartão, ele pegava dinheiro da conta de minha mãe. Ele faleceu, foi um tiro, a gente até hoje não sabe quem foi, mas disse que foram as próprias pessoas que andavam com ele [...].

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.D. (APÊNDICE G, p.226)

Segundo Schenker e Minayo (2003, p. 305), “é verdade também que a família passa os seus valores e as suas crenças através das gerações, sendo a fonte primeira de acolhimento para os seus membros. Pelo fato de ser co-responsável pela formação dos indivíduos, a família está diretamente implicada no desenvolvimento saudável ou adoecido de seus membros”.

Neste discurso, percebemos como a violência urbana e o uso de drogas, penetram no ambiente doméstico por meio da delinquência juvenil.

O mais consistente e predizível vínculo entre violência e drogas se encontra no fenômeno do tráfico de drogas ilegais. Este tipo de mercado gera ações violentas entre vendedores e compradores sob uma quantidade enorme de pretextos e circunstâncias: roubo do dinheiro ou da própria droga, disputas em relação a sua qualidade ou quantidade, desacordo de preço, disputa de territórios, de tal forma que a violência se torna uma estratégia para disciplinar o mercado e os subordinados (MINAYO, 1998, p. 38).

Vale ressaltar que o contexto das relações sociais e familiares no qual as mulheres em processo de abortamento estão inseridas, não é analisado no espaço do atendimento à saúde,

tampouco as circunstâncias que levaram à decisão de abortar ou a fortaleceram. A mulher é culpabilizada, condenada e considerada como a única responsável pelo fato de ter se utilizado de uma substância abortiva.

4.E. - O relacionamento familiar é bom, ama os parentes porque o marido não vale nada.

Pra mainha tá difícil, por ser mãe, por ser evangélica e tudo, ela não concordou. Mas ela não sabia, eu tomei (medicação abortiva) escondido em casa. Eu sei que eu fiz uma coisa perigosa, por que escondido se eu tivesse uma reação, não ia ter ninguém pra me ajudar, que eu moro sozinha. Aí eu contei com ela, mas ela me deu apoio, porque mãe é mãe, né? [...] Meu pai é maravilhoso [...] Somos unidos, com minha família é maravilhoso, meus pais são tão queridos, meus irmãos [...] eu amo meus parentes demais, é a esperança, é tudo que eu tenho, eles e meus filhos, porque o resto, marido não vale nada!

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central-síntese 4.E. (APÊNDICE G, p.230)

O discurso acima mostra que as mulheres algumas vezes recebem apoio emocional dos familiares. Aqui, a mulher que aborta tem o acolhimento da mãe pelos laços de sangue e de afeto que as unem, mesmo sendo a genitora de uma religião que condena este tipo de situação. No âmbito religioso, que envolve esta mãe e muitas outras, a Igreja Católica mantém a posição ideológica, mesmo com o decorrer do tempo, a favor da vida, condenando, portanto, o aborto provocado.

Como es lógico, la Iglesia no puede permanecer indiferente ante el desarrollo demográfico de la humanidad, y la mejor manera de hacerse presente es mantener firme su posición respecto a la natalidad y la protección de la vida, postura que no puede ser modificada por la presión de la legislación civil, o de la moda social, o de falsas razones del corazón, ante las personas que sufren. Más que ir contra algo, se trata de ir a favor de algo: la vida, la persona misma, la familia, la sexualidad responsable, la naturaleza de las cosas, las situaciones que requieren una atención especial. Pero hay que saber con total claridad que el juicio moral del magisterio eclesiástico sobre esta materia ha sido siempre el mismo; no ha cambiado con el paso del tiempo (MERIZALDE, 2005, p.106).

Outro aspecto do mesmo discurso de que falamos, demonstra uma relação conjugal desvalorizada pela mulher e um marido retratado como ser desprezível. No ato de abortar, as mulheres se referem à solidão e à certeza de que o aborto é perigoso; isto confirma o que está dito

no estudo de Perez (2006), no qual a representação social das mulheres é de que o aborto é vivido de forma solitária, pois no momento da decisão elas não encontram apoio do companheiro e nem dos familiares. Estes tomam conhecimento da situação da mulher geralmente após a utilização da substância abortiva ou quando se encontram na unidade hospitalar em atendimento de emergência.

4.F. - A cabeça fica perturbada com a gravidez porque não curtiu a vida de casado; se sente aliviada após aborto, mas tem vergonha de encarar a família.

A mulher que aborta relata, no discurso a seguir, o sentimento de vergonha depois que provoca o aborto. Segundo Ferreira (1986), vergonha consiste em desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem, sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, timidez, acanhamento.

A cabeça fica perturbada demais, fica pensando mil coisa, a gente nem casou ainda, nem curtiu a vida de casado, pra filho entrar agora e tal. A gente nem construiu nossa casa direito, nem nada sabe, aí a gente fica perturbada. Agora (após aborto) eu me sinto bem melhor, agora eu me sinto mais aliviada, porque eu tava assim num sufoco, com medo, nervosa agora graças a Deus já passou tudo. Agora é a vergonha, muita vergonha de encarar minha família, muita mesmo. Eu não tenho cara pra chegar em casa, não tenho, a vergonha é tão grande! Mas vou ter que ir não tem jeito mesmo, não tem pra onde correr né?

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.F. (APÊNDICE G, p.232)

O fato de estar perturbada com a notícia da gestação vem da preocupação com a fase inicial de uma relação afetiva, que ainda não está nem emocional nem financeiramente estável. Constituir família é difícil e esta primeira fase da relação não é para a mulher para pensar em filhos. O DSC nos mostra que as mulheres do estudo vislumbram para o futuro um compromisso conjugal e a aquisição de bens em comum, mas não pensam no uso de métodos contraceptivos: daí, com a gravidez, elas se vêem ameaçadas na continuidade de sua relação com o companheiro e optam pela prática do aborto.

Em alguns casos, a sensação da mulher depois do aborto é de alívio, mas também principalmente de vergonha de encarar a família, porque socialmente o aborto é um ato que fere a moral. Segundo La Taille (2002, p.16) “moral é definida como um conjunto de regras restritivas da liberdade individual, de caráter obrigatório, cuja finalidade é garantir harmonia do convívio

social”. Na situação do aborto provocado, a vergonha vem associada a alguns aspectos discutidos por La Taille (2002): a exposição e o juízo.

A mulher que aborta faz um juízo de si mesma com base nos consensos sociais existentes; porém, mais do que isso, pensa em como será julgada pelo seu ato pelas demais pessoas daquele contexto, pela equipe de saúde que lhe presta assistência, até pela família quando de seu retorno a casa. Quanto a se expor, sua preocupação reside no fato de ter provocado o aborto numa sociedade para a qual esta situação é considerada crime e ainda ter que assumir diante do serviço de saúde e da comunidade sua atitude. A vergonha decorre do fato de que quando estamos expostos, há uma assimetria na relação de poder: quem está observando é sujeito na ação e quem está sendo observado é o objeto, de onde a vulnerabilidade do sujeito-objeto (LA TAILLE, 2002).

Tal vulnerabilidade, na mulher, se dá ainda pelas questões do gênero e pelo estigma do aborto que a acompanha: “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1988, p. 11). O termo estigma, segundo Goffman (1988), é algo profundamente depreciativo e o aborto se insere no estigma das culpas individuais: aí a mulher se vê enquanto criminosa e assassina do seu filho.

4.G- Avó parou de falar com ela, devido a relacionamento homossexual e mãe da companheira não aceita a relação.

No discurso abaixo (4.G.), se percebe que entre parceiras a violência doméstica e os desentendimentos familiares, pautados na não aceitação da relação por parte das famílias, também ocorrem.

No começo do meu relacionamento com ela (a companheira), minha vó falava comigo, depois parou de falar. Só que a gente começou a brigar muito e se agredir (ela e a companheira), aí minha avó hoje em dia não fala comigo. Sabe, eu não gosto da mãe dela e nem a mãe dela gosta de mim, eu não suporto a mãe dela. Isso, porque a mãe dela não sabia que a gente era entendida (homossexual), quem falou foi minha mãe. Então a mãe dela não aceita ela comigo, pode ser com outra mulher, mas comigo não! Até mulher dentro de casa a mãe dela já botou pra ela. Ela tem uma irmã, tem mãe dela, o pai dela mora longe de lá, tem avô, mas a gente não tem confusão não, não tem atrito não, porque ela (sogra) vive na casa dela e eu na minha.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central síntese 4.G. (APÊNDICE G, p.233)

A homossexualidade, segundo Giddens (2005, p. 119), é a “orientação das atividades sexuais ou dos sentimentos em relação a outras pessoas do mesmo sexo, existe em todas as culturas”. Em algumas delas, não ocidentais, elas são aceitas e encorajadas. O que se percebe na realidade brasileira é que a discriminação ainda perdura, assim como continua a existir um padrão social de relações afetivas heterossexuais, com críticas e preconceitos disfarçados a quem contraria esta construção de gênero.

Nas análises sobre a construção das identidades sexuais é de fundamental importância considerarmos também as questões de gênero. Afinal não estamos nos referindo a sujeitos abstratos, mas a homens e mulheres inseridos em determinados contextos perpassados por significados culturais que delimitam as fronteiras simbólicas do que é socialmente esperado em relação às masculinidades e às feminilidades. Significados culturais que se articulam a sistemas de significação mais amplos que, por sua vez, trazem as marcas das estruturas desiguais de poder presentes nas relações entre homens e mulheres (MADUREIRA; BRANCO, 2007, p.84).

A diversidade de orientações sexuais é separada, dividida, circunscrita a determinados espaços físicos e sociais: de um lado, os (as) heterossexuais (pelo menos explicitamente), de outro os (as) homossexuais. Desse modo a diversidade é "administrada" de uma forma bastante eficaz no sentido de evitar possíveis conflitos (MADUREIRA; BRANCO, 2007, p.86).

Percebemos esta administração dos conflitos no discurso acima, no qual entrevistada diz que não há problemas com os familiares porque a convivência das parceiras se dá em casas separadas.

4.H. - A relação com sogro e sogra é boa, mas o cunhado quer separá-la do irmão, bateu, xingou, colocou pra fora de casa.

O discurso abaixo denota uma convivência em um ambiente partilhado com a família do companheiro ou com a própria família; esta realidade é comum nas classes baixas brasileiras, nas quais várias famílias dividem o mesmo domicílio e por vezes o mesmo cômodo, por conta de

dificuldades financeiras. Neste sentido, são maiores as possibilidades de conflitos e violência doméstica.

É ótima (a relação) com a mãe e o pai dele e a irmã dele é boa, agora só que com o irmão dele que não é. Porque o irmão dele tem ciúme de mim, porque as namoradas dele nunca teve a liberdade, que a do meu marido, e ele nunca levou mulher dele pra ficar lá morando. Entendeu? E pelo fato dele ser mais velho que o meu marido. A gente discutiu essa semana, ele veio em cima de mim, a gente começou a discutir por causa disso, entendeu? Eu tava vindo pro médico direto, aí cheguei em casa, ele falou que não tinha comida pronta, que não sei o quê[...] Me xingou, veio em cima de mim, eu fui em cima dele. E ele (cunhado) não é gente boa, ele é gente errada, por isso que os pais dele nunca aceitou mulher dele lá. Gente errada porque ele é envolvido com todo tipo de coisa, é com droga, ele usa muita droga, muita droga mesmo. Ele foi até lá ontem drogado, procurar confusão. Mas eu não disse nada, fiquei lá no quarto. Ele (cunhado) fica me acusando dizendo que eu traí, ele fica tentando separar eu e ele (marido). Ele me disse tanta coisa e eu não cheguei pra o meu marido e não disse nada. Ele chegou pra o meu marido e disse um bocado de mentira, e ele me perguntou, eu não quis dizer, porque o pai dele e a mãe dele pediu, pra eu não dizer, pra ele não brigar. [...]Eu e a mãe dele é quem faz tudo. Faço, eu lavo a roupa dele, do meu marido, cozinheiro, mas a da irmã dele e a do irmão dele eu não lavo não porque eles podem fazer, não fazem é porque não quer. Só ajudo a minha sogra, ela eu ajudo.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 4, idéia central-síntese 4.H (APÊNDICE G, p.233)

Como se pode ver, a mulher se sente num espaço que não é próprio dela e de seu companheiro, por isso não tem privacidade, liberdade de escolha, submetendo-se aos atos violentos cometidos por familiares. Em virtude disso, ou seja, da falta de estrutura econômica e emocional para se criar uma criança, ela justifica o aborto.

5.2.3. O discurso das mulheres sobre a relação com o trabalho e/ou o estudo

A seguir, apresentaremos o discurso do sujeito coletivo e as idéias centrais-sínteses presentes neste discurso com relação à pergunta ‘Fale um pouco da relação com trabalho/estudo’.

Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com o Trabalho e/ou o Estudo – Salvador – Jul. a Set. 2008

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	6.A.-Trabalhava e sustentava irmãos; tá desempregada, agora abriu um negocinho em casa mesmo, se não abortasse ia empatar seu futuro e não tinha como dar futuro ao filho.
02	6.B. - Trabalha, mas a mãe é que sustenta a casa, abortou porque não teve jeito.
03	6. C. – Desempregada e é sustentada pelo companheiro (a).
04	6.D. - Precisa ter alta antecipada para voltar ao trabalho, não vai apresentar atestado médico para não perder o emprego.

6.A. - Trabalhava e sustentava irmãos; tá desempregada, agora abriu um negocinho em casa mesmo, se não abortasse ia empatar seu futuro e não tinha como dar futuro ao filho.

As taxas de desemprego ou desocupação diminuíram entre 2003 e 2007. Em 2007 era de 7,4% para homens e de 11,6% para mulheres (IBGE, 2008); porém, para uma grande maioria da população, que não possui vínculo trabalhista e depende de atividades autônomas temporárias e não tem renda fixa, a situação econômica no Brasil ainda é precária.

Vejamos o trecho do DSC abaixo:

Tenho dois anos desempregada, então eu abri um negocinho pra mim assim na sala de minha casa, umas bobagens cerveja pra levar, refrigerantes, queimado tudo né? E fiquei morando só no quarto e na cozinha, agora eu tô com um emprego em vista. Tô na expectativa aí pra vê, porque mandaram eu aguardar. É na prefeitura, de cozinha na escola pra fazer lanche, essas coisas pros meninos. Enquanto isso, eu vendo revista, mas eu não me sustento totalmente, porque eu vendo revista, o que dá eu boto em casa, o que não dá eu não boto. Eu fico em casa também, e fico na casa com meus pais. Aí volto pra lá, porque ele (companheiro) não arranjou um trabalho ainda, porque se ele arranjasse, eu tava lá (casa do companheiro) fixa. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.A. (APÊNDICE G, p.257)

O discurso das mulheres justifica a prática do aborto baseada na falta de trabalho com renda suficiente para prover as necessidades de uma criança, falta de moradia e na violência. Mesmo com a renda instável e baixa, elas assumem o papel de provedora com o desemprego do companheiro.

[...] É porque se eu tivesse um trabalho, mas eu faço bico, hoje em dia eu ganho trinta, eu faço faxina, lavo roupa, de ganho, ganho o que, quinze, trinta reais, só que o quilo do feijão é cinco reais, dá o dinheiro todo, o leite tá caro, se eu deixasse essa criança, essa criança ia morrer de fome, nesse mundo cheio de violência. Hoje em dia, botar filho no mundo, só quem quer realmente. Eu ia empatar meu futuro e não ia dar futuro pro meu filho, não tenho casa própria. Aí eu resolvi não ter; mas só por causa disso, mas eu não tirei porque era gostoso, era charme não, foi porque a necessidade que me obrigou. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.A. (APÊNDICE G, p.257)

De acordo com Santos (2006), numa pesquisa de Projeto de Iniciação Científica - PIBIC, com 147 mulheres em situação de aborto provocado, realizada em uma maternidade pública de Salvador na Bahia, as condições financeiras estão diretamente relacionadas com a questão da decisão de abortar (36,7%): outros motivos alegados foram a violência doméstica (27,9%), a “Idade Jovem” (19%) e “Atrapalhar os planos no futuro” (10%).

[...] Já ele (companheiro) sempre queria que eu ficasse dentro de casa, dependendo dele por tudo. Depois que eu comecei a trabalhar ele disse que eu fiquei muito ousada, que comecei a ter minha independência, mas pra mim meu trabalho além de minha saúde, meus filhos, é tudo pra mim. Eu sinto ter que tocar nesse assunto né? Porque a gente não pode desabafar com todo mundo e às vezes, a gente chega no hospital criticam por a gente fazer este aborto mas (permanece chorando) ninguém procura ouvir por que a gente faz isso, é difícil. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.A. (APÊNDICE G, p.257)

O discurso acima nos mostra que embora não tenha emprego nem renda fixos, o companheiro não aceita a perda do papel de provedor da família, tentando impedir que a mulher trabalhe, seja fora seja dentro de casa. Ainda assim, o fato de a mulher buscar sua independência mantendo a casa contra a vontade do companheiro é visto por ele como ousadia. As mulheres com tarefas consideradas menos qualificadas e relacionadas com o ‘trabalho’ doméstico conseguem ter seu próprio dinheiro. O mesmo não acontece com os homens, que dependem do espaço público para trabalhar e serem valorizados.

Bourdieu (2003) afirma que apesar de a circunstância mudar os papéis socialmente definidos pra o masculino e feminino, o homem mantém a expressão de poder e dominação do espaço público. Assim,

a mesma relação de dominação pode ser observada, sob várias formas diferentes, nas condições femininas mais diversas, que vão da dedicação benévola das mulheres da grande burguesia dos negócios e do dinheiro a seu lar, ou a suas boas obras, à dedicação ancilar e “mercenária” das empregadas da casa, passando, no nível da pequena burguesia, pela ocupação de um emprego assalariado complementar ao do marido, compatível com ele, e quase sempre exercido como algo inferior. A estrutura da dominação masculina é o princípio último dessas inúmeras relações de dominação/submissão singulares que, diferentes em sua forma segundo posição, no espaço social, dos agentes envolvidos [...] separam e unem, em cada um dos universos sociais, os homens e as mulheres (BOURDIEU, 2003, p. 127).

6.B. - Trabalha, mas a mãe é que sustenta a casa, abortou porque não teve jeito.

No discurso que se segue, a mulher afirma que é sustentada pela mãe, embora trabalhe; numa relação desrespeitosa, a mãe invade a privacidade e revela a gestação da filha da mesma, gerando constrangimento no ambiente do trabalho e conflito familiar. De acordo com La Taille (2002), o segredo faz parte do universo da honra. Deste ponto de vista, uma das funções do segredo é proteger a pessoa de agressões materiais e de sentimentos de vergonha e/ou humilhação, que poderiam ocorrer se suas confissões viessem a público, garantindo-lhe assim a integridade física e patrimonial.

O que o discurso do sujeito coletivo abaixo denota é o temor da revelação do segredo por parte das mulheres e os prejuízos patrimoniais decorrentes da descoberta da gestação, principalmente a possível perda do emprego.

Eu faço primeiro ano, trabalho fora, mas minha mãe me ajuda. E vou levando a vida e pai pra mim, eu não tive, pai pra mim foi meu padrasto. [...] Minha mãe ligou pro meu trabalho e falou com a moça que eu tava grávida, aí a moça me perguntou eu briguei com a moça um bocado. Mas eu tô no trabalho ainda, ela (patroa) ficou com cara feia porque eu não quis falar a ela que eu tava (grávida). [...] Só que minha mãe desconfiou porque meu peito tava grande (pausa). Eu fiquei constrangida, porque eu acho que não tinha nada a ver minha mãe chegar no meu trabalho e falar (pausa) uma coisa que aconteceu comigo e falar o que aconteceu, porque é uma coisa íntima de família, não, ela comentou com todo mundo o que aconteceu comigo. E ainda ela perguntou quem era o pai do meu filho pra moça do trabalho. O que a moça do trabalho tem a ver com isso? [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.B. (APÊNDICE G, p.261)

O discurso acima nos leva a uma reflexão do porquê do receio das mulheres que trabalham quando da descoberta da gestação por parte dos empregadores, mesmo existindo uma lei trabalhista que as ampara. A lei de proteção à maternidade foi sancionada desde 1943 com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) na seção V, Art. 391. “Não constitui justo motivo para a rescisão do contrato de trabalho da mulher o fato de haver contraído matrimônio ou de encontrar-se em estado de gravidez” (BRASIL, 1943). E mais recentemente, a lei nº 11.770, de 09 de setembro de 2008, prorroga a licença-maternidade mediante concessão de incentivo fiscal por mais sessenta dias, o que antes era de 120 dias. Percebe-se que a maioria das mulheres conhece seus direitos em relação à proteção da maternidade no trabalho, porém teme a perda do emprego.

O medo de perder o emprego está associado com outros sentimentos, como revelado no discurso abaixo:

[...] Fiquei desesperada [...] Fui lá conversei com ele, aí ele disse: - Então espere que eu vou te dar o remédio (abortivo), pra você tomar;, aí eu falei tá certo. Sábado cê vem aqui, que eu te dou. Aí quando chegou sábado ele sumiu, simplesmente, nunca mais vi; só semana passada, que ele apareceu um dia só, veio conversar comigo, porque o colega dele levou ele lá e depois falou: - ah é com você, então pronto, problema seu, se vire! No que você quiser! Aí sumiu de novo, nunca mais eu vi (pausa). Eu acho que nunca mais vou querer me envolver com ninguém, porque ele é um mau-caráter, vou ficar um bom tempo sem ninguém entendeu? Sei lá o que é de minha vida. Trabalhar, estudar. Fiz isso (aborto), porque não teve jeito, porque se tivesse eu teria. Eu não sei, porque tem pessoas que julgam né? as outras, acha que a gente fez porque é ruim, porque a gente é miserável, mas não é isso, é porque a gente num (pausa) pode mesmo. A gente sabe o que passa, só a gente e Deus sabe o que a gente passa.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.B. (APÊNDICE G, p.261)

O sentimento de desespero da mulher que aborta aparece após a revelação, para o companheiro, da gestação, que ignora o compromisso diante da gravidez e a abandona. E quem responde por essa decisão? Sobre isso, Duarte et al. (2007, p. 276) afirmam que “parece que a tendência é: quanto maior o equilíbrio de gênero na relação do homem com sua parceira, maior será a possibilidade de ele se perceber co-protagonista da decisão frente ao aborto”.

No processo do aborto provocado, a mulher se desespera, passa pelo abandono do companheiro, é julgada por familiares e nos serviços de saúde, ainda é avaliada por ter abortado. Motta (2005) assinala que a assistência prestada pelos profissionais de saúde às mulheres que

abortam é permeada de preconceitos e discriminação, daí o seu silêncio; se falam sobre o assunto, alegam que o aborto foi fruto de uma queda. O tempo mais longo de internação das mulheres que abortam é vivido em contato com profissionais de enfermagem e nessa prática “o constrangimento pode ser verificado durante o atendimento, transparecendo, em alguns profissionais, preconceitos pelo fato de perceberem indícios de as mulheres terem induzido o próprio abortamento” (MOTTA, 2005).

Nesse entendimento,

O caráter de criminalidade do aborto é percebido pelas profissionais de Enfermagem, e como tal, elas são contra esta prática, respaldando-se no aspecto religioso, que é pecado, é contra a lei de Deus, é contra a vida. Neste sentido têm dificuldade de assistir as mulheres que optaram em provocar o aborto pela sua concepção de que são criminosas (GESTEIRA, 2006, p. 205).

6. C. – Desempregada e é sustentada pelo companheiro (a).

Para o censo do IBGE (2008, p.19), desempregadas ou desocupadas são “consideradas as pessoas que não estavam trabalhando, e que estavam disponíveis para trabalhar na semana de referência e tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho nos trinta dias anteriores à semana em que responderam à pesquisa”.

O trecho do discurso a seguir mostra que a mulher que aborta ou sofre violência doméstica está desempregada e depende totalmente dos rendimentos de seu companheiro.

Desempregada. Atualmente eu não trabalho, meu marido trabalha, eu só fico em casa, cuidado da casa e dos meus filhos. Ele é que sustenta a casa paga aluguel, tudo. Trabalha e não deixa faltar nada pra mim. Tudo que eu quero, é creme, tudo me dá. Eu parei de estudar, é, eu só fico em casa. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.C. (APÊNDICE G, p.265)

A dependência financeira leva as mulheres a uma limitação em sua capacidade de decidir sobre a própria vida. De acordo com Singly (2004, p. 151), “a mulher nas situações em que ela não tem uma atividade assalariada, ela só vive pela mediação das remunerações que o marido aceita transferir para a sua família”.

Sendo assim, algumas mulheres, em seu discurso, demonstraram o desejo de buscar alternativas para completar os estudos e sair deste contexto de desemprego e dependência. Vejamos o trecho do DSC abaixo:

[...] Este ano que vem eu tava querendo me inscrever no pró-jovem, porque eu tenho vinte e três anos, não acabei meus estudos; mas só que a moça disse que eu não vou poder porque tinha que ter uma transferência, e a última vez que eu estudei foi lá em Minas, aí no caso teria que ter a transferência de um ano e eu não tenho, entendeu? Mas eu quero arrumar um trabalho pra ocupar a mente, ver se muda alguma coisa na vida né? Porque eu tenho três filhos pequeno pra criar ainda e tenho que procurar me prevenir mais.[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.C (APÊNDICE G, p.265)

A inserção social desta mulher pode ser viabilizada pelas políticas públicas, e o discurso acima aponta o ProJovem⁶ como uma destas alternativas. Contudo, o DSC destaca uma dificuldade para a efetivação deste programa, a saber, quando se solicita uma transferência escolar proveniente de outro estado; assim sendo, a mulher que aborta e tem histórico de violência doméstica, que vê nas políticas públicas anunciadas pela mídia uma tentativa de sair do contexto repressor em que vive, é impedida pela burocracia. As informações veiculadas no site oficial do programa na rede mundial de comunicação por computadores (internet), são de, que para se inscrever no ProJovem, “ basta ter em mãos a carteira de identidade ou a certidão de nascimento” .

E para se matricular, os pré-requisitos são “ter entre 18 e 29 anos, saber ler e escrever, ser avaliado por um teste de proficiência organizado sob responsabilidade da Coordenação Nacional e aplicado localmente, com supervisão do Sistema de Monitoramento e Avaliação; e não ter concluído o ensino fundamental (8ª série)” (BRASIL, 2005, p. 17). Por o ProJovem ser um programa que fornece uma série de benefícios⁷ ao participante, é compreensível que se faça uma

⁶ O Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (ProJovem) faz parte da Política Nacional da Juventude lançada em 2005 no Brasil; tem por finalidades específicas “a re-inserção dos jovens no processo de escolarização; a identificação de oportunidades potenciais de trabalho e a capacitação dos jovens para o mundo do trabalho; a participação dos jovens em ações coletivas de interesse público; a inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação; a ampliação do acesso dos jovens à cultura” (BRASIL, 2005, p. 4).

⁷ O programa oferece formação no ensino fundamental, cursos profissionais, aulas de informática e auxílio de R\$ 100,00 por mês. Tem duração de 18 meses. O ProJovem Urbano se destina a promover a inclusão social dos jovens brasileiros de 18 a 29 anos que, apesar de alfabetizados, não concluíram o ensino fundamental, buscando sua re-

triagem rigorosa na matrícula; percebo que as informações sobre a documentação e os pré-requisitos devem estar bem detalhadas nos meios de comunicação, e que a história e peculiaridades das jovens, principalmente das que sofrem violência doméstica, devem ser ouvidas no sentido de facilitar seu ingresso na atividade proposta.

6.D. - Precisa ter alta antecipada para voltar ao trabalho, não vai apresentar atestado médico para não perder o emprego.

O discurso a seguir relata o medo de entregar o atestado médico no trabalho e perder o emprego recém adquirido.

[...] Eu preciso entrar no trabalho amanhã de novo, mesmo que ela (médica) me dê um atestado eu não vou apresentar. Porque eu não posso perder meu emprego, supermercado; eu já tenho três semanas, mas a dona do mercado não pode nem saber disso (aborto), que ela perguntou logo a ele (companheiro): - ela não corre o risco de estar grávida, não? Se não ela não ia me contratar entendeu? Então se ela souber que ele mentiu... Vou trabalhar duas da tarde e eu tava trabalhando estes dias tudo quase sem aguentar, eu tava trabalhando a pulso, mas eu tinha que ir. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 6, idéia central síntese 6.D. (APÊNDICE G, p.267)

As mulheres em processo de abortamento têm um grande contingente de fatores estressores: a insegurança (no que diz respeito à permanência no trabalho), o medo de que as pessoas em seu ambiente de trabalho, a equipe de saúde e os familiares descubram o aborto provocado, além do medo de complicações biológicas, causando situações de estresse.

Segundo Born et al. (2005), o risco de Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres com gravidez não planejada é maior do que aquelas que desejaram a gestação, e pode aumentar se elas sofrerem privações e outros eventos traumáticos. Assim sendo, as mulheres que sofrem abortamento e violência doméstica estão mais sujeitas ao desenvolvimento de sintomas do transtorno de estresse pós-traumático.

A maioria dos serviços de saúde com os quais convivo no dia-a-dia ainda não despertou para a importância da escuta acolhedora e do atendimento voltado para os sentimentos e

inserção na escola e no mundo do trabalho, de modo a propiciar-lhes oportunidades de desenvolvimento humano e exercício efetivo da cidadania.

preocupações das mulheres que abortam e/ou sofrem violência: então, as mulheres só são atendidas para a curetagem uterina.

As mulheres que provocam o aborto, independentemente da justificativa, não podem usufruir da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT e se afastar do trabalho pelo período de duas semanas, pois no Brasil o aborto provocado é crime. Em virtude disso, elas trabalham em processo de abortamento e só procuram o serviço de saúde em turnos livres, quando percebem que o quadro clínico está piorando. Como todo o processo é feito às escondidas, o retorno ao trabalho não pode despertar suspeitas. Dessa forma, mesmo tendo em mãos o atestado médico, elas não o apresentam.

A CLT garante às mulheres o direito de afastamento do trabalho por atestado médico devido a alguma doença, para a realização de exames na gestação, licença-maternidade após o parto e aleitamento materno. Em seu artigo 395 afirma que “Em caso de aborto não criminoso, comprovado por atestado médico oficial, a mulher terá um repouso remunerado de 02 (duas) semanas, ficando-lhe assegurado o direito de retornar à função que ocupava antes de seu afastamento” (BRASIL, 1943, p.69).

O segredo pelo qual o procedimento de curetagem uterina é feito é protegido pelo Código de Ética Médica; no capítulo IX, art. 102, que aborda o segredo médico, se diz que é vetado ao médico,

...revelar fato de que tenha conhecimento em virtude do exercício de sua profissão, salvo por justa causa, dever legal ou autorização expressa do paciente. Parágrafo único: Permanece essa proibição: a) Mesmo que o fato seja de conhecimento público ou que o paciente tenha falecido. b) Quando do depoimento como testemunha. Nesta hipótese, o médico comparecerá perante a autoridade e declarará seu impedimento (BRASIL, 1988, p.9).

Ainda em relação ao Código de Ética Médica, o Art. 105 reza que o médico é proibido de “Revelar informações confidenciais obtidas quando do exame médico de trabalhadores, inclusive por exigência dos dirigentes de empresas ou instituições, salvo se o silêncio puser em risco a saúde dos empregados ou da comunidade” (BRASIL, 1988, p. 9).

5.2.4 O discurso das mulheres sobre a relação com a anticoncepção

A seguir, apresentaremos o discurso do sujeito coletivo e as idéias centrais- sínteses aqui presentes para a questão ‘Fale um pouco da relação com os métodos anticoncepcionais’.

Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Relação com a Anticoncepção – Salvador – Jul. a Set. 2008

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	7. A. - Tava tomando remédio, mas engravidou e sente culpa após aborto
02	7.B. - Engravidou porque se sente mal com medicamento, engorda, sente tontura e ânsia de vômito.
03	7.C- Parou de tomar anticoncepcional e não usava nenhum método, então engravidou e pegou sífilis.
04	7.D- Fica gorda com remédio e injeção, não usa camisinha porque parceiro não gosta.
05	7. E. - Usa camisinha, mas acha que estourou; quando não usa toma chá ou água com sal.

7. A. - Tava tomando remédio, mas engravidou e sente culpa após aborto.

As mulheres se utilizam de métodos anticoncepcionais porque não desejam uma gravidez; quando eles falham ou provocam efeitos colaterais e a gravidez ocorre, algumas a levam adiante, enquanto outras vêm no aborto provocado a única saída.

Eu tava tomando remédio, eu tava me prevenindo, mas engravidei. Mas é horrível, eu tô horrível, com aquela culpa, porque eu pedi perdão a Deus, eu sei que eu vou pagar isso de qualquer jeito eu sei que nada justifica tirar uma vida, né? só a Deus; mas, a única solução que eu achei foi essa. Se eu já tenho a minha (outra filha)? Se eu não tivesse, eu teria (pausa prolongada).

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 7, idéia central síntese 7.A. (APÊNDICE G, p.268)

No DSC acima, as mulheres referem sentir culpa, e ao pedir perdão a Deus, concebe o aborto como pecado. “O sentimento de culpa é o arrependimento por ter cometido algo errado a

si ou em relação à outra pessoa, enquanto o pecado envolve um ato ou pensamento contrário àquilo que foi ensinado na doutrina cristã católica” (GARCIA, 2006, p. 10).

7.B. - Engravidou porque se sente mal com medicamento, engorda, sente tontura e ânsia de vômito.

No discurso abaixo, as mulheres dizem que não se utilizam dos anticoncepcionais hormonais devido aos efeitos colaterais destes medicamentos.

Engravidou porque eu me sinto mal com medicamento, fico assim com tontice, ânsia de vômito e o parceiro não gosta de camisinha. E eu faço mais é tabelinha, aí engravidou. [...] Eu ficava indo lá o médico trocava o medicamento, nesse troca-troca eu acabei engravidando da terceira. Só que eu não gosto de tomar remédio porque todos que eu tomo eu não me sinto bem, e injeção porque me engorda. Eu era magra, aí tomei o remédio e fiquei assim, aí eu parei de usar o remédio e uso camisinha. Eu não quero tomar remédio que eu pegue corpo, quero que continue com o mesmo corpo; não sei se eu vou procurar informação, se bem que lá na rua tem um posto de saúde, só que eu pergunto lá se eu posso tomar remédio, que tipo de remédio eu tomo, só que lá ninguém sabe explicar direito, passa qualquer remédio e não pode ser assim, tem que explicar, porque eu sou magrinha e se eu pegar corpo minhas roupas não vão dar mais em mim. Discurso do sujeito coletivo, pergunta 7, idéia central síntese 7.B. (APÊNDICE G, p.269)

No que se refere à utilização de outros métodos, como citado acima o uso de camisinha e tabelinha num discurso vago em relação à continuidade. De acordo Brandão (2004, p. 78) “o domínio da contracepção inscreve-se em um processo de aprendizado e de tomada de decisão - individual e a dois – no qual o conhecimento dos métodos não é o elemento decisivo”. Ou seja, as mulheres fazem referência ao conhecimento dos métodos transmitido pelo serviço de saúde ou profissionais, mas como não satisfaz aos seus anseios quanto aos efeitos colaterais, decidem pela não utilização deles.

As dificuldades com os métodos anticoncepcionais é um fator de risco para o aborto provocado. Conforme pesquisa feita por Olinto e Moreira (2006), mais da metade das mulheres que induziram aborto não queriam ter mais filhos e relataram problemas com métodos contraceptivos.

7.C- Parou de tomar anticoncepcional e não usava nenhum método, então engravidou e pegou sífilis

Eu tomava o Ciclo 21, aí tem dois meses que eu parei. Foi o tempo que engravidei. [...] Dessa vez eu ultrapassei. Na verdade eu tava sem ninguém. Depois que eu me separei eu tava sem ninguém, se eu tava sem ninguém pra mim não servia. Depois quando eu conheci ele, aí aconteceu, eu engravidei, mas eu pensei em mim pensei mais em mim do que nele. Não era porque ele queria que eu ia deixar, pensei mais em mim entendeu? Eu conheci ele numa semana, quando chegou na outra a gente se viu de novo, aí rolou (relação sexual), não rolou no mesmo dia não. Rolou uma semana depois. Aí eu peguei falei pra ele: não tô tomando nada, já tinha acontecido já, aí eu falei pra ele eu vou tá grávida. Aí teve um dia que não vi minha menstruação descer, pensei e eu perguntei a ele também: é a gente se conheceu agora, você não ficou com medo de transar comigo sem camisinha? Ele pegou e falou assim: - é eu fiquei meio cabreiro assim, mas sei lá o que ia acontecer. Foi duas pessoas erradas, né, eu falei pra ele, foi duas pessoas erradas. A gente na hora da agonia, a gente não quis nem saber, mas isso é errado, eu falei pra ele. Assim como foi uma gravidez podia ser uma doença. Eu perguntei a ela, a moça do hospital, esta doença (a sífilis) como era, com quantos meses é que descobria que tava doente, ela disse que muitos meses, então acredito que foi do meu primeiro namorado. A gente usou camisinha e tudo, mas furou, não veio na mente pílula do dia seguinte, essas coisas toda a gente pensou que o remédio não ia fazer efeito; aí foi quando a gente descobriu que tinha um mês e quinze dias, aí eu fiquei com medo de falar a minha tia, aí quando fez dois meses eu contei a ela logo, porque eu fiquei com medo, aí saí e decidi abortar, mas eu usava.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 7, idéia central síntese 7.C (APÊNDICE G, p.271)

A conquista dos direitos reprodutivos ao longo dos anos trouxe para a mulher uma maior liberdade sexual, como vemos retratado no discurso acima.

As mulheres relatam relações sexuais que acontecem em um curto período de relacionamento e sem a preocupação de que o sexo de forma eventual e desprotegida pode resultar numa gravidez indesejada, apostando na sorte de acontecer ou não as consequências do ato como as Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST.

A mulher já possui o conhecimento da importância do uso do preservativo, e já ouviu falar da pílula do dia seguinte como prevenção da gravidez, mas não está segura quanto à eficácia desta. De acordo com o Ministério da Saúde (2008), a pílula anticoncepcional de emergência (pílula do dia seguinte) ajuda a diminuir o número de abortos provocados, na medida em que evita a gravidez não desejada.

Percebe-se que a maioria dos serviços de saúde e planejamento familiar não divulga amplamente a pílula do dia seguinte, devido a inúmeras questões ideológicas e religiosas que envolvem o seu uso, pois a doutrina religiosa, em particular a católica, traz que a pílula do dia

seguinte é considerada abortiva, e muitos profissionais partilham deste conceito. Para o Ministério da Saúde (2008) ela impede ou retarda a ovulação, diminuindo a capacidade dos espermatozoides de fecundarem o óvulo e por isso não é abortiva, não interrompe uma gravidez já estabelecida.

Nesta situação a mulher exerce uma liberdade sexual, mas não associa aos seus direitos sexuais, já que a forma de vivenciar o sexo não é segura. O Ministério da Saúde (2008, p.4) aponta como direitos sexuais,

- Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a).
- Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual.
- Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças.
- Direito de viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física.
- Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual.
- Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras.
- Direito de ter relação sexual independente da reprodução.
- Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada e de DST/HIV/AIDS.
- Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação.
- Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva.

Veremos no DSC a seguir que as mulheres além de não vivenciarem os direitos sexuais de forma plena, também não vivenciam os direitos reprodutivos, pois muitos parceiros não decidem em conjunto o método a ser utilizado, impõe o não uso do preservativo e restringe as possibilidades femininas de prevenção das IST e gravidez indesejada.

7.D- Fica gorda com remédio e injeção, não usa camisinha porque parceiro não gosta.

O DSC a seguir aborda uma situação importante na vida sexual feminina que é a dificuldade de negociação quanto ao uso do preservativo com o companheiro, resultando na

opção por coito interrompido e, por conseguinte, a gravidez não planejada. O relato das mulheres sobre o coito interrompido exemplifica o que nos diz o Ministério da Saúde (2008, p.42):

o coito interrompido, apesar de ser muito usado, não deve ser estimulado como método anticoncepcional, porque é grande a possibilidade de falha, pois o líquido que sai pouco antes da ejaculação pode conter espermatozóides. Às vezes, o homem não consegue interromper a relação antes da ejaculação. O coito interrompido pode gerar tensão entre o casal, pois a relação fica incompleta.

Eu fico muito gorda, e fico feia, por isso que eu não tomo injeção. E camisinha porque meu parceiro ele não gosta de usar camisinha, e fica naquela quando tiver perto de ejacular eu tiro (coito interrompido), mas sempre acontece um acidente dele deixar alguma coisa cair dentro. Aí que aconteceu isso, entendeu. Aí quando ocorreu: eu engravidei. É isso eu me arrisco e acabo aqui (na maternidade abortando) entendeu. Me falaram agora que tem um novo método aí que coloca na perna, eu pensei nesta possibilidade. De colocar esse aí, diz que dá um corte do lado da perna ou em algum lugar do corpo e coloca, eu optaria por ele.⁸ Porque o DIU colocar alguma coisa no útero está fora de cogitação, injeção porque me engorda e remédio porque sempre eu sinto alguma coisa, entendeu? E camisinha porque ele não gosta. Na época (que fazia programa) eu sempre usava camisinha, sempre aparecia um que dizia eu dou mais pra você ir comigo (transar) sem camisinha. Só que aí eu desistia, eu preferia ir pra casa sem nada, mas não optava por esta maneira, porque eu sabia que se eu pegasse uma doença, seria pior pra mim. Então eu optei, em não fazer, eu desistia do dinheiro, poderia ser o que fosse. Mas sempre aparecia um dando mais, eu dou tanto, eu dou tanto se você for sem camisinha, só que eu nunca aceitava porque eu sabia que no futuro iria me prejudicar.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 7, idéia central síntese 7.D (APÊNDICE G, p.274)

Por não conseguirem se adaptar a nenhum outro método anticoncepcional, as mulheres mantêm relações sexuais sem preservativos para não desagradar ao companheiro, e quando se percebem grávidas decidem provocar o aborto. Porém, vale ressaltar que em outro discurso, que não foi exposto na análise dos resultados, mulheres que fazem programas como profissionais do sexo, apontam o uso do preservativo não como passível de negociação, e sim uma condição imposta pelas mesmas para a prevenção de doenças.

Disso se apreende que existe uma representação social de que as relações sexuais no ambiente doméstico são menos arriscadas no que tange à transmissão de IST. E que,

⁸ Quando as mulheres falam do novo método que dá um corte e insere na perna estão se referindo a Implante.

...em função das relações de gênero existentes, as mulheres não têm poder para negociar o uso de condom por seus parceiros e continuam confiando que estes não estão expostos à contaminação fora do casamento. O problema é mais grave entre as mulheres de menor nível socioeconômico e escolaridade, pela falta de informação adequada (JIMENEZ, 2001, p.60).

Ao obter alta hospitalar após um aborto provocado, as mulheres são orientadas para a procura do serviço de planejamento familiar de forma imperativa, mas não se discute a respeito das questões de gênero que envolvem o uso de métodos anticoncepcionais.

Estudo realizado por Ramírez (2000), com homens e mulheres sobre a experiência do aborto voluntário, aponta para o fato de que a maioria das mulheres sabia com precisão o método que estava utilizando no momento da gravidez, ou tinha consciência dos riscos de não utilizar nenhum. Já os homens tinham informações imprecisas, não se lembravam do método nem da ausência ou falha deste; assim, este estudo confirma o que se expõe no DSC anterior, que “a responsabilidade sobre a contracepção continua sendo jogada sobre a mulher, ao que se soma o fato de que a participação do homem na contracepção está mediada pelo tipo de relação ou de vínculo afetivo com a parceira” (RAMÍREZ, 2000, p.310).

O que vemos é um roteiro engessado por grande parte dos serviços de planejamento familiar, incluindo palestras sobre os métodos anticoncepcionais e consultas com o profissional enfermeiro e/ou médico mensalmente, mas que não analisa as peculiaridades da história sexual e social das mulheres que os procuram. Vamos exemplificar: no decorrer da pesquisa, tivemos contato com algumas mulheres que abortaram sucessivamente porque sofriam violência doméstica, já possuíam dois ou mais filhos, tinham mais de vinte e cinco anos e desejavam realizar a laqueadura tubária: sem êxito, porque contarem sua história nos serviços de saúde, elas eram aconselhadas a assistir novamente às palestras educativas, repensar a decisão de laquear por serem jovens e utilizar outro método anticoncepcional sugerido pelo programa.

Disso podemos perceber que diminuir os índices de gravidez indesejada e, conseqüentemente, de abortos provocados, passa por um investimento na qualidade dos serviços de planejamento familiar e ampliação de sua cobertura. Segundo Espinoza (2002, p.149), em um estudo sobre a gravidez não desejada e o aborto provocado na América Latina,

los costos de incrementar la cobertura y la calidad de los servicios de planificación familiar, cuyo objetivo es disminuir los embarazos no deseados, son mucho menores que el costo de atender las complicaciones de los abortos

inseguros, costo que deben asumir el sistema de salud, las familias y la sociedad. [...] también es necesario realizar reformas legales en materia de salud reproductiva, a reorganizar los servicios de salud reproductiva de manera acorde con esas legislaciones y a fortalecer los programas de planificación familiar.

7. E. - Usa camisinha, mas acha que estourou; quando não usa toma chá ou água com sal.

O uso dos métodos anticoncepcionais é cercado por crenças populares, assim como o é a forma de evitar a gravidez indesejada quando estes falham. Neste sentido, será relatada no DSC a seguir, uma das crenças populares que é o uso de chás e água com sal como precaução quando a camisinha estoura durante a relação sexual.

Ou a camisinha estourou, ou no dia que a gente teve relação sem camisinha, foi um negócio desse, mas quando eu tenho relação sem camisinha eu sempre tomo alguma coisa. Eu tomava chá, porque esses chá adianta, eu já tomei água com sal outras vezes e adiantou, mas eu sempre vinha com camisinha, sempre com a camisinha... Eu tava muito afoita, de companheiro. Se não usar (a camisinha) eu não quero, piorou agora. Na verdade, é melhor sem, mas quando penso nas coisas que podem acontecer, tem as doenças também, pior coisa é pegar um filho e pegar uma doença e aí? Eu não digo assim que 100% ele fica com a família, eu não boto minha mão no fogo que pode queimar, eu não confio. No homem não se pode confiar totalmente, a gente de ficar com um pé lá outro cá, de olho. Mas o problema é que a gente fica na camisinha de qualquer forma, porque não é só pela gravidez indesejada, mas pelas doenças sexualmente transmissíveis né? E a gente não pode confiar nesses homens que dormem na rua. Bebe e faz coisas que não vê. Então tem que optar por este método também, camisinha. Ele (marido) não gosta. Porque eu acho que o homem sente à vontade com a esposa, pensa que não corre nenhum risco. E que em casa assim, não é como as da rua né? Que na rua eles têm que se prevenir, acho que é isso.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 7, idéia central síntese 7.E. (APÊNDICE G, p.276)

O discurso revela que a mulher confia na segurança sexual que o casamento traz. Estudo feito por Berquo e Barbosa (2009, p. 42) mostrou que “pessoas apenas com parcerias eventuais continuaram a se proteger mais do que aquelas com ambos os tipos de parceria, as quais, por sua vez, se protegeram mais do que aquelas com apenas parcerias estáveis”.

Nota-se uma ambiguidade no discurso das mulheres, já que ao mesmo tempo em que elas ressaltam a importância do uso do preservativo, reafirmam a fragilidade feminina em relação a

DST e a gravidez indesejada pela exposição, no ambiente doméstico, ao risco causado pelas relações conjugais quando seus companheiros mantêm outros relacionamentos fora do casamento.

5.2.5 O discurso das mulheres sobre o aborto

Alguns aspectos do aborto provocado e do processo decisório serão discutidos a seguir, a partir da pergunta “Você decidiu não levar a gravidez adiante não foi? Fale pra mim sobre isso”.

Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre o Aborto – Salvador – Jul. a Set. 2008

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	1.A. - Provocou o aborto porque quis, já tem muitos filhos, tinha medo de perder os estudos, não tem condições financeiras, não queria parar de trabalhar, gosta de festa e por causa da idade.
02	1.B. - Mãe não queria conversar, briga, compra remédio abortivo e obriga filha a tomar. 5.B. - Não decidiu, foi obrigada; mãe compra abortivo e obriga a filha a tomar. 1.C. - Ter um filho sem pai é difícil.
03	1.E. - Triste, se pudesse teria o filho; sente-se perturbada após o aborto, se arrepende, sabe que é pecado e diz que é o último. 5.G. - Se arrepende do aborto vendo as criancinhas, mas namorado não estava trabalhando e ia atrapalhar seu futuro.
04	1.F. - Contou pra família, ficou nervosa com o que a família ia pensar e por isso abortou.
05	1. H. - Pensa voltar pra casa e se cuidar mais, trabalhar, fazer planejamento familiar, retomar os estudos, encontrar o filho e dar mais valor à família. 3. D. - O que fez tomar a decisão foi isso; não quer filhos e mais filhos de pais diferentes, quer se cuidar, fazer planejamento familiar, estudar e no futuro ter um filho.
06	1. I.- Foi bem tratada na maternidade, o atendimento foi rápido, foi logo pra sala de curetagem, porém, algumas médicas fizeram comentários que tinha que se cuidar.

07	1.K. - Faz aborto à noite, esconde para que os filhos não presenciem, mas eles cuidam dela. 1.M. - Pagava a vizinha para tomar conta dos filhos durante o trabalho, pede para levar o pequeno na creche para poder ir até a maternidade e enquanto internada deixa-os com a ex-sogra.
08	L. - Fugiu de casa com doze anos, veio pra Bahia de carona com caminhoneiro, para comer tinha que transar, conheceu pessoas na rua e se envolveu com filhos da patroa, por falta de opção foi fazer programa até arrumar alguém que queria compromisso.
09	1.N. - Termina com companheira homossexual, engravida de um rapaz e após aborto volta para companheira.

1.A. - Provocou o aborto porque quis, já tem muitos filhos, tinha medo de perder os estudos, não tem condições financeiras, não queria parar de trabalhar, gosta de festa e por causa da idade.

O relato demonstra que o aborto se apresenta como uma alternativa para não alterar um projeto de vida de quem almeja o crescimento intelectual e profissional, ocasião em que a procriação é adiada; as mulheres revelam o desejo de estudar, trabalhar, se divertir e melhorar de vida.

Eu provoquei porque quis porque eu já tenho três filhos e fiquei com medo de perder meus estudos, perder o curso. Também minha família não tem condições de criar e nem eu tenho [...] Eu decidi não levar adiante por causa da minha situação financeira que não é muito boa. Eu queria na verdade, só que eu não podia deixar, porque eu não trabalho, ele não trabalha. Ele disse que era pra deixar, procurando um trabalho sem conseguir como era que eu ia deixar? Quem compra as coisas é ele, mas ele mora na casa dos pais dele e eu fico lá com ele, já ia ser mais um peso nas costas dos pais dele. Aí eu não pude deixar né. Não fica nada bem, porque não foi porque eu queira realmente. Quer dizer já tô numa situação ruim pra criar três, já pensou, eu com quatro? Seria pior. Então optei em tirar. Além disso, meu menino também tá pequeno e eu tô desempregada, meu esposo tá desempregado; a gente tem um negocinho que a gente botou dentro de casa mesmo, entendeu? O pai dos dois anteriores dá mesada, eu tava no bolsa família, mas já me cortaram do bolsa família e com isso tem que tá vivendo só com aquilo; estudo? Meu menino de três anos não tá nem estudando ainda. Então tive que tirar. Eu resolvi que não podia ter esse filho agora no momento e até porque vai ter uma oportunidade de emprego pra mim também entendeu? Aí foi até por um momento de desespero, eu disse: é tudo ou nada, eu tenho que trabalhar mesmo pra ajudar meu marido porque senão a gente nunca vai ter nada aqui; um

filho agora neste momento só iria piorar a situação, porque a gente tava passando dificuldade entendeu? Mas foi uma coisa assim, sem querer, um acidente, e uma vida que levo, não tenho nenhuma motivação pra ter este filho.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.A. (APÊNDICE G, p.153)

Hoje em dia, a entrada das mulheres no mercado de trabalho se configura como uma realidade inadiável para o seu desenvolvimento, que percebem a si mesmas como colaboradoras do companheiro nos rendimentos domésticos; houve, assim, a inserção feminina no espaço público mesmo sem a alteração do compromisso da mulher com todas as tarefas de cuidado com os filhos, nos âmbitos da saúde, educação, alimentação, lazer e com o companheiro. Esta ampliação de atividades levou a uma dupla jornada de trabalho, aumentando a sua vulnerabilidade a doenças.

...crescimento de famílias com chefia feminina, seja pela dissolução do casamento, seja pela morte do marido ou, ainda, pela simples opção de viverem sozinhas, também impeliram a mulher para o mercado de trabalho... Para as mulheres, as dificuldades colocam-se desde sua forma de inserção no mercado, que passa por baixos salários, ocupação de postos precários e discriminação na contratação e ascensão profissional, até a necessidade de conciliar trabalho e cuidados com filhos e casa, responsabilidades que lhes são tradicionalmente atribuídas (SANCHES; GEBRIM, 2003, p. 99-100).

No contexto desta pesquisa, as mulheres com baixa condição financeira, também possuem baixa escolaridade, e, portanto, dificuldades para enfrentar o mercado de trabalho atual, por não possuírem qualificação suficiente; em virtude disso, recebem auxílio de programas sociais, de familiares e dos companheiros ou pais de seus filhos para cumprimento de suas obrigações financeiras, o que pesa na decisão de abortar.

No que tange ao auxílio pelos programas sociais, o Bolsa Família é citado, pelas mulheres que abortam, como um complemento de renda diante das suas dificuldades financeiras. O programa, elaborado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, integrante da estratégia Fome Zero, consiste em um “programa de transferência direta de renda com condicionalidades que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 60,01 a R\$ 120,00) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 60,00)” (BRASIL, 2004, p.1). Possui três dimensões: “promoção do alívio imediato da pobreza, por meio da transferência direta de renda à família; reforço ao exercício de direitos sociais básicos nas

áreas de Saúde e Educação, por meio do cumprimento das condicionalidades, o que contribui para que as famílias consigam romper o ciclo da pobreza entre gerações; coordenação de programas complementares, que têm por objetivo o desenvolvimento das famílias, de modo que os beneficiários do Bolsa Família consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza” (BRASIL, 2004, p.1).

Muitos estudos mostram que a decisão de abortar é tomada de forma solitária pela mulher, mas percebemos, no DSC abaixo, que atualmente algumas decisões já são tomadas em conjunto com outros membros da família.

A discussão quanto à participação, ou não, dos homens na decisão acerca do aborto não pode deixar de considerar o que esse procedimento significa para eles e para as mulheres. Para elas, o aborto pode significar a reafirmação de sua autonomia e disponibilidade para concretizar projetos de vida que seriam prejudicados pela maternidade. Para os homens, pode significar a liberdade de um vínculo que necessariamente se formaria pela paternidade, o qual eles não desejariam. Porém, pode significar também a perda de um projeto familiar (DUARTE et al., 2002, p. 276-277)

[...] Nem sei viu, quando a gente descobre que a gente tá grávida, do jeito que sou, que gosto de festa, que gosto de tudo, aff, fiquei num pânico! Eu sei que é errado né, mas eu fiquei num pânico porque eu só tenho dezessete anos, tô fazendo o segundo ano, pra mim ainda não era a hora, deixei pro meu futuro. Agora eu não podia ter esse filho, eu não posso! Se não ia embolar tudo em meio de campo, a minha faculdade de agronomia que eu quero fazer, não ia ter futuro sabe. Eu nem tô me preocupando nem tanto com festa, mas com a responsabilidade que também ia dobrar. Por mim e por meu noivo, a gente deixava, só que é por causa da minha idade, e eu tenho um planejamento pro futuro e uma criança agora ia atrapalhar. A gente conversou, eu, ele e minha tia que eu não moro com minha mãe, decidimos abortar, e eu também abortei com Cytotec. Sabe, eu trabalho em casa de família, é um trabalho digno, mas eu quero ter um trabalho melhor; se eu tenho a capacidade de ter um trabalho melhor estudando? Então eu preferi ter um trabalho melhor, concluir meus estudos, não quis esse filho agora, tava cedo demais e não foi com a pessoa que eu amava. Eu estou me sentindo até agora muito mal, porque não era isso que eu queria, mas fui praticamente forçada por mim mesma que não era a hora de ter, porque eu já tenho também uma menina, iria complicar demais, eu não estava preparada pra poder ter essa criança.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.A. (APÊNDICE G, p.153)

Observamos no DSC acima que as mulheres pobres, principalmente adolescentes, que trabalham como domésticas, vislumbram um trabalho melhor por meio dos estudos depois de

provocarem o aborto. Trindade e Borges (2009) discutem que as mulheres pobres, pela defasagem escolar ou baixa escolaridade, pela dificuldade de qualificação profissional, não conseguem mobilidade social, levadas pela dificuldade de elaborar projetos de vida e de trabalho, e em algumas situações a maternidade se torna este projeto de vida, com a gravidez precoce e indesejada.

Ao engravidar, as mulheres adolescentes e pobres se desvinculam dos estudos e do lazer para assumirem a responsabilidade da provisão do futuro filho, do compromisso com o trabalho doméstico, já que estão trazendo “mais uma boca” para ser alimentada; a opção pelo aborto tem esta realidade como pano de fundo, e a mulher não quer se desfazer das poucas possibilidades que tem de planejar um futuro e melhorar suas condições de vida.

1.B. - Mãe não queria conversar, briga, compra remédio abortivo e obriga filha a tomar.

5.B. - Não decidiu, foi obrigada; mãe compra abortivo e obriga a filha a tomar.

1.C. - Ter um filho sem pai é difícil.

As idéias centrais acima, apesar de serem relativas a perguntas diferentes, retratam a forma como a violência se manifesta pela negligência no espaço familiar e pela coação.

Eu não decidi, eu fui obrigada. Eu decidi por causa de minha mãe em primeiro lugar que ela briga muito comigo. Eu, que, amo criança, eu tomo conta, eu sou babá, [...] mas meu filho eu não queria que ele sofresse como eu sofro, por causa de minha mãe. [...] ela disse que eu não ia ficar em casa e eu fiquei pensando onde é que eu ia morar? Então eu contei pra minha tia: Oi minha tia eu tô grávida. Aí ela falou assim: e aí você vai fazer o que? Eu vou ter. Aí ela fez assim: vamos chamar sua mãe pra conversar. Aí eu chamei minha mãe pra conversar e ela disse que não queria conta comigo, que não queria conversar que não queria saber de nada. Aí ela disse pra minha tia: não adianta, botar pra fora eu não vou, mas eu vou comprar o remédio e ela vai ter que tomar.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.B (APÊNDICE G, p.158)

Eu não decidi, eu fui obrigada. Na sexta quando cheguei em casa, minha mãe veio em cima de mim igual a onça, me empurrou, eu caí, na hora que eu fui levantando e consegui me apoiar, ela me empurrou de novo, eu bati a bunda na quina ficou roxa e me xingou. E olha que ela nem sabia (da gravidez). Quando soube, ela comprou quatro remédios de verme e dois Cytotec. Eu fui tomar o remédio de verme, fingia que tomava e jogava fora, porque eu não queria tomar, eu queria ter. Aí eu tava dormindo de madrugada na quinta-feira, quatro e meia, ela pegou,

arrumou o Cytotec e aí botou, eu só vim sentir quando acordei. Eu dormi quando acordei oito horas já tava sangrando muito então eu chamei minha tia, tava desesperada, tava em casa só, aí ela pegou e falou: sua mãe botou o remédio. Ela não quer conta comigo, e até hoje não fala comigo

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5.B. (APÊNDICE G, p.237)

Eu já tenho uma filha (pausa) o pai não assumiu, ela. Aí sabe quando a gente tem uma filha assim sem pai, fica tudo difícil, muito difícil, pra tudo na vida, ainda mais o mundo como tá hoje, pra gente colocar filho no mundo, sem poder (pausa) sem condição financeira, é muito difícil. [...] fui lá, na casa dele, conversei com ele, só que ele disse que ia me dar o remédio. Aí quando, chegou no dia seguinte ele sumiu, não apareceu, fiquei desesperada, sem saber o que eu ia fazer.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.C. (APÊNDICE G, p.159)

Como podemos perceber nestes discursos, a negligência é um tipo de violência que ocorre nas situações de aborto provocado. Quando a mulher descobre a gestação indesejada, é abandonada por seu companheiro, ameaçada ou afastada do lar pelos familiares, fica vulnerável emocional e financeiramente, não consegue assumir sozinha o nascimento de uma criança e decide pela interrupção voluntária da gestação.

Isso confirma o estudo feito por Perez (2006), que aponta para o fato de que a violência vivenciada no cotidiano é um fator que interfere na decisão da mulher de praticar o aborto, fazendo-a sofrer e adoecer em razão da humilhação por que passa.

A negligência materna comprova o que nos diz Barros (2000, p.138): “a violência familiar ocupa grande espaço no conjunto da violência. A imagem oficial da família é de tranquilidade. Este é o seu lado aparente que oculta os atritos que ocorrem no seu interior. O crime familiar é muito mal conhecido, subnotificado, embora bastante comum”.

Mas a negligência não é apenas materna: ela também se dá por parte do companheiro, que foge da responsabilidade, vivenciando a experiência do sexo sem se preocupar com as consequências de uma gravidez indesejada na sua vida, na das mulheres e na do futuro filho. Daí o fato de muitas crianças brasileiras possuírem, em seus registros, filiação apenas materna, o que desrespeita seus direitos de cidadania. É o que chamamos de deserção da paternidade (THURLER, 2004).

1.E. - Triste, se pudesse teria o filho; sente-se perturbada após o aborto, se arrepende, sabe que é pecado e diz que é o último

5.G. - Se arrepende do aborto vendo as criancinhas, mas namorado não estava trabalhando e ia atrapalhar seu futuro.

As mulheres optam pelo aborto provocado em um contexto de violência doméstica e se sentem culpadas, como observado abaixo:

Dentro de mim, eu tô triste ainda, porque se eu pudesse, eu teria meu filho. Minha vida tá na mão de Deus. Meu futuro. É Deus, eu não sei o que vai acontecer, só Deus. Perturba muito minha cabeça, até hoje ainda perturba. Eu fico pensando meu Deus, eu tive essa coragem de fazer isso, meu Deus por que eu fiz isso? A pessoa se perturba demais. Abortei cinco filhos e pari dois dele, e eu não quero mais fazer isso. É por isso minha decisão de estrangular, pelo amor de Deus! Sabe, eu sinto muito sempre que eu faço, eu me arrependo. Fica aquele remorso chorando, o povo fala ah você faz isso porque você quer, mas ninguém sabe o que é que eu passo, entendeu? É por isso que eu não quero mais saber de tomar remédio pra perder. [...] Mas, agora eu penso em tentar me prevenir o máximo, tocar a vida pra frente, procurar trabalhar, entendeu? Pra evitar ter que passar por este constrangimento de novo. Porque isso não é bom pra ninguém, é ruim. Mas se eu não cometesse hoje, pare pra analisar, eu aqui numa cidade, onde eu não sou daqui, com esses filhos todos, sem trabalhar, porque eu não acabei os estudos, emprego tá difícil. Então nesse caso eu ia tá pior do que hoje; então você parar pra olhar, pode até ter sido um pecado, eu posso até me arrepender, mas poderia tá pior. Porque pra você botar uma vida no mundo pra ficar sofrendo, passando necessidade, eu acho que é pior do que você eliminar ela ainda sem conhecer as dificuldades da vida. [...] Isso foi uma experiência muito negativa pra mim sabe? Não é bom. A gente acaba com nossos órgãos, se no futuro eu quiser ser mãe, eu não posso ser [...] O coração bateu forte, uma sensação de arrependimento. [...] Não pretendo fazer mais não; mas eu não digo a você que sou contra, porque se eu fosse eu não fazia, mas a favor eu também não sou não. Eu sou a favor quando é uma violação, um estupro, tal, ou a pessoa corra o risco de vida; fora isso tudo mundo falando, dezesseis anos, dezesseis anos já fazendo aborto, isso aí vai ter cinco filhos; então, dói, porque você não fez porque você quis, entendeu [...] quem tá pretendendo fazer só faça se tiver necessidade mesmo. Porque se não tiver, a criança não tem culpa né.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.E. (APÊNDICE G, p.162)

As mulheres evocam Deus porque para elas abortar é pecado, daí o arrependimento e a culpa. Para Taille (2002, p.135), “dizer que alguém é culpada ou que teve culpa é conferir-lhe responsabilidade por algum evento considerado como negativo”. Neste caso, o aborto provocado. “A culpa somente é sentida no contexto de uma relação social” (TAILLE, 2002, p.136). Fazendo uma analogia entre ser culpada pelo aborto e sentir-se culpada ou envergonhada, podemos afirmar, a partir do que disse Taille (2002), que a mulher que aborta e se sente envergonhada

assume socialmente que cometeu um erro; por outro lado, se a sociedade lhe diz que é culpada, não necessariamente a mulher se sentirá assim, pois seus motivos podem justificar o ato de abortar, minimizando sua angústia moral.

O DSC acima também mostra uma situação que tem aumentado os perigos para a saúde da mulher, a saber, a gravidez e o aborto inseguro na adolescência. Segundo Trindade e Borges (2009), a representação da adolescência na sociedade brasileira está associada a desordens, irresponsabilidade, crises, uma fase que representa riscos para o adolescente e a família. Neste sentido, a gravidez nessa fase da vida se torna um empecilho à trajetória profissional e educacional das adolescentes. No DSC acima, as mulheres afirmam que a sociedade cobra o fato de engravidarem na adolescência e justificam o aborto pela necessidade de prosseguir os estudos.

Em 2005, dados do DATASUS mostraram que 46.557 internações pelo SUS foram devidas a complicações em virtude de aborto, em mulheres entre 15 e 19 anos de idade (BORGES; FUJIMORI, 2009). Destaca-se que este número não constitui a totalidade de casos: há que se considerar as subnotificações e as situações em que as mulheres não procuram as unidades de saúde. A atenção básica à saúde tem papel importante no debate da sexualidade e da saúde reprodutiva das mulheres, principalmente as adolescentes, para a prevenção de abortos sucessivos, como vimos anteriormente.

As mulheres repetem a representação social apreendida sobre o aborto legal: relatam ser a favor do aborto em caso de estupro ou risco de vida, as duas exceções previstas para a realização do aborto legal, de acordo com o Código Penal de 1940. Mesmo praticando o aborto, a mulher se posiciona de acordo com a legislação atual.

Alguns conceitos jurídicos são necessários para entendermos a criminalização do aborto provocado. “O Direito regula e ordena a sociedade. Não existe sociedade sem Direito, não existe Direito sem sociedade. A sociedade é composta de pessoas... os animais e as coisas podem ser objeto de Direito, mas nunca serão sujeitos de Direito, atributo exclusivo das pessoas” (VENOSA, 2006, p.110). De acordo com o Código Civil brasileiro (art.2º), “a personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro” (VENOSA, 2006, p. 125).

O nascituro consiste num ente já concebido que se distingue de todo aquele que não foi ainda concebido e que poderá ser sujeito de direito no futuro, dependendo do nascimento, tratando-se de uma prole eventual. Esta situação nos

remete à noção de direito eventual, isto é, um direito em mera situação de potencialidade, de formação, para quem ainda nem foi concebido. Por isso, entende-se que a condição de nascituro extrapola a simples situação de expectativa de direito. Sob o prisma do direito eventual, os direitos do nascituro ficam sob condição suspensiva (VENOSA, 2006, p. 127).

O debate jurídico em relação à descriminalização do aborto parte de duas posições antagônicas: de um lado, juristas embasados no Direito Penal, que “protege a vida humana desde o momento em que o novo ser é gerado” (BITENCOURT, 2008, p. 135) e que considera o aborto a destruição da vida fetal que ocorre até o início do parto, podendo ser ou não criminoso. Para configurar o crime do aborto, é indispensável que o feto esteja vivo e que sua morte seja resultante de manobras abortivas (BITENCOURT, 2008). Do outro lado, juristas embasados na ciência que determina que a formação do tubo neural fetal só se completa com doze semanas de gestação. Portanto, antes disso, não existem impulsos nervosos nem dor; neste caso, eles defendem que o feto, não sendo sujeito de direitos, pois não nasceu ainda, não possui personalidade civil, faz parte do organismo materno e não sobrevive sozinho fora dele. Com isso, a mulher teria o direito de decidir se interrompe ou não a gestação até doze semanas.

É interessante também discutir porque a mulher é penalizada e responsabilizada pelo fato de provocar o aborto (auto-aborto nos conceitos jurídicos); mas o companheiro, que compra o remédio de comum acordo com ela, que comete atos de violência e que influencia a decisão de abortar, pode ser responsabilizado e na maioria não o é.

De acordo com Greco (2008, p. 427), o concurso de pessoas consiste em “quem, de qualquer modo, concorre para o crime, incide nas penas a este cominadas, na medida de sua culpabilidade”. Apesar de existir esta definição em lei, os companheiros se sentem acima das punições, abandonam as companheiras, e todo o julgamento social é focalizado para a mulher.

1.F. - Contou pra família, ficou nervosa com o que a família ia pensar e por isso abortou

O julgamento social se inicia no ambiente familiar e o aborto provém da censura que as mulheres imaginam que a família vai fazer quando souber da gravidez, que não foi resultado de uma relação estável; justamente por causa disso, a decisão de abortar é solitária.

Bem o motivo de eu não querer foi porque eu nem sabia da gravidez nem tinha certeza realmente. Eu descobri depois de três meses que eu estava grávida. E aí minha vó me ajudou, tirou ultrassom. Quando eu tirei a ultrassom, eu contei pra ela, ela tomou um susto, mas não falou nada não. Me desesperei, fiquei muito nervosa, fiquei muito pensativa, pensando o que minha família ia pensar de mim, o que é que eles ia achar. Aí eu fui na casa da minha colega, sem ela saber; aí pedi o remédio na casa da minha colega pra tomar, peguei, tomei e tirei. O que me levou a fazer, não foi bem por meu querer, foi bem por, sabe por (pausa), eu tá nervosa, eu tá sem saber o que fazer, então foi por isso.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.F. (APÊNDICE G, p.166)

O medo do que a família pode pensar faz as mulheres encobrirem o ato abortivo e elas pagam um preço psicológico elevado por conviver com a angústia de que seu segredo seja descoberto (GOFFMAN, 1988).

1.G. - Nenhuma gestação foi planejada, usou camisinha, mas estourou, não teve dinheiro para a pílula do dia seguinte, realizou a cesárea antecipada para laqueadura tubária e não conseguiu fazer.

Quando a mulher chega aos serviços de saúde em processo de abortamento, expõe seus motivos para o fracasso do processo de planejamento familiar. Vejamos, por exemplo, o DSC abaixo:

Meus outros filhos nenhum foi planejado também, foi tudo acidente. Na época que eu tive meu primeiro filho eu tinha quinze anos, não tinha experiência nenhuma, não tinha mãe, não tinha ninguém pra poder me orientar, engravidei, do primeiro. Agora da segunda pra terceira, eu tinha orientação, só que eu não soube entendeu, seguir a orientação certa. Aí depois de cinco anos veio a terceira, só que aí a terceira eu ia tirar, só que o rapaz que tava comigo não tinha filho, era o primeiro filho dele, e ele insistiu, conversamos, ele decidiu que eu tinha que deixar. Aí resumindo eu deixei, aí fiquei com três né. Mas se todos os parceiros que eu tiver, não tiver filho e querer que eu tenha um já pensou onde é que eu vou parar? Os dois primeiros são de um pai, a terceira é de outro. E esse que eu moro, eu não tenho filho com ele. [...] O que eu tirei o ano passado tirei pelo fato de minha filha tá muito pequena. Minha filha tinha seis meses e eu tava grávida de quatro, como é que eu ia deixar uma gravidez dessa ir adiante? Não tinha possibilidade, eu optei em tirar também. Antes disso, tive uma gravidez tubária. Aí nessa gravidez tubária a médica tirou uma trompa minha e disse que eu só ia ficar com uma, e teria certa dificuldade de ter outro, e se eu viesse a ter até que poderia ser uma gravidez arriscada. Eu conheci uma médica que veio me acompanhando nas ultra-sons e eu disse: ô doutora, não tem como a senhora fazer meu parto e estrangular? Ela disse é vamo vê. Ela ficou me acompanhando e ia sair de férias. Então meu filho tava, meu filho tava pra nascer em dezembro, e ela me pediu para antecipar o parto pra novembro, pra aproveitar que ela ia sair de férias, que já tinha combinado de fazer. Só que chegou na hora a equipe que trabalhou com ela, que fazia

parto com ela não aceitou, me estrangular (laqueadura tubária). Por causa que eu era nova, e só tinha dois filhos no caso, esse que eu ia ter né, e a minha menina que eu já tinha. Aí ficou aquela discussão lá entre elas mesmas, e aí a colega disse que ela fosse e fizesse sozinha. E terminou que me fez uma cesárea, antecipou o parto e não me estrangulou (laqueadura tubária).
 Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.G. (APÊNDICE G, p.167)

O discurso acima demonstra uma distância entre o conhecimento que as mulheres têm sobre o planejamento familiar e a ação. Elas permanecem submissas à vontade do companheiro, à burocracia dos serviços de saúde, às informações familiares, à falta de acolhimento, às diferentes opiniões dos profissionais de saúde. Há um discurso desconectado da realidade e, com isso, analisar o aborto provocado envolve as condições que cercam estas mulheres.

Apreende-se também deste discurso que, as mulheres buscam o planejamento familiar antes de optarem por aborto, porém a assistência recebida por parte dos profissionais de saúde não corresponde ao desejo e necessidades das mesmas.

A competência profissional no campo da anticoncepção deve incluir os conhecimentos técnicos, científicos e culturais atualizados, direcionados ao atendimento das necessidades de saúde sexual e reprodutiva dos clientes. Isso inclui habilidade para dar orientação, informar e comunicar-se adequadamente, participando da tomada de decisões quanto aos métodos anticoncepcionais (MAC) e acolhendo com respeito o/a cliente (MOURA; SILVA, 2005, p. 1).

1. H. - Pensa voltar pra casa e se cuidar mais, trabalhar, fazer planejamento familiar, retomar os estudos, encontrar o filho e dar mais valor à família.

3. D. - O que fez tomar a decisão foi isso; não quer filhos e mais filhos de pais diferentes, quer se cuidar, fazer planejamento familiar, estudar e no futuro ter um filho.

As mulheres traçam planos depois da angústia pela gravidez indesejada: algumas o fazem de forma mais tranquila, outras, de forma traumática; o trabalho, o cuidado com elas mesmas, os estudos e o planejamento familiar são metas traçadas pelas mulheres após a curetagem uterina.

Eu penso em voltar pra casa e me cuidar mais né. Mudou muito minha vida. Penso em fazer coisas totalmente diferentes do que eu pensava antes, ir trabalhar, terminar meu tratamento, que eu vou ter que fazer o tratamento agora, e cuidar de minha irmã que tem quinze anos, botar meu irmão pra seguir a vida dele, e viver a minha vida. Encontrar meu filho porque se não fosse meu

filho pra mim seria até bom eu ficar aqui, mais um dia; mas eu preciso voltar e encarar. [...] Eu pretendo assim retomar meus estudos, que eu deixei atrasar, cuidar de meu pai. [...] Ter mais cuidado, com mais responsabilidade pra isso nunca mais acontecer, trabalhar e conseguir meu objetivo, porque foi e não foi um descuido [...] pra poder fazer aquilo que eu tô planejando que é ter um futuro, não um futuro de riqueza, mas um futuro estável, onde eu possa me manter e manter uma criança. Hoje eu não tinha como manter uma criança, mesmo ele trabalhando, mas fica difícil. [...] Namorar e curtir bastante protegida né?

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.H. (APÊNDICE G, p.170)

E o que me fez mesmo com que eu pegasse e tomasse minha decisão foi isso. Que aconteceu no domingo, e da nossa conversa na segunda. Se eu não tenho filho dele e ele fez o que fez? Quer dizer eu já tenho dois filhos, de um casamento que não deu certo, vou ter outro? Ele já me mostrou que não podia dar certo também, e aí vai ficando com filhos e mais filhos de pais diferentes, não quero isso não. Vou tirar [...] No momento, vou fazer o quê, planejamento familiar, tomar a injeção pra três meses, como a enfermeira falou, usar camisinha. Eu imagino descansar bastante, pensar na minha vida, cuidar de mim direito, voltar estudar, eu tenho que ir para escola, e trabalhar, tentar seguir em frente. E mais tarde no futuro eu quero ter meu filho, porque se eu deixasse ia empatar meu futuro, eu ia dar que futuro pra essa criança, nesse mundo de violência, eu ia dar que comer a essa criança, que trabalho eu ia ter no segundo ano, com dezessete anos? Então é se prevenir né, da melhor maneira possível. Pra casa, mas eu vou tranquila, já estou na cabeça de procurar ginecologista e botar o DIU, pra evitar esse tipo de coisa, que é agressão contra a mulher também tanto como feto como pra mulher também. Horrível, aconselho a não fazer isso. Não vou nem mais abortar, nem mais engravidar [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 3, idéia central síntese 3.D. (APÊNDICE G, p.208)

Apesar da idealização das atividades cotidianas após a alta hospitalar, presente no discurso das mulheres, percebe-se que há uma alteração nos seus projetos com relação à saúde reprodutiva: em vista de não procurarem o serviço de planejamento familiar, a gravidez indesejada e os abortos provocados reincidem. Neste sentido, os serviços de saúde necessitam investir em ações de aspecto psicológico e emocional, com a capacitação profissional para acolhimento desde a internação, com o atendimento centrado no sujeito, captando as mulheres no pós-abortamento através da interação com os agentes comunitários de saúde para um trabalho psicológico, valorizando a mulher como pessoa, estimulando a auto-estima e incitando-as a se cuidarem, para retomar a confiança da usuária e do serviço.

No que diz respeito à valorização da mulher enquanto pessoa, o acolhimento é uma característica essencial dos serviços de saúde. Segundo o Ministério da Saúde (2005, p. 17), “o acolhimento é o tratamento digno e respeitoso, a escuta, o reconhecimento e a aceitação das

diferenças, o respeito ao direito de decidir de mulheres e homens, assim como o acesso e a resolutividade da assistência”.

1. I.- Foi bem tratada na maternidade, o atendimento foi rápido, foi logo pra sala de curetagem, porém, algumas médicas fizeram comentários que tinha que se cuidar.

Na situação do abortamento provocado, acontece que a mulher passa pela maternidade: algumas se hospitalizam e as famílias nem sequer sabem de sua situação. Vejamos isso no DSC a seguir:

Me levaram logo, logo pra sala da coletagem, que eu cheguei desmaiada e pra mim foi isso, a melhor das vezes que eu tive, das outras vezes foi essa, mas eu não quero que se repita não, naturalmente. Eu fui muito bem tratada, as enfermeiras me tratou um amor de pessoa, adorei as enfermeiras daqui, todo mundo me tratou super bem. Cheguei aqui com muita, muita, muita dor, elas me trataram bem, disseram pra eu ter calma, eu ter paciência, na hora da curetagem alisaram minha mão [...] Porque quando chegou ao meu conhecimento de fazer curetagem de aborto disse que a gente é maltratada, disse que a gente chega aqui os médicos fazem ignorância e não sei o que, mas isso é só conversa do povo mesmo [...] apenas umas médicas que me atenderam, [...] falaram isso, que eu era nova, com dezesseis anos, que eu tinha que me cuidar, tomar vergonha na cara, aí ela ainda brincou comigo, você tem cara de que vai ter cinco filhos depois desse aborto. É isso, eu também não pretendo abortar mais não e também não vou ter cinco filhos. Foi difícil e ao mesmo tempo foi fácil, porque o tio de meu namorado é chefe de algumas pessoas aqui (na maternidade), então eu fui bem cuidada, bem observada [...] A comida vem na cama; as enfermeiras tratam a gente com muito carinho parece um ente querido dela que tá aqui sabe, que nem parece. Só não me disseram nada que eu tava com infecção, que eu tinha pegado infecção. Mas eu creio que eu peguei em casa, porque eu já vim com mau cheiro. Creio que foi em casa. Tava uma cor diferente e tava um mau cheiro terrível! Eu tô com um problema no sangue que a moça (profissional de saúde da maternidade) me falou, eu não sabia, descobri aqui... É... Esqueço o nome... É sífilis. Ela falou que eu tava com sífilis que eu tinha que tomar três benzetacil, durante oito dias quando sair daqui (pós alta) e fazer outro exame (VDRL) pra saber se eu tinha curado, e minha parceira (relação homossexual) também. Mas não tô sentindo nada não graças a Deus.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.I. (APÊNDICE G, p.172)

O DSC acima apresenta a condenação social refletida nas práticas do profissional médico. Mesmo considerando que o atendimento foi bom por causa de fatos que são de direito, como alimentação no leito, recepção e apoio no toque das mãos pelas enfermeiras, as mulheres vivenciam uma relação desrespeitosa, expressa nas falas da equipe médica. O Ministério da Saúde assinala que na assistência à mulher em situação de abortamento é necessário que o

profissional identifique o que estas mulheres demandam e adotar perante elas uma atitude terapêutica e não uma postura punitiva, discriminatória.

A capacidade de escuta, sem pré-julgamentos e imposição de valores, a capacidade de lidar com conflitos, a valorização das queixas e a identificação das necessidades são pontos básicos do acolhimento que poderão incentivar as mulheres a falarem de seus sentimentos e necessidades. Cabe ao profissional adotar “atitude terapêutica”, buscando desenvolver escuta ativa e relação de empatia, que é a capacidade de criar; comunicação sintonizada a partir das demandas das mulheres, assim como a possibilidade de se colocar no lugar do outro (BRASIL, 2005, p. 77-78).

Estudo realizado por Bispo e Souza (2007) com usuárias de uma unidade de saúde em Salvador mostra que as violências na relação entre profissional e usuária estão presentes no atendimento a mulheres em situação de abortamento, tanto no aspecto emocional quanto físico; no âmbito emocional, caracteriza-se por ausência ou omissão de cuidados, desinteresse, castigo, ameaça, despersonalização, preconceito, indução, críticas, abuso de poder, desrespeito à auto-imagem e privacidade e atitude depreciativa.

Outro detalhe importante no DSC acima é a relação entre o bom atendimento e a existência de pessoas conhecidas na unidade hospitalar: isto contraria os princípios do SUS (BRASIL, 2000, p. 30): com relação à universalidade, a mulher que aborta tem o direito à saúde, pois “a saúde é um direito de todos e é dever do Poder Público, a provisão de serviços e ações que lhe garanta”. Com relação à integralidade, a mulher deve ser vista em suas necessidades de saúde específicas, de forma a atendê-las como um todo; e o atendimento deve ser igual para todos, independentemente de conhecer alguém no serviço ou não.

1.K. - Faz aborto à noite, esconde para que os filhos não presenciem, mas eles cuidam dela.

1.M. - Pagava a vizinha para tomar conta dos filhos durante o trabalho, pede para levar o pequeno na creche para poder ir até a maternidade e enquanto internada deixa-os com a ex-sogra.

A mulher provoca o aborto sozinha, no silêncio da noite, para que ninguém perceba, principalmente os filhos.

Desde quando eu faço eu procuro tirar meus filhos, eu nunca deixo eles presenciarem, então prefiro fazer pela noite. Se eles tiverem em casa eu prefiro fazer à noite quando eles estão dormindo. Meus filhos ficam tudo desesperados, chorando, com medo de que eu morra [...] Nunca falei pra eles que eu tomei remédio não, eu sempre falo que eu senti a dor, perdi, às vezes até falo que foi Deus, papai-do-céu, que tirou seus irmãos, e esse mesmo eles tavam fazendo plano de botar nome no final. Os dois: o menino queria botar um nome, a menina queria botar, escreveu lá no caderno o nome do irmão.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.K. (APÊNDICE G, p.178)

A procura pela assistência na situação de aborto provocado se dá de forma silenciosa, sem a declaração explícita do ato, já que ocorreu na clandestinidade. Percebemos que a rede de solidariedade é composta basicamente por alguns familiares ou, na maioria das vezes, por vizinhas, que colaboram com o cuidado das crianças, mas não tomam conhecimento da causa do aborto.

Toda noite na época que fazia programa eu pagava uma vizinha pra poder tomar conta de meus filhos. Aí eu ia, quando eu chegava, pegava as crianças e ia pra casa, que ela morava do lado. Pedi à vizinha agora pra levar o pequeno na creche, a maior foi pra escola e eu vim pra aqui pra maternidade. Por estar internada, deixei meu filho com a avó da menor, mas não tem parentesco nenhum com o maior. Mas só que pelo fato dela me conhecer e tudo, ela disse: você não tá internada, então pra eles não ficarem lá sozinhos com o padrasto, deixe eles aqui. Aí eu fui e deixei lá. Aí tá lá com ela. Quando eu sair, eu vou mandar buscar.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.M. (APÊNDICE G, p.183)

1. L. - Fugiu de casa com doze anos, veio pra Bahia de carona com caminhoneiro, para comer tinha que transar, conheceu pessoas na rua e se envolveu com filhos da patroa, por falta de opção foi fazer programa até arrumar alguém que queria compromisso.

O discurso abaixo narra uma história de violência na infância que perdura toda a sua história de vida: abandono, abuso sexual na infância e na adolescência, violência doméstica e no exercício do trabalho como profissional do sexo, por parte dos clientes.

Na época eu tinha doze anos quando eu fugi de casa [...] Chegando aqui, eu não conhecia ninguém, vim de carona, eu e uma amiga minha. Aqui conheci umas pessoas, passava uns dias na casa de uma, uns dias na casa de outras, foi quando eu conheci uma sobrinha da minha ex-sogra, a primeira. [...] Aí eu fui, quando chegou lá ela disse que eu poderia ficar lá na casa dela, mas teria que ajudar ela nas coisas domésticas. Eu disse tudo bem. E em troca ela me daria casa e comida. Eu tinha doze na época. Aí pronto eu fiquei morando com ela, foi aí que eu me envolvi

com o filho dela (patroa) e tive meus dois filhos, meus dois primeiros. Me separei dele, ele não dá nada a meus filhos, não liga. Quando eu me separei... Aí ele não aceitou a separação porque ele queria que eu convivesse com ele mesmo ele me maltratando. Só que eu aguentei ainda muito, que de doze, quando eu consegui sair dele de vez, eu já tinha dezoito anos quando eu me saí dele de vez, já com dois filhos nas costa. [...] Aí na época, por falta de opção, por falta de trabalho, por falta de estudo, aí eu comecei a fazer programa (profissional do sexo), na época. Comecei a fazer programa, aluguei uma casa, comprei colchão, coisas básicas mais necessárias e fui morar sozinha com meus filhos. Fiquei nessa vida, até que um dia aconteceu um acidente comigo, aí eu decidi sair de vez da vida, disse: é, não dá pra mim mais não [...] Aí pronto conheci pessoas, que queriam realmente compromisso, aí fiquei não deu certo, larguei. Fiquei com outro, e hoje eu tô com esse daí, que me assume, gosta de mim, gosta dos meus filhos. [...] A gente pegou uma carona de Belo Horizonte pra cá. E o caminhoneiro que tava com a gente dava comida à gente, entendeu? [...] Tinha, ele transava pra dar carona. Entendeu? [...] Geralmente quando os caminhoneiros sabiam minha idade, na época eu tinha doze anos e a menina que vinha comigo tinha dezessete, eles era mais velha do que eu, eles optavam mais por ela. [...] Ela tinha relação, é, entendeu eles davam comida, parava no posto, tudo que eles comiam davam à gente e foi assim que a gente chegou aqui em Salvador.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.L. (APÊNDICE G, p.179)

As mulheres internadas por abortamento provocado trazem inúmeras histórias, muitas de violência desde a infância, que devem ser valorizadas. O atendimento hospitalar deve ser pautado numa percepção integral que analise o contexto social, cultural e a história do crescimento e desenvolvimento pelo qual a mulher passou, pois estes são aspectos que podem estar minando a sua saúde.

No DSC acima, percebemos que as mulheres deste estudo não têm seus direitos respeitados, e isso desde a infância. No Brasil, os direitos da criança e do adolescente são respaldados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). No que tange aos aspectos citados no discurso, a violência doméstica contraria o Art. 5.º, que sustenta que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 2007, p.10).

1.N. - Termina com companheira homossexual, engravidada de um rapaz e após aborto volta para companheira.

O DSC abaixo retrata a situação da mulher homossexual quando se envolve numa relação heterossexual e descobre uma gravidez indesejada, optando pelo aborto. Por isso, ela sofre um estigma duplo: pelo aborto e pelo homossexualismo.

A gente terminou, ela foi pra casa dela de novo, quando foi na segunda, na segunda-feira eu tomei o remédio (Cytotec), na terça-feira eu senti as dores, aí mandei chamar ela (companheira homossexual) ela veio, a gente pegou, voltou. Tudo isso porque eu estava com muita raiva dela, porque ela tava influenciada da mãe; ficamos três meses separadas e eu achava que eu tinha que mudar né? A minha vida, que eu tinha que sair daquilo (relação homossexual). Pensei que o rapaz era um menino bonito, que todo mundo falava bem, pensei que era gente boa, fui e me envolvi. Me envolvi também por bebida, também só me envolvi uma vez só. Aí desse envolvimento, engravidei, não quis a criança, tirei e hoje em dia, eu e ela voltou. Eu acho que vai ser um pouco diferente agora, eu acho que mudou tudo, ela disse que gosta, apesar de tudo que ela sabia que eu tava grávida, ainda continua, vem me visitar, chora todo dia que vem aqui. Eu acho que ela gosta de mim, mas da minha parte vai ser diferente, relacionamento tranquilo. Todo mundo sabe de minha vida, já sabe todo mundo da família e da rua, todo mundo já sabe. Porque o povo da rua se preocupa muito com a vida da gente lá em casa, até o vizinho ligou pra aqui (maternidade) pra perguntar o que eu tinha, por que é que tava aqui, como se fosse da minha família; aí vieram me pergunta: aí eu disse que não, que é um vizinho. Provavelmente curiosidade.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 1, idéia central síntese 1.N (APÊNDICE G, p.184)

Com relação ao discurso acima, o aborto veio como solução para evitar a discriminação pela “traição” na relação homossexual. A mulher internada, entrevistada nesta pesquisa, não se manifestava enquanto homossexual na enfermaria e sua companheira, ao visitá-la, não apresentava nenhum indício que denotasse sua preferência sexual, porque receava os julgamentos e abordagens dentro da unidade hospitalar.

A discriminação corresponde ao preconceito posto em ação. É, justamente neste sentido que podemos afirmar que as práticas discriminatórias são sustentadas por idéias preconcebidas... De forma mais específica, a homofobia, que sustenta e é sustentada por concepções preconceituosas e práticas discriminatórias em relação às pessoas que apresentam uma orientação distinta da heterossexualidade apresenta tanto uma dimensão social quanto subjetiva (homofobia internalizada). Tanto homens como mulheres que apresentam uma identidade sexual não-hegemônica se constituíram enquanto sujeitos em contextos socioculturais marcados, em diferentes graus, pela homofobia, por uma concepção de normalidade que exclui outras possibilidades de vivência da própria sexualidade (MADUREIRA; BRANCO, 2007, p.87)

No que se refere à vivência de violência, foi colocada a seguinte situação, a ser por elas desenvolvida: ‘Muitas mulheres decidem não ter o filho porque alguma violência aconteceu com elas, dentro de casa, ou com uma pessoa muito próxima. Fale sobre esta questão’. Os discursos das entrevistadas proporcionaram as idéias centrais sínteses que serão apresentadas e analisadas a seguir.

Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre o Aborto Provocado por Violência Doméstica – Salvador – Jul. a Set. 2008

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	3.A. - Faz sentido, porque a mãe falava que não ia querer filha em casa com filho; fiquei traumatizada, eu era contra o aborto porque nunca tinha acontecido comigo.
02	3.B - Horrível cada um que passa é que sabe. Não fica arrependida pelo aborto, mas com a consciência pesada, foi a necessidade e desespero.
03	3. C. - Ficou desesperada, como se não significasse nada na vida dele, nem o filho que tava na barriga; foi atrás se humilhou, decidi abortar porque não tinha mais respeito e confiança no companheiro.
04	3. F. - O cunhado insinua que ela tem outra pessoa, se ele soubesse que ela estava grávida não teria discutido, empurrado, tocado a mão nela.

3.A. - Faz sentido, porque a mãe falava que não ia querer filha em casa com filho; fiquei traumatizada, eu era contra o aborto porque nunca tinha acontecido comigo.

O discurso a seguir evidencia uma ambivalência das mulheres quando decidem pelo aborto; apesar de achar que abortar é crime e de ser contra isso, elas o fazem, o que mostra a ambivalência a que acima nos referimos. A relação familiar conflituosa, permeada pela violência, é fator determinante nesta decisão; isso nem sempre é percebido pela vítima, pois as agressões familiares são socialmente aceitáveis.

Faz sentido porque minha mãe todo dia falava a mesma coisa, que não ia querer que eu ficasse em casa com filho de vagabundo, como ela falava. Aí eu tomei a decisão. Tirei porque eu quis mesmo e, além disso, minha mãe e meu tio anda brigando o tempo todo, ele bebe, chega

perturbando todo mundo, quer bater em mim, bater em minha avó, meu irmão, todo mundo. [...] Relação de violência eu não tive graças a Deus nenhuma com minha mãe, mas eu fiquei traumatizada pelo que ela me fez sabe? Me expulsar de casa pra acolher o marido dela, eu acho que mãe nenhuma deve fazer isso, mesmo que ela perca a felicidade dela, ela não deve fazer isso, mãe nenhuma deve fazer isso. Agora meu pai, que já poderia ter feito isso, não fez, meu pai até hoje me cria sozinho. Eu brigo com ele para ele sair, arranjar uma esposa, uma ficante, uma namorada, só que ele não fica, se fica, fica lá na rua mesmo. [...] Minha mãe foi ao contrário tanto botou, como me expulsou de casa, isso me doeu muito o coração, me traumatizou por isso. Olha, eu sou contra, sempre fui contra o aborto sabe? Só que eu pensava que era contra porque nunca tinha acontecido comigo; depois que aconteceu comigo, eu continuo sendo contra mas, só que assim, no caso de estupro, no caso de não desejado o filho...
 Discurso do sujeito coletivo, pergunta 3, idéia central síntese 3.A. (APÊNDICE G, p.200)

O discurso também nos mostra que diante dos laços afetivos com o companheiro e a filha, a mãe negligencia a última, optando pela relação com o companheiro. Neste sentido, a mulher fica mais vulnerável, tanto por conta do abandono da mãe quanto pelo estresse causado pela gravidez indesejada.

Todas estas situações podem ultrapassar o limiar de tolerância de uma pessoa em relação ao que ela experienciou. Assim, para algumas pessoas, a experiência de violência pode ser vivida como traumática, o que significa que a pessoa vive uma intensa reação de estresse na situação, sendo que a reação não se desfaz e a pessoa não retorna ao seu estado psicológico habitual (SCARPATO, 2004, p.1).

Cada um reage de um modo singular às várias situações de agressão que sofre na vida, assim como às eventuais situações de violência intensa... (SCARPATO, 2004, p. 2).

Hoje em dia, as adolescentes e jovens conquistam cada vez mais cedo a autonomia pessoal, mas, paradoxalmente, continuam a depender dos pais por um período maior de tempo, devido ao prolongamento dos estudos e à dificuldade de inserção no mercado de trabalho (BRANDÃO, 2004, p. 64). No que se refere ao discurso acima, as jovens que descobrem uma gravidez indesejada e são expulsas de casa pela família permanecem em estado de total abandono, com dificuldades para suprir as suas próprias necessidades, menos ainda uma gravidez, daí recorrerem ao aborto provocado como solução.

3.B - Horrível cada um que passa é que sabe. Não fica arrependida pelo aborto, mas com a consciência pesada, foi a necessidade e desespero.

O ato de abortar, como já vimos, vem acompanhado por vários sentimentos, destarte arrependimento e a culpa. Segundo Boss (1988), angústia e culpa são fatores dominantes na vida dos seres humanos e é aquilo que apreende o mundo no íntimo. No íntimo, as mulheres que abortam percebem que abortar é um erro, que carregam um pecado a mais, pois acreditam ter muitos.

Horrível, cada um é que sabe o que passa. Não que eu fico arrependida (pelo aborto), mas eu fico com a consciência pesada de qualquer jeito foi uma vida, de qualquer forma foi uma vida que eu tirei. Eu fiquei nos termos de desespero, pensando meu Deus o que é que vai ser da minha vida, como é que vai ser daqui por diante quando a barriga crescer mais? Aí eu fiquei pensando muito nisso, achei muito difícil encarar a vida desse jeito e eu nunca imaginei que isso um dia poderia acontecer comigo! Engraçado a gente pensa que só vai acontecer com os outros, nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo um dia nunca! Sabe, o aborto é vida né, que eu tô tirando, é um pecado que a gente vai levando nas costas mais um, que nós temos mil. Porque a gente faz sabendo que tá fazendo errado, mas tem situações que nos obriga mermo e pretendo não fazer mais. Com fé em Deus, não vou tentar mais outro. Primeiro pela minha saúde e tem minha filha também ficar dando exemplo de aborto; poxa tirar a vida de uma pessoa, tô com a consciência pesada agora sabe, tô aqui no meu cantinho, quietinha pensando o que foi que eu fiz de minha vida.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 3, idéia central síntese 3.B. (APÊNDICE G, p.202)

O arrependimento por ‘tirar a vida de uma pessoa’ e por ‘dar exemplo de aborto à filha’, como ficou dito no discurso acima, é fortalecido, nas mulheres, pelo estigma social da mulher que aborta como criminosa. O estigma social parte da categorização das pessoas e dos atributos definidos como comuns e naturais para cada membro destas categorias. O termo estigma, é na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo (GOFFMAN,1988).

Partindo deste conceito, a mulher que aborta rompe com o atributo socialmente definido para ela, que é o da reprodução da espécie e o amor materno incondicional.

3. C. - Ficou desesperada, como se não significasse nada na vida dele, nem o filho que tava na barriga; foi atrás se humilhou, decidiu abortar porque não tinha mais respeito e confiança no companheiro.

A decisão da mulher pelo aborto, quando ocorre no contexto da violência doméstica com o companheiro, é a resposta a uma situação extrema de desassossego, sofrimento intenso e preocupação. Esta decisão não é imediata, é antes construída e fomentada a cada episódio de violência.

Isso porque fiquei assim, como se eu não significasse nada na vida dele, não tivesse a menor importância, nem eu nem aquele filho dele que tava na barriga. Eu fui atrás, me humilhar, chorar, atrás dele, e depois ele falou se você quiser, eu posso até assumir a criança, mas você não quero mais não. Mas ele não assume os dois que ele já tem ia assumir mais esse? Pra eu ficar atrás mendigando, todo mês, botando na justiça, pra que nada! Ele num dá, ele tem dois filhos, num dá nada, nada e a mãe colocou na justiça, quando vai a intimação ele dar R\$ 100; a menina anda abandonada, já com doze anos, já namora já tudo, o menino anda por aí jogado, então não é uma coisa pra ser pai aquilo. Não! Pra mim não dava não! Eu ia abortar, mas só com medo, aí com o que aconteceu no domingo (suspeita de traição), a desconfiança e tudo, aí segunda-feira a gente parou pra conversar e decidiu se separar, que era pra ele procurar pra onde ir, porque a casa é minha né. Eu não ia mais viver com ele, foi que me deu mais coragem; fui, comprei e fiz. Porque agora se eu continuasse com ele não ia ter mais o respeito, entende? [...] Mas ele não gosta que eu tire. Além de ele me maltratar, ainda quer que eu vá parir [...]
Discurso do sujeito coletivo, pergunta 3, idéia central síntese 3.C. (APÊNDICE G, p.204)

Após os movimentos feministas dos anos 60 e 70 e o advento da anticoncepção, as mulheres adquiriram liberdade para exercer a atividade sexual, desvinculada do matrimônio e da reprodução. Mas as mulheres deste estudo se apresentam exercendo a sexualidade de forma livre e sofrem com a gravidez indesejada, submetendo-se a se inferiorizar diante do companheiro, que não as valoriza. Neste sentido,

O declínio do poder patriarcal e de princípios e controles religiosos e comunitários mais tradicionais traduziu-se em mudanças nas relações de gênero, na ampliação da autonomia dos diversos componentes da família e em um exercício bem mais aberto e livre da sexualidade, dissociada das responsabilidades da reprodução. A presença de mulheres no mercado de trabalho passou a ser crescente, assim como a difusão e a utilização de práticas anticoncepcionais e a fragilização dos laços matrimoniais, com o aumento das separações, dos divórcios e de novos acordos sexuais (CARVALHO, 2003, p.112).

Face à negligência por parte do companheiro em relação aos filhos de outra relação, as mulheres abortam, porque prevêm uma repetição deste comportamento.

3. F. - O cunhado insinua que ela tem outra pessoa, se ele soubesse que ela estava grávida não teria discutido, empurrado, tocado a mão nela.

No modelo atual de família de baixa renda, encontramos várias gerações, com laços consanguíneos ou não, coabitando no mesmo espaço doméstico, favorecendo relações de violência entre os membros. O DSC abaixo retrata mulheres que relataram atos de violência por parte de cunhado:

[...] Ele tinha uma mulher que morreu, ele não tá no juízo dele perfeito, eu não tenho nem raiva dele, porque ele não tá no juízo dele. O pai dele não gostava dela, que ela errava também, e se os pais viam que o filho era errado, ainda ia querer uma pessoa errada na sua família? Não ia querer. Ela retava, discutia, e eu nunca tive esses negócio. Então se ele soubesse que eu tava gestante, ele não ia me empurrar, ele não ia tocar a mão em mim porque ele é louco por criança, com mulher grávida ele tem o máximo de cuidado. É, meu cunhado.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 3, idéia central síntese 3.F. (APÊNDICE G, p.212)

Este modelo de agregação familiar, determinado pelas questões econômicas, favorece a perda da individualidade dos membros da família aumentando os conflitos, e as mulheres decidem pelo aborto ao pensar nas dificuldades de constituir sua própria família neste ambiente coletivo permeado pela violência.

A grande mobilidade nos empregos leva todos os membros da família à necessidade de um processo constante de adaptação acrescido da distância com as famílias de origem e, conseqüentemente, da quebra da rede de apoio. [...] Tudo isso tem afetado a vida das pessoas no círculo familiar, trazendo o aumento dos conflitos e originando as rupturas emocionais e físicas (VIEIRA et. al, 2008, p.115).

Ainda com relação a aspectos abordados na decisão de abortar, a pergunta 5, ‘Fale um pouco como você fez para abortar, o que utilizou’ obteve as seguintes idéias centrais:

**Quadro das Idéias Centrais Síntese do Discurso das Mulheres sobre a Decisão de Abortar –
Salvador – Jul. a Set. 2008**

NÚMERO DE ORDEM	IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESE
01	5. A. - Marido não queria comprar abortivo, mas ela forçou e ele comprou. 5. F.- Companheiro não queria que tirasse o feto, mas aceitou com medo de nascer defeituoso e ficou do seu lado.
02	5. C. – Desconfiou, tomou chás, comprou citotec, tomou e aplicou via vaginal; tomou injeção para dilatar útero, usou sonda, foi para o hospital após hemorragia. 5. E. - Tomou chá, expulsou feto em casa, sangrou, foi na maternidade várias vezes e voltou após ultrassom e hemorragia. 1. J. - Tomou chá, 08 dias usou citotec, mas perdeu com a injeção para dilatar útero e a sonda.
03	5.D- Pediu dinheiro emprestado para abortar, gastou muito dinheiro e fez tudo sozinha.
04	5.H. - Tia usou água inglesa após aborto e ficou bem, então fez a mesma coisa, mas pegou infecção; conversaram ela, a tia e o namorado e decidiram juntos abortar.

5. A. - Marido não queria comprar abortivo, mas ela forçou e ele comprou.

5. F.- Companheiro não queria que tirasse o feto, mas aceitou com medo de nascer defeituoso e ficou do seu lado.

O próximo discurso aponta para o fato de que as mulheres que abortam mantêm sua decisão independente do desejo ou opinião do companheiro, demonstrando a autonomia que elas têm sobre seu corpo.

Meu marido, no primeiro momento, ele não queria não. Falei com ele quinze dias atrás, ele nem queria me dar o remédio, aí eu forcei, e ele comprou. Da primeira vez não deu certo, aí na segunda deu certo. Quarta-feira ele me deu (a medicação abortiva), eu botei, fiquei na casa dele e na quinta fui na casa da minha mãe, peguei os meninos e fui levar na escola; quando voltei para a casa dele de novo, senti dor, comecei a sangrar e expulsei... E eram dois. Dormi na quinta lá.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5.A. (APÊNDICE G, p.236)

As mulheres utilizam o método abortivo sozinhas, e continuam realizando suas atividades cotidianas, observando os sinais e sintomas indicativos de procura por auxílio médico segundo seus conhecimentos. O conhecimento sobre medicamentos abortivos advém da área médica, sendo que a veiculação na comunidade se dá a partir de meios de comunicação em massa e pela experiência das próprias mulheres.

Segundo Gesteira (2006, p. 114), “é preocupante pensar que essas mulheres, que provocaram aborto e utilizaram Cytotec, o fazem sem sequer saber de suas reais condições de saúde, dos efeitos colaterais desta droga e das precauções necessárias para seu uso”.

5. C. – Desconfiou, tomou chás, comprou Cytotec, tomou e aplicou via vaginal; tomou injeção para dilatar útero, usou sonda, foi para o hospital após hemorragia.

5. E. - Tomou chá, expulsou feto em casa, sangrou, foi na maternidade várias vezes e voltou após ultrassom e hemorragia.

1. J. - Tomou chá, 8 dias usou Cytotec, mas perdeu com a injeção para dilatar útero e a sonda.

O discurso a seguir mostra que, mesmo em situações diferentes, as idéias centrais convergem para o fato de que as mulheres utilizam vários métodos abortivos combinados, na ânsia de resolver o problema, mas se expõem aos riscos das complicações. Percebemos que as orientações para a utilização de métodos abortivos e a realização do aborto clandestino são feitos por pessoas leigas, tais como vendedores de folhas e amigas, mas também profissionais como farmacêuticos, que auxiliam no processo.

Eu tava desconfiando, eu comecei com enjoô demais e muita gastura no estômago, quanto mais comia mais dava vontade de comer, tontura, náusea, tudo isso, e eu não aguentei, fui fazer exame de sangue deu positivo; minha menstruação atrasou, eu não tava nem com dois meses quando eu tomei o chá, são várias misturas. Comprei e fiz em casa, as meninas me ensinaram, e o pessoal que vende folha em barraca, me ensinou a fazer também chá de espinho cheiroso, tapete de oxalá, hortelã grosso, cravo, garrafada que é a mistura de trinta tipo de erva, boldo, sena, laxante, disseram que era muito bom, tomei, aí tomei só que nada desceu, o menino era forte viu, não queria descer não; tomei o regulador Xavier primeiro, aí não adiantou eu tomei chá, também não adiantou. Então comprei Cytotec, na mão da minha colega que veio da Itália, quatro: tomei dois e apliquei dois. [...] Na segunda vez eu já tomei a injeção, e aí, depois de seis horas de relógio, comecei a perder sangue, sentir fortes dores de cadeiras, contrações uma em cima da outra, e depois comecei a sangrar e perder. Porque eu cheguei assim na farmácia e

perguntei pro farmacêutico se ele teria alguma injeção pra dilatar útero, que eu tinha tomado dois Cytotec e não tinha resolvido, o útero tava demorando de dilatar. Não sei o nome, que ele não me disse. Aí tomei a injeção e dois comprimidos, não adiantou, fiquei só com princípio de aborto, eu vim até aqui mesmo (maternidade), aí a médica me examinou passou a ultra-som, fiz a ultrassom. Antes disso, eu botei sonda. Na verdade eu nem sei como é que ela faz, eu sei que ela (pessoa que faz o aborto clandestino com sonda) mandou eu deitar, arreganhei as pernas, e ela botou não sei, tipo um bico de pato pra abrir a vagina, eu vi ela botando um produto lá que ardeu tudo por dentro, aí eu comecei a sentir dor. Ela diz que já trabalhou em hospital, que eu nunca vi não. Todo mundo só procura ela lá no bairro, ela é bem falada. Ela bota a sonda e manda a pessoa ir pra casa. Ela falou que quando a sonda descesse o feto descia junto, que a sonda puxa. Fica dentro da vagina. Aí resultado, a sonda desceu e o feto não desceu, ficou dentro. Aí eu comecei a sentir dor, sentir dor e sangrar. É vinte e quatro horas que ela dá. Comecei a sangrar na mesma hora que ela botou, eu perdi muito sangue, parecia que eu tava tendo uma hemorragia. Aí eu procurei a maternidade.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5. C (APÊNDICE G, p.238)

A hemorragia é o sinal que as mulheres que abortam esperam para procurar ajuda profissional nas unidades hospitalares, porque significa que o aborto se consumou; isso se deve ao fato de elas terem consciência de que a procura no início, quando os primeiros sinais e sintomas de aborto aparecem, significará que a equipe de saúde trabalhará no sentido de conservar a vida do feto.

A ação médica parte do princípio do diagnóstico obtido, ou seja, se existe vitalidade fetal e sintomas de ameaça a esta vitalidade, é papel do médico fazer algo para corrigir os sintomas maternos que ameacem a vida fetal. Se estes sinais não existirem, são tomadas medidas para esvaziar o útero e prevenir hemorragias e infecções, no sentido de garantir a saúde materna, independentemente de o aborto ter sido espontâneo ou provocado.

A equipe médica está respaldada pelo Código de Ética, que mostra, no capítulo III, art. 43, que é responsabilidade profissional do médico não “descumprir legislação específica nos casos de transplantes de órgãos ou tecidos, esterilização, fecundação artificial e abortamento” (BRASIL, 1988, p.5). Além disso, no Brasil, o aborto é crime pelo Código Penal, tanto o cometido pela gestante quanto aquele cometido por terceiros com ou sem seu consentimento.

É por isso que a taxa de morbimortalidade por aborto aumenta: ao perceberem o atraso menstrual, as mulheres iniciam a automedicação para induzir o sangramento. As mulheres vão aos serviços de saúde para orientações sobre o atraso menstrual, procurando espaço para falarem de suas reais intenções, e ao invés de se escutá-las, elas são encorajadas a fazer o pré-natal, o que as leva a manobras abortivas arriscadas (GESTEIRA, 2006).

Eu tomei chá, eu comecei a sangrar na verdade no domingo; no sábado eu tava sentindo dor, por que tava sangrando fui lá (maternidade) a médica me examinou, passou a ultrassom porque tava sangrando, e me disse que era pra eu fazer um pré- natal. Lá em casa tinha alguém, mas ninguém viu não, porque eu tirei dentro do banheiro, eu entrei no banheiro sozinha e ele saiu sozinho. [...] Tive aqui na maternidade umas três vezes, e não tava fazendo ultrassom aqui, queria me internar, não tinha assim previsão pra poder fazer ultrassom, eu preferi sair, fazer a ultrassom fora, e já vim com a ultrassom, estava com um mês e meio e constava aborto incompleto. Eu não sentia nada, tava normal, aí depois de uma semana ela desceu uma hemorragia, entendeu? Então saindo os pedaços, que eu decidi procurar a maternidade. Comecei a sangrar, sangrar, e aí resolveram, mandar que me internassem para fazer a cureta. [...] Somente quando ele disse; olhe você vai fazer (aborto), mas se você sentir qualquer coisa, cê nem me chame, que eu não vou nem me mover. Quando eu comecei a passar mal, eu disse: eu não tô passando bem e ele (companheiro) disse: - por mim, não mandei sentir nada. Eu achei aquilo um absurdo porque a convivência que eu tinha com ele, até um estranho a gente dá um socorro, qualquer pessoa, um inimigo, um estranho. Vim sozinha, quer dizer chamei uma colega, mas ela falou que não podia vir no momento que era pra mim aguardar, aí eu preocupada vim sozinha. [...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5. E. (APÊNDICE G, p.247)

O DSC acima retrata a solidão das mulheres no ato de abortar, a vivência do momento do aborto provocado e a procura por assistência sem a rede de apoio familiar. Neste discurso, as mulheres expõem a negligência dos companheiros e o afastamento das amigas quando o aborto começa a se complicar.

Vale lembrar que algumas mulheres em situação de abortamento por elas induzido buscam por assistência porque apresentam restos ovulares ou embrionários e, com receio da censura familiar e da discriminação social, enfrentam a internação hospitalar sozinhas, sem que os familiares tomem ciência do fato. O abortamento provocado traz consigo um estigma, vinculado a crime, a pecado... A solidão, a falta de apoio, o medo dos olhares que poderão culpá-las são facetas que permeiam a situação; a solidão é sentida por todas as mulheres independente da causa do aborto (BOEMER; MARIUTTI, 2003, p. 64)

Outro aspecto a ser considerado é a dificuldade de implementação das políticas públicas de saúde no que se refere à resolução proposta pela diretriz de descentralização do SUS. A Lei 8080/90, em seu art.7º, XII, sustenta que as ações e serviços públicos de saúde e os serviços

privados contratados ou conveniados, que integram o SUS, devem ter a capacidade de resolução dos serviços em todos os níveis de assistência (BRASIL, 1990).

No DSC de que falamos, as mulheres procuram a maternidade várias vezes, sem a disponibilidade do serviço de ultra-sonografia nem previsão de retorno; a equipe de saúde propõe a assistência e a internação mesmo sem o exame. Algumas, já sabendo da negligência do serviço de saúde no que se refere à realização de exames específicos para diagnóstico de morte fetal, assumem os custos, realizando o exame em clínicas particulares, e já retornam com o resultado. Na situação descrita, observamos que a resolução do problema foi incompatível com o que prevêem as diretrizes do SUS e a mulher que aborta, mesmo com a saúde vulnerável, ainda precisa perambular em busca do atendimento e do procedimento diagnóstico, pagar pelo serviço de imagem que teoricamente deveria ser oferecido pelo Estado, independente de ser o aborto provocado ou não.

5.D- Pediu dinheiro emprestado para abortar, gastou muito dinheiro e fez tudo sozinha.

Os próximos discursos mostram que o aborto clandestino tem um custo alto para quem o realiza, principalmente porque quem o faz geralmente passa por dificuldades financeiras.

Pedi dinheiro emprestado, encontrei um colega meu aí pedi dinheiro emprestado, ele não queria dar, mas eu pedi até pelo amor de Deus, que ele me emprestasse, porque tava no início (da gestação) ainda era mais fácil pra abortar. Aí ele me emprestou. Quem comprou na verdade não foi eu foi uma colega minha. Porque disse a ela eu não podia ter esse filho, eu conversei com ela, expliquei a situação a ela, ela disse que ia me ajudar; aí comprou, eu só fiz só dar o dinheiro a ela. R\$ 15,00 cada um. Foi eu que fiz, eu mesma que fiz tudo, ela só fez só me dar o remédio, que eu mesma que fiz tudo sozinha, eu mesmo que botei no aplicador, eu mesma botei na pomada, eu mesma coloquei na vagina, eu que fiz tudo. Creme vaginal... Tem que colocar um creme vaginal pra poder facilitar a entrada.[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5. D. (APÊNDICE G, p.244)

Por ser considerado crime pelas leis brasileiras, é bastante contraditório que as mulheres consigam adquirir medicamentos abortivos, cuja venda só é permitida com receita médica e que estabelecimentos ou pessoas realizem o ato de forma ilícita, beneficiando-se financeiramente com a clandestinidade, sem uma fiscalização rigorosa ou uma punição pelas instâncias colegiadas do

Estado para este fim. Assim sendo, as mulheres que abortam de forma clandestina se submetem a preços abusivos e condições higiênicas duvidosas, pondo em risco sua saúde física e mental.

[...] Eu vendi o celular, aí eu peguei e fiz com ela, ela me cobrou mais barato. Como eu tava com poucos meses, no caso, como eu tava com quatro semanas só, ela me cobrou R\$120,00. Eu gastei quanto, xô ver, gastei todo o dinheiro que eu tava na mão, gastei mais de R\$ 200,00 contando com condução, mais de R\$ 200,00. Depois de muito custo, muito custo, muito dinheiro muito dinheiro mesmo pra poder tirar esse menino; eu me arrependo até hoje, se eu tivesse me cuidado mais eu não estaria aqui, o dinheiro que eu tinha gasto com ele, eu tinha pago um reforço pra mim na escola, pra eu estudar melhor, não teria dado esse desgosto a meu pai[...]

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5. D. (APÊNDICE G, p.244)

É corriqueiro que se fale que quanto piores as condições em que se realiza o aborto e a técnica utilizada, e quanto menor a qualificação de quem o faz, maiores as possibilidades de complicações e piores as conseqüências para a mulher que o sofre. É evidente que quanto menores os recursos econômicos das mulheres, piores as condições em que será feito o aborto. Conclui-se, portanto, que o aborto provocado é de risco apenas para quem não tem condições econômicas, para pagar a sua realização com as melhores condições técnicas e por pessoal especializado (HARDY; ALVES, 1992, p. 457).

Esta situação entra no debate atual da sociedade brasileira no que tange à descriminalização do aborto: dez projetos de lei, além de treze apensados que envolvem o aborto, se encontram em tramitação no Congresso. Segundo Machado (2007), estes projetos se dividem em: 1) projetos que propõem aumentar as restrições atuais (incluir o aborto como crime hediondo, criminalizar aborto terapêutico, aumento das penas); 2) projetos que propõem reduzir as restrições atuais (aborto para fetos anencéfalos ou com enfermidades congênitas graves, para vítimas de atentado violento ao pudor e outras formas de violência, liberar aborto por qualquer razão até 90 dias se for de vontade da mulher); 3) projetos que não propõem mudar as disposições vigentes (regulamentar o aborto na rede SUS nos casos já previstos em lei, obrigar os servidores de delegacias a informar à mulher sobre o direito de aborto se houver estupro); 4) projetos que tratam acessoriamente do aborto (cria semana nacional de prevenção ao aborto e crime de tortura, aumentando a pena para aborto provocado).

5.H. - Tia usou água inglesa após aborto e ficou bem, então fez a mesma coisa, mas pegou infecção; conversaram ela, a tia e o namorado e decidiram juntos abortar.

No DSC a seguir, evidencia-se a transmissão de experiências de aborto entre as gerações de mulheres. O conhecimento sobre a vida reprodutiva, a representação da água inglesa como responsável pela limpeza do corpo após parto e após aborto também são repassados entre as mulheres e vivenciados como senso comum: acredita-se que a água inglesa cura e age como limpeza espiritual.

Eu não vim porque eu não tava sentindo nada e minha tia ficava dizendo que tinha perdido um, tomou água inglesa e ficou tudo bem com ela. Eu achei que comigo ia ser a mesma coisa. Então cheguei a usar, mas senti muita dor e peguei infecção. Eu só vim sentir no sábado depois que eu caí da escada, muitas dores, aí no domingo eu vim. Minha tia falou que a gente não se cuidou e não sei o quê; mas depois ela disse se eu achava que era o melhor, que ela era contra o aborto, mas já que eu queria, ela sabia que ia atrapalhar um pouquinho e concordou numa boa, conversou comigo, conversou com ele. Ele também conversou muito com ela, falou que ele tava a fim de ficar comigo e não sei o quê. Aí a gente decidiu tirar os três juntos, porque eu só moro com ela, minha mãe faleceu, ela é a responsável achei que ela devia saber. Porque eu sou de menor, a gente conversou normal, numa boa, e decidimos.

Discurso do sujeito coletivo, pergunta 5, idéia central síntese 5. H. (APÊNDICE G, p.256)

A transmissão cultural e entre gerações sobre a utilização da água inglesa remete a uma discussão do corpo feminino e à medicalização dos seus processos fisiológicos; esta medicalização é implementada a partir do final do século XVIII e no século XIX, com o estabelecimento do monopólio do saber pela criação da profissão médica, liberal e de predominância masculina. O entendimento do corpo feminino tinha por objetivo principal preparar este corpo para gerar homens fortes, trabalhadores para a indústria. As questões sociais dos papéis para homens e mulheres começam a ser definidas pelas particularidades do corpo feminino, tais como menstruar, gestar, parir e amamentar, dando origem às concepções de maternidade, instinto maternal e divisão sexual do trabalho, com a perspectiva de proteção à prole (VIEIRA, 2002).

Com esta concepção de que a natureza feminina possuía características biológicas que identificavam as assimetrias sexuais e de gênero, e com a construção dos conceitos de que a sexualidade feminina normal era aquela voltada para a procriação, inicia-se o controle social de todo processo de impureza ou de ‘desvios’ como a masturbação, o aborto e a menstruação com

suas alterações psicológicas. Muitas teorias, especulações sociais do século XVIII, retratavam a menstruação como moléstia, evento sobrenatural, contaminante, capaz de envenenar; por outro lado, o corpo feminino impuro também tinha na menstruação uma forma de purificação (VIEIRA, 2002).

Desde a antiguidade, as mulheres orientavam outras mulheres acerca do conhecimento e dos cuidados com o corpo, algumas eram até consideradas feiticeiras e foram, por esse motivo, queimadas em fogueiras durante a Inquisição. O uso de unguentos, chás e terapias alternativas com folhas, o acompanhamento do parto em domicílio era uma atividade comum das mulheres até a institucionalização do modelo biomédico, hospitalocêntrico, científico e inquestionável.

E a água inglesa se insere neste contexto do senso comum feminino, sendo utilizada, por muitos anos, como forma de purificar o organismo para uma gravidez, e, após o parto ou aborto, para limpeza do útero e prevenção de infecções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o discurso das mulheres que abortaram em um contexto de violência doméstica. Partimos da observação de que as mulheres que provocavam um aborto e a quem atendíamos nas maternidades, vinham de relações familiares violentas.

Conhecendo que o abortamento é a quarta causa de óbito materno no país, que a região Nordeste se destaca pelo segundo maior índice de curetagens pós-aborto e que em Salvador, conforme dados de 2001, o aborto era a segunda causa de morte materna, nos inquietamos e resolvemos ouvir as mulheres que compõem estas estatísticas.

Para isso, escolhemos a abordagem qualitativa, que nos permitiu ouvir os discursos das mulheres sobre a vivência do aborto provocado no contexto de violência doméstica. Alguns aspectos importantes foram identificados nesta pesquisa: faremos agora algumas considerações a esse respeito.

As mulheres deste estudo eram constituídas, em sua maioria, por adolescentes e jovens adultas. Tinham baixa escolaridade, se declararam negras e pardas, solteiras, moravam com familiares e dependiam financeiramente de pai e mãe. A maioria já teve filhos e já viveu situações em que teve de provocar aborto, preferencialmente se utilizando para isso do medicamento cytotec. Desempregadas, desenvolviam atividades autônomas de baixo retorno financeiro e algumas eram sustentadas pelo companheiro; e justificaram aborto provocado pelo medo que sentiam de não conseguirem sustentar as necessidades básicas (alimentação, moradia, saúde) do futuro filho.

No que se refere à relação delas com o companheiro, relataram a busca por uma autonomia em relação ao sexo, a vivência do prazer sem a preocupação de nenhuma das partes (delas e dos parceiros) de prevenir a gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis. Ao mesmo tempo em que falavam desta autonomia sexual, as mulheres mantinham com o companheiro um relacionamento pautado na idealização do amor romântico, frustrada pela descoberta da gravidez, a mudança de comportamento ou o abandono por parte dele, e com isso a decisão de interromper ou levar adiante a gestação coube exclusivamente às mesmas.

Assim, as mulheres assumem o direito ao seu corpo e decidem interromper a gestação utilizando-se para isso do aborto inseguro, independente da vontade ou opinião de seus companheiros e com isso se submetendo a correr riscos.

O estudo mostra que a decisão de abortar foi tomada também após análise da instabilidade financeira e a história de violência vivenciada com outros companheiros em gestações anteriores e na gestação atual. Em relação à convivência com a família, o discurso das mulheres apontou para o fato de que a decisão de abortar partiu também da vivência de relações conflituosas no ambiente familiar e da falta de apoio da família quando a gravidez indesejada foi descoberta.

O aborto provocado acontece em um contínuo contexto de violência e sob diversas formas; as mulheres do estudo relataram que sofriam privação de liberdade, manipulação afetiva (violência psicológica), destruição de objetos pessoais (violência patrimonial), lesões corporais (violência física): a decisão de abortar é processual, resultado de um caminho de aflição silenciosa.

Outro aspecto para o qual podemos chamar a atenção neste estudo foi o aborto provocado no contexto de relações homossexuais femininas onde a violência entre companheiras incitou à traição com relação heterossexual, resultando em gravidez indesejada. Neste caso, o aborto foi provocado como forma de evitar a discriminação da companheira pela sociedade caso uma gravidez fosse descoberta.

Na vida das mulheres que provocam o aborto, a violência entre gerações está presente desde a infância, nas relações entre familiares, juntamente com necessidades econômicas, educacionais e de saúde. Esta situação retratou a vulnerabilidade das mulheres do estudo, a ponto de algumas delas relatarem história de moradia na rua e de prostituição.

Ao decidirem pelo aborto, as mulheres do estudo sentiram culpa, vergonha e arrependimento, temendo os julgamentos que podiam advir da família e da sociedade, pelo fato de o aborto representar um estigma social caracterizado como pecado e crime.

São comuns os questionamentos da sociedade sobre o porquê da gravidez indesejada com tantos métodos anticoncepcionais, julgando que as mulheres não se preocupam com o uso deles. A prevenção da gravidez indesejada deve ser analisada a partir das histórias que as mulheres trazem sobre o uso dos anticonceptivos.

O que ficou claro na pesquisa é que as participantes do estudo faziam uso de métodos contraceptivos sim, mas tinham dificuldades em dar continuidade a eles. A realidade é que as mulheres que utilizaram os anticonceptivos hormonais, ao sentir efeitos colaterais, abandonaram o uso deles; no entanto, elas não procuraram o serviço de planejamento familiar para discutir estas reações e/ou utilizarem outro método. Outro aspecto a salientar é que quando as mulheres

procuraram o serviço de saúde as suas demandas não eram ouvidas, e o que se enfatiza é o aspecto técnico referente aos métodos. Isso demonstra a ineficiência do serviço (demora no agendamento de consultas, falta de anticoncepcionais, falta de profissionais, não acompanhamento rigoroso pela equipe de Programa de Saúde da Família sobre a utilização e situações adversas). Além disso, o preservativo aparece nos discursos como um método pouco utilizado, devido à dificuldade de negociação com o companheiro.

As mulheres que passam pelo processo de um aborto provocado relatam uma necessidade de mudança de vida: no entanto, retornam ao serviço depois de sucessivos abortos; esta situação provém do fato de que as mulheres, ao voltarem aos seus ambientes, se deparam com as mesmas necessidades, carências e situações de violência doméstica. Desse modo, mantêm a baixa auto-estima, reforçada pelo estigma, e não conseguem desenvolver os projetos verbalizados durante a internação, que incluem cuidar-se e enfrentar a violência doméstica.

O aborto provocado representa um custo elevado para as mulheres: não só pelo preço dos medicamentos e métodos abortivos, mas também pelas despesas particulares com transporte, em cada visita à maternidade e com a realização de exames em clínicas particulares, tais como, por exemplo, a ultra-sonografia. Além disso, sua vida social sofre conseqüências, com ameaças, por exemplo, de demissão de emprego, além de sua saúde física e mental, o que também se reflete no cuidado com os filhos e o trabalho doméstico.

Vale a pena ressaltar que o serviço de saúde também aumenta seus custos com internação por complicações devidas ao aborto provocado. A pergunta é: quem ganha com a ilegalidade do aborto provocado? O estudo mostra que existe um comércio clandestino de medicamentos como o Cytotec, que não paga impostos, não exige receita controlada pela vigilância sanitária e que não é difícil comercializar.

Com relação às pessoas beneficiadas com a clandestinidade, as participantes do estudo deixaram claro que nos bairros são conhecidas pessoas que realizam práticas abortivas a determinados valores, como, por exemplo, a utilização de sonda, bem como as clínicas que faturam com os abortos clandestinos, mas nada é feito contra elas.

A manutenção da ilegalidade do aborto favorece o ganho ilícito de pessoas com as manobras abortivas e a sociedade permanece firme em concepções ideológicas favoráveis à criminalização, não analisando quem são as mulheres que estão provocando o aborto e em que contexto elas estão inseridas.

O estudo mostrou que a mulher que realiza o aborto clandestino paga caro: seja em custos materiais, seja adoecendo, seja com a própria vida; além disso, os prejuízos atingem filhos pequenos, e elas carregam sozinhas a culpa e o estigma social. As mulheres que abortam precisam de espaço para acolhimento, escuta e resolução de suas demandas pelos serviços de saúde, no que se refere aos aspectos subjetivos e biológicos.

Mesmo com o reconhecimento das políticas públicas de saúde acerca da humanização do atendimento nos casos de aborto provocado, existe um distanciamento entre a teoria e a prática por parte dos profissionais de saúde. A Enfermagem, caracterizada pelo cuidado, deve passar por processo de capacitação para a compreensão do contexto social em que estão inseridas as mulheres que abortam, no sentido de reformular suas práticas; além disso, fomentar debates sobre esta realidade também deve constar dos currículos de formação de nível médio e superior.

Assim, cabe à sociedade discutir o contexto em que as mulheres brasileiras abortam, sem preconceitos, fortalecendo a opinião pública e a mobilização social para que o Estado venha a garantir os direitos reprodutivos destas, por meio da aprovação dos projetos de lei existentes sobre a descriminalização do aborto e quando falamos em descriminalizar não significa que os serviços de saúde tenham de estimular ou propagar a prática do aborto provocado como método anticonceptivo. Cabe ao Sistema Único de Saúde a realização do aborto seguro quando aprovado em lei, respeitando o desejo e o direito das mulheres.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cathia. Aborto: uma questão jurídica, religiosa ou de saúde pública? In: **Sociologia, ciência & vida**. Ano II, nº 18. São Paulo: Editora Escala, 2008.

ALVES, Sandra Lúcia Belo et al. A mulher grávida no cerco da violência conjugal. In: II Encontro de Pesquisa em Enfermagem da Bahia, 15 a 18 de agosto de 1999. Salvador. **Caderno resumo**. Salvador: ABEN BA, 1999, p. 35.

ALVES, Paulo César. **As interfaces das ciências sociais com o campo da pesquisa em saúde**. Palestra apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2008.

ARMAS, Henry. Explorando os vínculos entre sexualidade e direitos para enfrentar a pobreza. In: **Questões de Sexualidade: ensaios transculturais**. Organizadoras: Andrea Cornwall e Susie Jolly. Rio de Janeiro: ABIA, 2008, p. 59-68.

ARPINI, Dorian Monica. Identidade, família e relações entre Grupos sociais. In: **Violência e exclusão: adolescência em grupos populares**. Bauru: EDUSC, 2003.

AUTOR DESCONHECIDO. **Ficar ou namorar: intimidade sexual e intimidade emocional em conflito**. Disponível em:

http://ns.faac.unesp.br/pesquisa/nos/novos_textos/b/ficar.htm. Acesso em 12 jan. 2009a.

AUTOR DESCONHECIDO. **As religiões e o aborto**. Disponível em:

<http://www.aborto.com.br/religiao/index.htm>. Acesso em 22 jun. 2009b

AZEVEDO, Dermi. Desafios estratégicos da Igreja Católica. **Lua Nova**, São Paulo, n. 60, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 jun. 2009.

BAHIA (Estado). **Decreto nº 17.287 de 23 de fevereiro de 1959**. Regula a organização da Maternidade Tsylla Balbino e dos postos de Assistência Obstétrica Domiciliar e dá outras providências, Bahia, 1959 (material xerocopiado).

BARROS, Maria Nilza Ferrari de. Violência contra a mulher: as marcas do ressentimento. **PSI – Rev. Psicol. Soc. Instit.**, Londrina, vol. 2, n.2, p. 129-148, dez. 2000.

BERQUO, Elza; BARBOSA, Regina Maria; LIMA, Liliam Pereira de. Uso do preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em: 17 jan. 2009.

BISPO, Clísya Dias Bertino; SOUZA, Vera Lúcia Costa. Violência institucional sofrida por mulheres internadas em processo de abortamento. **Rev. Bahiana de Enfermagem**. Salvador, v.21, n.1, p.1930, jan/abr, 2007.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal, 2: parte especial dos crimes contra a pessoa.** 8ª ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina (Traduzido do original em francês do **La domination masculine**. Paris, Éditions du Seuil, p. 11-35 . 1998.
_____, Pierre. **A dominação masculina.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOEMER, Magali Roseira; MARIUTTI, Mariana Gondim. A mulher em situação de abortamento: um enfoque existencial. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2009.

BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth. Condições de vida e saúde da população adolescente no Brasil. In: **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. Organizadoras: Ana Luiza Vilela Borges, Elizabeth Fujimori. Barueri, SP: Manole, 2009, p. 23-41.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Falas masculinas ou ser homem em Fortaleza: múltiplos recortes da construção da subjetividade masculina na contemporaneidade. In: Célia Chaves Gurgel do Amaral (org.), **Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero**, Salvador: REDOR-NEGIF, 2004, p. 65-97.

BORN, Leslie et. al. Trauma e o ciclo reprodutivo feminino. **Rev. Bras. Psiquiatr.** [online]. 2005, vol. 27, supl. 2 ISSN 1516-4446.

BOSS, Medard. **Angústia, culpa e libertação.** 4ª ed. Tradução de Bárbara Spanoudis. São Paulo: Livraria duas cidades, 1988.

BRANDÃO, Elaine Reis. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: **Família e sexualidade**. Organizadora Maria Luiza Heilborn. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 63-86.

BRANDAO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2009.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. **Decreto-Lei 5.452 de 1º de maio de 1943.** Da Proteção à Maternidade. Disponível em: http://www.dji.com.br/decretos_leis/1943-005452-clt/clt.htm. Acesso em 15 jan. 2009.

_____. Ministério da Saúde. **Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher.** Brasília: Ministério da Saúde, 2001a.

_____, Ministério da Saúde. **Sistema Único de Saúde: princípios e conquistas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf. Acesso em: 09 mar. 2009.

_____, Presidência da República. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8080.htm. Acesso em: 18 mar. 2009.

_____. Ministério da Saúde. **Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros**. Cadernos Série B: Textos Básicos da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005a.

_____. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Cadernos de Atenção Básica nº 8; série A - Normas e manuais técnicos - nº 131. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Norma Técnica para Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005b.

_____. Ministério da Saúde. **Norma Técnica para Atenção Humanizada ao Abortamento**. 1ª ed. Série: Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos – Caderno nº 4. Brasília: Ministério da Saúde, 2005c.

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violências. **Portaria GM/MS nº 737 de 16/05/01**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001b.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 936, de 18 de maio de 2004**. Dispõe sobre a estruturação da Rede Nacional de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde e a Implantação e Implementação de Núcleos de Prevenção à Violência em Estados e Municípios. Brasília: Ministério da Saúde, 2004a.

_____. Ministério da Saúde. Saúde humaniza atendimento a mulheres em processo de abortamento. **Portal da Saúde**. 15/12/2004b. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/noticias_detalhe.cfm?co_seq_noticia=12448 > Acesso em: 06 nov. 2007

_____, Presidência da República. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Programa Bolsa Família**. Brasília: 2004. Disponível em: http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia/o-que-e. Acesso em: dez. 2008.

_____. Presidência da República. **Lei 10.778 de 24 de novembro de 2003**. Estabelece a notificação compulsória em todo o território nacional para os casos de violência contra a mulher, atendidos em serviços de saúde públicos e privados. Poder Executivo, Brasília: 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/>. Acesso em: set. 2007.

_____. Presidência da República. **Decreto 5.390 de 8 de março de 2005**. Aprova o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres – PNPM e institui o Comitê de Articulação e Monitoramento e dá outras providências. Poder Executivo, Brasília, 2005 d. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5390.htm>. Acesso em: 06 nov. 2007.

_____, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996**. Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: 2006 a.

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. 52 p.: il. color. Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Caderno n. 2. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Poder Executivo, Brasília: 2006b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em 10 jan. 2008.

_____. Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude. **Pró Jovem Urbano: conhecimento e oportunidade para todos**, 2005. Disponível em: <http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=462> . Acesso em 16 jan. 2009.

_____. Conselho Federal de Medicina. **Resolução CFM nº 1.246/88, de 08.01.88** Contém as normas éticas que devem ser seguidas pelos médicos no exercício da profissão, independentemente da função ou cargo que ocupem. (D.O.U 26.01.88). Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/novoportal/index5.asp>. Acesso em 17 jan. 2009.

_____, Ministério da Justiça. **Perfil das Vítimas e Agressores das Ocorrências Registradas pelas Polícias Cíveis (Janeiro de 2004 a Dezembro de 2005)**. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJCF2BAE97ITEMID78EA9AA6C582483FA694D19FA0A90410PTBRIE.htm> . Acesso em 24 fev. 2009.

BRIGHAM, Ciro. Fórum promove vigília pelo fim da violência. **Correio da Bahia**, 31/10/07. Disponível em: < <http://www.correiodabahia.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=140459>>. Acesso em: 06 nov. 2007

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: Seyla Benhabib e Drucilla Cornell (coords.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987, p. 139-154.

CALDERÓN Saldaña Jully, ALZAMORA DE LOS GODOS U Luis. Influencia de las relaciones familiares sobre el aborto provocado en adolescentes. **Rev. Peru Med Exp Salud Publica** 23(4), 2006. Disponível em:
http://www.imbiomed.com.mx/1/1/articulos.php?method=showDetail&id_articulo=44495&id_seccion=2129&id_ejemplar=4510&id_revista=132. Acesso em: 13. jan. 2009.

CAMPOS, Láyla Pereira Lobato. As repercussões psicológicas da gravidez no pai. **Mental**. [online]. nov. 2006, vol.4, no.7 [citado 25 Março 2009], p.147-160. Disponível em World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1679-4427. Acesso em: 13. jan. 2009.

CARVALHO, Bruno Lourenço da Silva Macedo; BEZERRA, Camila Neves. **Agressão deve ser denunciada**. Disponível em: <http://www.unb.br/fd/noticiast32.htm>. Acesso em 06/11/07.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e proteção social. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 de jan. 2008.

CHUMPITAZ, Violeta Angélica Cuenca. **Percepções Femininas sobre a Participação do Parceiro nas Decisões Reprodutivas e no Aborto Induzido**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública. Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Ciências na Área de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=403105&indexSearch=ID>. Acesso em: Acesso em 06 nov. 07.

COSTA, Rosely G. et al. A decisão de abortar: processo e sentimentos envolvidos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, mar. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1995000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2008.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: **Família e gerações**. Organizadora Myriam Lins de Barros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 91-106

COUTO, Telmara Menezes. **Mulher, Gestação e Violência: da dimensão factual à existencial**. UFBA: Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Enfermagem, 2003.

CRLV. **Folheto informativo**: CRLV: Centro de Referência Loreta Valadares. Prevenção e atenção a mulheres em situação de violência, 2007.

DELGADO, Josefa Aida. Que é o "ser da família"? **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. spe, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em 11 jan. 2009.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª Ed. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESLANDES, Suely Ferreira e cols. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DINIZ, Normélia Maria Freire *et al.* Violência Doméstica: assistência à mulher com lesões corporais. **Revista Bahiana de Enfermagem**, Salvador, v. 15, n. 1/2, jan/ago. 2002, p. 55-62.

DINIZ, Normélia Maria Freire; MONTEIRO, Ana Paula. **Violência conjugal como desencadeadora de problemas de saúde no âmbito familiar: reconhecimento por mulheres que sofreram violência física**. Relatório final de pesquisa, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC. Salvador: UFBA, 2002.

DINIZ, Normélia Maria Freire *et al.* Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em 11 jan. 2009.

DUARTE, Graciana Alves *et al.* Perspectiva masculina acerca do aborto provocado. **Rev. Saúde Pública**, 2002; 36(3):271-7. Disponível em: <www.fsp.usp.br/rsp>. Acesso em: 21 out. 2008.

ESPINOZA, Henry. Embarazo no deseado y aborto inseguro: dos problemas de salud persistentes en América Latina. **Rev Panam Salud Publica**, Washington, v. 11, n. 3, Mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Mar. 2009.

FAÚNDES, Aníbal; BARZELATTO, José. **O drama do aborto: em busca de um consenso**. Campinas: Komedi, 2004.

FERNANDES, Rosa Aurea Quintella; NARCHI, Nádia Zanon. **Enfermagem e Saúde da Mulher**. Barueri, SP: Manole, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 17ª edição, 2006.

GAIARSA, José A. **O que é o corpo?** 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GALASTRO, Elizabeth Perez; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. A participação do homem na saúde reprodutiva: o que pensam os profissionais de saúde. **Rev. Esc. Enferm USP**. 2007;

41(3): 454-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/16.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2009.

GARCIA, Deomara Cristina Damasceno. **Transgressões humanas: pecado e sentimento de culpa**. 2006. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0313. Acesso em: 25 mar. 2009.

GESTEIRA, Solange Maria dos Anjos. **Assistência prestada à mulher em processo de aborto provocado: o discurso das mulheres e das profissionais de enfermagem**. USP: Tese apresentada para obtenção do Título de Doutora em Ciências, 2006.

GESTEIRA, Solange Maria dos Anjos; BARBOSA, VL. Endo PC. O luto no processo de aborto provocado. **Acta Paul. Enferm**; 19(4): 462-7, 2006.

GIDDENS, Anthony. Gênero e Sexualidade. In: **Sociologia**. 4ª Ed. Artmed, 2005.

GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: v.10 (supp1): 146-155, 1994.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDEBERG, Jacob Pinheiro. **A cultura da agressividade**. São Paulo: Sandy, 2004.

GRECO, Rogério. **Curso de Direito Penal**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2008.

HARDY, Ellen; ALVES, Graciana. Complicações pós-aborto provocado: fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, dez. 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1992000400010&lng=PT&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2009.

HIRIGOYEN, Marie- France. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: mar. 2009

IPAS. **Interrupção Legal da Gravidez**. Disponível em: <http://www.ipas.org.br/interrupcaolegal.html>. Acesso em: 06 nov. 2007.

JIMENEZ, Ana Luisa et al. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis sócio-econômicas e demográficas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, Feb. 2001. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 Jan. 2009.

LA TAILLE, Yves de. **Vergonha: a ferida moral**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Angela Maria Cristina Uchôa de Abreu. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23, n. 1, Mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em: 15 Jan. 2009.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª edição, São Paulo: Editora Atlas, 2007.

MERIZALDE, Catalina Bermúdez. Doctrina de La Iglesia y despendalización Del aborto: algunas reflexiones. **P & B**, vol. 9, 2 (25), p. 99 - 110, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>. Acesso em: 21 out. 2008.

MENEZES, Telma Cursino et.al. Violência Física Doméstica e Gestação: resultados de um inquérito no puerpério. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** 25 (5): 309-316, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª edi o, São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

_____, Maria Cecília de Souza. A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(sup): 1259-1267, 2007a.

_____, Maria Cecília de Souza. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(sup): 1163 -1178, 2007b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. A complexidade das rela es entre drogas, álcool e violência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>. Acesso em: 15 Jan. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SOUZA, Edinilsa Ramos de. 'Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de a o coletiva'. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998.

MOTTA, Ilse Sodré da. A rela o interpessoal entre profissionais de saúde e a mulher em abortamento incompleto: "o olhar da mulher". **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife, v. 5, n. 2, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2008.

MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; SILVA, Raimunda Magalhães da. Competência profissional e assistência em anticoncep o. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 5, out.

2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000500015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2009.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revistas Estudos Feministas**, Vol. 8, Nº 2, 2000, p. 9-41.

NOLASCO, Sócrates Álvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo; MOREIRA FILHO, Djalma de Carvalho. Fatores de risco e preditores para o aborto induzido: estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 22(2): 365-375, fev., 2006.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Fórum: violência sexual e saúde. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 Abr. 2007.

PARÁ. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, 'Convenção de Belém do Pará'**. Disponível em: <<http://www.cidh.oas.org/Basicos/Base8.htm>>. Acesso em: 11 out. 2005.

PASSOS, Elizete. O existencialismo e a condição feminina. In: **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Organizado por Alda Britto de Motta, Cecília Sardenberg e Márcia Gomes. Salvador: NEIM/UFBA, 2000, p.39-48.

PAVEZ, Graziela Acquaviva. Expressões da Violência: violência doméstica. In: **Curso de Capacitação para o Atendimento a Mulheres em Situação de Violência**. São Paulo: FMUSP/CFSS, p. 22-30, 1997.

PÉREZ, Bárbara Gómez. **Aborto Provocado: Representações Sociais de Mulheres**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Salvador: 2006.

PIMENTEL, Silvia; PANDJIARJIAN, Valéria; PIOVESAN, Flávia. **Aborto: discriminar para não discriminar**. Disponível em: <<http://www.redemulher.org.br/aborto.html>>. Acesso em: 28 Mai. 2007.

PORTAL VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. **Pesquisa DataSenado – SECS 2007**. Disponível em: <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/dadospesquisas.shtml>. Acesso em 24 fev. 2009.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 3ª ed. Lisboa: Gradiva, 2003.

RAMÍREZ, Martha Célia. A propriedade do corpo: o lugar da diferença nos discursos de homens e mulheres acerca do aborto voluntário. **Cadernos Pagu**, (15), p. 297-335. 2000.

REDE FEMINISTA DE SAÚDE. **Dossiê Aborto – Mortes Preveníveis e Evitáveis**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2005.

REZENDE, Jorge de; MONTENEGRO, Carlos Antonio Barbosa. **Obstetrícia Fundamental**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RICAS, Janete; DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli; GRESTA, Mona Lisa Maria. A violência na infância como uma questão cultural. **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 1, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em: 11. jan. 2009.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Women and Medicalization: a New Perspective**. Social Policy 14,1, 3-18. Summer, 1983. [Traduzido para o português por Reinaldo de Souza Oliveira]

RINALDI, Dóris. Mistérios da feminilidade: a relação mãe e filha no difícil caminho do “tornar-se mulher”. ZALCBERG, Malvine. Resenha publicada em **Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia**. UERJ, RJ, ANO 3, N.2, 2º semestre de 2003. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v3n2/artigos/resenha.html>. Acesso: 25 mar. 2009.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica (pp. 33-60). Em M. Z. Rosaldo & L. Lamphere (Orgs), **A mulher, a cultura e a sociedade** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle. “**The Traffic in Women: Notes on the ‘political economy of sex’**”. In. R. Reiter (9ed.), *Toward an Anthropology of Women*, New York: Monthly Review Press, 1975, p. 157-210. [Traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania]

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Revista Estudos Feministas**. Número 1-2, julho/dezembro 2002.

_____, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. 1ª reimpressão (2007). São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004

SIMONETTI, Cecília; SOUZA, Lena; ARAÚJO, Maria José de Oliveira. **Dossiê A Realidade do Aborto Inseguro na Bahia: a Ilegalidade da Prática e seus Efeitos na Saúde das Mulheres em Salvador e Feira de Santana**. Salvador, dez. 2008.

SANCHES, Solange; GEBRIM, Vera Lucia Mattar. O trabalho da mulher e as negociações coletivas. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, Dec. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em: 17 Jan. 2009.

SANTOS, Rosana Souza dos. **Violência doméstica e Aborto Provocado**. Pesquisa realizada através do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC)/CNPQ pela Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2006.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. O pensar e o agir como possibilidade de desconstrução dos sujeitos “gendrados”. In: Célia Chaves Gurgel do Amaral (org.), **Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero**, Salvador: REDOR-NEGIF, 2004, p.41-61.

SARDENBERG, Cecília Maria B. Estudos feministas: um esboço crítico. In: Célia Chaves Gurgel do Amaral (org.), **Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero**, Salvador: REDOR-NEGIF, 2004, p. 17-40.

_____, Cecília Maria B. De Sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Rev. Estudos Feministas**, 1994.

SCARPATO, Artur Thiago. Estresse pós-traumático: a situação emocional de pessoas vítimas de violência. **Rev. Psicologia Brasil**. São Paulo, número 6, 2004, p. 10-14. Disponível em http://www.psicoterapia.psc.br/scarpatto/t_stresstr.html. Acesso em 13. jan. 2009.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category or historical analysis**. In: _____, *Gender and the Politics of History* New York: Columbia University press, 1988, p. 28-52 [Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993] .

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**. 8(1): 299-306, 2003.

SOUZA, Vera Lúcia Costa. **A violência conjugal e sua influência na decisão da mulher pelo aborto**. UFBA: Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Saúde da Mulher, 2000.

SOUZA, Vera Lúcia Costa; CORRÊA, Maria Suely Medeiros; SOUZA, Sinara de Lima; BESERRA, Maria Aparecida. O aborto entre adolescentes. **Rev. Latino-am Enfermagem**. março, 2001 , 9(2): 42-7. Disponível em: www.eerp.usp.br/rlaenf. Acesso em 21 de out. 2008.

SOUZA, Vera Lúcia; FERREIRA, Sílvia Lúcia. Aborto e violência conjugal: um diálogo com Simone de Beauvoir. In: **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Organizado por Alda Britto de Motta, Cecília Sardenberg e Márcia Gomes. Salvador: NEIM/UFBA, 2000, p.127-142.

SOUZA, Zannety C. S. N et al. **Acolhimento às mulheres em situação de abortamento provocado e violência doméstica: relato de experiência**. Trabalho apresentado no 60º Congresso Brasileiro de Enfermagem. Belo Horizonte: 2008.

SIH/SUS. **Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde**. Disponível em <http://www.datasus.gov.br/catalogo/sihsus.htm>. Acesso em: out. 2007.

THURLER, Ana Liési. Paternidade e deserção: crianças sem reconhecimento, maternidades penalizadas pelo sexismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 19, n. 2, dez. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000200022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2009.

TRINDADE, Ruth França Cizino da; BORGES, Ana Luiza Vilela. Gravidez na adolescência. In: **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica**. Organizadoras: Ana Luiza Vilela Borges, Elizabeth Fujimori. Barueri, SP: Manole, 2009, p. 334-347.

VLAHOU, Assimina. Católicos no Brasil são 155 milhões, estima Vaticano. **BBC Brasil.com**. Brasília: 09 de abril, 2007. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/printable/070405_vaticanoestatistica_s_pu.shtml. Acesso em: 22 jun. 2009.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza et al . Fatores de risco para violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2009.

APÊNDICE A

CARTA DE SOLICITAÇÃO DE COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Salvador, ___ de _____ de 2008

Ilmo(a) Dr. (a) Diretor (a) _____

Prezado (a) Senhor (a)

Solicitamos a V. S^a autorização para que Zannety Conceição Silva do Nascimento Souza, mestranda em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), realize coleta de dados por meio de entrevista semi-estruturada, utilizando gravador, com as mulheres internadas nesta instituição por aborto provocado. Estes dados serão coletados entre os meses de fevereiro a junho de 2008, e utilizados para elaboração da dissertação intitulada **O discurso de mulheres que abortaram como consequência da violência doméstica.**

Atenciosamente

Prof^a Dr^a Normélia Maria Freire Diniz
Orientadora da pesquisa

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Zannety Conceição Silva do Nascimento Souza, aluna do curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, venho solicitar-lhe a participação nesta pesquisa intitulada **O discurso de mulheres que abortaram como consequência da violência doméstica**. O objetivo da mesma é analisar o discurso das mulheres que abortaram como consequência da violência doméstica. A justificativa para esta pesquisa é que existem alguns estudos que demonstram que, grande parte das mulheres que provocam um aborto sofre ou já sofrera violência doméstica, e isto tem influência em sua decisão; então conhecendo a percepção das mulheres sobre o assunto, desvela-se uma realidade vivida e pode-se construir um novo olhar para o problema, inclusive no âmbito da assistência à saúde.

Estas informações estão sendo fornecidas para sua compreensão do estudo, e sua participação será de forma voluntária. Não haverá benefícios financeiros para você, porém se necessário, receberá ajuda apenas para o transporte de seu domicílio até a unidade de saúde onde estará sendo realizada a pesquisa. As datas e horários das entrevistas serão determinados em conjunto, entrevistado e entrevistador, e serão realizadas na maternidade, em local discreto e privativo, não havendo desconfortos ou constrangimentos para você.

Você terá o direito de desistir da pesquisa em qualquer etapa da mesma, basta comunicarme formalmente; se houver desistência ou impossibilidade de comparecimento para entrevista no local e horário combinado, ambas as partes devem entrar em contato, remarcando para outro dia e horário.

O instrumento para coleta das informações (dados) será a entrevista semi-estruturada, que consiste numa conversa com um roteiro norteador. Você poderá falar abertamente sobre o assunto, e a fala será registrada em gravador, caso você concorde.

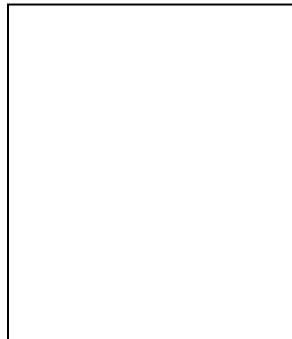
Para sigilo e anonimato, utilizarei para você um nome fictício à sua escolha, bem como permanecerei em posse das fitas, para uso das falas com fins de pesquisa e publicação de artigos científicos; estas fitas serão guardadas por cinco anos, e destruídas a seguir. Os resultados da pesquisa estarão disponíveis para a instituição e entrevistadas para consulta e análise.

Se houver dúvidas você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do telefone 3283-7631 da Universidade Federal da Bahia.

Declaro que entendi todas as informações relacionadas à minha participação nesta pesquisa intitulada **O discurso das mulheres que abortaram como consequência da violência doméstica**, que li ou que foram lidas por mim. Conversei com a Enfermeira Zannety C. S. N. Souza, sobre a minha participação voluntária no estudo. Não tenho dúvidas de que não receberei benefícios financeiros, apenas auxílio para transporte até a maternidade se for necessário. Concordo em participar, de forma voluntária, podendo desistir em qualquer etapa e retirar meu consentimento, sem penalidades, ou prejuízo, ou perda de benefícios aos quais tenho direito conforme a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10 de outubro de 1996. Terei acesso aos dados registrados e reforço que não fui submetida à coação, indução ou intimidação.

Salvador, ___/___/___

Assinatura da participante



Impressão digital para não alfabetizadas

Declaro que recebi de forma voluntária e apropriada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido desta paciente, para participação nesta pesquisa.

Salvador, ___/___/___

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Cor ou raça: () negra () branca () amarela () parda () indígena

Grau de escolaridade:

() Analfabeta

() Alfabetizada

() Antigo primário

() Fundamental ou 1º grau incompleto () Fundamental ou 1º grau completo

() Ensino médio ou 2º grau incompleto () Ensino médio ou 2º grau completo

() Superior incompleto () Superior completo

Situação conjugal: () solteira () casada () união consensual
() viúva () divorciada () desquitada ou separada judicialmente

Com quem mora? () Marido/companheiro () Filhos () outros _____

Trabalho

Trabalho fora de casa? () Sim () Não

Qual? _____

Onde? _____

Trabalha em casa com remuneração? () Sim () Não

O que faz? _____

Condição financeira

Vive às próprias custas, sem depender de ninguém? Sim () Não ()

Se não: parcialmente dependente () totalmente dependente ()

Quem ajuda você financeiramente? () seu marido / companheiro () seu Pai / Mãe

() parentes () amigos () outros _____

História gineco-obstétrica:

Nº de gestações: _____ Nº de Partos: _____ Nº de filhos vivos: _____

Nº de Abortos: _____ Provocado: _____ Espontâneo: _____

Fez curetagem? () Sim () Não

Teve hemorragia? () Sim () Não Teve infecção (febre)? () Sim () Não

Teve secreção ou sangue com cheiro (fétido)? () Sim () Não

Fez uso de antibiótico? () Sim () Não

Este aborto foi provocado: () Sim () Não

Método utilizado: _____

APÊNDICE D



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM
DECOM – DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM COMUNITÁRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Você decidiu não levar a gravidez adiante não foi? Fale pra mim sobre isso.
- 2) Fale de sua relação com seu companheiro atual e/ou anteriores.
- 3) Muitas mulheres decidem não ter o filho porque alguma violência aconteceu com elas, dentro de casa, ou com uma pessoa muito próxima. Fale sobre esta questão.
- 4) Fale um pouco da relação com sua família e/ou família do companheiro.
- 5) Fale um pouco como você fez para abortar, o que utilizou.
- 6) Fale um pouco em relação a seu trabalho/estudo.
- 7) Fale um pouco de sua relação com os métodos anticoncepcionais.

APÊNDICE E – QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO SÓCIO – DEMOGRÁFICA

ENTREVISTADA	IDADE	COR	SITUAÇÃO CONJUGAL	SITUAÇÃO ESCOLAR	COM QUEM MORA	TRABALHA FORA	TRABALHA EM CASA COM REMUNERAÇÃO	VIVE AS PRÓPRIAS CUSTAS	DEPENDÊNCIA FINANCEIRA	QUEM AJUDA FINANCEIRAMENTE
E1	26	Negra	Solteira	Fundamental ou 1º grau completo	Filhos	Não	Não	Não	Parcialmente Dependente	Pai/Mãe
E2	20	Negra	Solteira	Fundamental ou 2º Grau completo	Outros	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Pai/Mãe
E3	34	Parda	Solteira	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Outros	Sim	Não	Não	Parcialmente Dependente	Pai/Mãe
E4	21	Parda	Solteira	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Outros	Sim	Não	Não	Parcialmente Dependente	Pai/Mãe
E5	18	Parda	Solteira	Fundamental ou 1º grau completo	Outros	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Pai/Mãe
E6	15	Parda	Solteira	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Outros	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Parentes
E7	33	Parda	Casada	Fundamental ou 1º grau incompleto	Marido/ companheiro Filhos	Não	Sim	Sim	_____	_____
E8	28	Parda	Casada	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Marido/ companheiro Filhos	Sim	Não	Sim	_____	_____
E9	24	Parda	Solteira União consensual	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Marido/ companheiro	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Marido/companheiro
E10	23	Amarela	Solteira União consensual	Fundamental ou 1º grau incompleto	Marido/ companheiro Filhos	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Marido/companheiro
E11	27	Parda	Solteira	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Outros	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Pai/Mãe

E12	23	Negra	Solteira União consensual	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Marido/ companheiro Outros	Não	Sim	Não	Parcialmente Dependente	Pai/Mãe Outros
E13	17	Negra	Solteira	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Outros	Sim	Não	Não	Parcialmente Dependente	Pai/Mãe
E14	37	Negra	Solteira	Fundamental ou 1º grau completo	Filhos	Sim	Não	Não	Parcialmente Dependente	Marido/companheiro
E15	25	Negra	União consensual	Fundamental ou 2º Grau completo	Marido/ companheiro Filhos	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Marido/companheiro
E16	30	Negra	Casada	Fundamental ou 2º Grau completo	Marido/ companheiro Filhos	Sim	Não	Não	Totalmente dependente	Marido/companheiro
E17	16	Negra	Solteira	Fundamental ou 2º Grau Incompleto	Outros	Não	Não	Não	Totalmente dependente	Parentes

APÊNDICE F – QUADRO DA HISTÓRIA GINECO-OBSTÉTRICA

ENTREVISTADA	GESTA	PARTO	FILHO VIVO	Nº ABORTO		CURETAGEM	HEMORRAGIA	INFECÇÃO (FEBRE)	SECREÇÃO OU SANGUE COM CHEIRO	USO ANTIBIÓTICO	HISTÓRIA DO ABORTO ATUAL	
				PROVOCADO	ESPONTÂNEO						PROVOCADO	MÉTODO
E1	4	3	3			Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Cytotec
E2	1	0	0			Sim	Não	Sim	Não	Não	Sim	Cytotec
E3	3	1	1		1	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Cytotec
E4	1	0	0			Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Cytotec Chá
E5	1	0	0			Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Cytotec
E6	1	0	0			Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Cytotec Água inglesa
E7	5	2	2		1	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Cytotec
E8	7	2	2	4		Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Cytotec Injeção
E9	1	0	0			Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Cytotec Chá/ água inglesa
E10	7	3	3	2	1	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Cytotec Água inglesa
E11	3	1	1	1		Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sonda/ Lavagem vaginal
E12	3	0	0	1	1	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Cytotec Chá/ injeção
E13	1	0	0			Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Cytotec Chá
E14	5	2	2	2		Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Chá
E15	3	2	1			Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Cytotec

E16	4	2	2	1		Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Cytotec Chá
E17	1	0	0			Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Cytotec

APÊNDICE G - QUADRO DE DISCURSOS

QUESTÃO 1: Você decidiu não levar a gravidez adiante não foi? Fale pra mim sobre isso.

QUADRO 1.A - Idéia central síntese: Provocou o aborto porque quis, já tem muitos filhos, tinha medo de perder os estudos, não tem condições financeiras, não queria parar de trabalhar, gosta de festa e por causa da idade.

DSC

Eu provoquei porque quis porque eu já tenho três filhos e fiquei com medo de perder meus estudos, perder o curso. Também minha família não tem condições de criar e nem eu tenho. Toda vez que tô grávida eu fico com bastante enjoô, tive uma gravidez com hiperêmese, fiquei quinze dias internada, tenho um filho de dez anos, outra de oito e não tenho com quem deixa; aí eu resolvi optar por tomar remédio pra poder perder. Eu decidi não levar adiante por causa da minha situação financeira que não é muito boa. Eu queria na verdade, só que eu não podia deixar, porque eu não trabalho, ele não trabalha. Ele disse que era pra deixar, procurando um trabalho sem conseguir como era que eu ia deixar? Quem compra as coisas é ele, mas ele mora na casa dos pais dele e eu fico lá com ele, já ia ser mais um peso nas costas dos pais dele. Aí eu não pude deixar né. Não fica nada bem, porque não foi porque eu queira realmente. Quer dizer já to numa situação ruim pra criar três, já pensou, eu com quatro? Seria pior. Então optei em tirar. Além disso, meu menino também tá pequeno e eu tô desempregada, meu esposo tá desempregado; a gente tem um negocinho que a gente botou dentro de casa mesmo, entendeu? O pai dos dois anteriores dá mesada, eu tava no bolsa família, mas já me cortaram do bolsa família e com isso tem que tá vivendo só com aquilo; estudo? Meu menino de três anos não tá nem estudando ainda. Então tive que tirar. Eu resolvi que não podia ter esse filho agora no momento e até porque vai ter uma oportunidade de emprego pra mim também entendeu? Aí foi até por um momento de desespero, eu disse: é tudo ou nada, eu tenho que trabalhar mesmo pra ajudar meu marido porque senão a gente nunca vai ter nada aqui; um filho agora neste momento só iria piorar a situação, porque a gente tava passando dificuldade entendeu? Mas foi uma coisa assim, sem querer, um acidente, e uma vida que levo, não tenho nenhuma motivação pra ter este filho. Eu achei que não era a hora também, porque eu gosto muito de minhas festas, ele também é festeiro. E mais: não tenho mais paciência para tomar conta de criança mais não, meu filho já tem onze anos, já tá homem, aí pra mim não era a hora mais. Esse meu filho mora com o pai, mas é outro parceiro, eu sou separada do pai do meu primeiro filho. Eu fiz um aborto há três anos do meu ex-marido. O motivo foi ele sair demais também, sair demais. Eu ficava mais trancada em casa aí só pra eu ficar criando um bocado de filho e ele curtindo, aí não dava mais não. E uma, ele pegava o dinheiro, que ele trabalha todo pra ele, não dava nada pra dentro de casa, e eu tava trabalhando na época, aí eu mesmo me sustentava, eu comprava minhas coisas e pronto. Aí eu decidi: pra parar meu trabalho tudo, pra depender, pra ele não me dar nada ainda com filho no bucho... aí eu peguei e desisti. Nem sei viu, quando a gente descobre que a gente tá grávida, do jeito que sou, que gosto de festa, que gosto de tudo, aff, fiquei num pânico! Eu sei que é errado né, mas eu fiquei num pânico porque eu só tenho dezessete anos, tô fazendo o segundo ano, pra mim ainda não era a hora, deixei pro meu futuro. Agora eu não podia ter esse filho, eu não posso! Se não ia embolar tudo em meio de campo, a minha faculdade de agronomia que eu quero fazer, não ia ter futuro sabe. Eu nem tô me preocupando nem tanto com festa, mas com a responsabilidade que também ia dobrar. Por mim e por meu noivo a gente deixava; só que é por causa da minha idade, e eu tenho um planejamento pro futuro e uma criança agora ia atrapalhar. A gente conversou, eu, ele e minha tia que eu não moro com minha mãe, decidimos abortar, e eu também abortei com Cytotec. Sabe, eu trabalho em casa de família, é um trabalho digno, mas eu quero ter um trabalho melhor; se eu tenho a capacidade de ter um trabalho melhor estudando? Então eu preferi ter um trabalho melhor, concluir meus estudos, não quis esse filho agora, tava cedo demais e não foi com a pessoa que eu amava. Eu estou me sentindo até agora muito mal, porque não era isso que eu queria, mas fui praticamente forçada por mim mesma que não era a hora de ter, porque eu já tenho também uma menina, iria complicar demais, eu não estava preparada pra poder ter essa criança.

EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: <i>Eu já tenho três filhos, um menino de oito anos, um menino de seis anos e uma menina de quatro anos. Eu provoquei porque quis (pausa).</i></p>	<p>1ª idéia: Provocou o aborto porque quis e já tem muitos filhos.</p>
<p>E6: [...] porque eu quis tirar, porque <i>eu fiquei com medo de perder meus estudos, perder o curso. [...] Também minha família não tem condições de criar e nem eu tenho entendeu? [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Provoca o aborto porque quis e tinha medo de perder os estudos.</p>
<p>E7: [...] Aí pronto, quando chegou agora, juntou que meu menino tá pequeno [...] e por não ter condições no momento e... <i>meu menino também tá pequeno, aí eu peguei e decidi tirar. [...] Financeiras, éeee, eu tô desempregada, meu esposo ta desempregado, ele, a gente tem um negocinho que a gente botou dentro de casa mesmo, entendeu? Tem que tá produzindo só com aquilo, estudo, meu menino de três anos não tá nem estudando ainda. Então num... aí tive que tirar [...]</i></p>	<p>3ª idéia: Abortou por filho pequeno e falta de condições financeiras;</p>
<p>E8: <i>É porque toda vez que tô grávida eu fico com bastante enjoô, tive uma gravidez uma vez hiperemesia, fiquei quinze dias internada com um filho de dez anos, tenho outra de oito, não tenho com quem deixar, aí eu resolvi optar por tomar remédio pra poder perder [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Tomou remédio pra perder porque tem gravidez hiperêmese.</p>
<p>E10: <i>Eu decidi não levar adiante por causa da minha situação financeira que não é muito boa e pelo fato de eu já ter três filhos entendeu? Quer dizer já to numa situação ruim pra criar três, já pensou, eu com quatro? Seria pior. Então optei em tirar [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Abortou por falta de condições financeiras e não querer mais filho.</p>
<p>E11: <i>Eu achei que não era a hora, porque eu gosto muito de minhas festas, ele também é festeiro [...] não tenho mais com paciência para tomar conta de criança mais não, meu filho já tem onze anos, já tá homem já, aí pra mim não era a hora mais [...] Mora com o pai, mas é outro parceiro, eu sou separada</i></p>	<p>1ª idéia: Gosta de festa e não tem mais paciência para tomar conta de criança. 2ª idéia: Não queria ficar criando um bocado de filho e ele curtindo. 3ª idéia: Não queria parar de trabalhar.</p>

do pai do meu primeiro filho. Foi há três anos eu fiz (aborto anterior) com meu ex-marido. O de antes foi do meu ex-marido. O outro foi motivo dele sair demais também, sair demais. Eu ficava mais trancada em casa aí só pra eu ficar criando um bocado de filho e ele curtindo, aí não dava mais não. E uma que ele pagava, ele pegava o dinheiro, que ele trabalha até, e ele pegava o dinheiro pra ele, não dava nada pra dentro de casa, e eu tava trabalhando na época, aí eu mesmo me sustentava, eu comprava minhas coisas e pronto. Aí eu decidi: pra parar meu trabalho tudo, pra depender, pra ele não me dar nada ainda com filho no bucho... aí eu peguei e desisti[...] Nem sei viu. Porque quando a gente ta grávida, é assim, quando a gente descobre que a gente ta grávida... Eu mesmo do jeito que sou, que gosto de festa, que gosto de tudo, aff, fiquei num pânico! Eu sei que é errado né, mas eu fiquei num pânico.

E12: *Eu resolvi não levar a gravidez adiante pela questão financeira mesmo, eu queria na verdade, só que eu não podia deixar, porque eu não trabalho, ele não trabalha. Ele disse que era pra deixar, procurando um trabalho sem conseguir trabalho como era que eu ia deixar? Quem compra as coisas é ele, mas ele mora na casa dos pais dele e eu fico lá com ele, já ia ser mais um peso nas costas dos pais dele. Aí eu não pude deixar né. Não fica nada bem, porque não foi porque eu queira realmente, fazer, eu queria deixar [...]*

E13: *Essa gravidez também não tava na hora sabe, por isso que eu resolvi não ter. Eu só tenho dezessete anos, tô fazendo o segundo ano, pra mim ainda não era a hora, deixei pro meu futuro [...]eu não podia ter esse filho, eu não posso se não ia embolar tudo em meio de campo, a minha faculdade de agronomia que eu quero fazer, não ia ter futuro sabe, [...] não to nem me preocupando nem tanto com festa sabe, mas... a responsabilidade também ia dobrar, não ia ser mais o mesmo, ter responsabilidade cedo,*

11ª idéia: Gosta de festa ficou em pânico com a gravidez.

1ª idéia: Não levou a gravidez adiante pela questão financeira.

1ª idéia: Só tem dezessete anos não era a hora.

4ª idéia: Fez o aborto porque quer fazer faculdade de agronomia.

5ª idéia: Não se preocupa com festa, mas com a responsabilidade que ia dobrar.

6ª idéia: Trabalha em casa de família, acha que é digno, mas quer um trabalho melhor.

ia trabalhar, no que eu não quero; *eu trabalho em casa de família, é um trabalho digno, mas eu quero ter um trabalho melhor; se eu tenho a capacidade de ter um trabalho melhor? Eu estudando, então eu preferi ter um trabalho melhor, concluir meus estudos sabe não quis esse filho agora não tava cedo demais e não foi com a pessoa que eu amava.*

E14: Desempregada, com dois filhos, separada, pra mim não tava na hora [...] Tô desempregada há dois meses. *O pai dos dois dá mesada [...] Eu tava no bolsa família, mas já me cortaram, do bolsa família[...]*

E15: Eu não quis essa gestação agora porque foi devido a tabela, ultrapassei da tabela que *aconteceu a gravidez indesejada*, devido ao estudo também tava me atrapalhando demais, com muita insônia e pra eu não parar meu curso técnico *eu preferi abortar. Eu estou me sentindo até agora muito mal, porque não era isso que eu queria, mas fui praticamente forçada por mim mesma que não era a hora de ter, porque eu já tenho também uma menina, iria complicar demais, eu não estava preparada pra poder ter essa criança. [...]*

E16: Bem, que no momento é só meu marido trabalha, a gente veio do interior, eu já tenho dois filhos, ai ele trabalha ganha pouco, paga aluguel, ai vem mais um sustento né, então *eu resolvi que não podia ter esse filho agora no momento e ate porque vai ter uma oportunidade de emprego pra mim também entendeu? Aí foi até por um momento de desespero, eu disse ó é tudo ou nada, eu tenho que trabalhar mesmo pra ajudar meu marido porque senão a gente nunca vai ter nada aqui; um filho agora neste momento só iria piorar a situação, porque a gente tava passando dificuldade entendeu?[...]* Mas foi uma coisa assim, sem querer, um acidente e uma vida que levo, não tenho nenhuma motivação pra ter este filho.

1ª idéia: Abortou por estar desempregada, com dois filhos e separada.

9ª idéia: Tá desempregada, recebe mesada do pai dos filhos, recebia bolsa família, mas foi cortada.

1ª idéia: Abortou porque era gravidez indesejada.

2ª idéia: Abortou porque estava atrapalhando o estudo e já tem uma menina.

3ª idéia: Não era isso que queria, mas foi forçada por si mesma.

1ª idéia: Abortou porque no momento só o marido trabalha e pensa também em trabalhar.

4ª idéia: Com a vida que leva não tem motivação nenhuma pra ter este filho.

2ª idéia: Abortou por causa da idade e de planos para o futuro.

3ª idéia: Decidiram abortar ela, o companheiro e a tia com quem mora.

<p>E17: [...] mas por mim e por meu noivo a gente deixava, só que é por causa da minha idade, e eu tenho um planejamento pro futuro e uma criança agora ia atrapalhar. A gente conversou, eu, ele e minha tia, a que eu não moro com minha mãe; decidimos abortar, e eu também abortei com citotec[...]</p>	
--	--

QUADRO 1.B - Idéia central síntese: Mãe não queria conversar, briga, compra remédio abortivo e obriga filha a tomar.

DSC	
<p><i>Eu não decidi, eu fui obrigada. Eu decidi por causa de minha mãe em primeiro lugar que ela briga muito comigo. Eu, que, amo criança, eu tomo conta, eu sou babá, tomo conta de uma criança, eu amo criança, mas meu filho eu não queria que ele sofresse como eu sofro, por causa de minha mãe. Que ela briga muito comigo, e ela disse que eu não ia ficar em casa e eu fiquei pensando onde é que eu ia morar? Então eu contei pra minha tia: Oi minha tia eu tô grávida. Aí ela falou assim: e ai você vai fazer o que? Eu vou ter. Aí ela fez assim: vamos chamar sua mãe pra conversar. Aí eu chamei minha mãe pra conversar e ela disse que não queria conta comigo, que não queria conversar que não queria saber de nada. Aí ela disse pra minha tia: não adianta, botar pra fora eu não vou, mas eu vou comprar o remédio e ela vai ter que tomar.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E2: <i>Eu não decidi, eu fui obrigada, foi assim eu contei pra minha tia: Oi minha tia eu tô grávida. Aí ela falou assim: e ai você vai fazer o que? Eu vou ter. [...] Aí ela fez assim: vamos chamar sua mãe pra conversar. Aí eu chamei minha mãe pra conversar e ela disse que não queria conta comigo, que não queria conversar que não queria saber de nada. [...] Aí ela disse pra minha tia: ô Graça, não adianta, botar pra fora eu não vou, mas eu vou comprar o remédio e ela vai ter que tomar.</i></p> <p>E4: <i>[...] Eu decidi por causa de minha mãe em primeiro lugar que ela briga muito comigo [...] Eu, que, eu amo criança, eu tomo conta, eu sou babá, tomo conta de uma criança, eu amo criança, mas meu filho eu não queria que ele sofresse como eu sofro, por causa de minha mãe. Que ela briga muito comigo, e ela disse que eu não ia ficar em casa e eu fiquei pensando onde é que eu ia morar?</i></p>	<p>2ª idéia: Mãe não queria conversar.</p> <p>3ª idéia: Mãe compra o remédio abortivo e obriga a filha a tomar.</p> <p>1ª idéia: Decisão de abortar porque a mãe briga com ela.</p> <p>3ª idéia: Não queria que o filho sofresse, como sofre por causa da mãe.</p>

QUADRO 1.C - Idéia central síntese: Ter um filho sem pai é difícil.

DSC	
<p><i>Eu já tenho uma filha (pausa) o pai não assumiu, ela. Aí sabe quando a gente tem uma filha assim sem pai, fica tudo difícil, muito difícil, pra tudo na vida, ainda mais o mundo como tá hoje, pra gente colocar filho no mundo, sem poder (pausa) sem condição financeira, é muito difícil. Eu trabalho como babá, e não tinha como sustentar fiquei pensando na criança (pausa) né. Eu sofro (pausa), quanto mais ele ia sofrer mais ainda. Então eu tomei a decisão de não deixar ele nascer. Além disso, o rapaz que eu namorava ele sumiu, fui lá, na casa dele, conversei com ele, só que ele disse que ia me dar o remédio. Aí quando, chegou no dia seguinte ele sumiu, não apareceu, fiquei desesperada, sem saber o que eu ia fazer.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: <i>Eu já tenho uma filha (pausa) o pai não assumiu, ela. Aí sabe quando a gente tem uma filha assim sem pai, fica tudo difícil, muito difícil, pra tudo na vida, ainda mais o mundo como tá hoje, pra gente colocar filho no mundo, sem poder (pausa) sem condição financeira, é muito difícil [...]</i></p> <p>E4: <i>[...] é e eu trabalho como babá, e não tinha como (pausa) fiquei pensando na criança (pausa) né. Eu sofro (pausa), eu sofro, quanto mais ele ia sofrer mais ainda. Então eu tomei a decisão de que, poderia acontecer, não deixar ele nascer. [...] E o rapaz que eu namorava ele sumiu, fui lá, na casa dele, conversei com ele, só que ele disse que ia me dar o remédio. Aí quando, chegou no dia seguinte ele sumiu, não apareceu, fiquei desesperada, sem saber o que eu ia fazer.</i></p>	<p>1ª idéia: Ter um filho sem pai é difícil.</p> <p>2ª idéia: Trabalha como babá não tem como sustentar uma criança.</p> <p>4ª idéia: O rapaz que namorava sumiu.</p>

QUADRO 1.D - Idéia central síntese: Toma remédio para perder porque sempre quando está grávida o esposo começa a maltratar, diz que filho não é dele e some.

DSC

Pra mim é um desespero porque sempre quando eu estou grávida eu... tenho problemas assim no meu casamento; meu esposo começa a me maltratar, começa a me desprezar, dorme na rua, entendeu? E pra mim tem sido difícil, porque eu não tenho mãe, não tenho ninguém aqui pra me ajudar, e eu dependo muito de meu trabalho, só de mim mesma, entendeu? Desde o primeiro mês menstruei e enjoiei, quando foi em agosto não chegou eu fiquei desesperada, eu chamei ele pra conversar, aceitou, disse que queria mas aí sumiu. Aí eu vi que a responsabilidade ia ficar só comigo, como eu já tenho dois que eu sou pai e mãe, não tava na hora de ter o terceiro de novo. Aí eu peguei e tomei chá. Eu sempre tomo esta iniciativa de perder, é muito constrangido meus filhos chegar até mesmo ver; mas, eu decidi tomar porque ele também disse a mim que esse não era filho dele e eu me revoltei. Não quero repetir isso nunca! Só que eu não queria filho, eu não queria não, eu não quero filho com ele! Pelo fato dele já ter dois filhos, na rua, e eu tiro pela atenção que ele dá aos filhos. Então eu vejo que a mesma coisa que ele faz com esses, ele vai fazer com os meus não vai ser diferente. Ele não é um pai assim presente, ele não é um pai carinhoso entendeu? E filho precisa disso de atenção, amor, carinho, de um pai presente e ele não é isso, pros filhos dele que ele tem nas outras relações, entendeu? Vê o filho é uma vez ou outra, quando a mãe passa lá no trabalho dele e leva o menino pra ele vê. Mas pra ele procurar os filhos ele não vai. Então por aí eu tiro se ele não é atencioso com os que ele já tem, com o meu vai ser diferente? Logo que eu conheci ele, o pessoal falava assim: no que dia em que você engravidar dele vai ser a maior burrice que você vai fazer, porque todas as mulheres que engravida dele ele enjoa, larga entendeu? E pra mim, nem é tanto o risco dele me largar, é eu ficar com mais uma criança pra mim criar sozinha eu já tenho três, sabe.

EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E8: <i>Pra mim é um desespero porque sempre quando eu estou grávida eu... tenho problemas assim no meu casamento, meu esposo é, começa a me maltratar, começa a me desprezar, dorme na rua, entendeu? E pra mim tem sido difícil, porque eu não tenho mãe, não tenho ninguém aqui pra me ajudar, e eu dependo muito de meu trabalho, eu dependo de... só de mim mesma, entendeu? [...] Aí eu sempre tomo esta iniciativa de perder, é tomar remédio pra perder. E pra mim é muito constrangido meus filhos chegar até mesmo ver [...] mas, aí eu decidi tomar, e ele (esposo) também disse a mim que esse não era filho dele. Aí foi por isso também que eu me revoltei e</i></p>	<p>2ª idéia: Aborta pelos maus-tratos do esposo na gestação.</p> <p>9ª idéia: Abortou porque o esposo diz que o filho não é dele.</p>

tomei remédio. Não quero repetir isso nunca.

E10: [...] *E o terceiro eu tirei também, que é do mesmo pai, só que eu não queria filho, eu não queria não, eu não quero filho com ele. Pelo fato dele já ter dois filhos, na rua, entendeu, e eu tiro pela atenção que ele dá aos filhos. Então eu vejo, eu falo assim: a mesma coisa que ele faz com esses, ele vai fazer com os meus, não vai ser diferente. Ele não é um pai assim presente, ele não é um pai carinhoso entendeu? Então, e filho precisa disso né de atenção, amor, carinho, de um pai presente e ele não é isso, pros filhos dele que ele tem nas outras relações, entendeu? [...] quando vê o filho é uma vez ou outra, quando a mãe passa lá no trabalho dele e leva o menino pra ele vê. Mas pra ele procurar os filhos ele não vai. Então por aí eu tiro ele não é um pai presente, ele não é um pai carinhoso, ele não é um pai atencioso, com os que ele já tem, com o meu vai ser diferente? [...] e logo que eu conheci ele o pessoal falava assim: no que dia em que você engravidar dele vai ser a maior burrice que você vai fazer, porque todas as mulheres que engravida dele ele enjoa, larga entendeu? E pra mim, nem é tanto o risco dele me largar, é eu ficar com mais uma criança pra mim criar sozinha eu já tenho três, sabe.*

E14: [...] *Desde o primeiro mês menstruei e enjoiei, quando foi em agosto não chegou eu fiquei desesperada, eu chamei a pessoa (o parceiro) pra conversar, aceitou, disse que queria (a gestação), mas aí sumiu. [...] Aí eu vi que a responsabilidade ia ficar só comigo, como eu já tenho dois que eu sou pai e mãe, não tava na hora de ter o terceiro de novo. Aí eu peguei e tomei chá.*

13ª idéia: Aborta porque companheiro não dá atenção aos filhos que ele tem das outras relações.

14ª idéia: Risco de ser deixada pelo companheiro e criar sozinha mais uma criança.

2ª idéia: Ficou desesperada, chamou parceiro que aceitou gestação e depois sumiu.

QUADRO 1.E - Idéia central síntese: Triste, se pudesse teria o filho; sente-se perturbada após o aborto, se arrepende, sabe que é pecado e diz que é o último.

DSC

Dentro de mim, eu tô triste ainda, porque se eu pudesse, eu teria meu filho. Minha vida tá na mão de Deus. Meu futuro. É Deus, eu não sei o que vai acontecer, só Deus. Perturba muito minha cabeça, até hoje ainda perturba. Eu fico pensando meu Deus, eu tive essa coragem de fazer isso, meu Deus porque eu fiz isso? A pessoa se perturba demais. Abortei cinco filhos e pari dois dele, e eu não quero mais fazer isso. É por isso minha decisão de estrangular, pelo amor de Deus! Sabe, eu sinto muito sempre que eu faço, eu me arrependo. Fica aquele remorso chorando, o povo fala há você faz isso porque você quer, mas ninguém sabe o que é que eu passo, entendeu? É por isso que eu não quero mais saber de tomar remédio pra perder. E também, a gente se engana né, pô, vinte e oito anos, o tempo todo perdendo filho, eu aprendo. Pior que da última vez que eu tirei, eu prometi a mim mesma e a Deus que eu não quero mais, quase que eu morro. Como esse não é o meu primeiro, esse não é o meu primeiro aborto, eu garanto que esse é o último! Se vier eu vou ter, mas eu vou tentar prevenir né, se acontecer um acaso, eu vou optar por parir, não tirar. Eu me arrependo, eu sei que é um pecado, que depois eu vou pagar; mas eu optei por isso porque não tinha como essa criança vir agora. Ia dificultar muito a minha vida, eu tirei por isso, entendeu? Pelo meu marido eu tinha essa criança, a família dele toda queria, ia ser o primeiro neto da vida da mãe dele, da parte dele lá, mas já tinha feito a lavagem, aí eu disse se eu deixar e nascer doente, ó minha cabeça depois. Eu comecei, vou terminar. Mas agora eu penso em tentar me prevenir o máximo, tocar a vida pra frente, procurar trabalhar, entendeu pra evitar ter que passar por este constrangimento de novo. Porque isso não é bom pra ninguém, é ruim. Mas se eu não cometesse hoje, pare pra analisar, eu aqui numa cidade, onde eu não sou daqui, com esses filhos todos, sem trabalhar, porque eu não acabei os estudos, emprego tá difícil. Então nesse caso eu ia tá pior do que hoje; então você parar pra olhar, pode até ter sido um pecado, eu posso até me arrepender, mas poderia tá pior. Porque pra você botar uma vida no mundo pra ficar sofrendo, passando necessidade, eu acho que é pior do que você eliminar ela ainda sem conhecer as dificuldades da vida. É horrível, eu mesmo me sinto sozinha quando estou doente; numa situação dessa, a gente pensa: poxa minha mãe podia tá aqui, ou alguém dos meus familiares não podia tá aqui? Meu marido até que ele é companheiro, liga pra mim toda hora, se preocupa, se eu tô bem, se eu tô sentindo dor. Só assim à noite que eu me sinto sozinha, mas, ele é muito companheiro; a primeira vez que eu tomei o remédio ele tava chorando o tempo todo aí eu chorei também, ele ficou comigo o tempo todo, ele ficou falando que não era pra eu ter tomado o remédio, mas não adiantou; eu ficava vendo o sofrimento dele e sofrendo ao mesmo tempo, eu queria, eu sonhei que eu tava com o menino nos meus braços, mas não tinha como eu deixar. Saudade da minha família, dos meus filhos, preocupada com o que pode tá acontecendo lá onde eles estão perdendo aula! Isso foi uma experiência muito negativa pra mim sabe, não é bom. A gente acaba com nossos órgãos, se no futuro eu quiser ser mãe, eu não posso ser, talvez meu organismo não esteja preparado quanto esteve agora, para receber uma criança. Disso eu só posso tirar uma lição, que não vai ter próxima vez. É uma experiência que eu não desejo pra ninguém. O coração bateu forte, uma sensação de arrependimento. Fui no banheiro, tomei banho, me arrumei e vim pra aqui. É tanta coisa que passa pela cabeça, sentimento de culpa. É, porque querendo ou não é um filho nosso, parte da gente que tá perdendo, acho que ninguém queria fazer isso com uma vida já. Eu não vou lhe dizer que agi bem, que fiz uma coisa certa, mas por um momento foi uma coisa de desespero mesmo. A gente tem plena consciência de que não é a coisa certa, porém agora eu me sinto aliviada um pouco, porque se fosse uma coisa preparada, que eu já tivesse esperando, não dizia nada. Não foi decente (legal) né, porque eu senti muita dor; foi o primeiro, foi difícil e foi o último. Não pretendo fazer mais não; mas eu não digo a você que sou contra, porque se eu fosse eu não fazia, mas a favor eu também não sou não. Eu sou a favor quando é uma violação, um estupro, tal, ou a pessoa corra o risco de vida; fora isso tudo mundo falando, dezesseis anos, dezesseis anos já fazendo aborto, isso aí vai ter cinco filhos; então, dói, porque você não fez porque você quis, entendeu, você precisou, porque como eu falei pra senhora se dependesse de mim, se filho não desse muito trabalho, agora comigo e meu noivo eu deixava; mas foi difícil porque você sofre, senti muita dor, no meu caso eu senti muita dor, perdi muito sangue, e não pretendo fazer de novo, quem tá pretendendo fazer só faça se tiver necessidade mesmo. Porque se não tiver, a criança não tem culpa né.

EXPRESSÕES CHAVE

IDÉIAS CENTRAIS

E4: [...] *Dentro de mim, eu tô triste ainda, porque se eu pudesse, eu teria meu filho [...] Mas aí minha vida tá na mão de Deus. Meu*

5ª idéia: Triste. Se pudesse teria o filho.

futuro. Eu nem sei o que ela (mãe) vai falar, porque eu tenho certeza que ela vai ficar falando, minha mãe, sabe (pausa). É Deus, eu não sei, o que vai acontecer, só Deus [...]

E5: *[...] Perturba muito minha cabeça, até hoje ainda perturba. Eu fico pensando meu Deus, é uma coisa que você fez, [...] meu Deus eu tive essa coragem de fazer isso, meu Deus porque eu fiz isso? Aí uma coisa que perturba muito a cabeça, a pessoa se perturba demais.*

E8: *[...] Abortei cinco filhos e pari dois dele, e eu não quero mais fazer isso. É por isso minha decisão de estrangular, pelo amor de Deus...eu sinto muito sempre que eu faço, eu me arrependo. Eu faço, fica aquele remorso chorando, o povo fala há você faz isso porque você quer,mas ninguém sabe o que é que eu passo, entendeu? É por isso que eu não quero mais saber de tomar remédio pra perder. E também, a gente se engana né pô, vinte e oito anos, o tempo todo perdendo filho, eu aprendo. Pior que da última vez que eu tirei, eu prometi a mim mesma e a Deus que eu não quero mais, quase que eu morro. Eu não quero isso mais não[...]*

E10: *[...] Olha como esse não é o meu primeiro, esse não é o meu primeiro aborto, esse já é o terceiro, eu garanto que esse é o último[...]. Se vier eu vou ter, mas eu vou tentar prevenir né, se acontecer um acaso, eu vou optar por parir, não tirar. Oi eu me arrependo, eu sei que é um pecado, que depois eu vou pagar; mas eu optei por isso porque não tinha como essa criança vir agora. Ia dificultar muito a minha vida, eu tirei por isso, entendeu? Pelo meu marido eu tinha essa criança mas[...]. Agora eu penso em tentar me prevenir o máximo, entendeu pra evitar ter que passar por este constrangimento de novo, entendeu? Porque isso não é bom pra ninguém, é ruim, entendeu? [...] só que eu me arrependo, dos abortos que eu já cometi, entendeu? Mas se eu não cometesse hoje, pare pra analisar, eu aqui numa cidade, onde eu*

2ª idéia: Sente-se perturbada após prática do aborto.

3ª idéia: Arrependimento em ter realizado cinco abortos.

7ª idéia: Realizou três abortos e fala que este é o último.

8ª idéia: Arrepende-se dos abortos.

9ª idéia: Abortar é pecado.

10ª idéia: Pelo marido tinha a criança.

22ª idéia: Pensa agora em se prevenir para evitar este constrangimento do aborto.

23ª idéia: Arrependimento dos abortos cometidos.

24ª idéia: O aborto pode ser pecado, mas botar vida no mundo passando necessidade é pior do que eliminá-la.

26ª idéia: Se sente sozinha pela distância dos familiares.

não sou daqui, com esses filhos todos, entendeu, sem trabalhar, porque eu não acabei os estudos, emprego tá difícil... entendeu, então nesse caso eu ia tá pior do que hoje; então, então você parar pra olhar, pode até ter sido um pecado, eu posso até me arrepender, mas poderia tá pior. Porque pra você botar uma vida no mundo pra ficar sofrendo, passando necessidade, eu acho que é pior do que você eliminar ela ainda sem conhecer as dificuldades da vida.[...] É horrível, a gente se sente, eu mesmo me sinto sozinha quando estou doente, numa situação dessa, a gente pensa: poxa minha mãe podia tá aqui, ou alguém dos meus familiares não podia tá aqui? [...] Não que meu marido até que ele é companheiro, liga pra mim toda hora, se preocupa, se eu to bem, se eu to sentindo dor... Só assim à noite que eu me sinto sozinha, mas, ele é muito companheiro, assim ele faz de tudo pra que eu não me sinta... Saudade da minha família, dos meus filhos, preocupada com o que pode tá acontecendo lá onde eles estão perdendo aula![...]

E11: *[...] Tem hora que eu me arrependo assim entendeu porque ele (companheiro) queria, a família dele toda queria, que ia ser o primeiro neto da vida da mãe dele, da parte dele lá, mas já tinha feito a lavagem, aí eu disse se eu deixar e nascer doente, ó minha cabeça depois. Eu comecei, vou terminar. [...] Mas eu me arrependo um pouco[...]*

E12: *[...] Mas eu me arrependo em todo momento, a primeira vez que eu tomei o remédio ele (companheiro) tava chorando o tempo todo aí eu chorei também, [...] ele ficou comigo o tempo todo, ele ficou falando que não era pra eu não pra eu ter tomado o remédio, mas não adiantou, eu ficava vendo o sofrimento dele e sofrendo ao mesmo tempo, eu queria, eu sonhei que eu tava com o menino nos meus braços, mas não tinha como eu deixar[...]*

E13: *[...] Uma experiência muito negativa pra*

13^a idéia: Arrependimento após ter feito lavagem vaginal.

2^a idéia: Arrependimento pelo aborto.

3^a idéia: Se arrepende o tempo todo, companheiro ficava chorando e ela também.

7^a idéia: O aborto é uma experiência negativa,

<p><i>mim sabe, não é bom. A gente acaba com nossos órgãos, se no futuro eu quiser ser mãe, eu não posso ser mãe talvez, meus órgãos... meu organismo não esteja preparado quanto esteve agora, para receber uma criança. Ficou uma experiência, disso eu só posso tirar uma lição disso, que não vai ter próxima vez. Não foi uma experiência boa, é uma experiência que eu não desejo pra ninguém.</i></p> <p>E14: [...] Pouco tensa. O coração bateu forte, uma sensação de arrependimento. Fui no banheiro, tomei banho, me arrumei e vim pra aqui. É tanta coisa que passa pela cabeça, sentimento de culpa. Tocar a vida pra frente, procurar trabalhar. É, porque querendo ou não é um filho nosso, parte da gente que tá perdendo, acho que ninguém queria fazer isso, uma vida já[...]</p> <p>E16: [...] Eu não vou lhe dizer que agi bem, que fiz uma coisa certa, mas por um momento foi uma coisa de desespero mesmo. [...] É uma coisa assim, que a gente tem plena consciência de que não é a coisa certa. É eu me sinto aliviada um pouco, porque se fosse uma coisa preparada né? Que eu já tivesse esperando, não dizia nada. [...]</p> <p>E17: [...] mas foi difícil porque você sofre, senti muita dor, no meu caso eu senti muita dor, perdi muito sangue, e não pretendo fazer de novo, quem tá pretendendo fazer só faça se tiver necessidade mesmo. Porque se não tiver, a criança não tem culpa né, só isso, e eu não pretendo fazer de novo não[...]</p>	<p>a gente acaba com nossos órgãos.</p> <p>6ª idéia: Ficou tensa, coração bateu forte.</p> <p>7ª idéia: O aborto trouxe sensação de arrependimento e sentimento de culpa.</p> <p>8ª idéia: Querendo ou não é um filho que está se perdendo.</p> <p>2ª idéia: Tem plena consciência que não é uma coisa certa.</p> <p>3ª idéia: Sente-se aliviada após o aborto porque foi uma coisa assim, sem querer.</p> <p>10ª idéia: Abortar é difícil porque sofre, sente muita dor e perde muito sangue.</p> <p>11ª idéia: Não pretende fazer de novo, a criança não tem culpa.</p>
--	---

QUADRO 1.F- Idéia central síntese: Contou pra família, ficou nervosa com o que a família ia pensar e por isso abortou.

DSC	
<p><i>Bem o motivo de eu não querer foi porque eu nem sabia da gravidez nem tinha certeza realmente. Eu descobri depois de três meses que eu estava grávida. E aí minha vó me ajudou, tirou ultrassom. Quando eu tirei a ultrassom, eu contei pra ela, ela tomou um susto, mas não falou nada não. Me desesperei, fiquei muito nervosa, fiquei muito pensativa, pensando o que minha família ia pensar de mim, o que é que eles ia achar. Aí eu fui na casa da minha colega, sem ela saber; aí pedi o remédio na casa da minha colega pra tomar, peguei, tomei e tirei. O que me levou a fazer isso (o aborto), não foi bem por meu querer, foi bem por, sabe por (pausa), eu tá nervosa, eu tá sem saber o que fazer, então foi por isso.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E5: <i>Olha, bem o motivo de eu não querer foi porque eu nem sabia (gravidez), nem tinha certeza realmente, então depois que eu tive um pouco de certeza, aí me desesperei, fiquei muita nervosa, fiquei muito pensativa, pensando o que minha família ia pensar de mim, o que é que eles ia achar. Então foi isso que me levou a fazer isso (o aborto), não foi bem por meu querer, foi bem por, sabe por (pausa), eu tá nervosa, eu tá sem saber o que fazer, então foi por isso.</i></p> <p>E6: <i>[...] eu descobri depois de três meses que eu estava grávida. E aí minha vó me ajudou, tirou ultrassom, [...] Quando eu tirei a ultrassom, eu contei pra ela, ela tomou um susto. [...] não falou nada não. Aí depois que eu fui na casa da minha colega, sem, ela saber aí pedi o remédio na casa da minha colega pra tomar, peguei, tomei e tirei[...].</i></p>	<p>1ª idéia: Abortei porque fiquei nervosa com o que a família ia pensar.</p> <p>2ª idéia: Descobriu que estava grávida e contou para a família.</p> <p>3ª idéia: A colega facilita a aquisição do remédio abortivo.</p>

QUADRO 1.G - Idéia central síntese: Nenhuma gestação foi planejada, usou camisinha, mas estourou, não teve dinheiro para a pílula do dia seguinte, realizou a cesárea antecipada para laqueadura tubária e não conseguiu fazer.

DSC

Meus outros filhos nenhum foi planejado também, foi tudo acidente. Na época que eu tive meu primeiro filho eu tinha quinze anos, não tinha experiência nenhuma, não tinha mãe, não tinha ninguém pra poder me orientar, engravidei, do primeiro. Agora da segunda pra terceira, eu tinha orientação, só que eu não soube entendeu, seguir a orientação certa. Aí depois de cinco anos veio a terceira, só que aí a terceira eu ia tirar, só que o rapaz que tava comigo não tinha filho, era o primeiro filho dele, e ele insistiu, conversamos, ele decidiu que eu tinha que deixar. Aí resumindo eu deixei, aí fiquei com três né. Mas se todos os parceiros que eu tiver, não tiver filho e querer que eu tenha um já pensou onde é que eu vou parar? Os dois primeiros são de um pai, a terceira é de outro. E esse que eu moro, eu não tenho filho com ele. O que eu tirei o ano passado tirei pelo fato de minha filha tá muito pequena. Minha filha tinha seis meses e eu tava grávida de quatro, como é que eu ia deixar uma gravidez dessa ir adiante? Não tinha possibilidade, eu optei em tirar também. Antes disso, tive uma gravidez tubária. Aí nessa gravidez tubária a médica tirou uma trompa minha e disse que eu só ia ficar com uma, e teria certa dificuldade de ter outro, e se eu viesse a ter até que poderia ser uma gravidez arriscada. Eu conheci uma médica que veio me acompanhando nas ultrassons e eu disse: ô doutora, não tem como a senhora fazer meu parto e estrangular? Ela disse é vamo vê. Ela ficou me acompanhando e ia sair de férias. Então meu filho tava, meu filho tava pra nascer em dezembro, e ela me pediu para antecipar o parto pra novembro, pra aproveitar que ela ia sair de férias, que já tinha combinado de fazer. Só que chegou na hora a equipe que trabalhou com ela, que fazia parto com ela não aceitou, me estrangular. Por causa que eu era nova, e só tinha dois filhos no caso, esse que eu ia ter né, e a minha menina que eu já tinha. Aí ficou aquela discussão lá entre elas mesmas, e aí a colega disse que ela fosse e fizesse sozinha. E terminou que me fez uma cesárea, antecipou o parto e não me estrangulou. Agora eu usei a camisinha, só que a camisinha estourou, era pra ter tomado o remédio, mas não tomei por dois motivos: primeiro que eu esqueci, e segundo que eu tava sem dinheiro. Porque a pílula do dia seguinte é vinte reais, e era pra tomar o remédio no dia seguinte e eu só vim ter o dinheiro três dias depois, então não ia adiantar. Entendeu, aí se eu tomasse o Cytotec não ia fazer efeito, ia ter que esperar mais dias pra poder tomar o Cytotec. A única coisa que quero falar é que eu quero ajuda; pra me encaminhar, me dê condição que eu quero estrangular. Somente isso. Eu não quero mais me arrepender.

EXPRESSÕES CHAVE

IDÉIAS CENTRAIS

<p>E7: [...] eu tive uma gravidez tubária. Aí nessa gravidez tubária a médica tirou uma trompa minha e disse que eu só ia ficar com uma, e teria certa dificuldade de ter outro, e se eu viesse a ter até que poderia ser uma gravidez arriscada. [...] eu conheci uma médica que veio me acompanhando nas ultrassons, aí ela era obstetra também. Aí ela pegou e disse: óoo, e eu ô doutora, não tem como a senhora fazer meu parto e estrangular? Ela disse é vamo vê. Ela ficou me acompanhando, me acompanhando, aí ela ia sair de férias. Então meu filho tava, meu filho tava pra nascer em dezembro, e ela me pediu [...] tive que antecipar o parto pra novembro, pra aproveitar que ela ia sair de férias, que já tinha combinado de fazer. Só que chegou na hora a equipe que, foi, trabalhou com ela, que fazia parto com ela não aceitou, me estrangular. Por causa que disse que eu era nova, e tinha, só tinha, tinha pouco, só tinha dois filhos no caso, esse que eu ia ter né, e a minha menina que eu já tinha. Aí ficou aquela discussão lá entre elas mesmas, e que não ia, aí a colega disse que ela fosse e fizesse, fizesse sozinha. E terminou que me fez uma cesárea, antecipou o parto e não fez o, a minha, não me estrangulou [...]</p>	<p>1ª idéia: Realizou a cesárea antecipada e não conseguiu fazer a laqueadura porque só tinha dois filhos.</p>
<p>E8: Mais alguma coisa que você queira falar. A única coisa que quero falar é que eu quero ajuda; pra me encaminhar, me dê condição que eu quero estrangular (laqueadura tubária). Somente isso. Eu não quero mais me arrepender.</p>	<p>10ª idéia: Quer ajuda para realizar laqueadura.</p>
<p>E10: Meus outros filhos nenhum foi planejado também, foi tudo acidente. Na época que eu tive meu primeiro filho eu tinha quinze anos, não tinha experiência nenhuma, não tinha mãe, não tinha ninguém pra poder me orientar, engravidei, do primeiro [...] Agora da segunda pra terceira, eu tinha orientação, só que eu não soube entendeu, seguir a orientação certa. Aí depois de cinco anos veio a segunda, a terceira, só que aí a terceira eu ia tirar, só que o rapaz que tava</p>	<p>11ª idéia: Gestações não planejadas. 12ª idéia: Manteve a gestação anterior ao aborto por decisão do companheiro.</p>

comigo não tinha filho, era o primeiro filho dele, e ele insistiu, conversamos, ele decidiu que eu tinha que deixar. Aí resumindo eu deixei, aí fiquei com três né. Mas se todos os parceiros que eu tiver, não tiver filho e querer que eu tenha um já pensou onde é que eu vou parar? Os dois primeiros são de um pai, a terceira é de outro. E esse que eu moro, eu não tenho filho com ele. O que eu tirei o ano passado, tem um ano que eu tirei um, novembro, tem um ano, um ano e meses. Eu tirei pelo fato de minha filha ta muito pequena. Minha filha tinha seis meses e eu tava grávida de quatro, como eu ia, como é que eu ia deixar uma gravidez dessa ir adiante? Não tinha possibilidade, eu optei em tirar também[...]

E13: *[...] mas eu usei a camisinha, só que a camisinha estouro; era pra ter tomado o remédio, mas não tomei por dois motivos: primeiro que eu esqueci, e segundo que eu tava sem dinheiro. Porque a pílula do dia seguinte é R\$ 20,00, e era pra tomar o remédio no dia seguinte e eu só vim ter o dinheiro três dias depois, então não ia adiantar. Entendeu, aí se eu tomasse o Cytotec não ia fazer efeito, ia ter que esperar mais dias pra poder tomar o Cytotec[...]*

2ª idéia: Usou camisinha, mas a camisinha estourou.

3ª idéia: Não usou a pílula por esquecimento e falta de dinheiro.

QUADRO 1.H - Idéia central síntese: Pensa em voltar pra casa e se cuidar mais, trabalhar, fazer planejamento familiar, retomar os estudos, encontrar o filho e dar mais valor à família.

DSC

Eu penso em voltar pra casa e me cuidar mais né. Mudou muito minha vida. Penso em fazer coisas totalmente diferentes do que eu pensava antes, ir trabalhar, terminar meu tratamento, que eu vou ter que fazer o tratamento agora, e cuidar de minha irmã que tem quinze anos, botar meu irmão pra seguir a vida dele, e viver a minha vida. Encontrar meu filho porque se não fosse meu filho pra mim seria até bom eu ficar aqui, mais um dia; mas eu preciso voltar e encarar. Ou amanhã, ou depois, ou qualquer dia eu vou ter que ir encarar mesmo o dia-a-dia. Daqui pra frente pensar no meu filho que tem três aninhos e pronto. Eu pretendo assim retomar meus estudos, que eu deixei atrasar, cuidar de meu pai, dar mais atenção a ele que ate então eu não tava dando mais atenção por causa do menino, dar mais atenção a meu pai, a minha casa, que só mora eu e ele, pensar antes de fazer as loucuras, refletir, ver se é isso mesmo que eu quero. Ter mais cuidado, com mais responsabilidade pra isso nunca mais acontecer, trabalhar e conseguir meu objetivo, porque foi e não foi um descuido, mas eu preciso me cuidar mais, não deixar de tomar o remédio, pra poder fazer aquilo que eu to planejando que é ter um futuro, não um futuro de riqueza, mas um futuro estável, onde eu possa me manter e manter uma criança. Hoje eu não tinha como manter uma criança, mesmo ele trabalhando, mas fica difícil. Eu acho que eu vou ser menos grossa com ele e é isso ai, me cuidar mais, dar valor a minha família pra depois pensar em uma família pra mim. Fazer um planejamento, pra não ter que acontecer isso de novo. Namorar e curtir bastante protegida né.

EXPRESSÕES CHAVE

IDÉIAS CENTRAIS

<p>E7: <i>Encontrar meu filho, que eu preciso voltar hoje, se não fosse meu filho pra mim seria até bom eu ficar aqui... mais um dia [...] mas eu preciso voltar... e encarar (cotidiano). Ou amanhã, ou depois, ou qualquer dia eu vou ter que ir... encarar mesmo. Daqui pra frente pensar... no meu filho né, no meu filho que tem três aninhos e pronto.</i></p>	<p>4ª idéia: Pensa em encontrar o filho de três anos e encarar o cotidiano.</p>
<p>E9: <i>Mudou muito minha vida. Penso em fazer coisas totalmente diferentes do que eu pensava antes, ir trabalhar, terminar meu tratamento, que eu vou ter que fazer o tratamento agora, e cuidar de minha irmã que tem quinze anos, botar meu irmão pra seguir a vida dele, e viver a minha vida.</i></p>	<p>7ª idéia: Pensa em fazer coisas diferentes após aborto.</p>
<p>E11: <i>Eu penso em voltar pra casa e me cuidar mais né. Fazer um planejamento, pra não ter que acontecer isso de novo. Entendeu? Namorar e curtir bastante... (risos da entrevistada) protegida né. Aí então tô tranqüila.</i></p>	<p>15ª idéia: Pensa em fazer planejamento para não acontecer de novo.</p>
<p>E13: <i>[...] Eu pretendo assim retomar meus estudos, que eu deixei atrasar, cuidar de meu pai, dar mais atenção a ele que ate então eu não tava dando mais atenção por causa do menino, dar mais atenção a meu pai, a minha casa, que só mora eu e ele, mas minha casa sabe, pensar antes de fazer as loucuras, refletir, ver se é isso mesmo que eu quero. Ter mais cuidado.</i></p>	<p>8ª idéia: Pensa em estudar e cuidar do pai.</p>
<p>E16: <i>[...] Penso agora com mais responsabilidade né, se cuidar (usar métodos anticoncepcionais), pra isso nunca mais acontecer e trabalhar e conseguir meu objetivo[...]</i></p>	<p>6ª idéia: Pensa em se cuidar com responsabilidade e trabalhar.</p>
<p>E17: <i>[...] Eu, me cuidar mais, porque foi e não foi um descuido, mas eu preciso me cuidar mais, não deixar de tomar o remédio, pra poder fazer aquilo que eu to planejando que é ter um futuro, não um futuro de riqueza, mas um futuro estável, onde eu possa me manter e manter uma criança. Hoje eu não tinha como manter uma criança, mesmo ele trabalhando, mas fica difícil. Eu acho que eu vou menos grossa ele (risos) e é isso ai, me cuidar mais, dar valor a minha família pra depois pensar em uma família pra mim, depois [...]</i></p>	<p>4ª idéia: Pensa em se cuidar mais, tomar remédio.</p> <p>5ª idéia: Planeja um futuro estável, onde possa se manter e manter uma criança.</p>

QUADRO 1.I - Idéia central síntese: Foi bem tratada na maternidade, o atendimento foi rápido, foi logo pra sala de curetagem, porém algumas médicas fizeram comentários que tinha que se cuidar.

DSC	
<p><i>Domingo, de sábado pra domingo eu fui dormir aí ela (menstruação) desceu muito forte, saindo os pedaços melou cama, melou tudo, aí eu disse a ela: amanhã eu vou no médico. Assim que eu comecei a passar mal, ele (esposo) me deu socorro, quando eu cheguei aqui (triagem da maternidade), a menina ficou fazendo minha ficha, eu peguei entrei e fiquei sentindo muita dor. Tive ótimos médicos, o médico veio, fez exame de toque, eu não demorei nada dentro da sala. Eu contei ao médico que eu tinha botado sonda mesmo, ele também não perguntou mais nada não. Ele disse que eu tinha que fazer a ultrassom, pra ter certeza se eu tinha restos embrionários ou se eu não tinha perdido né. Aí eu fui pra casa fiz a ultrassom na segunda de manhã no particular, aí voltei e fiquei internada. Mas foi a ambulância daqui mesmo que levou. Me levou e trouxe. Aí eu fiz, aí quando eu mesma abri o exame, eu disse vou ter que ir, saí dez horas do trabalho e vim pra cá, cheguei aqui doze horas foi. Fiquei internada, porque tinha os restos do aborto ainda dentro de mim, só que não tava ainda com mau cheiro porque meu colo ainda tava fechado, não tava dilatando. E desde domingo que eu tô perdendo sangue entendeu, aí podia dar uma infecção, uma coisa mais grave, em mim não! Quando foi de manhã eu fui fazer a coletagem. Me levaram logo, logo pra sala da coletagem, que eu cheguei desmaiada e pra mim foi isso, a melhor das vezes que eu tive, das outras vezes foi essa, mas eu não quero que se repita não, naturalmente. Eu fui muito bem tratada, as enfermeiras me tratou um amor de pessoa, adorei as enfermeiras daqui, todo mundo me tratou super bem. Cheguei aqui com muita, muita, muita dor, elas me trataram bem, disseram pra eu ter calma, eu ter paciência, na hora da curetagem alisaram minha mão, disseram pra eu ter calma, me tratou como se fosse uma mãe, sabe me tratou muito bem. Porque quando chegou ao meu conhecimento de fazer curetagem de aborto disse que a gente é maltratada, disse que a gente chega aqui os médicos fazem ignorância e não sei o que, mas isso é só conversa do povo mesmo, porque não é nada disso, os médicos tratam a gente super bem; apenas umas médicas que me atenderam, eu não critico não, mas elas não sabem o que tá passando na vida de gente né, mas foram poucas, mas fora isso elas me trataram bem; foram algumas médicas que falaram isso, que eu era nova, com dezesseis anos, que eu tinha que me cuidar, tomar vergonha na cara, aí ela ainda brincou comigo, você tem cara de que vai ter cinco filhos depois desse aborto. É isso, eu também não pretendo abortar mais não e também não vou ter cinco filhos. Foi difícil e ao mesmo tempo foi fácil, porque o tio de meu namorado é chefe de algumas pessoas aqui (na maternidade), então eu fui bem cuidada, bem observada [...] A comida vem na cama; as enfermeiras tratam a gente com muito carinho parece um ente querido dela que tá aqui sabe, que nem parece. Só não me disseram nada que eu tava com infecção, que eu tinha pegado infecção. Mas eu creio que eu peguei em casa, porque eu já vim com mau cheiro. Creio que foi em casa. Tava uma cor diferente e tava um mau cheiro terrível! Eu to com um problema no sangue que a moça (profissional de saúde da maternidade) me falou, eu não sabia, descobri aqui... é... esqueço o nome... é sífilis. Ela falou que eu tava com sífilis que eu tinha que tomar três benzetacil, durante oito dias quando sair daqui (pós alta) e fazer outro exame (VDRL) pra saber se eu tinha curado, e minha parceira (relação homossexual) também. Mas não tô sentindo nada não graças a Deus.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS

<p>E8: [...] <i>A minha chegada é assim, graças a Deus foi bem, porque assim que eu comecei a passar mal, ele (esposo) me deu socorro, cheguei aqui (maternidade) tive ótimos médicos, que me atendeu muito bem. Entendeu? Que me levaram logo, logo pra sala da coletagem, que eu cheguei desmaiada e pra mim foi isso, a melhor das vezes que eu tive, das outras vezes foi essa, mas eu não quero que se repita não, naturalmente [...]</i></p>	<p>4ª idéia: Passa mal, esposo dá socorro.</p> <p>5ª idéia: Chega desmaiada na maternidade e é levada logo para sala de curetagem.</p> <p>6ª idéia: Dentre as vezes que abortou considera esta a melhor por estar desmaiada e ter sido levada logo pra sala de curetagem.</p>
<p>E9: [...] <i>Quando eu cheguei aqui (triagem da maternidade), a menina ficou fazendo minha ficha, eu peguei entrei e fiquei sentindo muita dor. O médico veio, fez exame de toque, eu não demorei nada dentro da sala. Quando foi de manhã eu fui fazer a coletagem [...] Não, não me disseram nada que eu tava com infecção, que eu tinha pegado infecção. Mas eu creio que eu peguei em casa, porque eu já vim com mau cheiro. Creio que foi em casa. Tava uma cor diferente e tava um mau cheiro terrível! [...] Eu não esqueci o nome do problema que eu tô no sangue, a moça (profissional de saúde da maternidade) me falou, eu não sabia, descobri aqui... é... esqueço o nome... é sífilis. Ela falou que eu tava com sífilis que eu tinha que tomar três benzetacil, durante oito dias quando sair daqui (pós alta) e fazer outro exame (VDRL) pra saber se eu tinha curado, e minha parceira também.</i></p>	<p>4ª idéia: Chega sentindo dor na triagem e é atendida rápido.</p> <p>5ª idéia: Acredita que pegou infecção em casa, pois já sentia mau cheiro.</p> <p>8ª idéia: É informada que tem sífilis e orientada a tomar bezentacil com a companheira e fazer outro exame.</p>
<p>E10: [...] <i>Domingo, de sábado pra domingo eu fui dormir aí ela (menstruação) desceu muito forte, saindo os pedaços melou cama, melou tudo, aí eu disse a ela: amanhã eu vou no médico[...] Aí eu vim pra cá (maternidade) e a médica disse que eu tinha que fazer a ultrassom. Aí eu peguei e voltei. Fui pra casa fiz a ultrassom na segunda de manhã no particular, aí voltei e fiquei internada. Fiquei internada, porque ela disse</i></p>	<p>2ª idéia: Apresenta menstruação muito forte com pedaços e decide ir ao médico.</p> <p>3ª idéia: Chega à maternidade a médica manda fazer ultrassom.</p> <p>4ª idéia: Retorna para casa e dia seguinte realiza ultrassom em clínica particular.</p> <p>5ª idéia: Volta à maternidade com resultado de ultrassom e fica internada.</p>

<p><i>que tinha os restos do aborto ainda dentro de mim, só que não tava ainda com mau cheiro porque meu colo ainda tava fechado, não tava dilatando. Mas que provavelmente iria infeccionar se eu não viesse. Me receberam muito bem, entendeu, não tenho o que falar não [...] Não, no domingo me atenderam rápido, não demorou não, a demora foi na segunda porque eles tavam dando uma limpeza na sala, tavam fazendo uma higiene, mas o atendimento foi ótimo, não tenho o que falar não, foi bom! [...]</i></p> <p>E11: <i>Eu contei ao médico que eu tinha botado sonda mesmo, ele também não perguntou mais nada não. Foi fiquei na sala, lá, aí comecei a sentir dor, quando foi no domingo, aí a médica mandou fazer uma transvaginal, mas aqui não tem, aí tive que ir para outra maternidade fazer e voltar pra aqui de novo. Mas foi a ambulância daqui mesmo que levou. Me levou e trouxe. Aí viu que tinha restos de parto, aí mandou fazer coleta. Mas não tô sentindo nada não graças a Deus.</i></p> <p>E13: <i>[...] A chegada foi bem, eu fui muito bem tratada, as enfermeiras me tratou um amor de pessoa, adorei as enfermeiras daqui, todo mundo me tratou super bem. Cheguei aqui com muita, muita, muita dor, elas me trataram bem, disseram pra eu ter calma, eu ter paciência, na hora da curetagem alisaram minha mão, disseram pra eu ter calma, me tratou como se fosse uma mãe, sabe me tratou muito bem. Porque quando chegou ao meu conhecimento de fazer curetagem de aborto disse que a gente é maltratada, disse que a gente chega aqui os médicos fazem ignorância e não sei o que, mas isso é só conversa do povo mesmo, porque não é nada disso, os médicos tratam a gente super bem, a comida vem na cama; as enfermeiras tratam a gente com muito carinho parece um ente querido dela que tá aqui sabe, que nem parece.</i></p>	<p>6ª idéia: Atendimento ótimo na maternidade não tem o que falar, pois não demorou.</p> <p>6ª idéia: Sentiu dor, foi para a maternidade, médica mandou fazer ultrassom transvaginal.</p> <p>7ª idéia: Não tinha USG na maternidade, precisou fazer fora e foi levada de ambulância do serviço.</p> <p>8ª idéia: Tinha restos de parto fez curetagem.</p> <p>9ª idéia: Foi bem tratada pelas enfermeiras.</p> <p>11ª idéia: Quem faz curetagem por aborto é maltratada no hospital.</p>
---	---

<p>E14: [...] <i>eu sempre fui bem recebida aqui [...]</i></p> <p>E16: [...] <i>Aqui (maternidade) eu fui bem tratada, não tive nenhum motivo de queixa não. Ontem eu vim na parte da manhã, me consultei com a enfermeira aí ela fez o toque, aí disse que o colo do útero tava fechado e que era pra mim fazer uma transvaginal. Pra ter certeza se eu tinha restos embrionários ou se eu não tinha perdido né. Aí eu fiz, aí quando eu mesma abri o exame, aí eu vi, eu disse vou ter que ir, saí dez horas do trabalho e vim pra cá, cheguei aqui doze horas foi. E desde domingo que eu tô perdendo sangue entendeu, aí podia dar uma infecção, uma coisa mais grave, em mim não!</i></p> <p>E17: [...] <i>Umás médicas que me atenderam, eu não critico não, mas elas não sabem o que ta passando na vida de gente né, mas foram poucas, mas fora isso elas me trataram bem, foram algumas médicas que falaram isso, que eu era nova, com dezesseis anos, que eu tinha que me cuidar, tomar vergonha na cara, ai ela ainda brincou comigo, você tem cara de que vai ter cinco filhos depois desse aborto. É isso, eu também não pretendo abortar mais não e também não vou ter cinco filhos. Foi difícil e ao mesmo tempo foi fácil, porque o tio de meu namorado é chefe de algumas pessoas aqui (na maternidade), então eu fui bem cuidada, bem observada [...]</i></p>	<p>4ª idéia: Foi bem recebida no hospital.</p> <p>7ª idéia: Foi bem tratada na maternidade.</p> <p>8ª idéia: Fez ultrassom transvaginal pra ter certeza se tinha restos embrionários.</p> <p>9ª idéia: Abriu resultado de exame e por estar perdendo sangue foi ao hospital.</p> <p>8ª idéia: Algumas médicas da maternidade falaram sobre ter dezesseis anos e já fazendo aborto, que tinha que se cuidar, tomar vergonha na cara e que parecia que ia ter cinco filhos.</p> <p>9ª idéia: Foi bem cuidada porque o tio do namorado era chefe de algumas pessoas na maternidade.</p>
--	--

QUADRO 1.J - Idéia central síntese: Tomou chá, oito dias usou Cytotec, mas perdeu com a injeção para dilatar útero e a sonda.

DSC	
<p><i>Ficou sangrando fraco assim, e eu comecei tomar chá a semana toda, de ontem pra hoje que aumentou. Isso também porque tem oito dias que tô tomando o remédio (cytotec), em casa mesmo; porém foi depois da injeção que eu consegui perder porque com o cytotec eu não tava perdendo não. O médico me perguntou o que foi que eu tinha tomado, peguei falei: eu botei sonda mesmo. Aí ele perguntou: ainda existe isso? Aí eu disse oxe, lá no bairro ninguém usa cytotec, só bota sonda. O povo todo procura ela (pessoa do bairro que provoca). Aí ele: não sei ainda como ela não foi presa. Porque primeiro quando eu fui na casa dessa moça (que pratica o aborto) e ela fez lavagem em mim (via vaginal) e não desceu, aí ela disse que o jeito era botar a sonda. Ela faz o mesmo processo, só não bota a sonda. É o mesmo remédio. É um líquido na seringa. Na seringa sem agulha. Ela não diz o que é não. É um líquido, parecendo éter, a cor de éter e arde também. Não sente nada não. Aí depois que eu voltei lá e disse que não tinha descido, ela foi e botou a sonda.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS

<p>E8: [...] oito dias que tomando o remédio (citotec), [...] em casa mesmo, foi depois da injeção(não sabe informar nome) que eu consegui perder porque com o citotec eu não tava perdendo não.</p> <p>E11: [...] O médico me perguntou o que foi que eu tinha tomado, peguei falei, ele perguntou se eu tinha tomado citotec, eu disse: não, eu botei sonda mesmo. Aí ele perguntou: ainda existe isso. Aí eu disse oxe, lá no bairro ninguém usa citotec, só bota sonda. Ninguém é assim de tomar citotec lá não. O povo todo procura ela(pessoa do bairro que provoca). Aí ele: não sei ainda como ela não foi presa. (risos da entrevistada) [...] porque primeiro quando eu fui na casa dessa moça (que pratica o aborto) e ela fez lavagem em mim (via vaginal) e não desceu, aí ela disse que o jeito era botar a sonda. Ela faz o mesmo processo, só não bota a sonda. É a mesma coisa, só não bota a sonda. É o mesmo remédio. É um líquido na seringa. Na seringa sem agulha. Não, ela não diz o que é não. É um líquido, parecendo éter, a cor de éter e arde também. Não sente nada não. Aí depois que eu voltei lá e disse que não tinha descido, ela foi e botou a sonda. [...]</p> <p>E14: [...] Ficou sangrando fraco assim, de ontem pra hoje, eu comecei tomar chá a semana toda, de ontem pra hoje que aumentou[...]</p>	<p>7ª idéia: Usa citotec por 8 dias em casa e aborta após uso de injeção.</p> <p>4ª idéia: Utilizou sonda para abortar.</p> <p>5ª idéia: No bairro ninguém usa citotec só bota sonda.</p> <p>12ª idéia: Fez lavagem vaginal e botou sonda.</p> <p>5ª idéia: Tomou chá a semana toda e de ontem pra hoje o sangramento aumentou.</p>
--	---

QUADRO 1.K - Idéia central síntese: Faz aborto à noite, esconde para que os filhos não presenciem, mas eles cuidam dela.

DSC	
<p><i>Desde quando eu faço eu procuro tirar meus filhos, eu nunca deixo eles presenciarem, então prefiro fazer pela noite. Se eles tiverem em casa eu prefiro fazer à noite quando eles estão dormindo. Meus filhos ficam tudo desesperados, chorando, com medo de que eu morra; e eu só tenho ele em casa, o de onze anos, que é menino, fica ali me limpa me dá banho, porque meu marido não fica em casa, tá trabalhando. Dessa vez ele ficou desesperado, chorava, me abraçava pensando que eu ia morrer. Mas sei que é difícil, só não quero que meus filhos presenciem isso não, nenhum dos dois. Porque aí eu começo a chorar, a gritar de dor e eles vem ver o que é, e eu tento esconder. Nunca falei pra eles que eu tomei remédio não, eu sempre falo que eu senti a dor, perdi, às vezes até falo que foi Deus, papai-do-céu, que tirou seus irmãos, e esse mesmo eles tavam fazendo plano de botar nome no final. Os dois: o menino queria botar um nome, a menina queria botar, escreveu lá no caderno, o nome do irmão.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E8: [...] meus filhos ficam tudo desesperados, chorando, com medo de que eu morra, e eu só tenho ele em casa, o de 11 anos, o de 11 anos, [...] é menino, fica ali me limpa me dá banho, porque meu marido não fica em casa tá trabalhando. Dessa vez ele (o filho) ficou desesperado, chorava, me abraçava pensando que eu ia morrer... Mas sei que é difícil, só não quero que meus filhos presenciem isso não, nenhum dos dois. Porque aí eu começo a chorar, a gritar de dor e eles vem ver o que é eu tento esconder. [...] nunca falei pra eles que eu tomei remédio não, eu sempre falo que eu senti a dor, perdi, às vezes até falo que foi Deus, papai-do-céu, que tirou seus irmãos, e esse mesmo eles tavam fazendo plano de botar nome no final. Os dois: o menino queria botar um nome, a menina queria botar, escreveu lá no caderno, o nome do irmão, [...]</p> <p>E10: [...] Desde quando eu faço eu procuro tirar meus filhos, eu nunca deixo eles presenciarem, então quando eu faço, eu prefiro fazer pela noite. Se eles tiverem em casa eu prefiro fazer à noite quando eles estão dormindo. Aí eu vou e faço[...]</p>	<p>8ª idéia: Esconde o aborto e os filhos cuidam dela.</p> <p>25ª idéia: Faz o aborto à noite para que os filhos não presenciem.</p>

QUADRO 1.L - Idéia central síntese: Fugiu de casa com doze anos, veio pra Bahia de carona com caminhoneiro, para comer tinha que transar, conheceu pessoas na rua e se envolveu com filhos da patroa, por falta de opção foi fazer programa até arrumar alguém que queria compromisso.

DSC

Na época eu tinha doze anos quando eu fugi de casa. Eu morava em Minas Gerais, em Teófilo Otoni, eu fugi de casa e vim pra cá. Chegando aqui, eu não conhecia ninguém, vim de carona, eu e uma amiga minha. Aqui conheci umas pessoas, passava uns dias na casa de uma, umas dias na casa de outras, foi quando eu conheci uma sobrinha da minha ex-sogra, a primeira. Fiquei passando uns tempos na casa dela, aí ela disse: ó, minha mãe disse que não você não vai poder ficar mais aqui. Mas eu tenho uma tia, que era mora sozinha e ela tem cinco filhos homem, e ela é doida pra ter uma filha mulher, quem sabe ela não deixa você ficar lá. Vamo lá que eu vou falar com ela. Aí eu fui, quando chegou lá ela disse que eu poderia ficar lá na casa dela, mas teria que ajudar ela nas coisas domésticas. Eu disse tudo bem. E em troca ela me daria casa e comida. Eu tinha doze na época. Aí pronto eu fiquei morando com ela, foi aí que eu me envolvi com o filho dela (patroa) e tive meus dois filhos, meus dois primeiros. Me separei dele, ele não dá nada a meus filhos, não liga. Quando eu me separei... aí ele não aceitou a separação porque ele queria que eu convivesse com ele mesmo ele me maltratando. Só que eu agüentei ainda muito que de doze, quando eu consegui sair dele de vez, eu já tinha dezoito anos quando eu me saí dele de vez, já com dois filhos na costa. Na época que eu me separei dele, eu fui morar na casa de uma amiga minha, não tinha nada, ainda com dois filhos de favor. Aí na época por falta de opção por falta de trabalho, por falta de estudo, aí eu comecei a fazer programa (profissional do sexo), na época. Comecei a fazer programa, aluguei uma casa, comprei colchão, coisas básicas mais necessárias e fui morar sozinha com meus filhos. Fiquei nessa vida, até que um dia aconteceu um acidente comigo, aí eu decidi sair de vez da vida, disse é não dá pra mim mais não. Aí pronto conheci pessoas, que queriam realmente compromisso, aí fiquei não deu certo, larguei. Fiquei com outro, e hoje eu to com esse daí, que me assume, gosta de mim, gosta dos meus filhos. Pois é isso, na época eu por falta de opção, eu optei fazer programa pra poder me manter e manter meus filhos, e pra sair da humilhação que eu tava vivendo. Aí eu sempre ficava ali no Casquinha de siri. E lá eu conheci um rapaz que tinha marcado comigo pra sair, pra dar uma volta e tal. Aí ele chegou pra mim e disse: ó eu vou ali passar o cartão pra tirar o dinheiro. Bora comigo, eu vou ali em Itapoã. Eu disse: tá bom, borá. Entrei no carro e fui. Só que ele fez a volta, mas não parou no caixa eletrônico passou direto. Eu disse: ô você não ia no caixa eletrônico? Não, eu vou, em outro lugar. Eu disse: então você pára aqui, que eu fico aqui, quando você voltar, você me pega, já que você vai e outro lugar. Aí ele disse: ah não borá comigo. Eu disse: Não! Não vou não, abra a porta do carro aí que eu não vou. Aí quando eu olhei pra trás, tinha um outro rapaz saindo da mala do carro. E falou assim com ele: quer dizer que assim que você faz com minha irmãzinha né? Aí na hora eu me desesperei. Eu digo: meu Deus, eu só tenho duas opção: ou eu ir com eles pra eles fazer o que quer comigo, ou eu me jogar do carro. Eu já tava com a porta aberta. Das duas opções eu preferi me jogar do carro. Aí do que eu me joguei do carro eu bati a cabeça, me machuquei toda, eu aí pedia pra ele parar, ele não queria parar ele aumentava mais a velocidade do carro. Aí me joguei do carro, no que eu me joguei, me machuquei toda, fiquei muito mal fui pro HGE, fiquei internada, aí daí, eu decidi sair desta vida... Foram embora, ninguém conseguiu pegar a placa, e ficou por isso mesmo. Eu fui pro HGE, fiquei internada, meus filhos na casa dos outros, de vizinha, me cuidei, pronto, aí foi daí que eu decidi; não quero esta vida pra mim, aí daí eu parei, nunca mais eu fui. A gente não veio direto pra Bahia. aí a gente fugiu, a gente foi pra Belo Horizonte, ficamos seis meses em Belo Horizonte. Aí lá ela queria ir pra São Paulo, eu disse: bora pra Bahia. Aí fizemos uma brincadeira, quem ganhasse iria pra onde queria e na brincadeira, eu ganhei, então bora pra Bahia. A gente pegou uma carona de Belo Horizonte pra cá. E o caminhoneiro que tava com a gente dava comida a gente entendeu... Tinha, ele transava pra dar carona. Entendeu? A gente pegou e veio pra aqui, na época o rapaz deixou a gente no largo do tanque, aí nós ficamos lá no ponto de ônibus com as nossas mala, sem saber pra onde ir foi quando chegou um rapaz. É maluquice de adolescente... Geralmente quando os caminhoneiros sabiam minha idade, na época eu tinha doze anos e a menina vinha comigo tinha dezessete, eles era mais velha do que eu eles optavam mais por ela. E o fato dela ser maior e eu era de menor, e era mais menor com certeza, eles optavam mais por ela. Entendeu? E quando eles vinham pro meu lado, ela dizia: não que ela ainda é virgem, aí eles optavam mais por ela. Pelo fato dela ser de maior e eles estarem correndo risco também né? De tá conduzindo duas de menor. Ela tinha relação, é, entendeu eles davam comida, parava no posto, tudo que eles comiam davam a gente e foi assim que a gente chegou aqui em Salvador. Aí depois minha amiga decidiu voltar pra Minas e eu me decidi ficar. Aí eu fiquei e ela foi embora, pegou carona e voltou. A gente largou ela na BR, ela pegou carona e foi de volta pra Minas, e eu continuei aqui.

EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E10: [...] <i>Na época eu tinha doze anos quando eu fugi de casa. Eu morava em Minas Gerais, em Teófilo Otoni, eu fugi de casa e vim pra cá. Chegando aqui, eu não conhecia ninguém, vim de carona, eu e uma amiga minha. [...] aqui conheci umas pessoas, passava uns dias na casa de uma, umas dias na casa de outras, foi quando eu conheci uma sobrinha da minha ex-sogra, a primeira. Fiquei passando uns tempos na casa dela, aí ela disse: ó, minha mãe disse que não você não vai poder ficar mais aqui. Mas eu tenho uma tia, que era mora sozinha e ela tem cinco filhos homem, e ela é doida pra ter uma filha mulher, quem sabe ela não deixa você ficar lá. Vamo lá que eu vou falar com ela. Aí eu fui, quando chegou lá ela disse que eu poderia ficar lá na casa dela, mas teria que ajudar ela nas coisas domésticas. Eu disse tudo bem. E em troca ela me daria casa e comida. Eu tinha doze na época. Aí pronto eu fiquei morando com ela, foi aí que eu me envolvi com o filho dela (patroa) e tive meus dois filhos, meus dois primeiros. Me separei dele, ele não dá nada a meus filhos, não liga. Quando eu me separei... aí ele não aceitou a separação porque ele queria que eu convivesse com ele mesmo ele me maltratando. Só que eu agüentei ainda muito que de doze, quando eu consegui sair dele de vez, eu já tinha dezoito anos quando eu me saí dele de vez, já com dois filhos na costa. Na época que eu me separei dele, eu fui morar na casa de uma amiga minha, não tinha nada, ainda com dois filhos de favor. Aí na época por falta de opção por falta de trabalho, por falta de estudo, aí eu comecei a fazer programa (profissional do sexo), na época. Comecei a fazer programa, aluguei uma casa, comprei colchão, coisas básicas mais necessárias e fui morar sozinha com meus filhos. [...] fiquei nessa vida, até que um dia aconteceu um acidente comigo, aí eu decidi sair de vez da vida, disse é não dá</i></p>	<p>15ª idéia: Foge de casa aos doze anos, vem para Salvador e fica na rua.</p> <p>16ª idéia: Conhece pessoas na rua passa dias nas casas de várias pessoas.</p> <p>17ª idéia: Conseguir moradia e comida em troca de trabalho doméstico.</p> <p>15ª idéia: Se envolve como filho da patroa e tem dois filhos.</p> <p>16ª idéia: Separou-se do companheiro devido aos maus-tratos e vai morar com amiga.</p> <p>17ª idéia: Por falta de opção foi fazer programa.</p> <p>18ª idéia: Se manteve e aos filhos como profissional do sexo.</p> <p>20ª idéia: Na fuga decidiram para onde iriam a partir de uma brincadeira.</p> <p>21ª idéia: Pegaram carona para vir à Bahia com caminhoneiro que dava comida em troca de sexo.</p>

pra mim mais não. [...] Aí pronto conheci pessoas, que queriam realmente compromisso, aí fiquei não deu certo, larguei. Fiquei com outro, e hoje eu to com esse daí, que me assume, gosta de mim, gosta dos meus filhos [...] É isso na época, eu por falta de opção, eu optei fazer programa pra poder me manter e manter meus filhos, e pra sair da humilhação que eu tava vivendo. Aí eu sempre ficava ali no Casquinha de siri. E lá eu conheci um rapaz que tinha marcado comigo pra sair, pra dar uma volta e tal. Aí ele chegou pra mim e disse: ó eu vou ali passar o cartão pra tirar o dinheiro. Bora comigo, eu vou ali em Itapoã. Eu disse: tá bom, borá, entrei no carro e fui. Só que ele fez a volta, mas não parou no caixa eletrônico passou direto. Eu disse: ô você não ia no caixa eletrônico? Não, eu vou, em outro lugar. Eu disse: então você pára aqui, que eu fico aqui, quando você voltar, você me pega, já que você vai e outro lugar. Aí ele disse: ah não borá comigo, eu disse: Não! Não vou não, abra a porta do carro aí que eu não vou. Aí quando eu olhei pra trás, tinha um outro rapaz saindo da mala do carro. E falou assim com ele: quer dizer que assim que você faz com minha irmãzinha né? Aí na hora eu me desesperei. Eu digo: meu Deus, eu só tenho duas opção: ou eu ir com eles pra eles fazer o que quer comigo, ou eu me jogar do carro. Eu já tava com a porta aberta. Das duas opções eu preferi me jogar do carro. Aí do que eu me joguei do carro eu bati a cabeça, me machuquei toda, eu aí pedia pra ele parar, ele não queria parar ele aumentava mais a velocidade do carro. [...] Aí me joguei do carro, no que eu me joguei, me machuquei toda, fiquei muito mal fui pro HGE, fiquei internada, aí daí, eu decidi sair desta vida... Foram embora, ninguém conseguiu pegar a placa, e ficou por isso mesmo. Eu fui pro HGE, fiquei internada, meus filhos na casa dos outros, de vizinha, me cuidei, pronto, aí foi daí que eu decidi; não quero esta vida pra mim, aí

daí eu parei, nunca mais eu fui. [...] A gente não veio direto pra Bahia. aí a gente fugiu, a gente foi pra Belo Horizonte, ficamos seis meses em Belo Horizonte. Aí lá ela queria ir pra São Paulo, eu disse: bora pra Bahia. Aí fizemos uma brincadeira, quem ganhasse iria pra onde queria e na brincadeira, eu ganhei, então bora pra Bahia. A gente pegou uma carona de Belo Horizonte pra cá. E o caminhoneiro que tava com a gente dava comida a gente entendeu... Tinha, ele transava pra dar carona. Entendeu? A gente pegou e veio pra aqui, na época o rapaz deixou a gente no largo do tanque, aí nós ficamos lá no ponto de ônibus com as nossas mala, sem saber pra onde ir foi quando chegou um rapaz... É maluquice de adolescente... Geralmente quando os caminhoneiros sabiam minha idade, na época eu tinha doze anos e a menina vinha comigo tinha dezessete, eles era mais velha do que eu eles optavam mais por ela. E o fato dela ser maior e eu era de menor, e era mais menor com certeza, eles optavam mais por ela. Entendeu? E quando eles vinham pro meu lado, ela dizia: não que ela ainda é virgem, aí eles optavam mais por ela. Pelo fato dela ser de maior e eles estarem correndo risco também né? De tá conduzindo duas de menor. Ela tinha relação, é, entendeu eles davam comida, parava no posto, tudo que eles comiam davam a gente e foi assim que a gente chegou aqui em Salvador[...] Aí depois minha amiga decidiu voltar pra Minas e eu me decidi ficar. Aí eu fiquei e ela foi embora, pegou carona e voltou. A gente largou ela na BR, ela pegou carona e foi de volta pra Minas, e eu continuei aqui...

QUADRO 1.M Idéia central síntese: Pagava a vizinha para tomar conta dos filhos durante o trabalho, pede para levar o pequeno na creche para poder ir até a maternidade e enquanto internada deixa-os com a ex-sogra.

<i>DSC</i>	
<i>Toda noite na época que fazia programa eu pagava uma vizinha pra poder tomar conta de meus filhos. Aí eu ia, quando eu chegava, pegava as crianças e ia pra casa, que ela morava do lado. Pedi a vizinha agora pra levar o pequeno na creche, a maior foi pra escola e eu vim pra aqui pra maternidade. Por estar internada, deixei meu filho, com a avó da menor, mas não tem parentesco nenhum com o maior. Mas só que pelo fato dela me conhecer e tudo, ela disse: você não tá internada, então pra eles não ficarem lá sozinhos com o padrasto, deixe eles aqui. Aí eu fui e deixei lá. Aí tá lá com ela. Quando eu sair, eu vou mandar buscar.</i>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E10: <i>Toda noite, (os filhos) ficava com a vizinha, na época eu pagava uma vizinha pra poder tomar conta. Aí eu ia, quando eu chegava, pegava as crianças e ia pra casa, que ela morava do lado[...]</i></p> <p><i>[...] É essa pessoa com quem eu deixei meu filho, é vó da menor, mas não tem parentesco nenhum com o maior. Mas só que pelo fato dela me conhecer e tudo, ela disse: você não tá internada, então pra eles não ficarem lá sozinhos com o padrasto, deixe eles aqui. Aí eu fui e deixei lá. Aí tá lá com ela. Quando eu sair, eu vou mandar buscar.</i></p> <p>E14: <i>[...] Pedi a vizinha pra levar o pequeno na creche, a maior foi pra escola e eu vim pra aqui (maternidade)[...]</i></p>	<p>19^a idéia: Vizinha assume o cuidado com as crianças durante a saída para o trabalho noturno (prostituição).</p> <p>27^a idéia: Deixa os filhos com a mãe do companheiro anterior.</p> <p>3^a idéia: Recebeu ajuda da vizinha para levar filho menor em creche e filha na escola.</p>

QUADRO 1.N Idéia central síntese: Abortou para evitar discriminação de companheira homossexual.

DSC

Eu tenho relacionamento com mulher, a gente terminou três meses porque eu conheci uma pessoa e a gente começou a se envolver. Só que eu descobri que esta pessoa vendia droga, era traficante e nisso ele, ele pegou sumiu. Foi fazer um assalto e sumiu. Não apareceu mais. Aí eu voltei pra essa mulher de novo. Aí eu decidi que não era certo, que ela gosta muito de mim, que não era certo fazer ela sofrer. Aí a população toda ia cair em cima dela porque eu estava de barriga, ia ser aquela discriminação, com isso aconteceu a gravidez indesejada e eu preferi abortar. Antes disso, a gente terminou, ela foi pra casa dela de novo, quando fo, na segunda-feira eu tomei o remédio (Cytotec), na terça-feira eu senti as dores, aí mandei chamar ela (companheira homossexual) ela veio, a gente pegou, voltou. Tudo isso porque eu estava com muita raiva dela, porque ela tava influenciada da mãe; ficamos três meses separadas e eu achava que eu tinha que mudar né a minha vida, que eu tinha que sair daquilo (relação homossexual). Pensei que o rapaz era um menino bonito, que todo mundo falava bem, pensei que era gente boa, fui e me envolvi. Me envolvi também por bebida, também só me envolvi uma vez só. Aí desse envolvimento, engravidei, não quis a criança, tirei e hoje em dia, eu e ela voltou. Eu acho que vai ser um pouco diferente agora, eu acho que mudou tudo, ela disse que gosta, apesar de tudo que ela sabia que eu tava grávida, ainda continua, vem me visitar, chora todo dia que vem aqui. Eu acho que ela gosta de mim, mas da minha parte vai ser diferente, relacionamento tranqüilo. Todo mundo sabe de minha vida, já sabe todo mundo da família e da rua, todo mundo já sabe. Porque o povo da rua se preocupa muito com a vida da gente lá em casa, até o vizinho ligou pra aqui (maternidade) pra perguntar o que eu tinha, porque é que tava aqui, como se fosse da minha família; aí vieram me perguntar aí eu disse que não que é um vizinho. Provavelmente curiosidade.

EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E9: <i>Foi assim: eu tenho relacionamento com mulher. Aí, eu conheci, a gente terminou três meses [...] Aí eu conheci uma pessoa, a gente começou a se envolver. Só que eu descobri que esta pessoa vendia droga, era traficante e nisso ele, ele pegou sumiu. Foi fazer um assalto e sumiu. Não apareceu mais. Aí eu voltei pra essa mulher de novo. Aí eu decidi que não era certo, que ela gosta muito de mim, que não era certo fazer ela sofrer. Aí a população toda ia cair em cima dela porque eu estava de barriga, ia ser aquela discriminação, eu peguei decidi a tirar [...]. A gente terminou, ela foi pra casa dela de novo, quando foi na segunda, na segunda-feira eu tomei o remédio (citotec), na terça-feira eu senti as dores, aí mandei chamar ela, a companheira homossexual) ela veio, a gente pegou, voltou. [...]É porque eu estava com muita raiva dela, porque ela tava influenciada da mãe. [...] A gente terminou,</i></p>	<p>2ª idéia: Abortou para evitar discriminação com a companheira homossexual.</p> <p>3ª idéia: Sente dor após uso de citotec e chama a companheira.</p> <p>6ª idéia: Termina com companheira, se envolve com rapaz e engravida.</p> <p>7ª idéia: Após aborto volta para companheira.</p> <p>9ª idéia: Vizinho liga para a maternidade para saber o que ela tinha.</p>

ficou três meses separadas e eu achava que eu tinha que mudar né a minha vida, que eu tinha que sair daqui (relação homossexual). Pensei que o rapaz era um menino bonito... que todo mundo falava bem, pensei que era gente boa, fui e me envolvi. Me envolvi também por bebida, também só me envolvi uma vez só. Aí desse envolvimento, engravidei, não quis a criança, tirei e hoje em dia, eu e ela voltou. Eu acho que vai ser um pouco diferente agora, eu acho que mudou tudo, ela disse que gosta, apesar de tudo que ela sabia que eu tava grávida, ainda continua, vem me visitar, chora todo dia que vem aqui... Eu acho que ela gosta de mim, mas eu acho que da minha parte vai ser diferente. [...] Relacionamento tranqüilo. [...] Sabe todo mundo sabe de minha vida, já sabe todo mundo da família e da rua, todo mundo já sabe. Porque o povo da rua se preocupa muito com a vida da gente lá em casa, [...] o vizinho ligou pra aqui (maternidade) pra perguntar o que eu tinha, porque é que tava aqui, como se fosse da minha família vieram me perguntar aí eu disse não, é um vizinho. Provavelmente curiosidade. Todo mundo já sabe.

QUESTÃO 2: Fale de sua relação com seu companheiro atual e/ou anteriores.**QUADRO 2.A- Idéia central síntese: Amizade, festa, viajar juntos, vivíamos bem, até que engravidei.**

DSC	
<p><i>A história com o pai do nenê foi assim: a gente era muito amigo, fazia muita festa junto, todo fim de semana a gente ia fazer churrasco, saía. Então, um desses dias eu dormi com ele de sábado pra domingo, e domingo eu fui embora, ele para um lugar e eu pra outro. Um mês depois a menstruação não veio. (pausa) Eu fiz o teste de farmácia, mas eu não acredito, este teste de farmácia é maluco. Ai eu esperei mais, fiz o beta deu positivo, misericórdia! Eu conheço a ele há muito tempo, a gente se conheceu numa festa, ele mora lá no bairro mesmo. Assim, quando eu conheci ele, ele tinha a mulher dele e eu tinha meu marido, a gente era amante. Aí eu me separei, ele se separou e foi morar comigo e a gente tá junto até hoje. Não tenho do que reclamar dele não, ele me trata bem e só saio mais com ele, praia, festa a gente só vai junto. Ele é tranqüilo, ele tem paciência, demonstra gostar muito de mim, só que pra o namoro dar certo tem que ter amor, compreensão das duas partes. Ele até que é compreensivo, sempre me ajudou mesmo assim eu brigo muito com ele; mas ele é diferente, ele é legal, mais carinhoso, atencioso, se eu ligar pra ele e disser que tô precisando, ele me apóia e não me deixa sozinha. Nossa relação? Ah, era mil maravilhas! Tudo que ele me dava eu retribuía da mesma forma às vezes até em dobro. Antes eu não queria porque eu já tinha saído de relacionamento há pouco tempo, não queria entrar de novo; só que ele, homem como é, palavras bonitas, não sei o quê, eu cai de novo e aí me enganei. A gente saiu, viajou e teve relacionamento, aí aconteceu: eu engravidei. Antes da gestação era muito freqüente, carinhoso, hoje sumiu, mudou, não liga mais pra mim. Mas, agora bola pra frente, eu vou ver se ainda vou continuar com ele, que Deus permita; se eu não continuar paciência, eu sei que na próxima vez agora não vai acontecer, da próxima vez que eu vier aqui só se for pra ter e não pra fazer mais curetagem.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: <i>A história com o pai do nenê foi assim: a gente era muito amigo, fazia muita festa junto, todo fim de semana a gente ia fazer churrasco, saía. Aí um desses dias eu dormi com ele de sábado pra domingo, e domingo eu fui embora, ele para um lugar e eu pra outro. Um mês depois a menstruação não veio. (pausa) Eu fiz o teste de farmácia, mas eu não acredito, este teste de farmácia é maluco. Ai eu esperei mais fiz o beta deu positivo, misericórdia! Ultra-sonografia nada disso eu fiz.</i></p> <p>E6: <i>Eu conheço a ele há muito tempo, a gente saiu, a gente viajou pra Madre de Deus, aí, a gente foi pra lá, a gente teve relacionamento, aí aconteceu. E aí eu engravidei.</i></p> <p>E10: <i>A gente vive bem, entendeu. Assim, quando eu conheci ele, ele tinha a mulher dele e eu tinha meu marido, a gente era</i></p>	<p>1ª idéia: A história com o pai do nenê era de amizade, de fazer festa e sair.</p> <p>2ª idéia: A menstruação não veio, fez o teste de farmácia, mas não acreditou.</p> <p>3ª idéia: Fez o beta e deu positivo e não fez ultrassom.</p> <p>1ª idéia: Conhece o companheiro a muito tempo, viajaram juntos e engravidou.</p> <p>1ª idéia: Vive bem com o companheiro atual.</p> <p>2ª idéia: A relação começou enquanto amante,</p>

<p><i>amante. Depois eu larguei meu marido e fiquei morando só. Ele continuou com a esposa, mas não deu certo, por causas das brigas, ela soube que ele tava com uma mulher na rua. <i>Aí ele se separou e foi morar comigo e a gente ta junto até hoje.</i></i></p>	<p>depois foram morar juntos.</p>
<p>E11: <i>É, eu gosto dele, não tenho do que reclamar dele não, ele me trata bem, pra onde ele vai me leva, não tenho do que reclamar não [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Gosta do companheiro, não tem do que reclamar.</p>
<p>E11: <i>Conheci numa festa, tá sendo maravilhoso (relação), já conheci a família dele, ele já conheceu a minha, todo mundo na rua, não tenho o que reclamar até agora não tenho do que reclamar. <i>A gente se conheceu numa festa, ele mora lá no bairro mesmo, mas eu não tinha conhecido ele, não conhecia ele ainda. Uma porque eu era presa, não saía por causa do meu ex-marido, senão já era. Aí depois que eu me separei que comecei a sair, que eu vim conhecer ele agora [...]</i></i></p>	<p>3ª idéia: A relação com o atual companheiro é maravilhosa.</p>
<p>E11: <i>Mas nunca reclamou de eu sair não; uma que eu não saio, só saio mais com ele, praia, festa a gente só vai junto.</i></p>	<p>6ª idéia: Só sai mais com ele.</p>
<p>E13: <i>Era meu namorado só que eu não gostava assim dele [...] ele é tranqüilo, ele tem paciência, demonstra gostar muito de mim, só que pra o namoro dar certo tem que ter amor, compreensão das duas partes e só tinha só da parte dele, da minha parte tinha mais não tinha tanto não chegava à altura dele sabe. [...] Como era esse seu namorado anterior, essa sua relação? <i>Ah, era mil maravilhas! Tudo que ele me dava eu retribuía da mesma forma às vezes até em dobro, que num era... porque ele é do exército entendeu, ele é soldado, ele ficava muito tempo no quartel, tinha pouco tempo pra mim e mais tempo pro quartel ai eu ficava cobrando isso dele, ele dizia que não podia, eu tentava compreender, só que às vezes era difícil, eu me sentia muito sozinha, peguei resolvi terminar, mas não foi porque eu quis,</i></i></p>	<p>4ª idéia: Conheceu o atual companheiro numa festa após se separar do anterior.</p>
	<p>1ª idéia: O namorado é tranqüilo, tem paciência demonstra gostar muito dela, mas ela não tinha tanto.</p>
	<p>2ª idéia: A relação com namorado anterior era mil maravilhas.</p>
	<p>3ª idéia: Resolveu terminar porque o namorado era soldado, tinha pouco tempo pra ela, se sentia sozinha e carente.</p>

<p>por mim eu continuava com ele só que faltou compreensão da minha parte, eu tava carente demais, eu tinha um namorado mas era a mesma coisa de não ter. <i>Agora bola pra frente, eu vou ver se ainda vou continuar com ele, se eu continuar com ele, que Deus permita, se eu não continuar paciência, eu sei que na próxima vez agora não vai acontecer, da próxima vez que eu vier aqui (maternidade) agora só se for pra ter e não pra fazer mais curetagem, e...</i></p> <p>E14: <i>Antes (da gestação) era muito freqüente, carinhoso, hoje sumiu, mudou, não ligava mais pra mim. [...] eu não queria, ele forçava muito, eu já tinha saído de relacionamento há pouco tempo, não queria entrar de novo, só que ele, homem como é, palavras bonitas, não sei o quê, eu cai de novo. E aí me enganei, novamente.</i></p> <p>E15: <i>Não tenho o que falar dele assim não, quer dizer, ele é compreensivo, sempre me ajudou [...]</i></p> <p>E17: <i>Ó, eu brigo muito com ele, mas ele é diferente ele é mais carinhoso, atencioso, se eu ligar pra ele e disser que tô precisando, na mesma hora se ele tiver perto daqui, porque ele não mora aqui, ele mora em Itapuã. Ele mora em Itapuã com a mãe dele. Ele trabalha, ele trabalha no restaurante da mãe dele e agora saiu do restaurante vai trabalhar no hospital. Aí ele é legal, velho, ele me apóia, não me deixa sozinha, ele deixou o celular, disse que se eu precisasse era para ligar pra ele, o que sentir era pra ligar pra ele.</i></p>	<p>4ª idéia: Pensa em só voltar para a maternidade se for pra ter e não para curetagem.</p> <p>1ª idéia: O companheiro antes da gestação era freqüente, carinhoso e depois mudou, sumiu.</p> <p>4ª idéia: Ele forçava, ela não queria, mas se envolveu com as palavras bonitas e se enganou novamente.</p> <p>1ª idéia: Não tem o que falar do companheiro, ele é compreensivo e ajudou.</p> <p>2ª idéia: Companheiro é carinhoso, atencioso e lhe apóia.</p>
---	---

QUADRO 2.B - Idéia central síntese: O companheiro brigou por ter usado remédio abortivo

DSC	
<p><i>É normal; agora porque eu tomei o remédio ele se retou e ficou falando. Ele já teve aqui e disse: menina você é maluca, rapaz, fica tomando remédio dos outros, não sabe nem o que é isso direito! Qualquer coisa que os outros te dá você faz, você lá sabe se ia funcionar ou não, pra você tomar, você podia se prejudicar. Ele ficou muito preocupado quando aconteceu isso e até chegou a brigar comigo por causa desse remédio, mas ele queria o filho e eu não. Não sei se agora a gente vai ficar junto realmente. Eu não garanto isso porque ele não queria que eu usasse remédio, que eu tirasse.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E2: <i>É normal; agora porque eu tomei o remédio (abortivo) ele se retou, ele ficou falando, ele também queria, ele ta trabalhando inclusive, ele queria, mas minha mãe (pausa) Expliquei, mas ele pegou e falou: e se não der certo e se viesse com um problema, sua mãe ia ser culpada, eu ia culpar sua mãe. Ai eu disse: ô eu fazer o que?</i></p> <p>E5: <i>Sabe ele já teve aqui já, ele menina você é maluca, rapaz, fica tomando remédio (abortivo) dos outros, não sabe nem o que é isso direito, não sei o quê. Qualquer coisa que os outros te dá você faz, você lá sabe se ia funcionar ou não, pra você tomar, você podia se prejudicar. Aí ele ficou falano, falano[...]</i></p> <p>E12: <i>Não sei se agora a gente vai ficar junto realmente. Eu não garanto isso porque ele não queria que eu usasse (medicação abortiva), que eu tirasse.</i></p> <p>E15: <i>[...] ficou muito preocupado quando aconteceu isso, e ele nem queria que eu tomasse o remédio. Até chegou até brigar comigo por causa desse remédio, mas ele queria e eu não.</i></p>	<p>1ª idéia: Era uma relação normal, mas o companheiro se retou com o uso do abortivo.</p> <p>1ª idéia: Parceiro reclamou por tomar remédio abortivo, sem saber se ia funcionar ou prejudicar.</p> <p>2ª idéia: Não sabe se vai continuar a relação porque o companheiro não queria que ela usasse medicação abortiva.</p> <p>2ª idéia: O companheiro brigou com ela por ter tomado a medicação abortiva.</p>

QUADRO 2.C - Idéia central síntese: Relação com companheiro não tem estabilidade

DSC	
<p><i>Eu não me casei. Agora eu arrumei um companheiro, mas só que ele não era legal pra mim. É assim, não tem aquela estabilidade, ele tem dois filhos só, e precisou a ex-mulher colocar ele na justiça; aí eu daqui vendo isso tudo, já tendo visão de como ele era, futuro, se eu tivesse um filho com ele como ia ser? Tentei evitar, tomava remédio, tudo, mas tomando remédio mesmo engravidei, dele. Agora ele tá aí correndo atrás de trabalho e disse que essa semana agora ia começar a trabalhar, e não começou a trabalhar; há muito tempo que ele vem procurando trabalho e não consegue.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: [...] <i>eu não me casei. Agora eu arrumei um companheiro, mas só que ele não era legal pra mim (pausa) Como é esse não é legal? É assim, não, não tem aquela estabilidade, ele tem dois filhos só, e precisou a ex-mulher colocar ele na justiça, aí eu daqui vendo isso tudo, já tendo visão de como ele era, futuro, se eu tivesse um filho com ele como ia ser. Tentei evitar, tomava remédio, tudo, mas tomando remédio mesmo engravidei, dele.</i></p> <p>E12: <i>Ele tá aí correndo atrás de trabalho; eu tava trabalhando meio período, mas se eu continuasse com a gestação, eu não ia ficar mais lá, porque lá o trabalho é muito duro, é o dia todo de pé, era auxiliar de peticeira, eu fazia doces, salgados, trufas, tortas. É temporário, foi temporário, só que ela tinha me dito que ia me chamar na semana seguinte, ainda não me chamou ainda entendeu? E aí eu to sem trabalhar. E ele disse que essa semana agora ia começar a trabalhar, e não começou a trabalhar; há muito tempo que ele vem procurando trabalho e não consegue.</i></p>	<p>1º idéia: Companheiro não é legal.</p> <p>2ª idéia: A relação com o companheiro não é legal devido não ter estabilidade financeira.</p> <p>4ª idéia: Se continuasse a gestação não poderia ficar no trabalho de auxiliar de peticeira.</p> <p>5ª idéia: Companheiro vem procurando trabalho há muito tempo e não consegue.</p>

QUADRO 2.D - Idéia central síntese: A relação é péssima, já foi agredida duas vezes, de murro, empurrão, agressão verbal, inclusive grávida fiquei com olho roxo, dei queixa na delegacia das mulheres.

DSC

Péssima, por isso mesmo que eu também não tive vontade de ter esse filho. Sabe, eu vim do interior como eu já disse antes, e então eu não tenho ninguém de parente aqui, só tenho ele. Mesmo assim, tem vez que domingo ele trabalha até duas horas da tarde e chega segunda, vai pro bar com os amigos, se divertir por aí, então eu sofro muito com ele. Uma vez mesmo eu tava grávida de minha filha né, tava com três mês de grávida. Aí eu passei no bar, e pedi a ele um dinheiro pra comprar um leite; ele já tava meio embriagado aí disse: pra que você quer dinheiro? Pra comprar o leite da menina; então ele começou a me xingar e eu xinguei ele também, aí ele pegou e me agrediu, no bar mesmo na frente de todo mundo, me deu um murro. Ainda fui dar uma queixa cheguei lá não tinha levado os documentos, aí disseram: só amanhã quando trouxer os documentos. No outro dia desisti de fazer a denúncia. Além disso, teve uma vez quando ele veio pra cá (Salvador) né, que ele escondeu o tempo todo que vinha só deixou pra me dizer na hora. Aí eu disse:- então tá bom,você não precisa nem ligar e nem voltar. Aí eu passei três meses assim, sem se comunicar, depois ele ligou dizendo que tinha alugado uma casa, que era pra mim vim com os meninos; aí eu pensei muito, mas aí achei que eu devia vim, porque eu tinha dois filhos dele, tentar uma nova vida pra ver. Ele é um pouco ciumento assim, mas não demonstra muito, mas é um pouco ciumento. Um dia, ele tava bebendo, a gente discutiui, ele me deu um empurrão, foi a única coisa, que pra mim foi uma agressão ele ter me empurrado, entendeu? Nossa relação era muito violenta, já teve tesourada, batida de corrente, era cadeado, hoje em dia é que graças a Deus, não acontece mais, mas era muito violento. É ciúme, ciúme por isso decidi separar, começou aquelas brigas dentro de casa e eu me separei dele. Quando me separei, fui fazer o exame, eu soube que tava grávida. Assim mesmo voltei, falei com ele, mas ele sumiu; depois ele apareceu (após a descoberta da gravidez), e aí eu briguei com ele, xinguei ele todo, não vou mentir. Aí eu briguei com ele, pegou e disse: - ah pobrema seu, você se vire! Aí eu fiquei mais desesperada ainda pausa. Ele disse que era comigo e com a porra. Como é que eu ia ter um filho de um homem desse? Outro? Aí fiquei tão parada na bola, que é que eu ia fazer. Aí decidi tomar o remédio. Saía assim, bebia, e quando ele chegava (pausa) até me espancava. A gente briga muito. Muito, muito, muito, e ele é ciumento! Briga demais. Eu ia sofrer, a criança ia sofrer, como é que uma mãe ia ver seu filho sofrer e sem poder fazer nada? Daqui a pouco ter mais um filho e tá separada, então decidi que tinha que tirar. Eu comecei a passar mal (no processo de abortamento), ele disse eu não vou te levar! Aí foi que eu esperei o dia clarear mais um pouquinho e peguei meu táxi e vim pra cá (maternidade). Falei com a vizinha, deixei meu menino lá, e vim embora. Isso que ele fez agora foi a gota d'água, separou mesmo. Foi melhor assim do que depois acontecer coisa pior, já que aconteceu umas duas vezes ele me agredir e eu peguei um lance dele com uma pessoa de lá de onde eu moro. Depois ficou aquela coisa assim porque ele também não assume né. Aí vai começar a casa do terror, porque a gente vai tá sempre na desconfiança, naquele negócio martirizando na mente e pra que não precise mais viver com isso, eu resolvi que era melhor se separar, se ele tiver mesmo envolvido que vá viver e eu vou viver minha vida. Cada qual vive a sua . Além disso, ele sempre me rejeita, teve uma vez mesmo nessa minha filha caçula, ele chegou pra mim disse que não era filha dele, me esculhamba. Então pra mim tem sido difícil dá esta notícia pra ele porque ele foi meu primeiro marido, meu devedor, vivo com ele há doze anos e no primeiro filho ele não fez isso comigo não, mas da segunda pra cá ele me maltrata muito. Então é uma decisão que eu quero mesmo é estrangular (laqueadura tubária), porque eu tenho sofrido muito. Doze anos é muito, doze anos de sofrimento e eu não quero mais essa vida pra mim. Dos companheiros anteriores era um inferno; o pai dos meus dois primeiros filhos, a vida dele era me bater, se eu não fizesse tudo que ele queria, se não fosse do jeito que ele queria. Dei queixa dele na delegacia das mulheres, dei lá na do bairro onde a gente morava, ninguém resolvia nada, a policia ia lá e tal e depois soltava ele e continuava tudo de novo. Porque na época eu era de menor, e morava de favor na casa da mãe dele, e então eu tinha que me sujeitar a tudo. Eu era empregada da casa, tinha que lavar, cozinhar pra todo mundo, eu era só mulher dele, mas tinha que fazer pra toda a família dele. Só que um dia eu me decidi: não, não dá não, mesmo que eu fique na rua eu vou sair dessa. Aí simplesmente eu me separei dele e fiquei morando na casa dos outros de favor, até que um dia arrumei um trabalho e aluguei uma casa e fui morar só com meus filhos. Mesmo assim ele me perturbando, aí fui e chamei a policia, a polícia foi lá e levou ele e nunca mais me perturbou, ai foi que ele se conformou com a separação. Mas dentro de casa era muita briga, ele só me agredia, meu olho roxo, eu grávida ele me deu um murro e meu olho ficou roxo, fui pra delegacia das mulheres, na época eu era de menor só que levava ele e depois soltava, não resolvia o problema.

Quando ele voltava, voltava pior ainda, porque ficou com raiva que levaram ele, então pra mim não adiantava nada, eu pensei e decidi botar um ponto final na relação. E o pai da minha terceira, ele também adorava me agredir, agente brigava, tudo era motivo pra ele me agredir, me ameaçar, dizer que ia me matar; quando agente se separou agora, não tem nem um ano que eu me separei dele, tive que dar uma queixa na delegacia das mulheres. Ele quebrou tudo dentro de casa era um inferno, ele quebrou meu celular, e tudo isso na presença dos meus filhos que não eram filhos dele. Aí eu também decidi botar um ponto final e toda noite ele ia pra minha porta depois que eu terminei pra perturbar, brigar, me ameaçar, ficar batendo na porta aí dei uma queixa e ainda tem processo lá, que ia remarcar a audiência. Ainda não remarcararam. A delegada chamou eu chamou ele lá, conversou disse que ele tinha que se manter uns quarenta metros de distância da onde eu moro. Entendeu? Aí ele me deixou em paz. Meu último relacionamento era muito ciúme, brigava muito e meu ex-marido era também aquele cara festeiro, gostava muito de pegar mulher entendeu? Então, eu não tava agüentando mais. Eu já passei por muitas coisas, de violência também porque ele me agredia, traição, e foi desgastando tudo, aí não tava dando mais aí me separei. A relação era muito perturbada também, mas hoje ele fica lá no canto dele, num me perturba não. Ele tinha negócio de beber, sentar e ficar abusando dentro de casa; sabe aquela que o povo bebe e fica pra aporriar todo mundo? Terminou que eu decidi me separar também, pra num fazer mais e pronto. Ele me prendia muito, ele não deixava eu falar com ninguém, não deixava eu sair, não queria que eu falasse com minha mãe, com a minha tia, depois que eu conheci ele, meu relacionamento com minha mãe mudou muito. Ficou um relacionamento muito agressivo, eu não saía com minha mãe, não brincava minha mãe, só saía quando ele queria, aquela pessoa muito presa muito distante de todo mundo. Por ele eu já teria tido um filho, porque ele fala direto que quer um filho comigo. Só que pelo fato dele não dar muita atenção, carinho, não ser uma pessoa assim que se preocupa com os filhos, eu acho que com o meu vai ser a mesma coisa, eu já tenho três, o pai não dá muita atenção, não dá as coisas que precisa, já pensou com quatro na mesma situação, pra mim ia ficar difícil.

EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: <i>Aí decidi separar, começou aquelas brigas dentro de casa, aí comecei, eu me separei dele. Aí quando me separei, fui fazer o exame, eu soube que tava grávida. Assim mesmo voltei, falei com ele. Ele disse que era comigo e com a porra. Como é que eu ia ter um filho de um homem desse? Se eu já tenha a minha, e sou mãe solteira? Outro? Aí fiquei tão parada na bola, que é que eu ia fazer. Aí decidi tomar o remédio. Saía assim, bebia, e quando ele chegava (pausa) até me espancava. Ele já chegou até me espancar, me xingava (pausa). Essas coisas, aí (pausa prolongada) fazer.</i></p>	<p>2ª idéia: Engravidou mesmo tomando remédio.</p> <p>3ª idéia: Separou do marido por causa de brigas e então descobriu gravidez.</p> <p>4ª idéia: Abortou porque o companheiro disse que a gravidez era só com ela e já era mãe solteira de uma filha.</p> <p>5ª idéia: O companheiro saía, bebia, xingava e a espancava.</p>
<p>E4: <i>Não eu vi ele, ele apareceu, ele sumiu depois ele apareceu (após a descoberta da gravidez), e aí eu briguei com ele, xinguei ele todo, não vou mentir. Aí eu briguei com ele, pegou e disse ah pobrema seu, você se vire! Aí eu fiquei mais desesperada ainda pausa.</i></p>	<p>1ª idéia: Após a descoberta da gravidez parceiro sumiu.</p> <p>2ª idéia: Parceiro reapareceu e disse que a gravidez era problema dela.</p> <p>3ª idéia: Ficou desesperada.</p>

<p>E5: [...] <i>minha mãe perguntou também por que eu não contei a ela, eu não falei a ela também, por causa disso mesmo que ela ia ficar me pressionando, falando as coisas, aí eu (pausa) peguei e resolvi não falar ficar na minha[...]aí (pausa) ele (companheiro) que me trouxe pra cá (maternidade), eu liguei pra ele e falei a ele que tava na situação(aborto), pegou me trouxe pra cá. A gente foi pra outro hospital, mas só que não resolveu, ele pegou me trouxe pra cá. Não, não me examinaram não ele: ah esses casos só resolve na Tsylla aí a gente pegou e veio direto pra cá. A gente foi pra São Caetano, mas não resolveu nada, aí ele pegou e falou que aqui é que resolvia aí a gente pegou veio pra cá. Aí aqui (maternidade Tsylla) elas (profissionais) me deram um bocado de conselho, falaram comigo um bocado de coisa (pausa). Foi ela falou pelo meu bem né. Ela falando: ô minha filha, ô minha filha se previna, porque você tá nova, tão nova (pausa). Tá se prejudicando tão cedo, que amanhã ou depois você vai se arrepender do que você fez hoje (pausa). Aí falano eu peguei fiquei assim pensando assim, realmente ela tava, ela tá é certa mesmo, ela tá certa. Tem pessoas que não compreende não, mas eu compreendi, eu sei que ela tá bastante certa. Eu me arrependo muito de ter feito isso (abortado), muito mesmo, muito mesmo.</i></p>	<p>2ª idéia: Não contou a mãe porque esta iria ficar pressionando.</p> <p>3ª idéia: Companheiro foi quem levou para a maternidade.</p> <p>4ª idéia: Foram para outro hospital, mas não a examinaram porque esses casos só resolvem na Tsylla.</p> <p>5ª idéia: Na maternidade as profissionais deram conselhos sobre ser nova e se prevenir, para não se arrepender.</p> <p>6ª idéia: Se arrepende de abortado.</p>
<p>E7: <i>Não é boa não (chora)... A gente briga muito... a gente briga muito sempre... por isso também num... num posso.. Daqui a pouco ter mais um filho e ... tá separada... aí vou está separada mais uma vez... eu... decidi que tinha que tirar. Estamos... pior que ele, disse, quando eu comecei a passar mal(no processo de abortamento), ele disse eu não vou te levar! Aí foi que eu esperei o dia clarear mais um pouquinho e vim... Peguei meu táxi e vim...pra... pra cá (maternidade)... falei com a vizinha deixei meu menino lá, e vim embora. (permanece chorando) Assim, às vezes já aconteceu, e...</i></p>	<p>1ª idéia: Decidiu abortar porque a relação com o companheiro tinha muita briga e ter filho após separada não ia ser bom.</p> <p>2ª idéia: Quando passou mal no processo de abortamento o companheiro se recusou a levar ao hospital.</p> <p>3ª idéia: Foi à maternidade sozinha após deixar filho com a vizinha.</p> <p>4ª idéia: Já foi agredida duas vezes pelo companheiro.</p>

<p><i>o que ele fez agora foi a gota d'água, separou mesmo. Inclusive foi antes de ontem... segunda-feira eu resolvi que a gente tinha mesmo era que separar... que era melhor... do que depois acontecer coisa pior [...] aconteceu já umas duas vezes porque eu também fui em cima dele sabe? Aí ele me agrediu acho que foi umas duas vezes... eu não tenho certeza sabe, mas... eu peguei um lance dele com uma pessoa de lá de onde eu moro, entendeu, aí pronto.[...] aí ficou aquela coisa assim, que ele também não assume né. [...] Aí vai começar o quê, é... a casa do terror, porque... a gente vai tá sempre... na desconfiança, naquele negócio martirizando na mente então[...] pra que não precise mais viver com isso, eu resolvi que era melhor se separar, se ele tiver mesmo envolvido que... vá viver e eu vou viver minha vida. Cada qual vive a sua [...] Era muito perturbada também, mas hoje ele... fica lá no canto dele, num, num me perturba não. Era que ele tinha negócio de b, começou a beber... sentar e ficar abusando dentro de casa, uma bebida... sabe aquela que o povo bebe e fica pra aporriar todo mundo? Terminou que... eu decidi me separar, pra num fazer mais...pronto.</i></p>	<p>5ª idéia: Desconfia que o companheiro tem um lance com uma outra pessoa do lugar onde mora.</p> <p>6ª idéia: A relação com o companheiro anterior era muito perturbada também.</p> <p>7ª idéia: O companheiro anterior bebia e ficava abusando dentro de casa, por isso decidiu se separar.</p>
<p>E8: <i>Ah ele sempre me rejeita, teve uma vez mesmo nessa minha filha caçula, ele chegou pra mim disse que não era filha dele, me esculhamba (briga verbalmente, com ofensas), às vezes, chega até a me agredir. Então pra mim tem sido difícil é... dá esta notícia pra ele porque, ele foi meu primeiro marido, meu devedor, vivo com ele há doze anos, [...] primeiro ele não fez isso comigo não, mas da segunda pra cá ele me maltrata muito. Aí pra mim tem sido difícil, então é uma decisão que eu quero mesmo é estrangular (laqueadura tubária), por essa decisão aí. Porque eu tenho sofrido muito. Doze anos é muito, doze anos de sofrimento e eu não quero mais essa vida pra mim.</i></p>	<p>1ª idéia: Marido a rejeita quando está grávida, esculhamba, diz que a filha não é dele e chega a agredir.</p> <p>2ª idéia: É difícil dar a notícia da gravidez ao companheiro porque ele a maltrata muito na gestação.</p> <p>3ª idéia: Quer estrangular (fazer laqueadura tubária) porque sofre há doze anos com o companheiro e não quer mais esta vida pra ela.</p>

<p>E9: [...] <i>Era muito violento, era... já teve tesourada, batia de corrente, era cadeado, hoje em dia é que tá, graças a Deus, não acontece mais, mas era muito violento. [...]</i> <i>É ciúme, ciúme,</i> eu via com as pessoas não gostava, ela me via e não gostava, e começava a se agredir. Tinha bebida, ela bebe demais e isso me incomoda. [...] Porque esse tempo que eu passei aqui dentro (internação), eu pensei bastante. Eu tava agredindo ela sem precisão, pedindo coisas a ela que era impossível de não falar com a mãe dela principalmente. Ela pode fazer a cabeça dela contra a mim, mas eu tenho que ser: vá ver sua mãe, é sua mãe tem que ver. Eu, eu vou sair daqui uma pessoa diferente, falei a ela ontem que ia sair outra pessoa. E pensei até em terminar o relacionamento, mas eu sei que ela vai sofrer muito. O companheiro anterior, <i>ele me prendia muito, ele não deixava eu falar com ninguém, não deixava eu sair, não queria que eu falasse com minha mãe, com a minha tia, depois que eu conheci ele, meu relacionamento comigo e minha mãe mudou muito. Ficou um relacionamento muito agressivo, eu não saía com minha mãe, não brincava minha mãe, só saía quando ele queria, aquela pessoa muito presa muito distante de todo mundo.</i> Não só uma vez que ele descobriu que eu saí e não falei a ele, ele veio e me bateu e eu decidi terminar, terminei e não quis mais. O companheiro atual, eu conheci ele, tava indo tudo muito bem depois as meninas começaram a ir lá em casa e eu descobri que ele usava drogas, descobri que ele vendia drogas, [...] saí com as amigas indo pra uma festa e descobri um menino que tinha dado chumbinho a ele pra matar ele. Voltei pra casa correndo, cheguei em casa já bem em casa, nisso ele sumiu ficou uma semana fora depois apareceu e a gente foi e se envolveu (relação sexual). Nisso ele foi fazer o assalto e até hoje eu não sei notícias dele [...] Eu fiquei com ele quatro anos, ia me casar, eu terminei com ele, foi por causa dela. A gente marcou casamento,</p>	<p>1ª idéia: A relação com a companheira era muito violenta com tesourada, batida de corrente, cadeado e hoje em dia melhorou.</p> <p>2ª idéia: O motivo das brigas era ciúme e bebida.</p> <p>3ª idéia: Após o tempo que passou internada, acha que vai sair diferente, agredindo menos e não pedindo coisas impossíveis à companheira.</p> <p>4ª idéia: Pensou em terminar o relacionamento homossexual, mas desistiu pensando no sofrimento da companheira.</p> <p>5ª idéia: O companheiro anterior tinha um relacionamento e não queria que falasse com a mãe.</p> <p>6ª idéia: Terminou o relacionamento anterior quando o companheiro bateu nela.</p> <p>7ª idéia: O companheiro atual era usuário de drogas, depois do envolvimento sexual foi fazer assalto e nunca mais teve notícias.</p> <p>8ª idéia: Ficou com um namorado anterior 4 anos e terminou por causa da companheira homossexual.</p>
--	---

comprou terreno, já tava construindo tudo, aí de repente eu conheci ela e terminei. Aí eu peguei terminei com ele por causa dela (companheira homossexual), a gente começou a se envolver, e foi assim a minha vida com ele.

E10: [...] *por ele eu já teria tido um filho, porque ele fala direto que quer um filho comigo. Só que pelo fato dele não dar muita atenção, carinho, não ser uma pessoa assim que se preocupa com os filhos, eu acho que com o meu vai ser a mesma coisa, eu já tenho 3, o pai não dá muita atenção, não dá as coisas que precisa, já pesou com 4 na mesma situação, pra mim ia ficar difícil[...]* Com esse meu marido atual, não, se a gente já tinha brigado dentro de casa, uma vez sim, assim, ele tava bebendo, a gente discutiu, ele me deu um empurrão, foi a única coisa, que pra mim foi uma agressão ele ter me empurrado, entendeu? Mas só foi isso. Dos anteriores (companheiros) era um inferno. [...] *o pai dos meus dois primeiros filhos, a vida dele era me bater, se eu não fizesse tudo que ele queria, se não fosse do jeito que ele queria. Ele me agrediu, entendeu? Dei queixa dele na delegacia das mulheres, dei lá na do bairro onde a gente morava, ninguém resolvia nada, a policia ia lá e tal e depois soltava ele e continuava tudo (violência) de novo. Porque na época eu era de menor, e morava de favor na casa da mãe dele, e então eu tinha que me sujeitar a tudo. Eu era empregada da casa, tinha que lavar, cozinhar pra todo mundo, eu era só mulher dele, mas tinha que fazer pra toda a família dele. [...] Só ai um dia eu me decidi: não, não dá não, mesmo que eu fique na rua eu vou sair dessa. Aí simplesmente eu me separei dele e fiquei morando na casa dos outros de favor, até que um dia arrumei um trabalho e aluguei uma casa e fui morar só com meus filhos, mesmo assim ele me perturbando, aí fui e chamei a policia, a policia foi lá e levou ele, e ele nunca mais me perturbou ai foi que ele*

3ª idéia: O companheiro quer filho, mas ela não quer porque ele não dá atenção e carinho.

4ª idéia: O marido atual durante uma briga deu um empurrão.

5ª idéia: A relação com os companheiros anteriores era um inferno.

6ª idéia: Foi agredida pelo pai dos dois primeiros filhos e deu queixa na delegacia das mulheres do bairro onde morava.

7ª idéia: A polícia ia na casa e a violência continuava após o companheiro ser solto.

8ª idéia: Se sujeitava a violência por ser de menor e morar de favor com a mãe dele.

9ª idéia: Na casa da sogra era a empregada da casa.

10ª idéia: Se separou e foi morar de favor nas casa dos outros até que arrumou trabalho e foi morar só com os filhos.

11ª idéia: Mesmo separada ex-companheiro perturbava até que foi preso novamente pela policia.

12ª idéia: Grávida dentro de casa era muita briga, ele só agredia e o olho ficou roxo, de um murro recebido, então pôs fim à relação.

13ª idéia: O pai da terceira filha também a agredia e a ameaçava de morte.

14ª idéia: Se separou e devido ameaça de morte também deu queixa na delegacia das mulheres deste companheiro.

se conformou com a separação. Mas dentro de casa era muita briga, ele só me agredia, meu olho roxo, eu grávida ele me deu um murro e meu olho ficou roxo, fui pra delegacia das mulheres, na época eu era de menor só que levava ele e depois soltava, não resolvia o problema. Quando ele voltava, voltava pior ainda, porque ficou com raiva que levaram ele, e não resolvia, então pra mim não adiantava nada, eu pensei e decidi botar um ponto final na relação.[...] E o pai da minha terceira, ele também adorava me agredir, agente brigava, tudo era motivo pra ele me agredi, tudo era motivo pra ele me agredir, me ameaçar, dizer que ia me matar, só que aí, quando agente se separou agora, não tem nem um ano que eu me separei dele, ele disse que iria me matar, tive que da uma queixa na delegacia das mulheres. Ele quebrou tudo dentro de casa era um inferno, ele quebrou meu celular, e tudo isso na presença dos meus filhos que não eram filhos dele. Aí eu também decidi botar um ponto final e toda noite ele ia pra minha porta depois que eu terminei pra perturbar, brigar, me ameaçar, ficar batendo na porta aí eu fui na delegacia das mulheres, dei uma queixa dele ainda tem processo lá, que ia remarcar a audiência. Ainda não remarcaram. [...] ele disse que ia me matar ficava me perturbando aí a delegada chamou eu chamou ele lá, conversou disse que ele tinha que se manter uns quarenta metros de distância da onde eu moro. Entendeu? Aí ele me deixou em paz. Agora eu tô com esse. Até agora to bem, não tenho o que falar.

E11: *Violência, com ele não, com meu ex-marido sim. [...] meu ex-marido era também aquele cara festeiro, gosta muito de pegar mulher, entendeu? Saia sábado cedo e chegada em casa domingo de manha ou então de noite. Aí, eu não tava agüentando mais, aí quando a gente brigava, tava dando mais certo não. Já passei por muitas coisas,*

2ª idéia: Teve história de violência com ex-marido, com agressão e traição, e por isso se separou.

5ª idéia: Companheiro é um pouco ciumento, mas não demonstra.

<p><i>é de negócio de violência também porque ele me agredia, traição, aí também foi desgastando tudo, aí não tava dando mais aí me separei. [...] Ele (companheiro atual) é um pouco ciumento assim, mas não demonstra muito, mas é um pouco ciumento. Mas não de negócio de me prender não. Pra onde eu quiser ir, ele... também tem que ver as companhias né, que eu vou sair não vou sair com gente errada.</i></p>	<p>6ª idéia: Só sai mais com ele.</p>
<p>E12: <i>A gente briga muito. Muito, muito, muito, e ele é ciumento! Briga demais... só que a gente ta tentando que dê certo. [...] Eu ia sofrer, a criança ia sofrer, como é que uma mãe ia ver seu filho sofrer e sem poder fazer nada?</i></p>	<p>1ª idéia: Briga muito com o companheiro, porque ele é ciumento.</p>
<p>E14: <i>[...] Meu último relacionamento era muito ciúme, brigava muito, mas nada de agressão não[...] Não, ele (companheiro atual) mora uma rua depois da minha. Começou aparentemente boa, depois mudou [...]</i></p>	<p>2ª idéia: No último relacionamento era muito ciúme, brigas, mas não havia agressão.</p>
<p>E15: <i>Brigas assim não, agressão não, só verbalmente agora agressão nunca aconteceu.</i></p>	<p>3ª idéia: A relação com o atual companheiro começou boa depois mudou.</p>
<p>E16: <i>Péssima, por isso mesmo que eu também não tive vontade de ter esse filho, [...] eu vim do interior como eu já disse antes, e então eu não tenho ninguém de parente aqui, só tenho ele. E ele sai do trabalho dez horas da noite quando vai chegar em casa é quatro horas da manhã... de manhã. Tem vez que domingo ele trabalha até duas horas da tarde e chega segunda, vai pro bar com os amigos, se divertir por aí, então eu sofro muito com ele. Então pra mim, qualquer dia eu não acho que não quero mais continuar este relacionamento, e com dois filhos já é o suficiente né. [...] Já muitas vezes (viveu agressão). Uma vez mesmo eu tava grávida de minha filha né, tava com três mês de grávida. Ai eu passei no bar, e pedi a ele um</i></p>	<p>3ª idéia: Na relação teve agressão verbal.</p>
	<p>1ª idéia: A relação péssima e por isso não teve vontade de ter este filho.</p>
	<p>2ª idéia: É do interior, não tem familiares na capital que mora, só ele.</p>
	<p>3ª idéia: O companheiro sai do trabalho cedo e chega em casa tarde se divertindo com amigos.</p>
	<p>4ª idéia: Qualquer dia pode terminar o relacionamento e com dois filhos já é suficiente.</p>
	<p>5ª idéia: Já foi agredida muitas vezes pelo companheiro, inclusive grávida.</p>
	<p>6ª idéia: Foi dar queixa na delegacia, mas por não ter levado documentos disseram que seria no dia seguinte, então desistiu.</p>

<p><i>dinheiro pra comprar um leite. E ele já tava meio embriagado aí ele disse: pra que você quer dinheiro? Pra comprar o leite da menina. Aí ele: rapaz vá pra casa. Aí eu não vou não porque eu vou embora, eu quero o dinheiro pra comprar o leite de menina. Aí ele começou a me xingar e eu xinguei ele também, aí ele pegou e me agrediu, no bar mesmo na frente de todo mundo, me deu um murro. Aí mas só que o pessoal não deixou entendeu? Ainda fui dar uma queixa cheguei lá não tinha levado os documentos, aí disseram só amanhã quando trouxer os documentos. Aí no outro dia desisti de fazer a denúncia. Não aí agora só agressão verbal mesmo... Teve quando ele veio pra cá né, que ele escondeu o tempo todo que ele vinha só deixou pra me dizer na hora. [...] Eu perguntei: - porque você escondeu tanto tempo e tá me dizendo só agora. Aí eu falei: - tem alguma coisa, você vai não é só pra trabalhar não, deve ter alguma mulher, alguma coisa. Aí ele disse: venha se você quiser, aí pegou as roupas e foi. Aí eu disse: - então tá bom, você não precisa nem ligar e nem voltar. Aí eu passei três meses assim, sem se comunicar, depois ele ligou dizendo que tinha alugado uma casa, que era pra mim vim com os meninos; aí eu pensei muito, mas aí achei que eu devia vim, porque eu tinha dois filhos dele, tentar uma nova vida pra ver.</i></p>	<p>7ª idéia: Companheiro continua com agressão verbal.</p> <p>8ª idéia: Companheiro arrumou emprego, mudou de cidade e só comunicou na hora de viajar.</p> <p>9ª idéia: Após três meses, companheiro liga e resolvem retomar a relação por causa dos filhos.</p>
--	--

QUESTÃO 3: Muitas mulheres decidem não ter o filho porque alguma violência aconteceu com elas, dentro de casa, ou com uma pessoa muito próxima. Fale sobre esta questão.

QUADRO 3.A - Idéia central síntese: Faz sentido porque a mãe falava que não ia querer filha em casa com filho, ficou traumatizada e era contra o aborto porque nunca tinha acontecido com ela.

DSC	
<p><i>Faz sentido porque minha mãe todo dia falava a mesma coisa que não ia querer que eu ficasse em casa com filho de vagabundo, como ela falava. Aí eu tomei a decisão. Tirei porque eu quis mesmo e além disso, minha mãe e meu tio anda brigando o tempo todo, ele bebe, chega perturbando todo mundo, quer bater em mim, bater em minha avó, meu irmão, todo mundo. Com minha mãe, a relação vai ser muito diferente, entendeu? Nunca vai ser como antigamente. Vai mudar completamente. Relação de violência eu não tive graças a Deus nenhuma com minha mãe, mas eu fiquei traumatizada pelo o que ela me fez sabe, me expulsar de casa pra acolher o marido dela, eu acho que mãe nenhuma deve fazer isso, mesmo que ela perca a felicidade dela, ela não deve fazer isso, mãe nenhuma deve fazer isso. Agora meu pai que já poderia ter feito isso não fez, meu pai até hoje me cria sozinho. Eu brigo com ele para ele sair, arranjar uma esposa, uma ficante, uma namorada, só que ele não fica, se fica, fica lá na rua mesmo. Ele não quer trazer mulher para dentro de casa, porque ele tem medo dela me maltratar, me bater. O amor que meu pai sente por mim é inexplicável sabe, tanto que ele não deixa mulher lá em casa, pra poder não acontecer essa discórdia sabe? Minha mãe foi ao contrário tanto botou, como me expulsou de casa, isso me doeu muito o coração, me traumatizou por isso. Olha eu sou contra, sempre fui contra o aborto sabe, só que eu pensava que era contra porque nunca tinha acontecido comigo; depois que aconteceu comigo, eu continuo sendo contra mas, só que assim, no caso de estupro, no caso de não desejado o filho...</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
E1: <i>Faz sentido.</i>	1ª idéia: Faz sentido.
E2: <i>Com minha mãe, a relação vai ser muito diferente, entendeu? Nunca vai ser como antigamente. Vai mudar completamente.</i>	1ª idéia: A relação com a mãe após violência vai ser muito diferente.
E4: <i>Minha mãe todo dia falava a mesma coisa que não ia querer que eu ficasse em casa com filho de vagabundo, como ela falava. Aí eu tomei a decisão. Foi isso. [...]</i>	1º idéia: A mãe não quer a filha em casa com filho.
E6: <i>Uma violência, comigo não aconteceu isso não. Tirei porque eu quis mesmo,</i>	1ª idéia: Abortou porque quis, não sofreu violência.

<p><i>porque eu quis tirar. Como assim alguém me batendo ou algumas pessoas lá de casa brigando? Minha mãe e meu tio que só anda brigando o tempo todo... ele bebe, chega perturbando todo mundo, quer bater em mim, bater em minha vó, meu irmão, todo mundo. Não eu não deixei porque eu não quis mesmo. Por isso. [...]</i></p>	<p>2ª idéia: Mãe e tio brigam o tempo todo; tio bebe e quer bater em todos da casa.</p>
<p>E13: <i>Relação de violência eu não tive graças a Deus nenhuma com minha mãe, mas eu fiquei traumatizada pelo o que ela me fez sabe, me expulsar de casa pra acolher o marido dela, eu acho que mãe nenhuma deve fazer isso, mesmo que ela perca a felicidade dela, como ela perdeu a liberdade dela por mim, ela não deve fazer isso mãe nenhuma deve fazer isso. Agora meu pai que já poderia ter feito isso não fez, meu pai ate hoje me cria sozinho. Eu brigo com ele para ele sair, arranjar uma esposa, uma ficante, uma namorada, só que ele não fica, se fica, fica lá na rua mesmo. Ele não quer trazer mulher para dentro de casa, porque ele tem medo, sei lá, ele tem medo dela me maltratar, me bater... o amor que meu pai sente por mim é inexplicável sabe, tanto que ele não deixa, ele não quer nem mulher lá em casa, pra poder não acontecer essa discórdia sabe? Aí meu pai sempre, nunca botou um mulher dentro de casa, minha mãe foi ao contrário tanto botou, como me expulsou de casa, isso me doeu muito o coração, me traumatizou por isso. Olha, eu sou contra, sempre fui contra o aborto sabe, só que eu pensava que era contra porque nunca tinha acontecido comigo; depois que aconteceu comigo, eu continuo sendo contra mas, só que assim, no caso de estupro, no caso de não desejado o filho. [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Não teve relação de violência com a mãe. Mas ficou traumatizada com o fato da mãe ter a expulsado de casa para acolher o marido.</p> <p>2ª idéia: É criada pelo pai sozinho; ele não quer trazer outra mulher para dentro de casa para não acontecer discórdia.</p> <p>3ª idéia: Sempre foi contra o aborto, mas porque nunca tinha acontecido com ela.</p> <p>4ª idéia: Aceita o aborto em caso de estupro e filho não desejado.</p>

QUADRO 3.B - Idéia central síntese: Horrível cada um que passa é que sabe. Não fica arrependida pelo aborto, mas com a consciência pesada, foi a necessidade e desespero.

DSC	
<p><i>Horrível, cada um é que sabe o que passa. Não que eu fico arrependida (pelo aborto), mas eu fico com a consciência pesada de qualquer jeito foi uma vida, de qualquer forma foi uma vida que eu tirei. Eu fiquei nos termos de desespero, pensando meu Deus o que é que vai ser da minha vida, como é que vai ser daqui por diante quando a barriga crescer mais? Aí eu fiquei pensando muito nisso, achei muito difícil encarar a vida desse jeito e eu nunca imaginei que isso um dia poderia acontecer comigo! Engraçado a gente pensa que só vai acontecer com os outros, nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo um dia nunca! Sabe, o aborto é vida né, que eu tô tirando, é um pecado que a gente vai levando nas costas mais um, que nós temos mil. Porque a gente faz sabendo que tá fazendo errado, mas tem situações que nos obriga mesmo e pretendo não fazer mais. Com fé em Deus, não vou tentar mais outro. Primeiro pela minha saúde e tem minha filha também ficar dando exemplo de aborto; pôxa tirar a vida de uma pessoa, tô com a consciência pesada agora sabe, tô aqui no meu cantinho, quietinha pensando o que foi que eu fiz de minha vida.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: <i>Horrível, só que eu não sei, cada um é que sabe o que passa é que, eu não sei nem explicar, não sei (pausa) não sei (entristece) [...] (Risos paciente com a expressão de tensão) Não que eu fico arrependida(pelo aborto), ai, só (risos, face tensa) não, porque eu fico com a consciência pesada de qualquer jeito foi uma vida, de qualquer forma foi uma vida que eu tirei. Mas foi a necessidade que me obrigou a fazer isso.</i></p> <p>E5: <i>Bom né eu, eu fiquei, nos termos de desespero, só desespero mesmo, pensando meu Deus o que é que vai ser da minha vida; pensando como é que vai ser daqui por diante quando a barriga crescer mais, essas coisas e outras tal, tal, ai eu fiquei pensando muito nisso, achei muito difícil encarar a vida desse jeito, viu, eu nunca imaginei que isso um dia poderia acontecer comigo! Nunca engraçado a gente pensa que só vai acontecer com os outros, com a gente a gente nunca pensa que vai acontecer, nunca pensei, nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo</i></p>	<p>1ª idéia: Horrível cada um que passa é que sabe.</p> <p>2ª idéia: Não fica arrependida pelo aborto, mas com a consciência pesada de tirar uma vida.</p> <p>3ª idéia: Abortou pela necessidade.</p> <p>1ª idéia: Desespero com a descoberta da gravidez.</p> <p>2ª idéia: Não pensou que fosse acontecer consigo só com os outros.</p>

<p><i>um dia nunca. Graças a Deus orei tanto...</i></p> <p>E7: [...] <i>O aborto é vida né, que eu tô tirando, que nós tira né. Que é um pecado que a gente vai levando nas costas mais um, que nós temos mil. Que a gente faz sabendo que tá fazendo errado, mas tem situações que nos obriga mermo e pretendo não fazer mais. Com fé em Deus, não vou tentar mais outro. Primeiro pela minha saúde né, e ...tem minha filha também ficar dando exemplo né de... ela de...de aborto... [...]</i></p> <p>E13: [...] <i>poxa tirar a vida de uma pessoa, tô com a consciência pesada agora sabe, tô aqui no meu cantinho, fico aqui (no leito da maternidade) quietinha pensando o que foi que eu fiz de minha vida[...]</i></p>	<p>7ª idéia: O aborto é um pecado que a gente vai levando nas costas.</p> <p>5ª idéia: Está com a consciência pesada por tirar a vida de uma pessoa.</p> <p>6ª idéia: Fica no leito quietinha pensando o que fez de sua vida.</p>
---	---

QUADRO 3.C - Idéia central síntese: Ficou desesperada, como se não significasse nada na vida dele, nem o filho que tava na barriga; foi atrás se humilhou, decidi abortar porque não tinha mais respeito e confiança no companheiro.

DSC

Eu fiquei desesperada, eu comprei o remédio, fui falei com a moça e ela falou pra eu tomar o chá. Tomei e no dia seguinte não senti nada, só que ela disse pra eu não desistir, ficar tomando chá até que eu sentisse dor. Era capim de oxalá, um monte de folha misturada. Isso porque fiquei assim, como se eu não significasse nada na vida dele, não tivesse a menor importância, nem eu nem aquele filho dele que tava na barriga. Eu fui atrás, me humilhar, chorar, atrás dele, e depois ele falou se você quiser, eu posso até assumir a criança, mas você não quero mais não. Mas ele não assume os dois que ele já tem ia assumir mais esse? Pra eu ficar atrás mendingando, todo mês, botando na justiça, pra que nada! Ele num dá, ele tem dois filhos, num dá nada, nada e a mãe colocou na justiça, quando vai a intimação ele dá 100 reais; a menina anda abandonada, já com doze anos, já namora já tudo, o menino anda por aí jogado, então não é uma coisa pra ser pai aquilo. Não! Pra mim não dava não! Eu ia abortar, mas só com medo, aí com o que aconteceu no domingo (suspeita de traição), a desconfiança e tudo, aí segunda-feira a gente parou pra conversar e decidi se separar, que era pra ele procurar pra onde ir, porque a casa é minha né. Eu não ia mais viver com ele, foi que me deu mais coragem; fui, comprei e fiz. Porque agora se eu continuasse com ele não ia ter mais. o respeito, entendeu? Ficou assim troca de olhares, sabe ele e uma fulaninha lá, eu achei que se ele (volta a chorar) queria fazer, que não fizesse ali, no lugar onde eu moro (chora) no meu ambiente de trabalho, pra não tá, eu não tá passando e tá mulheres vulgar me apontando e dizendo ali ó, tira tanta onda, mas o marido dela fica assim, entendeu? Então acabou o respeito, acabou o respeito, aí eu disse vou tirar. É, e ainda não quer que eu tire, porque da menina, depois de oito meses de minha barriga ele melhorou, mas só que eu tenho medo de passar por tudo (violência com o companheiro) que eu já passei antes do menino, então eu não quero mais não. E ele ainda fica dizendo que né pra eu tirar e quando eu tomo o remédio, quando ele chega é só pra me dá socorro mermo. Mas ele não gosta que eu tire. Além de ele me maltratar, ainda quer que eu vá parir. Aí pra mim é difícil, por isso, aí não quero. Além disso, eu tive a experiência (violência) do primeiro companheiro e fico com medo de ter a segunda, por isso que eu não quero mesmo ter filho mais por causa disso também. Eu acho que mudaria porque ele gosta de festa, eu ia ficar com o barrigão dentro de casa, ou então parida, e ele ia continuar indo pra festa, eu não ia gostar, e ia começar as brigas. Aí pra mim não dava por causa disso também.

EXPRESSÕES CHAVE

IDÉIAS CENTRAIS

<p>E3: [...] <i>Fiquei assim, como se eu não significasse nada na vida dele, não tivesse a menor importância, nem eu nem aquele filho dele que tava na barriga. Eu fui atrás, me humilhar, chorar, atrás dele, que não, não, não. Depois ele falou se você quiser, eu posso até (pausa) né assumir a criança, mas você não quero mais não. Mas ele não assume os dois que ele já tem ia assumir mais esse? Pra eu ficar atrás mendingando, todo mês, botando na justiça, pra tá (pausa), que nada! Não, ele num dá ele tem dois filhos, num dá nada, nada, nada ele dá. A mãe colocou na justiça... quando vai a intimação que ele dá R\$ 100,00, a menina anda abandonada. Já com doze anos já namora já tudo, o menino anda por aí jogado, então não é uma coisa pra ser pai aquilo. Não! Pra mim não dava não!</i></p>	<p>4ª idéia: Após falar com o companheiro da gravidez sentiu-se como não significasse nada na vida dele, nem o filho que tava na barriga.</p> <p>5ª idéia: Foi atrás do companheiro para chorar e se humilhar. Este só queria assumir a criança, não queria a relação.</p> <p>6ª idéia: Abortou porque o companheiro não assume os filhos que já tem com outras.</p>
<p>E4: [...] <i>Eu fiquei desesperada, eu comprei o remédio, fui falei com a moça e ela falou pra eu tomar o chá. O chá, peguei e tomei. Tomei e no dia seguinte não senti nada, só que ela disse pra eu não desistir, ficar tomando chá até que eu sentisse dor. De que era o chá? Era capim de oxalá. Era um monte de folha misturada, aí ela pediu pra eu fazer, que eu não desistisse até que eu sentisse dor[...]</i></p>	<p>2ª idéia: Comprou e tomou remédio chás abortivos.</p>
<p>E5: [...] <i>eu fiquei, nos termos de desespero, só desespero mesmo, pensando meu Deus o que é que vai ser da minha vida; pensando como é que vai ser daqui por diante quando a barriga crescer mais, essas coisas e outras tal, tal, aí eu fiquei pensando muito nisso, achei muito difícil encarar a vida desse jeito, viu, eu nunca imaginei que isso um dia poderia acontecer comigo! Nunca engraçado a gente pensa que só vai acontecer com os outros, com a gente a gente nunca pensa que vai acontecer,</i></p>	<p>1ª idéia: Desespero com a descoberta da gravidez.</p> <p>2ª idéia: Não pensou que fosse acontecer consigo só com os outros.</p>

nunca pensei, nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo um dia nunca. Graças a Deus orei tanto, e ontem eu tava estudando a bíblia, eu estudo a bíblia todo dia. Ai eu oro de dia a noite não só por mim mais por todos que a gente não deve pedir só pra gente né mais pra todos

E7: *[...] eu tive mais coragem assim, que eu, eu, eu ia tirar né eu ia abortar, mas só com medo, o medo tava me dominando. E aí, com o que aconteceu na, no domingo... [...] a desconfiança e tudo, aí segunda-feira a gente parou pra conversar e decidi se separar, que era pra ele procurar pra onde ir, porque a casa é minha né. Eu não ia mais viver com ele, foi que eu tomei, me deu mais coragem e tive... fui, comprei e fiz. Porque agora se eu continuasse com ele não ia ter mais... o respeito, entendeu? [...] ficou assim troca de olhares, sabe ele e uma fulaninha lá, eu achei que se ele (volta a chorar) queria fazer, que não fizesse ali... no lugar onde eu moro (chora) no meu ambiente de trabalho... pra não tá, eu não tá passando e tá mulheres vulgar me apontando, entendeu. Quer dizer uma mulher vulgar, aí eu vou passando e diz ali ó, tira tanta onda, mas o marido dela fica assim, assim, entendeu? Então acabou o respeito, acabou o respeito, aí eu disse vou tirar. [...]*

E8: *É, e ainda não quer que eu tire, não quer que eu tire. Porque da menina, depois da menina é, é, ele depois de oito meses de minha barriga ele melhorou, mas só que eu tenho medo de passar por tudo (violência com o companheiro) que eu já passei antes do menino, da menina, então eu não quero mais não. E ele ainda fica dizendo que né pra eu tirar, que né pra eu tirar. Quando ele chega assim, que tá trabalhando quando eu tomo o remédio, quando ele chega é só pra me*

1ª idéia: Ia abortar, estava com medo e decidi pela desconfiança no companheiro e separação.

2ª idéia: Se o marido queria trair que não fizesse ali no ambiente de trabalho pra ela ser apontada na rua.

3ª idéia: Resolveu tirar o feto porque acabou o respeito entre ela e o companheiro.

1ª idéia: Tem medo de passar por tudo que já passou antes (violência conjugal);

2ª idéia: Companheiro não quer que tire o feto; maltrata e ainda quer que vá parir.

dá socorro mermo. Mas ele não gosta que eu tire. Além de ele me maltratar, ainda quer que eu vá parir. Aí pra mim é difícil, por isso, aí não quero.

E11: *É eu tive a experiência (violência) do primeiro companheiro e fico com medo de ter a segunda, aí por isso que eu não quero mesmo ter filho mais por causa disso também. Eu acho que mudaria porque ele gosta de festa, eu ia ficar com o barrigão dentro de casa, ou então parida, ele ia gostar de... ele ia continuar indo pra festa, aí eu não ia gostar, e ia começar as brigas. Aí pra mim não dava por causa disso também.*

1ª idéia: Teve experiência de violência com primeiro companheiro e tem medo de ter a segunda.

2ª idéia: Ela ia ficar com o barrigão dentro de casa e ele iria continuar nas festas.

QUADRO 3.D - Idéia central síntese: O que fez tomar a decisão foi isso; não quer filhos e mais filhos de pais diferentes, quer se cuidar, fazer planejamento familiar, estudar e no futuro ter um filho.

DSC	
<p><i>E o que me fez mesmo com que eu pegasse e tomasse minha decisão foi isso. Que aconteceu no domingo, e da nossa conversa na segunda. Se eu não tenho filho dele e ele fez o que fez? Quer dizer eu já tenho dois filhos, de um casamento que não deu certo, vou ter outro? Ele já me mostrou que não podia dar certo também, e aí vai ficando com filhos e mais filhos de pais diferentes, não quero isso não. Vou tirar. Vou tirar e a partir do momento que eu tirar, vou me cuidar pra poder, pra estrangular e pronto. No momento, vou fazer o quê, planejamento familiar, tomar a injeção pra três meses, como a enfermeira falou, usar camisinha. Eu imagino descansar bastante, pensar na minha vida, cuidar de mim direito, voltar estudar, eu tenho que ir para escola, e trabalhar, tentar seguir em frente. E mais tarde no futuro eu quero ter meu filho, porque se eu deixasse ia empatar meu futuro, eu ia dar que futuro pra essa criança, nesse mundo de violência, eu ia dar que comer a essa criança, que trabalho eu ia ter no segundo ano, com dezessete anos? Então é se prevenir né, da melhor maneira possível. Pra casa, mas eu vou tranqüila, já estou na cabeça de procurar ginecologista e botar o DIU, pra evitar esse tipo de coisa, que é agressão contra a mulher também tanto como feto como pra mulher também. Horrível, aconselho a não fazer isso. Não vou nem mais abortar, nem mais engravidar.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E5: [...] e graças a Deus é breve já vai ter adiantado mais as coisas né, cê sabe comentários rola as própria de família fica falando coisa (pausa) esse ano mermo eu tô casada já em minha casa graças a Deus.</p> <p>E6: O que é que eu imagino fazer agora? No momento, vou fazer o quê, planejamento familiar, tomar a injeção pra três meses, como a enfermeira falou usar camisinha, mais nada. [...]</p> <p>E7: [...] E o que me fez mesmo com que eu pegasse e tomasse minha decisão foi isso. Que aconteceu no domingo, e da nossa conversa na segunda. Se eu não tenho filho dele e ele fez o que fez? Quer dizer eu já tenho dois filhos, de um casamento que não deu certo, vou ter outro? Que já me mostrou que não podia dar certo também? E aí vai ficando com filhos e mais filhos de pais diferentes, não quero isso não. Vou</p>	<p>3ª idéia: Pensa em casar devido aos comentários da família.</p> <p>3ª idéia: Quer fazer planejamento familiar, tomar a injeção de três meses e camisinha conforme orientação da enfermeira.</p> <p>5ª idéia: Não quer filhos e mais filhos de pais diferentes.</p> <p>6ª idéia: Quer se cuidar para estrangular (laqueadura tubária); não quer mais abortar, nem engravidar.</p>

<p><i>tirar. Vou tirar e a partir do momento que eu tirar, vou me cuidar pra poder, pra estrangular e pronto. Não vou nem mais abortar, nem mais engravidar [...]</i></p> <p>E12: <i>Eu imagino vou descansar bastante, pensar na minha vida, cuidar de mim direito, cuidar de mim (usar método anticoncepcional), voltar estudar, eu tenho que ir para escola, e trabalhar, seguir em frente, tentar seguir em frente. E mais tarde no futuro eu quero ter meu filho.</i></p> <p>E13: <i>[...] Mas se eu deixasse ia empatar meu futuro, eu ia dar que futuro pra essa criança sabe, nesse mundo de violência, eu ia dar que comer a essa criança, que trabalho eu ia ter no segundo ano, dezessete anos [...]</i></p> <p>E15: <i>[...] Se prevenir né, da melhor maneira possível. Pra casa, mas eu vou... Tranqüila, eu tenho, já estou na cabeça já de procurar ginecologista e botar o DIU, pra evitar esse tipo de coisa, que é agressão contra a mulher também. Tanto como feto como pra mulher também. Horrível, aconselho a não fazer isso.</i></p>	<p>4ª idéia: Imagina descansar bastante, cuidar de si, voltar a estudar, trabalhar, seguir em frente, e no futuro ter um filho.</p> <p>7ª idéia: Se deixasse ia empatar o seu futuro e o da criança.</p> <p>5ª idéia: Pensa em se prevenir, procurar ginecologista e colocar DIU, para evitar o aborto que é uma agressão para a mulher.</p>
---	--

QUADRO 3.E - Idéia central síntese: Ele disse que se tirasse o filho ia se separar de verdade, no dia que tomou o remédio, ele veio com ignorância, não sabe se vai ficar com ele após aborto.

DSC	
<p><i>Ele disse se você tirar meu filho, a gente vai se separar de verdade. No dia que eu tomei o remédio, ele veio com ignorância, e eu fui mais grossa; ele disse que eu tinha perdido a fertilidade, ai eu falei que não me levasse mais não (na maternidade); ai eu fui arranjar uma colega para me levar. Fiquei sem falar, ele não olhava pra mim, eu não olhava pra ele; no dia seguinte a gente discutiu, eu disse a ele que acabou que eu não queria mais ele. Fui comprar o remédio de novo, quando eu voltei minha cunhada dando risada, tava botando as músicas e ele chorando; ela já botou de propósito entendeu? Então eu não sei se ele vai querer ficar comigo ou se ele não vai. Mas pelo jeito que ele tá! A mãe dele chamou ele e disse que ele tava sendo criança, que esse era o momento da gente se unir, da gente parar de brigar pra um cuidar do outro e não ficar brigando e só assim que a gente vai conseguir ir pra frente.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E7: [...] <i>Ele disse se você tirar meu filho, a gente vai se separar de verdade [...]</i></p> <p>E12: [...] <i>Eu quero não sei se ele vai querer, ele disse que não sabe se... a gente discutiu, porque no dia que eu tomei o remédio, ele veio com ignorância, e eu fui mais grossa, eu fui muito grossa, ele disse que eu tinha perdido a fertilidade, ai eu falei que não me levasse mais não; ai eu fui arranjar uma colega para me levar. Ai fiquei sem falar, fiquei sem falar, ele não olhava pra mim eu não olhava pra ele, ai no dia seguinte a gente discutiu, eu disse a ele que acabou, que eu não queria mais ele. Ai eu fui pra rua, fui comprar o remédio de novo, quando eu voltei minha cunhada dando risada, aí eu: - o que foi, ai botando as músicas e ele chorando, ela já botou de propósito entendeu, então eu não sei se ele vai querer ficar comigo se ele não vai. Mas pelo jeito que ele tá; a mãe dele chamou ele disse que ele tava sendo criança, que esse era o momento da gente se unir, da gente parar de brigar pra um cuidar do outro e não ficar brigando e só assim que a gente vai conseguir ir pra frente[...]</i></p>	<p>4^a idéia: Companheiro não queria o aborto.</p> <p>5^a idéia: Discutiu com o companheiro por causa do uso do abortivo e por ele dizer que ela tinha perdido a fertilidade.</p> <p>6^a idéia: Não sabe se vai ficar com o companheiro após o aborto, ele não queria.</p> <p>7^a idéia: A mãe dele conversou que ele estava sendo criança e esse era o momento da gente se unir.</p>

QUADRO 3.F - Idéia central síntese: O cunhado insinua que ela tem outra pessoa, se ele soubesse que ela estava grávida não teria discutido, empurrado, tocado a mão nela.

DSC	
<p><i>Ele fica falando, fica insinuando que eu tenho outra pessoa, ele quer separar eu e meu... (pausa) Se ele soubesse que eu estava grávida, ele não ia ter discussão nenhuma comigo; se ele tava falando assim, você tá grávida e eu dizendo sempre que não, entendeu? Ele poderia ficar mais chateado, pelo fato de a mulher dele mentido de que tava grávida, depois ela ter morrido, é muita coisa na cabeça dele. Ele tinha uma mulher que morreu, ele não tá no juízo dele perfeito, eu não tenho nem raiva dele, porque ele não tá no juízo dele. O pai dele não gostava dela, que ela errava também, e se os pais viam que o filho era errado, ainda ia querer uma pessoa errada na sua família? Não ia querer. Ela retava, discutia, e eu nunca tive esses negócio. Então que se ele soubesse que eu tava gestante, ele não ia me empurrar, ele não ia tocar a mão em mim porque ele é louco por criança, com mulher grávida ele tem o máximo de cuidado. É, meu cunhado.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E12: [...] <i>Não, que essa discussão com ele, se ele (cunhado) soubesse que eu estava grávida, ele não ia ter discussão nenhuma comigo; se ele tava falando assim, você tá grávida, você tá grávida e eu dizendo sempre que não, que não, que não, entendeu, ele poderia ficar mais chateado, pelo fato de a mulher dele mentido de que tava grávida, depois ela ter morrido, é muita coisa na cabeça dele. Ele tinha uma mulher que morreu, ele não tá no juízo dele perfeito, eu não tenho nem raiva dele, porque ele não tá no juízo dele. E ele sempre fala, minha fia, minha fia, vocês não olhava para minha fia, ele fala assim, que o pai dela poderia não gostava dela, que ela poderia ser tudo, que ela errava também, e se os pais viam que o filho era errado, ainda vai ia querer uma pessoa errada na sua família? Não vai querer. Ela retava, discuido, e eu nunca tive esses negócio. Aí ele fica falando, fica insinuando que eu tenho outra pessoa, ele quer separar eu e meu... ele quer separar. Só que se ele soubesse que eu tava gestante, ele não ia me empurrar, ele não ia tocar a mão em mim, com mulher grávida... ele é louco por criança, com mulher grávida ele tem o máximo de cuidado. É, meu cunhado. E meu marido também. [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Se o cunhado soubesse que ela estava grávida não teria discutido, empurrado, tocado a mão nela.</p> <p>2ª idéia: Não tem raiva do cunhado porque ele não tá com o juízo dele perfeito depois que a mulher morreu.</p> <p>3ª idéia: O cunhado insinua que ela tem outra pessoa; quer separar ela e o irmão.</p>

QUADRO 3.G - Idéia central síntese: Nunca aconteceu violência na família só vê pela televisão; está na maternidade, mas o marido sabe, foi bem tratada.

DSC	
<p><i>Não, só pela televisão mesmo, caso encontrado assim não, nem de amigas, nem de nada, na família isso nunca aconteceu. Eu estou até aqui, mas ninguém sabe que eu tô aqui (na maternidade). Hoje é que foram dar notícia, porque meu pai e minha mãe assim são tudo preocupado, não quis preocupar. Ninguém sabe ainda, só meu marido e eu pedi pra ele também não passar pra minha mãe porque ela toda preocupada; ainda mais que eu sou única, preferi evitar. Me atenderam super bem, até agora tão me tratando super bem. Perguntaram assim que eu cheguei aqui, se foi provocado, eu afirmei, porque se mentir é pior, eles vão ver de qualquer jeito lá. Aí fizeram exame de toque da primeira vez que eu vim, aí passou o ultrassom, e da segunda vez eu vim novamente, disseram que eu tinha que ficar internada e disseram que não tinha a previsão de fazer a ultrassonografia aqui dentro, porque o equipamento tava quebrado; aí eu preferi sair, fazer lá fora e já vim com a ultrassom.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E15: <i>Não, só pela televisão mesmo, caso encontrado assim não, nem de amigas, nem de nada, na família isso nunca aconteceu. Eu estou até aqui, mas ninguém sabe que eu tô aqui (na maternidade). Hoje é que foram dar notícia, porque meu pai e minha mãe assim, são tudo preocupado, não quis preocupar. Ninguém sabe ainda, só meu marido e eu pedi pra ele também não passar pra..., minha mãe é muito assim é toda preocupada, qualquer coisa, ainda mais que eu sou única, ai fica toda preocupada, preferi evitar. Me atenderam super bem, eu não tenho..., até agora tão me tratando super bem. Fizeram, perguntaram assim que eu cheguei aqui, perguntaram se foi provocado, eu afirmei, porque se mentir é pior, eles vão ver de qualquer jeito lá. Aí fizeram exame de toque da primeira vez que eu vim, aí passou o ultrassom, e da segunda vez eu vim novamente, ai, disseram que eu tinha que ficar internada e disseram que não tinha a previsão de fazer a ultrassonografia aqui dentro, porque não tava, o equipamento tava quebrado; aí eu preferi sair e fazer lá fora e já vim com a ultrassom[...]</i></p>	<p>1ª idéia: Nunca aconteceu violência na sua vida, só pela televisão.</p> <p>2ª idéia: Está na maternidade, mas só o marido sabe.</p> <p>3ª idéia: Trataram-na bem na materidade.</p> <p>4ª idéia: Na maternidade perguntaram se o aborto foi provocado e afirmou, porque mentir é pior.</p>

QUADRO 4.A - Idéia central síntese: Mãe privava de muita coisa quando criança, sempre gostou mais de filho homem, hoje a trata com ignorância e isso pesou na decisão de abortar.

DSC

Eu não sei dizer como era a relação com minha mãe, desde criança ela me priva de muita coisa, não deixava usar short. Ela era muito cuidadosa, queria os filhos todos juntos dela, e sempre gostou mais de menino homem, ela disse que se pudesse tinha os filhos todos homens. Eu quando era pequena, vivia fugindo, ela mandava meus irmãos me procurar, aí quando eu voltava da casa de minhas amigas, ela me batia e eu fugia de novo. Minha relação ruim com minha mãe começou quando eu tinha 11/12 anos, ela levava a gente pra igreja e dizia que ela era crente e eu também era, até me batizei. Aí eu arrumei um namorado que gostava muito de mim, eu dizia que ia estudar e ia namorar escondido. Um dia ele tomou coragem e foi falar com ela, ela fez a maior ignorância, jogou água. Meus dois irmãos mais velhos se juntavam para bater nele. Tomei raiva de meus irmãos, de meu pai, de minha mãe, aquilo foi juntando e com 16 anos eu fugi de vez com uma pessoa (namorado) que eu nem gostava muito, mas me deu a mão e me apoiou e disse eu tenho pra onde te levar; com três meses eu voltei pra casa e ela disse aonde eu tinha ficado três meses ficasse pro resto da vida, que só me queria de volta se um dia ela precisasse. Minha mãe é o tipo de pessoa que acha que nenhuma amizade presta, se alguém fosse chamar era mesmo que matar ela. Minha mãe sempre foi difícil, ela não me entende. Eu trabalho, só que eu não entendo porque ela esconde as coisa de mim. Ela não deixa eu almoçar direito, me nega comida, me nega tudo. Antes de sair pra ela trabalhar ela diz: - ah fecha meu quarto, pra ninguém entrar ni meu quarto, tranca tudo dentro do quarto pra eu não comer. Aí já pensou: eu com filho, com filho ia ser pior ainda, não ia dá nada, não ia ajudar, ia querer que eu passasse fome, eu ia passar fome, (pausa) eu ia ficar com fome, e quem ia me dar? Ninguém. Ela fala mal de mim pra minha cunhada, minha cunhada diz pra ela: - quem é a filha que ia trabalhar o mês todinho e entregar todo o dinheiro pra mão da mãe? Tenho sete irmãos, mas lá em casa só moram três, da mesma forma que ela me trata, ela trata todo mundo, com ignorância e tudo. Eu não tenho aquela liberdade de sair e chegar dez horas. Em casa, ela quer que eu fique em casa presa aí ela xinga tudo, entende, que não presta, que eu só ando com quem não presta, e isso vai revoltando né? Me revolta, eu já sai de casa uma vez, e pra sair outra é daqui pra ali. Tipo assim, eu tenho muita amiga lésbica, sabe, que eu converso mesmo, não tenho preconceito nenhum; só que aí ela ficou falando que eu era sapatona e aí me botou pra fora. E eu disse: - é a senhora já abortou tanto e ela não diz nada, ela fica calada. Eu fumo, bebo diariamente e minha irmã faz tudo embaixo do pano, então ela acha que quem é a mais errada de casa sou eu. Ela tem problema no coração, aí qualquer coisa que eu falo ela começa a se tremer e diz que se morrer a culpada vai ser eu mesmo. Porque quando a gente era menor, na hora que ela ficava bêbada a gente fazia o que queria, deixava a gente ir pra rua, agora não! Agora que ela parou de beber e prende muito. O meu coração para ela está bem fechado, não sei se eu chegar em casa hoje ou amanhã se eu vou falar com ela normal, pra mim tanto faz como tanto fez. Quem me criou foi minha vó; minha vó me dá mais carinho, mas minha mãe não, minha mãe é mais ignorante. Ela xinga, bate, me esculhamba. Quando eu era pequena ela saía pra rua e chegava no outro dia; eu tinha uma mãe de leite, minha vó que me criava. Até hoje ela não me considera como filha não. Pra ela é como se eu não fosse nada entendeu? Se eu não ligo pra ela, se não ir lá vê ela, se eu não mandar uma mensagem, uma carta ela também não faz nada, não liga, faz de conta que eu não existo. Sabe, quando eu tinha 14 anos de idade minha mãe arranjou uma casa própria e pediu pra eu passar uns dias com ela; desses dias fiquei dois anos com ela, depois ela arranjou um namorado e pediu pra eu morar com meu pai, porque ela ficou com medo de eu dar em cima do namorado dela. Então voltei e tive que morar com meu pai e agora não saio de junto do meu pai por nada desse mundo. De certa forma pesou (na decisão de abortar), porque eu não tive o carinho de mãe, sempre tive o de avó, de tia, mas não é a mesma coisa, sempre fui muito carente de mãe. Nunca tive apoio, quando fiquei moça pela primeira vez tive que contar a meu pai, mas pai ficou feliz, só que eu não queria contar a meu pai, eu queria contar a minha mãe; aí eu contei a minha tia, minha avó, porque tinha que saber, mas queria contar pra minha mãe quando dei meu primeiro beijo, quando eu tive meu primeiro namorado, sempre quis contar tudo pra minha mãe. Só que não podia porque ela nunca tava comigo, sempre tava distante, minha mãe tem mais dois filhos, esses dois filhos minha mãe deu tudo, só ficou eu; eu que meu pai me arrebatou da mão dela e me tomou pra criar, se não até eu ela dava aos outro pra criar; eu não conheço meus irmãos, eles são mais velhos, vai ver eu até me relacionei e eu não sei. Aí eu fico assim pensando assim: porque será que minha mãe me trata dessa forma, o que será eu fiz a ela, ser que no momento que ela me teve ela não me desejou? Da mesma forma que eu não desejei o meu agora? Ai eu acho que se minha mãe tivesse assim totalmente sempre comigo isso não teria acontecido, ou se tivesse acontecido eu não teria abortado, entendeu?

EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: <i>Eu não sei dizer como era a relação com minha mãe, desde criança ela me priva de muita coisa, não deixava usar short. Ela era muito cuidadosa, quer os filhos todos juntos dela, e sempre gostou mais de menino homem, ela disse que se pudesse tinha os filhos todos homens. Nunca me entendo com ela, ela é cristã (crente) e faz isso. Eu quando era pequena, vivia fugindo, ela mandava meus irmãos me procurar, aí quando eu voltava da casa de minhas amigas, ela me batia e eu fugia de novo. Minha relação ruim com minha mãe começou quando eu tinha onze e doze anos, ela levava a gente pra igreja e dizia que ela era crente e eu também era, até me batizei. Aí eu arrumei um namorado que gostava muito de mim, aí eu dizia que ia estudar e ia namorar escondido. Um dia ele tomou coragem e foi falar com ela e ela fez a maior ignorância, jogou água. [...] meus dois irmãos mais velhos se juntava para bater nele. Tomei raiva de meus irmãos e de meu pai eminha mãe, aquilo foi juntando e com 16 anos eu fugi de vez com uma pessoa (companheiro) que eu nem gostava muito, mas me deu a mão e me apoiou e disse eu tenho pra onde te levar, com três meses eu voltei pra casa e ela disse aonde eu tinha ficado três meses ficasse pro resto da vida, que só me queria de volta se um dia ela precisasse. [...] Minha mãe é o tipo de pessoa que acha que nenhuma amizade presta, se alguém fosse chamar era mesmo que matar ela. Eu só tenho uma amiga de infância até hoje, porque ela não me deixava ter amigas, e hoje minha cunhada sabe da minha vida toda. Nunca gostei de minha amizade com mulher, mais com homem que é seguro, as mulheres são fofoqueiras e olho grande. Meu amigo que namorava comigo quando eu era adolescente, disse que minha vida é assim, por causa da minha mãe, se gente tivesse casado, teria só um filho, e disse tenho um</i></p>	<p>1ª idéia: Mãe privava de muita coisa quando ela era criança.</p> <p>2ª idéia: Mãe sempre gostou mais de filho homem.</p> <p>3ª idéia: Mãe é cristã e faz isso.</p> <p>4ª idéia: Quando era pequena, vivia fugindo e quando voltava pra casa a mãe batia.</p> <p>5ª idéia: Relação ruim com a mãe começou com 11 anos por causa da religião e de namorado.</p> <p>6ª idéia: Os irmãos se juntavam para bater no namorado.</p> <p>7ª idéia: Tomou raiva dos dois irmãos mais velhos, do pai e da mãe e fugiu com 16 anos.</p> <p>8ª idéia: Voltou após três meses e a mãe mandou aonde havia ficado três meses ficasse pro resto da vida, que só me queria de volta se um dia ela precisasse.</p> <p>9ª idéia: Mãe acha que nenhuma amizade presta e não deixava ter amigas na infância.</p> <p>10ª idéia: Nunca gostou de amizade com mulher mais com homem.</p> <p>11ª idéia: Um amigo com quem namorava tem a maior raiva de não ter sido o primeiro parceiro sexual.</p> <p>12ª idéia: A relação com a mãe sempre foi difícil.</p> <p>14ª idéia: Pega o dinheiro do mês e entrega todo na mão da mãe.</p> <p>15ª idéia: É grossa com os filhos depois que veio do interior para a casa da mãe.</p>

ódio mortal de sua mãe. A raiva maior dele é que quando a gente namorava, me respeitava, eu era virgem, aí ele diz que pelo menos se eu tivesse sido o primeiro (parceiro sexual). Meu filho mais velho parece ser filho dele. Minha mãe sempre foi difícil, eu perdi minha adolescência todinha cuidando dos meninos (filhos). Todo mundo gosta de beber, se divertir, minha mãe não gosta, só bebo quando tô só, com meus filhos eu não bebo, minha cunhada sabe bem como é, Minha mãe sempre foi difícil [...] ela fala mal de mim pra minha cunhada, minha cunhada diz pra ela quem é a filha que ia trabalhar o mês todinho e entregar todo o dinheiro pra mão da mãe. Ela disse que sou grossa, eu sou mesmo, porque na casa dela, quando eu vim do interior eles era educados tudo olhava pra mim, para ver se eu deixava. Agora não tem limite, um absurdo uma criança de oito anos comer quatro, cinco pães não dá. [...] Ela gosta muito dos meus filhos manda eu ir embora e deixar eles lá com ela. [...] Eu ando sozinha, saio sozinha, não saio com ninguém, encontro colegas só homens na rua, converso, brinco, dou risada, bebo e volto pra casa só

E2: Normal eu que fazia tudo pra ela, conta, tudo eu que fazia pra ela. *Tenho sete irmãos, mas lá em casa só moram três, da mesma forma que ela me trata, ela trata todo mundo, com ignorância e tudo. Eu não tenho aquela liberdade de sair e chegar dez horas. Em casa, ela quer que eu fique em casa presa. E eu não consigo ficar presa [...] ai ela xinga tudo, entende, que não presta, que eu só ando com quem não presta, e isso vai revoltando, isso tudo né? [...] Me revolta, eu já sai de casa uma vez, e pra sair outra é daqui pra ali. Tipo assim, eu tenho muita amiga lésbica, sabe, eu tenho... que eu converso mesmo, não tenho preconceito nenhum, ai ela ficou falando que eu era sapatona, que eu era sapatona, aí me botou pra fora. [...] Ela não fala direto normal, normal dela. Sabe como é que... (fala dela) é a senhora já abortou tanto*

13ª idéia: Perdeu a adolescência todinha cuidando dos filhos.

1ª idéia: A relação com a mãe era normal, fazia tudo para ela.

2ª idéia: Mãe trata a ela e a todo mundo com ignorância.

3ª idéia: Se revolta com a mãe, já saiu de casa uma vez e pra sair outra é daqui pra ali.

4ª idéia: Tem muita amiga lésbica a mãe fala que ela também é sapatona e botou ela pra fora.

<p>(falou pra ela). [...] <i>Ela não diz nada, ela fica calada. Ela acha que eu que tô errada, dentro de casa, porque assim eu fumo bebo, sabe, mas não bebo pra ficar beba, bebo diariamente... é porque minha irmã faz tudo embaixo do pano aí então ela acha que quem é a mais errada de casa sou eu. [...] Ela vai dizer que se morrer a culpada vai ser eu mesmo. Porque ela tem problema no coração, aí qualquer coisa que eu falo ela começa a se tremer. [...] quando a gente era menor, ela deixava a gente ir pra rua, na hora que ela bebia, ficava bêbada, e a gente fazia o que queria; então, agora não! Agora que ela parou de beber, aí assim prende muito, aí qualquer coisa que alguém vai lá em casa é um problema, confusão, aí pra mim já deu. Falo mesmo, sinto, sinto, mas fazer o que, se ela que quis assim[...] Agora bem melhor, mas o coração para ela (mãe) está bem fechado, não sei se eu chegar em casa hoje ou amanhã, não sei quando eu vou chegar, eu vou chegar e vou falar com ela normal, eu não vou, com minha tia eu falo normal e tudo,entendeu,mas com ela...pra mim tanto faz como tanto fez[...]</i></p>	<p>5ª idéia: Falou pra mãe como falar dela se já abortou tanto e a mãe fica calada.</p> <p>6ª idéia: A irmã faz tudo embaixo do pano, mas a mãe diz que a mais errada da casa é ela.</p> <p>7ª idéia: Mãe tem problema de coração e diz que se morrer filha é culpada.</p> <p>9ª idéia: Mãe ficava bêbada quando filha era menor, agora parou de beber e prende muito.</p> <p>13ª idéia: Agora se sente melhor, mas o coração está fechado pra mãe, não sabe se vai falar com ela.</p>
<p>E4: <i>Ela encarna (pega no pé) muito ni mim, ela (pausa) minha mãe não me entende, ela (pausa)... Eu trabalho, só que eu não entendo que ela esconde as coisa de mim. Ela não deixa eu almoçar direito, ela (pausa), me nega comida, me nega, me nega tudo. Antes de sair pra ela trabaiar ela diz: ah fecha meu quarto, pra ninguém entrar ni meu quarto, tranca tudo dentro do quarto pra eu, pra mi, pra não comer, e aí é é (pausa) comigo. Aí já pensou: eu com filho, com filho ia ser pior ainda, aí ela ia dá o que a meu filho? Não ia dá nada, não ia ajudar, ia querer que eu passasse fome, eu ia passar fome (pausa) eu ia ficar com fome, e quem ia me dar? Ninguém (chora) pausa.</i></p>	<p>1ª idéia: A mãe não entende e encarna muito nela.</p> <p>2ª idéia: A mãe esconde as coisas dela, nega comida e quando sai tranca as coisas no quarto para ela não comer.</p> <p>3ª idéia: A mãe dela não ia ajudar se tivesse o filho e iam passar fome.</p>
<p>E6: <i>Minha família? Eu moro com minha avó, minha mãe, meus tios, meus irmãos, agora eu vou morar com minha sogra. Entendeu? É</i></p>	<p>1ª idéia: Mora com avó, tios, mãe e irmãos e agora vai morar com a sogra.</p>

isso. Ela (mãe) ué, entende tudo errado, é porque quem me criou foi minha vó, entendeu? E minha mãe é diferente de minha vó, minha vó me dá mais carinho, isso, na minha mãe, minha mãe não, minha mãe é mais ignorante. Ela xinga, bate, me esculhamba, é, só[...]Quando eu era pequena eu ficava lá com minha avó, eu tinha... eu tinha uma mãe de leite né que me dá... ela me deixava lá com minha vó, minha vó que me criava, ela (mãe biológica) saía, saía pra rua e chegava no outro dia... isso e aquilo... e até hoje ela não me considera como filha não. Pra ela é como se eu não fosse nada, fosse nada entendeu?

E13: *[...] aí com quatorze anos de idade minha mãe arranhou uma casa própria e aí pediu pra eu passar uns dias com ela, e desses dias fiquei dois anos com ela, depois ela arranhou um namorado e pediu pra eu morar com meu pai, porque ela ficou com medo de eu dar em cima do namorado dela, aí eu peguei e voltei e tive que morar com meu pai, fiquei aqui morando com meu pai, e agora não saio de junto do meu pai por nada desse mundo. [...] se eu não ligo pra ela, se não ir lá vê ela, se eu não mandar uma mensagem, uma carta ela também não faz nada, não liga, faz de conta que eu não existo. De certa forma pesou (na decisão de abortar), porque eu não tive o carinho de mãe, sempre tive o de avó, de tia, mas não é a mesma coisa, de mãe com avó não é a mesma, sempre fui muito carente de mãe, sempre fui... nunca tive apoio, quando fiquei moça pela primeira vez tive que contar a meu pai, mas pai ficou feliz, só que eu não queria contar a meu pai, eu queria contar a minha mãe, aí eu contei a minha tia, minha avó, porque tinha eu saber né, aí eu não...queria ate contar pra minha mãe quando dei meu primeiro beijo, quando eu tive meu primeiro namorado, sempre quis contar tudo pra minha mãe. Só que ela não podia porque ela nunca tava comigo, sempre tava distante, minha mãe tem mais dois filhos, esses dois filhos*

2ª idéia: Foi criada pela avó que dá carinho e a mãe é mais ignorante.

3ª idéia: A mãe xinga, bate e esculhamba.

5ª idéia: Mãe até hoje não considera como filha.

6ª idéia: Com quatorze anos foi morar com a mãe; dois anos depois a mãe ficou com medo da filha dar em cima do namorado dela e devolveu para o pai.

7ª idéia: Mãe faz de conta que ela não existe; a filha só vê se mandar mensagem, carta ou ir lá.

8ª idéia: Não ter carinho de mãe, ser carente de mãe pesou na decisão de abortar.

9ª idéia: Nas experiências enquanto mulher sempre quis contar tudo pra mãe, mas não podia porque ela nunca estava junto.

10ª idéia: Não conhece os irmãos mais velhos pode ter se relacionado e não sabe.

11ª idéia: Pensa se a causa do abandono é porque a mãe não a desejou como ela não desejou este filho que abortou.

12ª idéia: Se a mãe estivesse com ela não teria abortado.

minha mãe deu tudo, só ficou eu; eu que meu pai me arrebatou da mão dela e me tomou pra criar, se não até eu ela dava aos outro pra criar; eu não conheço meus irmãos, eles são mais velhos, vai ver eu ate me relacionei e eu não sei. [...] Aí eu fico assim pensando assim: porque será que minha mãe me trata dessa forma, o que será eu fiz a ela, ser que no momento que ela me teve ela não me desejou? Da mesma forma que eu não desejei o meu agora? Ai eu acho que se minha mãe tivesse assim totalmente sempre comigo isso não teria acontecido, ou se tivesse acontecido eu não teria abortado, entendeu? [...]

QUADRO 4.B- Idéia central síntese: Pai é sempre ofensivo, bebe e xinga, faz aborto escondido dele, todo mundo tem medo.

DSC

Com minha mãe é maravilhosamente bem, mas com meu pai é horrível. Meu pai não me criou, ele foi morar lá, eu já grande. Meu pai é engraçado, ele fica calado o tempo todo, só fala quando minha mãe fala e é sempre ofensivo, nunca tem uma palavra de conforto. Meu pai é muito crítico, tudo ele critica, ele ofende a pessoa que nem sente. Ele é brabo mesmo, qualquer coisinha ele gosta de bater essas coisas, mas hoje ele não me bate mais; ele bebe, fica esculhambano, não vou mentir. Aí eu digo: - pô imagine se eu tiver grávida, o que é que ele vai falar de mim, o que é que ele vai falar às pessoas, fiquei pensando assim, por isso que minha mente ficou muito perturbada e eu fiz as coisas sem pensar direito. Me xingando, todos os nomes que vem na boca dele ele me xinga, é isso que eu fico revoltada, ele bebe e fica esculhambando as pessoas, né só eu não, todo mundo dentro de casa fica falano também sabe? Aí pronto todo mundo tem medo dele, de pai. Ele não gosta que eu faço aborto, ele diz se engravidar dez vezes, dez vezes é pra parir. Aí eu faço escondido dele. Só que ele é um tipo de pai bem antigo, ele acha que eu tenho que dormir cedo, então tem vezes que ele fala as coisas, eu não concordo e debato com ele. Aí ele disse que eu sou muito ousada porque eu falo assim: - poxa o senhor não me criou, eu já tô grande, já sou adulta e o senhor agora quer me botar de um jeito diferente da criação que levo? Ele não aceita, pai e mãe é pai e mãe, mas pai e mãe erra, e ele não aceita isso, e eu quero que ele enxergue isso, por isso que a gente debate muito. Aí também por isso eu fico mais lá (casa do companheiro) do que cá (casa dos pais), a gente não se fala, porque tá na justiça querendo a minha guarda, ele e minha tia. É que meu pai é o tipo da pessoa que não quer ficar comigo, ele quer ficar com aquilo que eu herdei. Então eu não quero ficar com ele, não quero morar com ele também não. Não sei se foi por minha madrasta ou se foi comigo mesmo, começaram a me destratar, e começaram a viajar e não ligar pra mim, a gente discutiu, e eu disse a ele que era apenas pra me desconsiderar como filha, até hoje eu não falo com ele, não procuro, graças a Deus não preciso dele pra nada.

EXPRESSÕES CHAVE

IDÉIAS CENTRAIS

<p>E1: [...] <i>Meu pai é engraçado, ele fica calado o tempo todo, só fala quando minha mãe fala e é sempre ofensivo, nunca tem uma palavra de conforto. Meu pai é muito crítico, tudo ele critica, ele ofende a pessoa que nem sente [...]</i></p>	<p>16ª idéia: Pai é engraçado, fica calado o tempo todo, quando fala é agressivo e crítico.</p>
<p>E5: <i>Porque ele (pai), ele, ele é brabo mesmo, qualquer coisinha ele gosta de bater essas coisas, mas hoje ele não me bate mais, só no tempo de pequena, que ele ainda me batia. Mas depois, nesses tempos agora, nunca mais ele me bateu não. Mas ele, ele bebe sabe, aí ele fica esculhambano, me esculhambano, ele me esculhamba, não vou mentir[...] Aí eu digo, pô imagine se eu tiver grávida, o que é que ele vai falar de mim, o que é que ele vai falar as pessoas, fiquei pensando assim, aí pronto por isso que minha mente ficou muito perturbada, aí eu fiz as coisas sem pensar direito. (pausa) Me xingando, todos os nomes que vem na boca dele ele me xinga, aí é isso que eu fico revoltada, ele bebe, bebe, aí fica esculhambando as pessoas, né só eu não, todo mundo dentro de casa fica falano também sabe? Aí pronto todo mundo tem medo dele, de pai [...]</i></p>	<p>1ª idéia: O pai é brabo e qualquer coisinha gosta de bater.</p> <p>2ª idéia: Quando o pai bebe a esculhamba, xinga de todos os nomes, todo mundo tem medo dele.</p> <p>3ª idéia: Imaginou se estivesse grávida, o que ele iria falar dela.</p>
<p>E11: [...] <i>só meu pai que não gosta que eu faço a aborto, ele diz se engravidar dez vezes, dez vezes é pra parir. Aí eu faço escondido dele [...]</i></p>	<p>2ª idéia: Pai não gosta que faça aborto, por isso faz escondido.</p>
<p>E12: [...] <i>Com minha mãe é maravilhosamente bem, mas com meu pai é horrível. Meu pai não me criou, ele foi morar lá, eu já grande já. Biológico. Só que ele é um tipo de pai bem antigo, ele acha que eu tenho que dormir cedo, 08 horas da noite já tinha que ta dormindo, [...] Então tem vezes que ele fala as coisas, eu não concordo e falo aí eu debato com ele. Aí ele disse que eu sou muito ousada porque eu falo assim poxa o senhor não me criou, e o senhor agora quer me botar de um jeito, que uma criação que levo foi diferente da que o senhor quer me</i></p>	<p>9ª idéia: Relação com a mãe é maravilhosa e com o pai é horrível.</p> <p>10ª idéia: Pai biológico não criou e é foi morar com ela já grande.</p> <p>11ª idéia: Debate com o pai porque ele é do tipo antigo e agora quer lhe dar uma criação diferente já adulta.</p>

<p><i>dar agora, agora eu já tô grande, já sou adulta e ele não aceita. Ele acha que tudo que ele falar por mais que ele esteja errado, porque pai e mãe é pai e mãe, mas pai e mãe erra, e ele não aceita isso, e eu quero que ele enxergue isso, e ele não aceita, é por isso que a gente debate muito; [...] aí também por isso eu fico mais lá (casa do companheiro) do que cá (casa dos pais), porque eu não quero que isso seja motivo para ele ir embora; porque ele morava com a mulher, só que a mulher não queria que eu e minha irmã fosse lá, mas eu não podia ir lá, meus irmãos podia ir lá. Ele chegou a pedir a mim pra não ir na casa dele, e eu não quero que isso aconteça[...]</i></p> <p>E17: <i>[...] Sou filha única, eu tenho meu pai, mas não moro com ele, a gente não se fala, porque tá na justiça né querendo a minha guarda, ele e minha tia. É que meu pai é o tipo da pessoa que não quer ficar comigo, ele quer ficar com aquilo que eu herdei. Então eu não quero ficar com ele, não quero morar com ele também não [...] não sei se foi por minha madrasta ou se foi comigo mesmo, começaram a me destratar, e ficaram tipo, viajar e não ligar pra mim, a gente discutiu, e eu disse a ele que era apenas pra me desconsiderar como filha, até hoje eu não falo com ele, não procuro, graças a Deus não preciso dele pra nada[...]</i></p>	<p>12^a idéia: Evita ficar na casa dos pais para não discutir e dar motivo para o pai ir embora.</p> <p>1^a idéia: É filha única, tem pai, mas não se fala porque ela está brigando pela guarda na justiça com uma tia.</p> <p>2^a idéia: Pai não quer ficar com ela, mas com aquilo que herdou.</p> <p>3^a idéia: Pai a destratava, não sabe se foi pela madrasta ou por algo particular.</p> <p>4^a idéia: Discutiram e pediu para ele desconsiderá-la como filha.</p> <p>5^a idéia: Não procura o pai e não precisa dele pra nada.</p>
---	---

QUADRO 4.C- Idéia central síntese: O pai do filho ajudou muito, quando médico perguntou sobre o aborto não falou que eram dois para não complicar o pai da criança.

DSC	
<p><i>O pai de meu filho quando eu vim embora, me ajudou muito. E o meu (aborto) foram dois fetos, e eu não falei pro médico, ele não me perguntou por que eu ia dizer? Porque eu tomei porque eu quis, se falar uma coisa dessa chama o pai da criança, quer saber por que fez, porque não fez, chama o pai da criança, dá até cadeia. Eu não vim no dia que tomei porque iam me fazer muita pergunta e eu não ia complicar a vida dele com vinte e três anos, ele trabalha coitado, se fosse outro, saía de baixo, ele foi bom.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: [...] <i>O pai de meu filho quando eu vim embora, me ajudou muito. E o meu (aborto) foram dois fetos, e eu não falei pro médico, ele não me perguntou por que eu ia dizer? Porque eu tomei porque eu quis, se falar uma coisa dessa chama o pai da criança, quer saber por que fez, porque não fez, chama o pai da criança, dá até cadeia. Eu não vim no dia que tomei porque iam me fazer muita pergunta, eu não ia complicar a vida dele com vinte e três anos, ele trabalho coitado, se fosse outro saia de baixo, ele foi bom [...]</i></p>	<p>17ª idéia: O pai do filho ajudou muito quando ele veio embora.</p> <p>18ª idéia: Abortou dois fetos e não falou que eram dois para o médico, porque este faz perguntas e chama o pai da criança.</p>

QUADRO 4.D - Idéia central síntese: Não tem pai, nem mãe, os irmãos são desunidos, a única parente próxima é uma tia.

DSC

Normal, eu não moro dentro de casa, não tem problema nenhum. Meu pai faleceu, eu não conheço não. Desde que eu nasci que eu não conheço meu pai não. Num é uma família assim unida (volta a chorar) cada um vive sua vida. Minha mãe era muito boa (permanece chorando) se eu ainda tivesse minha mãe, não passava metade dessas coisas. Ninguém sabe pra onde eu fui. Sabe que eu vim pra um hospital, mas não sabe pra onde eu fui. Meus irmãos são muito desunidos, um não liga para outro não. E aí eu só tenho mesmo, Deus, meus filhos, e às vezes ele né, meu esposo. Meu pai não conheci e eu fui registrada por um rapaz que gostava de minha mãe. Minha mãe faleceu de derrame cerebral tem oito meses, minha vida é um pouco complicada. Agora as únicas pessoas próxima a mim é minha tia, só ela que fala comigo, me apóia em tudo. É a única parente que eu tenho que me apóia em tudo é minha tia. A minha irmã mais nova foi adotada, são sete irmãos, ao total são sete e a mais nova não mora lá, porque ele é muito rebelde; ela tá morando com a mãe biológica, aí ela saiu da casa da mãe biológica, tá morando com minha prima; ela não pode morar lá onde a gente mora, porque ela tava se envolvendo com gente que não poderia se envolver. E a gente já saiu de várias casas por causa de meu outro irmão porque ele fazia dizem que avião, ele era novo tinha dezoito anos na época que ele morreu. Avião é você ficar levando e trazendo as coisas dos outros, eu acho que é isso, eu não sei direito, é droga você leva e trás o recado pros outros; e a gente já tinha mudado várias vezes, minha mãe botou ele num centro de recuperação, não foi uma nem duas vezes, botou ele várias vezes num centro de recuperação, gastou dinheiro que não tinha. Ele pegava dinheiro da conta de minha mãe, não sei como ele conseguia pegar o cartão, ele pegava dinheiro da conta de minha mãe. Ele faleceu, foi um tiro, a gente até hoje não sabe quem foi, mas disse que foram as próprias pessoas que andavam com ele. Tem minha irmã mais velha, aí depois dela vem um irmão, ela mora na casa do marido e lá; aí vem um irmão, esse irmão não mora lá não, aí vem meu outro irmão, mais uma irmã, vem meu outro irmão, aí vinha ele e vinha eu, aí vinha minha irmã mais nova, como ele faleceu são quatro mulheres e dois homens agora. Quem terminou de me criar foi a mãe de meu pai, e meu pai e minhas tias, que minha mãe não tinha condições de me criar. Aqui é bem melhor do que em casa, pelo menos assim você não tem o preconceito, porque o pessoal fica falando, pelo menos vem gente diferente conversa e eu não sou muito de falar não, eu sou tímida, mas não sei, só hoje mesmo pra desabafar o que tá preso sabe. Se ele (companheiro) terminar, terminou, não posso fazer nada, bola pra frente, porque tem gente: ah vou me matar. Pra mim acabou, mais precaução, prevenir mais.

EXPRESSÕES CHAVE

IDÉIAS CENTRAIS

<p>E2: [...] <i>Normal, eu não moro dentro de casa, não tem problema nenhum. Meu pai faleceu [...] Aqui é bem melhor do que em casa, pelo menos assim você não tem o preconceito, porque o pessoal fica falando [...] Eu também acho que a primeira vez é a primeira vez e acabou, mas ela não entende. E aqui não, pelo menos vem gente diferente conversa e eu não sou muito de falar não, eu sou tímida, mas não sei, só hoje mesmo pra desabafar o que tá preso sabe. Se ele (namorado) terminar, terminou, não posso fazer nada, bola pra frente, porque tem gente: ah vou me matar. Pra mim acabou, mais precaução, prevenir mais.</i></p>	<p>8ª idéia: Com os irmãos a relação é normal e o pai faleceu.</p> <p>10ª idéia: No hospital é melhor porque não tem preconceito, vem gente diferente e conversa.</p> <p>11ª idéia: É tímida, mas só hoje mesmo pra desabafar o que tá preso.</p> <p>14ª idéia: Se o namorado terminar, terminou, agora quer mais precaução.</p>
<p>E6: [...] <i>Meu pai eu não conheço não. Desde de ... desde que eu nasci que eu não conheço meu pai não. [...]</i></p>	<p>4ª idéia: Não conhece o pai desde que nasceu.</p>
<p>E7: <i>Cada um por si, num é... uma família assim unida (volta a chorar) cada um vive sua vida. Minha mãe era muito boa (permanece chorando)... se eu ainda tivesse minha mãe, não passava metade dessas coisas. Não tenho pai não. (permanece chorando) [...] Ninguém sabe pra onde eu fui. Sabe que eu vim pra um hospital, mas não sabe pra onde eu fui.</i></p>	<p>1ª idéia: Não tem uma família unida, cada um vive sua vida.</p> <p>2ª idéia: Não tem pai, nem mãe.</p> <p>3ª idéia: Ninguém sabe para qual hospital foi.</p>
<p>E8: [...] <i>Eu tenho mas ... meus irmãos são muito desunidos, um não liga para outro não. E aí eu só tenho mesmo, Deus meus filhos, e às vezes ele né, meu esposo[...]</i></p>	<p>1ª idéia: Irmãos muito desunidos, só tem Deus, os filhos e às vezes o esposo.</p>
<p>E9: <i>Meu pai não conheci. Eu fui registrada por um rapaz que gostava de minha mãe. Minha mãe faleceu de derrame cerebral tem oito meses, minha vida é um pouco complicada. Eu tenho uma irmã de quinze anos que mora com minha vó [...] Agora as únicas pessoas próxima a mim é minha tia, só ela que fala comigo, me apóia em tudo. É a única parente que eu tenho que me apóia em tudo é minha tia[...]</i></p>	<p>1ª idéia: Não conheceu o pai, foi registrada pelo namorado da mãe.</p> <p>2ª idéia: Mãe faleceu há oito meses de derrame cerebral e irmã de quinze anos mora com a avó.</p> <p>4ª idéia: A única parente próxima que apóia é uma tia.</p>

E12: [...] *A mais nova foi adotada, são sete, ao total são sete [...] e a mais nova não mora lá, porque ele é muito rebelde, ela tá morando com a mãe biológica, aí ela saiu da casa da mãe biológica, tá morando em são marcos com minha prima, e ela não pode morar lá onde a gente mora, porque ela tava se envolvendo com gente que não poderia se envolver. E a gente já saiu de várias casas por causa de meu outro irmão, e parou lá, e aí para ficar saindo mudando mudando, mudando... Meu irmão tava, ele fazia dize que avião, ele era novo tinha 18 anos na época que ele morreu, avião (intercâmbio) é você ficar levando e trazendo as coisas dos outros, eu acho que é isso, eu não sei direito, é droga você leva e trás o recado pros outros, e a gente já tinha mudado várias vezes, minha mãe botou ele num centro de recuperação, não foi uma nem duas vezes, botou ele várias vezes num centro de recuperação, gastou dinheiro que não tinha. Ele pegava dinheiro da conta de minha mãe, não sei como ele conseguia pegar o cartão, ele pegava dinheiro da conta de minha mãe, ele faleceu, foi o que morreu, um tiro, a gente até hoje não sabe quem foi, mas disse que foram as próprias pessoas que andavam com ele. Tem minha irmã mais velha, aí depois dela vem um irmão, ela mora na casa do marido e lá, aí vem um irmão, esse irmão não mora lá não, aí vem meu outro irmão, mais uma irmã, vem meu outro irmão, aí vinha ele e vinha eu, aí vinha minha irmã mais nova, como ele faleceu e aí eu e minha irmã são quatro mulheres e dois homens agora.*

E13: [...] *porque meu pai e minha mãe são separados quem terminou de me criar foi a mãe de meu pai, e meu pai e minhas tias, que minha mãe não tinha condições de me criar; [...]*

14ª idéia: A irmã mais nova não mora em casa porque é rebelde e estava envolvida com pessoas erradas.

15ª idéia: O irmão de 18 anos fazia avião (intercâmbio) com drogas e por isso precisaram mudar de casa várias vezes.

16ª idéia: O irmão drogado foi internado várias vezes em centro de recuperação e foi morto pelas próprias pessoas que andavam com ele.

17ª idéia: Possui outros irmãos sendo que uma irmã também mora com um companheiro e às vezes na casa dos pais como ela.

5ª idéia: Pai e mãe separados; foi criada pela avó e tias, mãe não tinha condições de criar.

QUADRO 4.E - Idéia central síntese: O relacionamento familiar é bom, ama os parentes porque o marido não vale nada.

DSC	
<p><i>Pra mainha tá difícil, por ser mãe, por ser evangélica e tudo, ela não concordou. Mas ela não sabia, eu tomei (medicação abortiva) escondido em casa. Eu sei que eu fiz uma coisa perigosa, por que escondido se eu tivesse uma reação, não ia ter ninguém pra me ajudar, que eu moro sozinha. Aí eu contei com ela, mas ela me deu apoio, porque mãe é mãe, né? Apesar disso, minha mãe é mais liberal, ela é mais decente, ela falou: - ô porque você não me falou minha filha, não sei o quê. Maravilhosa, me apóia em tudo o que eu faço, ela diz se você tá achando que tá certo, você vá e faça. Ela não fala nem que tá certo, nem que tá errado, que a decisão é minha. Tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova, caçula. Não tenho do que reclamar não, a gente é amiga, meu irmão também. Meu pai é maravilhoso, ele voltou a morar lá, mas não tá lá com minha mãe não. Aí foi bom pra gente, porque lá a gente tá cuidando dele, tá cuidando da saúde dele, ele tá até melhor; porque quando ele morava com a mulher dele, ele passava mal direto, teve convulsão, já teve derrame, então a gente tem que ter o máximo de cuidado, ele também tem pressão alta, minha mãe tá até com o mesmo problema de pressão que ele. Somos unidos, com minha família é maravilhoso, meus pais são tão queridos, meus irmãos. Eu vim de lá em junho, meu marido saiu de férias a gente foi pra lá, a gente passou um mês. No momento nunca mais eu... a gente só se comunica pelo telefone. Mas eu gosto, eu amo meus parentes demais, é a esperança, é tudo que eu tenho, eles e meus filhos, porque o resto, marido não vale nada!</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: <i>Pra mainha tá difícil, por que, por ser mãe, por ser evangélica e tudo, ela não concordou. Mas ela não sabia, eu tomei (medicação abortiva) escondido em casa. Eu sei que eu fiz uma coisa perigosa, por que escondido se eu tivesse uma reação, não ia ter ninguém pra me ajudar, que eu moro sozinha. Aí eu contei com ela, mas ela me deu apoio, porque mãe é mãe, né? Ela tá me dando apoio.</i></p> <p>E5: <i>[...] já minha mãe é mais liberal, ela é mais decente, ela sabe... Ela falou: ô porque você não me falou minha filha, não sei o quê[...]</i></p>	<p>1ª idéia: Pra mãe dela está difícil por ser mãe e evangélica.</p> <p>2ª idéia: Tomou medicação abortiva escondido em casa.</p> <p>3ª idéia: Sabe que fez uma coisa perigosa porque se tivesse reação sozinha não teria ninguém para ajudá-la.</p> <p>4ª idéia: Contou pra mãe e teve apoio.</p> <p>4ª idéia: Mãe é mais liberal, mais decente.</p>

<p>E11: <i>Maravilhosa, me apóia em tudo o que eu faço [...] Agora minha mãe não, minha mãe me apóia em tudo; ela diz se você ta achando que tá certo, você vá e faça. Ela não fala nem que tá certo, nem que tá errado, que a decisão é minha. É boa, meu pai é maravilhoso. Tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova, caçula. Não tenho do que reclamar não, a gente é amiga, meu irmão também não tenho do que reclamar. Não tenho do que reclamar não.</i></p> <p>E12: <i>[...] Não ele voltou a morar lá, não, não ta lá com minha mãe não... Aí foi bom pra gente, porque lá a gente tá cuidando dele, tá cuidando da saúde dele, ele tá até melhor; porque quando ele morava com a mulher dele, ele passava mal direto, ele teve convulsão, ele já teve derrame, então a gente tem que ter o máximo de cuidado, ele também tem pressão alta, minha mãe tá até com o mesmo problema de pressão que ele [...]</i></p> <p>E14: <i>Ótimo. Tenho, um irmão, irmãs, o relacionamento é bom. Só mãe. É. Meu pai faleceu. Tem, tem anos.</i></p> <p>E15: <i>Como assim? Tenho pai, mãe, somos unidos, somos.</i></p> <p>E16: <i>É de Jacobina. Com minha família é maravilhoso, meus pais são tão queridos, meus irmãos. Eu vim de lá em junho, meu marido saiu de férias a gente foi pra lá, a gente passou um mês. No momento nunca mais eu... a gente só se comunica pelo telefone. Mas eu gosto, eu amo meus parentes demais, é a esperança, é tudo que eu tenho, eles e meus filhos, porque o resto, marido não vale nada!</i></p>	<p>1ª idéia: Relação com a família é maravilhosa.</p> <p>3ª idéia: Mãe apóia em tudo.</p> <p>4ª idéia: Tem irmão mais velho e uma irmã mais nova caçula, não tem o que reclamar deles são amigos.</p> <p>13ª idéia: Foi bom o pai ter voltado pra casa porque está cuidando da saúde.</p> <p>1ª idéia: Relacionamento familiar bom, só tem mãe, irmão e irmãs, pai falecido.</p> <p>1ª idéia: Tem pai, mãe, são unidos.</p> <p>1ª idéia: Família maravilhosa, pais tão queridos.</p> <p>2ª idéia: Só se comunica com familiares por telefone.</p> <p>3ª idéia: Ama os parentes demais, é tudo o que tem: eles e os filhos porque o marido não vale nada.</p>
---	--

QUADRO 4.F- Idéia central síntese: A cabeça fica perturbada com a gravidez porque não curtiu a vida de casado; se sente aliviada após aborto, mas tem vergonha de encarar a família.

DSC	
<p><i>A cabeça fica perturbada demais, fica pensando mil coisa, a gente nem casou ainda, nem curtiu a vida de casado, pra filho entrar agora e tal. A gente nem construiu nossa casa direito, nem nada sabe, aí a gente fica perturbada. Agora (após aborto) eu me sinto bem melhor, agora eu me sinto mais aliviada, porque eu tava assim num sufoco, com medo, nervosa agora graças a Deus já passou tudo. Agora é a vergonha, muita vergonha de encarar minha família, muita mesmo. Eu não tenho cara pra chegar em casa, não tenho, a vergonha é tão grande! Mas vou ter que ir não tem jeito mesmo, não tem pra onde correr né.</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E5: [...] <i>Menina, foi um, você fica de cabeça perturbada (com a gravidez), a cabeça fica perturbada demais, a cabeça fica perturbada, fica pensando mil coisa, a gente nem casou ainda, nem curtiu a vida de casado, pra filho entrar agora e tal, a gente nem construiu nossa casa direito, nem nada sabe, pra, aí... a gente fica perturbada. Agora (após aborto) eu me sinto bem melhor, agora eu me sinto mais aliviada, bem melhor eu tava assim num sufoco com medo nervosa agora graças a Deus já passou tudo, o pior já passou graças a Deus [...]</i> A vergonha, muita vergonha de encarar minha família agora, muita mesmo, muita. Eu não tenho cara pra chegar em casa, não tenho a vergonha é tão grande que eu não tenho cara pra chegar em casa, para encarar, não tenho mesmo, hum mais vou ter que ir não tem jeito mesmo, não tem pra onde correr né, tenho que ir mesmo. Fazer o quê.</p>	<p>5ª idéia: A cabeça fica perturbada com a gravidez porque não casou ainda e nem curtiu vida de casado.</p> <p>6ª idéia: Após o aborto se sente mais aliviada.</p> <p>7ª idéia: Tem muita vergonha de encarar a família.</p>

QUADRO 4.G - Idéia central síntese: Avó parou de falar com ela após briga em relacionamento homossexual e mãe da companheira não aceita a relação.

DSC	
<p><i>É, minha vó, no começo do meu relacionamento com ela (a companheira), falava comigo, depois parou de falar. Só que a gente começou a brigar muito e se agredir (ela e a companheira), aí minha avó hoje em dia não fala comigo. Sabe, eu não gosto da mãe dela e nem a mãe dela gosta de mim, eu não suporto a mãe dela. Isso, porque a mãe dela não sabia que a gente era entendida (homossexual), quem falou foi minha mãe. Então a mãe dela não aceita ela comigo, pode ser com outra mulher, mas comigo não! Até mulher dentro de casa a mãe dela já botou pra ela. Ela tem uma irmã, tem mãe dela, o pai dela mora longe de lá, tem avô, mas a gente não tem confusão não, não tem atrito não, porque ela (sogra) vive na casa dela e eu na minha;</i></p>	
EXPRESSÕES CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E9: [...] <i>É, minha vó, no começo do meu relacionamento com ela (a companheira), falava comigo, depois parou de falar. Só que a gente começou a brigar muito e se agredir (ela e a companheira), aí minha vó parou, minha vó hoje em dia não fala comigo. [...] Eu não gosto da mãe dela e nem a mãe dela gosta de mim, eu não suporto a mãe dela. [...] A mãe dela não aceita, porque a mãe dela não sabia que a gente era entendida (homossexual), quem falou foi minha mãe. Então a mãe dela não aceita. Ela comigo, pode ser com outra mulher, mas comigo não até mulher dentro de casa a mãe dela já botou pra ela, mas ela não aceita. Aí eu não gosto da mãe dela. [...] Ela tem uma irmã, tem mãe dela, o pai dela mora longe de lá, tem avô, mas a gente não tem confusão não, não tem atrito não, porque ela vive na casa dela e eu na minha [...]</i></p>	<p>3ª idéia: Avó parou de falar com ela quando seu relacionamento homossexual começou a ter agressão.</p> <p>5ª idéia: Mãe da companheira não aceita a relação.</p>

QUADRO 4.H - Idéia central síntese: A relação com sogro e sogra é boa, mas o cunhado quer separá-la do irmão, bateu, xingou colocou pra fora de casa.

DSC

É ótima com a mãe e o pai dele e a irmã dele é boa, agora só que com o irmão dele que não é. Porque o irmão dele tem ciúme de mim, porque as namoradas dele nunca teve a liberdade, que a do meu marido, e ele nunca levou mulher dele pra ficar lá morando. Entendeu? E pelo fato dele ser mais velho que o meu marido. A gente discutiu essa semana, ele veio em cima de mim, a gente começou a discutir por causa disso, entendeu? Eu tava vindo pro médico direto, aí cheguei em casa, ele falou que não tinha comida pronta, que não sei o quê. Ele não mora lá, ele fica lá encostado tem a casa dele e ficou dizendo que não tinha comida pronta, que não sei o quê. Me dizendo um bocado de liberdade, aí eu comecei dizer a ele também, aí ele pegou e não gostou. Me xingou, veio em cima de mim, eu fui em cima dele. E ele (cunhado) não é gente boa, ele é gente errada, por isso que os pais dele nunca aceitou mulher dele lá. Gente errada porque ele é envolvido com todo tipo de coisa, é com droga, ele usa muita droga, muita droga mesmo. Ele foi até lá ontem drogado, procurar confusão. Mas eu não disse nada, fiquei lá no quarto. Ele (cunhado) fica me acusando dizendo que eu traí, ele fica tentando separar eu e ele (marido). Ele me disse tanta coisa e eu não cheguei pra o meu marido e não disse nada. Ele chegou pra o meu marido e disse um bocado de mentira, e ele me perguntou e eu não quis dizer, porque o pai dele e a mãe dele pediu pra eu não dizer, pra ele não brigar. Porque ele vem pra cima de mim pra me bater, ele me xingou, ele me botou pra fora, ele me humilhou entendeu? Ele já é de maior, ele tem trinta e um anos, já tem a casa dele, só que ele fica lá o tempo todo. E eu que limpo casa, a irmã dele mais nova não faz nada, nessa fase da adolescência. Eu e a mãe dele é quem faz tudo. Faço, eu lavo a roupa dele, do meu marido, cozinho mas a da irmã dele e a do irmão dele eu não lavo não porque eles podem fazer, não fazem é porque não quer. Só ajudo a minha sogra, ela eu ajudo.

EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E12: <i>É ótima com a mãe e o pai dele e a irmã dele é boa, agora só que com o irmão dele que não é. Porque o irmão dele tem ciúme de mim, não, porque as namoradas dele nunca teve a liberdade, que a do meu marido, que ele tem comigo, e ele nunca levou mulher dele pra ficar lá morando. Entendeu? E pelo fato dele ser mais velho que o meu marido. A gente discutiu essa semana, ele veio em cima de mim, a gente começou a discutir por causa disso, entendeu? [...] Aí eu tava vindo pro médico direto, aí cheguei em casa, ele falou que não tinha comida pronta, que não sei o quê.</i></p>	<p>1ª idéia: A relação com a sogra, sogro e cunhada é boa, mas com o cunhado não porque ele tem ciúme.</p> <p>2ª idéia: Cunhado não aceita ser mais velho e nunca ter levado mulher para ficar morando em casa.</p> <p>3ª idéia: Não sabia que estava grávida, foi pro médico e o cunhado falou que não tinha comida pronta quando ela voltou.</p> <p>4ª idéia: Discutiu com o cunhado, ele xingou e foi em cima dela.</p>

<p><i>Ele não mora lá, ele fica lá encostado, ele mora longe, tem a casa dele, aí ficou dizendo que não tinha comida pronta, que não sei quê. Me dizendo um bocado de liberdade, aí eu comecei dizer a ele, ele dizendo a mim e eu dizendo a ele, aí ele pegou e não gostou. Me xingou, veio em cima de mim, eu fui em cima dele. E ele (cunhado) não gente boa, ele é gente errada, por isso que os pais dele nunca aceitou mulher dele lá. Gente errada porque ele é envolvido com todo tipo de coisa, é com droga, ele usa muita droga, muita droga mesmo. Ele foi até lá ontem drogado, procurar confusão. Mas eu não disse nada, fiquei lá no quarto. Ele fica me acusando dizendo que eu traí, ele fica tentando separar eu e ele, fica tentando. Ele me disse tanta coisa e eu não cheguei pra o meu marido e não disse nada. Ele chegou pra o meu marido e disse um bocado de mentira, e ele me perguntou e eu não quis dizer, porque o pai dele e a mãe dele pediu pra eu não dizer, pra ele não brigar. Porque ele vem pra cima de mim pra me bater, ele me xingou, ele me botou pra fora, ele me humilhou entendeu? E ele não mora lá, ele já tem a casa dele independente. Ele já é de maior, ele tem trinta e um anos, já tem a casa dele, só que ele fica lá o tempo todo. Faço, eu limpo casa, a irmã dele mais nova não faz nada, nessa fase da adolescência. [...] Eu e a mãe dele é quem faz tudo. Faço, eu lavo a roupa dele, do meu marido, cozinheiro, quando... a da irmã dele e a do irmão dele eu não lavo não porque eles podem fazer, não fazem é porque não quer. Só ajudo a minha sogra, ela eu ajudo [...]</i></p>	<p>5ª idéia: Cunhado envolvido com drogas e procura confusão.</p> <p>6ª idéia: Cunhado a acusa de traição e tenta separá-la do irmão.</p> <p>7ª idéia: O sogro e a sogra pediu para não contar ao marido que o irmão foi pra cima dela para bater, xingar, botar pra fora de casa e humilhar.</p> <p>8ª idéia: Limpa a casa, lava a roupa do marido, cozinha e ajuda a sogra.</p>
---	---

Questão 5: Fale um pouco como você fez para abortar, o que utilizou.

QUADRO 5.A - Idéia central síntese: Marido não queria comprar abortivo, mas ela forçou e ele comprou.

DSC	
<p><i>Meu marido, no primeiro momento, ele não queria não. Falei com ele quinze dias atrás, ele nem queria me dar o remédio, aí eu forcei, e ele comprou. Da primeira vez não deu certo, aí na segunda deu certo. Quarta - feira ele me deu (a medicação abortiva), eu botei, fiquei na casa dele e na quinta fui na casa da minha mãe, peguei os meninos e fui levar na escola; quando voltei para a casa dele de novo, senti dor, comecei a sangrar e expulsei... e eram dois. Dormi na quinta lá.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: <i>Falei com ele quinze dias atrás, ele (companheiro) nem queria me dar o remédio, aí eu forcei, e ele comprou. Aí na quarta feira ele me deu (a medicação abortiva), eu botei e fiquei na casa dele e na quinta fui na casa da minha mãe, peguei os meninos e fui levar na escola, quando voltei para a casa dele de novo, senti dor, comecei a sangrar e expulsei... e eram dois. Dormi na quinta lá.</i></p> <p>E16: [...] <i>Aí meu marido... no primeiro momento ele não queria não. Aí ele comprou, da primeira vez não deu certo, aí na segunda deu certo[...]</i></p>	<p>1ª idéia: Companheiro não queria comprar o remédio, ela forçou e ele comprou.</p> <p>2ª idéia: Colocou o remédio abortivo e expulsou dois fetos na casa do companheiro.</p> <p>3ª idéia: Marido no primeiro momento não queria, mas comprou abortivo.</p>

QUADRO 5.B - Idéia central síntese: Não decidiu, foi obrigada; mãe compra abortivo e obriga a filha a tomar.

DSC	
<p><i>Eu não decidi, eu fui obrigada. Na sexta quando cheguei em casa, minha mãe veio em cima de mim igual a onça, me empurrou, eu caí, na hora que eu fui levantando e consegui me apoiar, ela me empurrou de novo, eu bati a bunda na quina ficou roxa e me xingou. E olha que ela nem sabia (da gravidez). Quando soube, ela disse pra minha tia: não adianta! Botar pra fora eu não vou, mas eu vou comprar o remédio (abortivo) e ela vai ter que tomar. Aí ela comprou quatro remédios de verme e dois Cytotec. Eu fui tomar o remédio de verme, fingia que tomava e jogava fora, porque eu não queria tomar, eu queria ter. Aí eu tava dormindo de madrugada na quinta-feira, quatro e meia, ela pegou, arrumou o Cytotec e aí botou, eu só vim sentir quando acordei. Eu dormi quando acordei oito horas já tava sangrando muito então eu chamei minha tia, tava desesperada, tava em casa só, aí ela pegou e falou: sua mãe botou o remédio. Ela não quer conta comigo, e até hoje não fala comigo.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: [...] <i>Na sexta quando cheguei em casa minha mãe veio em cima de mim igual a onça, me empurrou, eu caí, na hora que eu fui levantando e aí eu consegui me apoiar, ela me empurrou de novo e eu bati a bunda na quina ficou roxa e me xingou. E olha que ela nem sabia.</i></p> <p>E2: <i>Eu não decidi, eu fui obrigada [...] Aí ela disse pra minha tia: ô Graça, não adianta, botar pra fora eu não vou, mas eu vou comprar o remédio e ela vai ter que tomar. Aí ela comprou quatro remédios de verme e dois Cytotec. Ai eu fui tomar o remédio de verme e eu fingia que tomava e jogava fora, porque eu não queria tomar. Eu queria ter, aí eu tava dormindo de madrugada na quinta feira quatro e meia ela pegou arrumou o Cytotec e ai botou, eu só vim sentir quando acordei. Eu dormi quando acordei oito horas já tava sangrando muito, já tava saindo aquelas bolhas de sangue, ai eu chamei minha tia, tava desesperada, tava em casa só, desesperada, aí ela pegou e falou: sua mãe botou o remédio. Ai eu peguei e disse: pô. Ela não quer conta comigo, e ate hoje não fala comigo[...]</i></p>	<p>3ª idéia: Quando voltou pra casa mãe a agrediu, empurrou e xingou e nem sabia do aborto.</p> <p>1ª idéia: Não decidiu abortar foi obrigada.</p> <p>2ª idéia: Mãe colocou o Cytotec na filha enquanto esta dormia.</p>

QUADRO 5.C - Idéia central síntese: Desconfiou tomou chás, comprou Cytotec, tomou e aplicou via vaginal; tomou injeção para dilatar útero, usou sonda, foi para o hospital após hemorragia.

DSC

Eu tava desconfiando, eu comecei com enjoô demais e muita gastura no estômago, quanto mais comia mais dava vontade de comer, tontura, náusea, tudo isso, e eu não agüentei, fui fazer exame de sangue deu positivo; minha menstruação atrasou, eu não tava nem com dois meses quando eu tomei o chá, são várias misturas. Comprei e fiz em casa, as meninas me ensinaram, e o pessoal que vende folha em barraca, me ensinou a fazer também chá de espinho cheiroso, tapete de oxalá, hortelã grosso, cravo, garrafada que é a mistura de trintatipo de erva, boldo, sena, laxante, disseram que era muito bom, tomei, aí tomei só que nada desceu, o menino era forte viu, não queria descer não; tomei o regulador xavier primeiro, aí não adiantou eu tomei chá, também não adiantou. Então comprei Cytotec, na mão da minha colega que veio da Itália, quatro: tomei dois e apliquei dois. Ela disse: ah nega tem um remédio pra você tomar, que disse que é bom, que desce logo, ainda mais o seu que não tem nem meses, só tinha duas semanas e quatro dias. Aí eu peguei com minha amiga e tomei, senti uma dor muito forte, fiquei na cama deitada o dia todo sem comer nada que eu não consegui; na segunda vez eu já tomei a injeção, e aí depois de seis horas de relógio, comecei a perder sangue, sentir fortes dores de cadeiras, contrações uma em cima da outra, e depois comecei a sangrar e perder. Porque eu cheguei assim na farmácia e perguntei pro farmacêutico se ele teria alguma injeção pra dilatar útero, que eu tinha tomado dois Cytotec e não tinha resolvido, o útero tava demorando de dilatar. Não sei o nome, que ele não me disse. Aí tomei a injeção e dois comprimidos, não adiantou, fiquei só com princípio de aborto, eu vim até aqui mesmo (maternidade), aí a médica me examinou passou a ultra-som, fiz a ultrassom. Aí eu botei sonda. Na verdade eu nem sei como é que ela faz, eu sei que ela mandou eu deitar, arreganhei as pernas, e ela botou não sei, tipo um bico de pato pra abrir a vagina, eu vi ela botando um produto lá que ardeu tudo por dentro, aí eu comecei a sentir dor. Ela (mulher que bota sonda) diz que já trabalhou em hospital, que eu nunca vi não. Todo mundo só procura ela lá no bairro, ela é bem falada. Ela bota a sonda e manda a pessoa ir pra casa. Ela falou que quando a sonda descesse o feto descia junto, que a sonda puxa. Fica dentro da vagina. Aí resultado, a sonda desceu e o feto não desceu, ficou dentro. Aí eu comecei a sentir dor, sentir dor e sangrar. É 24 horas que ela dá. Comecei a sangrar na mesma hora que ela botou, eu perdi muito sangue, parecia que eu tava tendo uma hemorragia. Já tem quinze dias. Pra mim tinha já havia eliminado, perdido tudo, oxe, fui trabalhar, fui pra festa, bebi, fiz tudo. Depois, ainda fiquei com aquele enjoô, aquele negocinho, aí fiquei na dúvida, de que, será que, desceu ou não desceu, desceu ou não desceu, será que to grávida ainda? Depois eu pedi dinheiro emprestado, de novo, pra poder fazer a transvaginal, aí constatou que o feto tava morto, na barriga, não tinha saído e tal, lógico fiquei apavorada! Esperei clarear o dia um pouco, quando deu cinco horas, eu peguei corri, peguei um táxi, porque minha menstruação voltou e deu tipo uma hemorragia. Aí eu procurei a maternidade.

EXPRESSÕES - CHAVE

IDEIAS CENTRAIS

E3: [...] fui, comprei, Cytotecs, tomei. Quatro: tomei dois e apliquei dois. Já tem quinze dias. Pra mim tinha já havia eliminado, perdido tudo, oxe, fui trabalhar, fui pra festa, bebi, fiz tudo. Depois, ainda fiquei com aquele enjôo, aquele negocinho, aí fiquei na dúvida, de que, será que, desceu ou não desceu, desceu ou não desceu, será que to grávida ainda? Aí eu pedi dinheiro emprestado, de novo, pra poder fazer a transvaginal, aí constatou que o feto tava morto, na barriga, não tinha saído e tal, lógico fiquei apavorada! Aí fui na maternidade, lá disse que não podia fazer. Aí mainha me trouxe pra aqui pra Salvador.

E4: Cytotec: dois botei dois. Lá, eu senti uma dor muito forte, foi, antes de ontem. Aí eu senti uma dor muito forte, eu fiquei na cama deitada o dia todo sem comer nada que eu não consegui [...]

E5: Pronto, bem logo quando eu tava desconfiando (da gravidez), que minha menstruação atrasou, aí eu peguei e tomei o remédio (abortivo) [...] Eu não sei o nome do remédio não porque não foi eu mesma que comprei, me indicaram. Ói, eu falei com minha colega, aí ela ah nega tem um remédio (risos) Adriana, tem um remédio pra você tomar, que disse que é bom, que desce logo, ainda mais o seu que não tem nem meses, só tinha duas semanas e quatro dias, aí ela pegou deu o remédio, mas só que eu não tenho prática de como é esse remédio direito, né, foi ela me deu, foi. Aí eu peguei e tomei, aí um dia desceu um pouquinho, noutro dia desceu todo, foi em casa. Aí desceu tudo, aí tava jorrando demais, aí eu peguei tive que vim pro hospital. Quando eu cheguei aqui estancou o sangue, aí estancou mais. Eu tomei e botei, botei dois (via vaginal) e tomei um só.

3ª idéia: Tomou dois Cytotec e aplicou dois.

4ª idéia: Pensou que já tinha eliminado tudo foi trabalhar, foi pra festa, bebeu, fez tudo.

5ª idéia: Ficou na dúvida pediu dinheiro emprestado de novo e fez ultrassom transvaginal constatando feto morto.

6ª idéia: Ficou apavorada, foi pra maternidade local e não podia fazer, então a mãe trouxe pra Salvador.

1ª idéia: Botou dois Cytotec e sentiu dor forte.

2ª idéia: Ficou deitada o dia todo, não conseguiu comer.

1ª idéia: Tomou o remédio abortivo porque tava desconfiando quando a menstruação atrasou.

4ª idéia: Não sabe o nome do remédio por foi uma amiga que lhe deu. Botou dois (via vaginal) e tomou um.

<p>E6: <i>É citotec que fala né? Foi tomei esse. Não sei eu fui na casa dela (amiga), e pedi a ela, ela tinha. Eu pedi a ela e ela me deu. Eu tomei dois e botei quatro. Um bom tempo, eu não me lembro que hora foi que eu botei, entendeu?</i></p> <p>E7: <i>Eu comprei o remédio (abortivo), comprei dois, machuquei e apliquei (via vaginal). Fiquei, fiquei um bom tempo, mas decidida mesmo. Eu apliquei... na terça-feira, hoje é quarta né, foi ontem. Ontem dez horas da noite, quando deu três horas da manhã comecei a sentir dores, dores, dores, a menstruação só apontou e... nada saía. Aí foi quando eu, esperei clarear o dia um pouco, quando deu cinco horas, eu peguei corri, peguei um táxi, vim.</i></p> <p>E8: <i>Eu tomei uma injeção pra dilatar o útero e depois apliquei três citotec no útero. E aí depois de seis horas de relógio, comecei a perder sangue, sentir fortes dores de cadeiras, contrações uma em cima da outra, e depois comecei a sangrar e perder. [...] porque eu cheguei assim na farmácia e perguntei pro farmacêutico se ele teria alguma injeção pra dilatar útero, que eu tinha tomado dois citotec e não tinha resolvido, o útero tava demorando de dilatar. Aí tomei a injeção, dilatou o útero, eu consegui perder. Não sei o nome, que ele não me disse [...]</i></p> <p>E9: <i>Eu comprei este remédio (abortivo) na mão de uma colega. De uma menina, ela veio da Itália trouxe este remédio... Aí eu comprei quatro... Cytotec. Comprei o remédio, aí eu mesmo me apliquei (via vaginal), botei no aplicador e apliquei na segunda-feira, quando foi na terça de manhã estava sentindo dor. Aí perdi, não vim pro hospital. Fiquei em casa... sentindo dores horríveis, em casa, em casa, quando foi no sábado foi meu aniversário, eu caí da escada, a dor aumentou, quando foi no domingo não agüentei e vim pro hospital [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Tomou Cytotec; tomou dois e botou quatro.</p> <p>1ª idéia: Comprou o remédio abortivo, machucou dois e aplicou via vaginal.</p> <p>1ª idéia: Tomou injeção para dilatar o útero e depois aplicou três Cytotec.</p> <p>2ª idéia: Depois de seis horas começou a perder sangue, sentir contrações uma em cima da outra, sangrou e começou a perder.</p> <p>3ª idéia: Não sabe o nome da injeção para dilatar o útero porque o farmacêutico não disse.</p> <p>1ª idéia: Comprou remédio na mão de colega que veio da Itália.</p> <p>2ª idéia: Comprou quatro Cytotec e ela mesmo aplicou via vaginal.</p> <p>3ª idéia: Veio pro hospital depois de um tempo quando a dor aumentou após cair de escada.</p> <p>4ª idéia: Não veio logo ao hospital porque não tava sentindo nada.</p>
--	--

<p>E10: <i>Eu fui e comprei três citotecs, e eu coloquei dois e tomei um, só que aí eu não perdi a criança. Aí eu esperei uma semana, não senti nada, não deu resultado, aí eu fui lá mais seis Cytotec: botei quatro e tomei dois. Aí eu perdi o bebê, minha menstruação desceu durante um mês, aí suspendeu e não desceu mais. Aí pronto, eu continuei fazendo minha vida normal, aí depois de três semanas minha menstruação voltou e deu tipo uma hemorragia. Aí eu procurei a maternidade [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Foi e comprou três Cytotec; tomou um e colocou dois, mas não perdeu a criança.</p> <p>2ª idéia: Esperou uma semana, não deu resultado, aí foi e mais seis citotecs; botou quatro e tomou dois.</p> <p>3ª idéia: Perdeu o bebê, a menstruação desceu um mês e suspendeu.</p> <p>4ª idéia: Depois de três semanas menstruação voltou tipo hemorragia.</p>
<p>E11: <i>Eu botei sonda. [...] Na verdade eu nem sei como é que ela faz, eu sei que ela mandou eu deitar, arreganhei as pernas, e ela botou não sei, tipo um bico de pato pra abrir a vagina, eu vi ela botando um produto lá que ardeu tudo por dentro, aí eu comecei a sentir dor. Ela (mulher que bota sonda) já trabalhou em hospital, diz ela né, que eu nunca vi não. Segundo ela diz que já trabalhou em hospital. Todo mundo só procura ela lá no bairro, ela é bem falada. Fale sobre o que aconteceu depois que colocou a sonda. Ela bota a sonda e manda a pessoa ir pra casa. Ela falou que quando a sonda descesse o feto descia junto, que a sonda puxa. Fica dentro da vagina. Aí resultado, a sonda desceu e o feto não desceu, ficou dentro. Aí eu comecei a sentir dor, sentir dor e sangrar. Eu botei sexta e perdi no sábado, é vinte e quatro horas que ela dá. Comecei a sangrar na mesma hora que ela botou [...] eu perdi muito sangue, eu tive, eu tive, parecia que eu tava tendo uma hemorragia. Foi vim no sábado, fiquei até hoje.</i></p>	<p>1ª idéia: Botou sonda.</p> <p>5ª idéia: Não sabe como é que faz, porque ela mandou deitar, arreganhou as pernas, botou tipo um bico de pato para abrir a vagina, botou um produto lá dentro que ardeu e começou a sentir dor.</p> <p>6ª idéia: A mulher que bota sonda já trabalhou em hospital, todo mundo do bairro só procura ela.</p> <p>7ª idéia: Ela bota a sonda manda ir pra casa, quando o feto descer a sonda desce junto.</p> <p>8ª idéia: A sonda desceu, o feto não desceu, começou a sentir dor, sangrar e perdeu com vinte e quatro horas depois.</p> <p>9ª idéia: Perdeu muito sangue parecia hemorragia.</p>
<p>E12: <i>Eu fiquei sem comer o dia todo, fui comprar o remédio (abortivo) onde mandaram, as meninas falou onde era pra comprar, eu fui comprar, a primeira vez eu tomei e não desceu, tomei um e botei dois, não</i></p>	<p>1ª idéia: Ficou sem comer o dia todo, foi comprar remédio abortivo onde as amigas mandaram.</p>

<p><i>desceu... na segunda vez eu botei três e ainda tomei injeção e não desceu. Comprei na farmácia; eu não perguntei o nome da injeção não, aplica lá mesmo. [...] eu não tava nem com dois meses quando eu tomei o chá, são varias misturas. Comprei, comprei e fiz em casa, as meninas me ensinaram a fazer, ai eu tomei chá, tomei o regulador xavier primeiro, ai não adiantou eu tomei chá, também não adiantou, botei dois comprimidos e bebi um, não adiantou, aí eu fiz outro remédio, ai na segunda vez eu já tomei a injeção, e dois comprimidos, não adiantou, fiquei só com princípio de aborto, eu vim até aqui mesmo (maternidade), aí a médica me examinou passou a ultra-som, fiz a ultrassom, aí eu botei de novo. Foi eu botei três, botei três, não adiantou, aí quando foi dessa vez agora quando eu já tava sangrando, eu botei de novo... porque eu sai daqui e fui lá no... foi com remédio foi três vezes [...]</i></p>	<p>2ª idéia: Tomou um, botou dois não desceu.</p> <p>3ª idéia: Na segunda tentativa botou três, tomou injeção e não desceu.</p> <p>4ª idéia: Comprou injeção na farmácia, não perguntou o nome e aplica lá mesmo.</p> <p>6ª idéia: Não tava nem com dois meses tomou regulador Xavier, depois tomou chá de várias misturas que as meninas ensinaram e não adiantou.</p> <p>7ª idéia: Ficou com princípio de aborto, foi até a maternidade, a médica examinou e pediu ultrassom.</p> <p>8ª idéia: Com remédio foram três vezes que tentou abortar.</p>
<p>E13: <i>Eu tomei... primeiro, minha menstruação ficou sem vir, ai eu fui e comecei a tomar chá porque eu não sabia que tava grávida, aí eu comecei a tomar chá, chá, chá, muito chá, muito, muito chá, é tomei chá de espinho cheiroso, tapete de oxalá, hortelã grosso, cravo, garrafada que é a mistura de trinta tipo de erva, tomei, aí tomei só que nada desceu, ai o menino era forte viu, não queria descer não? [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Começou a tomar chá quando a menstruação ficou sem vir, não sabia que tava grávida.</p> <p>2ª idéia: Tomou chá de espinho cheiroso, tapete de oxalá, hortelã grosso, cravo e garrafada (mistura de trinta ervas);</p> <p>3ª idéia: Nada fez descer o menino era forte.</p>
<p>E14: <i>Ah, um bocado de coisa. Foi o pessoal que vende folha em barraca, me ensinou um bocado de mistura, ai eu tomei. [...] Começou sangrar aí fiquei mais contente, né? [...]</i></p>	<p>1ª idéia: Um bocado de coisa; o pessoal que vende folha em barraca ensinou a mistura e ela tomou.</p> <p>2ª idéia: Começou a sangrar e ficou mais contente.</p>
<p>E15: <i>Eu comecei com enjoô demais e muita gastura no estômago, quanto mais comia mais dava vontade de comer, tontura, náusea, tudo isso e eu não agüentei, e fui fazer exame de sangue deu positivo, daí eu tomei um Cytotec,</i></p>	<p>1ª idéia: Quando começou a enjoar, tontura, náusea e ter vontade de comer, foi fazer exame de sangue e deu positivo.</p>

<p><i>comecei a sangrar. Isso comecei sangrar, senti muitas dores [...]</i></p> <p>E16: <i>Assim, tomei muitos chás, que as pessoas me ensinaram, mas não deu certo; depois aí eu tomei o Cytotec, né? Tomei uma vez, mas não deu certo. É os dois processos, botei dois na boca e dois na parte de baixo (vagina). Sena, laxante que disseram que era muito bom, chás amargos tipo boldo essas coisa, mas nada funcionou[...]</i></p> <p>E17: <i>Eu coloquei (remédio abortivo) machucado, sábado de manhã, só que só veio fazer efeito ontem, aí eu sangrei muito [...]</i></p>	<p>2ª idéia: Tomou um Cytotec e começou a sangrar.</p> <p>1ª idéia: Tomou muitos chás que as pessoas ensinaram, mas não deu certo.</p> <p>2ª idéia: Tomou Cytotec: dois na boca e dois na parte de baixo (vagina).</p> <p>1ª idéia: Colocou remédio abortivo e sangrou muito.</p>
---	---

QUADRO 5.D - Idéia central síntese: Pediu dinheiro emprestado para abortar, gastou muito dinheiro e fez tudo sozinha.

DSC

Pedi dinheiro emprestado, encontrei um colega meu aí pedi dinheiro emprestado, ele não queria dar, mas eu pedi até pelo amor de Deus, que ele me emprestasse, porque tava no início (da gestação) ainda era mais fácil pra abortar. Aí ele me emprestou. Quem comprou na verdade não foi eu foi uma colega minha. Porque disse a ela eu não podia ter esse filho, eu conversei com ela, expliquei a situação a ela, ela disse que ia me ajudar; aí comprou, eu só fiz só dar o dinheiro a ela. R\$ 15,00 cada um. Foi eu que fiz, eu mesma que fiz tudo, ela só fez só me dar o remédio, que eu mesma que fiz tudo sozinha, eu mesmo que botei no aplicador, eu mesma botei na pomada, eu mesma coloquei na vagina, eu que fiz tudo. Creme vaginal... tem que colocar um creme vaginal pra poder facilitar a entrada. Ele (companheiro) disse: - você não vai perder não que não sei o quê, eu disse rapaz eu vou perder. Aí peguei, vendi meu celular, fui na casa da mulher que eu já conheço, já é o segundo já que eu perco com sonda, aí eu falei pra ela. Eu vendi o celular, aí eu peguei e fiz com ela, ela me cobrou mais barato. Como eu tava com poucos meses, no caso, como eu tava com quatro semanas só, ela me cobrou R\$120,00. Eu gastei quanto, xô ver, gastei todo o dinheiro que eu tava na mão, gastei mais de R\$200,00, contando com condução, mais de R\$200,00. Depois de muito custo, muito custo, muito dinheiro muito dinheiro mesmo pra poder tirar esse menino; eu me arrependo até hoje, se eu tivesse me cuidado mais eu não estaria aqui, o dinheiro que eu tinha gasto com ele, eu tinha pago um reforço pra mim na escola, pra eu estudar melhor, não teria dado esse desgosto a meu pai. Aí eu pedi dinheiro emprestado, de novo, pra poder fazer a transvaginal, aí constatou que o feto tava morto, na barriga, não tinha saído e tal, lógico fiquei apavorada! Aí fui na maternidade, lá disse que não podia fazer. Aí mainha me trouxe pra aqui pra Salvador.

EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: <i>Pedi dinheiro emprestado, encontrei um colega meu aí pedi dinheiro emprestado, ele não queria dar, mas eu pedi até pelo amor de Deus, que ele me emprestasse, porque tava no início (da gestação) ainda era mais fácil pra abortar. Aí ele me emprestou [...] Aí eu pedi dinheiro emprestado, de novo, pra poder fazer a transvaginal, aí constatou que o feto tava morto, na barriga, não tinha saído e tal, lógico fiquei apavorada! Aí fui na maternidade, lá disse que não podia fazer. Aí minha me trouxe pra aqui pra Salvador.</i></p> <p>E11: <i>[...] Pedi dinheiro a ele (companheiro), ele disse você não vai perder não que não sei o quê, eu disse rapaz eu vou perder. Aí peguei e vendi meu celular. Aí fui na casa da mulher que eu já conheço a mulher, já é o segundo já que eu perco com sonda, aí eu falei pra ela. Aí ela pegou, eu vendi o celular, aí eu peguei e fiz com ela, ela me cobrou mais barato. Como eu tava com poucos meses, no caso, como eu tava com quatro semanas só, ela me cobrou R\$120,00[...]</i></p> <p>E12: <i>[...] Eu gastei quanto, xô ver, ô eu gastei mais de..., gastei todo o dinheiro que eu tava na mão, gastei mais de R\$200,00, fora, bem mais, contando com condução, mais de R\$200,00 [...]</i></p> <p>E13: <i>[...] Aí depois de muito custo, muito custo, muito dinheiro muito dinheiro mesmo pra poder tirar esse menino; eu me arrependo até hoje, se eu tivesse me cuidado mais eu não estaria aqui, o dinheiro que eu tinha gasto com ele, eu tinha pago um reforço pra mim na escola, pra eu estudar melhor, não teria dado esse desgosto a meu pai [...] Quem comprou na verdade não foi eu foi uma colega minha. Porque disse a ela eu não podia ter esse filho, eu conversei com ela, expliquei a situação a ela, ela disse que</i></p>	<p>1ª idéia: Pediu dinheiro emprestado a colega para abortar;</p> <p>2ª idéia: Tava no início da gestação era mais fácil abortar.</p> <p>2ª idéia: Pediu dinheiro ao companheiro para abortar e ele não deu.</p> <p>3ª idéia: Vendeu o celular e foi na casa da mulher que bota sonda, pois já conhecia.</p> <p>4ª idéia: Cobrou mais barato porque tava com poucos meses, R\$120,00.</p> <p>5ª idéia: Gastou todo o dinheiro, bem mais que R\$ 200,00.</p> <p>4ª idéia: Foi muito custo para tirar esse menino, muito dinheiro.</p> <p>5ª idéia: Se arrepende por não ter se cuidado mais.</p> <p>6ª idéia: O dinheiro gasto com para abortar ele poderia pagar um reforço na escola e não daria desgosto ao pai.</p> <p>10ª idéia: Uma colega comprou o remédio por R\$15,00 cada um.</p>

ia me ajudar; aí comprou, eu só fiz só dar o dinheiro a ela. R\$15,00 cada um. Foi eu que fiz, eu mesma que fiz tudo, ela só fez só me dar o remédio, que eu mesma que fiz tudo sozinha, eu mesmo que botei no aplicador, eu mesma botei na pomada, eu mesma coloquei na vagina, eu que fiz tudo. Creme vaginal... tem que colocar um creme vaginal pra poder facilitar a entrada.

11ª idéia: Eu mesma fiz tudo, sozinha.

12ª idéia: Para facilitar a entrada do abortivo tem que colocar um creme vaginal.

QUADRO 5.E - Idéia central síntese: Tomou chá, expulsou feto em casa, sangrou, foi na maternidade várias vezes e voltou após ultrassom e hemorragia.

DSC

Eu tomei chá, eu comecei a sangrar na verdade no domingo; no sábado eu tava sentindo dor, por que tava sangrando fui lá (maternidade) a médica me examinou, passou a ultrassom porque tava sangrando, e me disse que era pra eu fazer um pré natal. Lá em casa em tinha alguém, mas ninguém viu não, porque eu tirei dentro do banheiro, eu entrei no banheiro sozinha e ele saiu sozinho. Eu tava sentindo muita dor no pé da barriga, quando minha irmã chegou eu tava chorando, aí minha irmã pegou e falou: vombora pro médico, porque eu tava chorando mermo, muito forte a dor. Aí minha irmã foi chamar o carro, e na hora que ela foi chamar o carro, eu fui pro banheiro, senti pensei que eu ia defecar. Aí desceu, eu senti descer o feto, só que eu não vi aí eu dei descarga. Eu fiquei toda assim, no outro dia começou o sangramento, mas acho tinha eliminado o feto, passou outro dia aí desceu jorrando mermo. Tive aqui na maternidade umas três vezes, e não tava fazendo ultrassom aqui, queriam me internar, não tinha assim previsão pra poder fazer ultrassom, eu preferi sair, fazer a ultrassom fora, e já vim com a ultrassom, estava com um mês e meio e constava aborto incompleto. Eu não sentia nada, tava normal, aí depois de uma semana ela desceu uma hemorragia, entendeu? Então saindo os pedaços, que eu decidi procurar a maternidade. Comecei a sangrar, sangrar, e aí resolveram, mandar que me internassem para fazer a cureta. Então graças a Deus né, já resolvi meus pobremas, tá tudo bem agora. Ele (companheiro) ficou de sair hoje, até ontem ele ainda tava (em casa). Eu me senti mal (permanece chorando), mas eu tinha que fazer. Somente quando ele disse; olhe você vai fazer (aborto), mas se você sentir qualquer coisa, cê nem me chame, que eu não vou nem me mover. Quando eu comecei a passar mal, eu disse: eu não tô passando bem e ele (companheiro) disse: - por mim, não mandei sentir nada. Eu achei aquilo um absurdo porque a convivência que eu tinha com ele, até um estranho a gente dá um socorro, qualquer pessoa, um inimigo, um estranho. Vim sozinha, quer dizer chamei uma colega, mas ela falou que não podia vir no momento que era pra mim aguardar, aí eu preocupada vim sozinha. Após a coletagem, tomei um monte de medicamento, mas aí eu consegui recuperar.

EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E2: [...] <i>Porque eu tava sentindo muita dor no pé da barriga, aí eu peguei e vim [...]</i></p>	<p>3ª idéia: Vai para a maternidade quando sente muita dor.</p>
<p>E4: [...] <i>aí quando minha irmã chegou eu tava chorando, aí minha irmã pegou e falou: vombora pro médico, que eu tava chorado mermo, muito forte a dor. Aí minha irmã pegou me trouxe, não, aí na hora que minha irmã tava me trazendo aí desceu... o feto. [...] ela foi chamar o carro, aí na hora que ela foi chamar o carro, eu fui pro banheiro, sentei pensei que eu ia fazer... defecar. Aí desceu, eu senti descer o feto, só que eu não vi aí eu dei descarga. É tá sangrando, aí ela pegou me trouxe [...]</i></p>	<p>3ª idéia: Irmã levou ao médico porque tava chorando de dor e sangrando.</p> <p>4ª idéia: Foi ao banheiro antes de ir ao médico, pensou que ia defecar e desceu o feto.</p>
<p>E5: [...] <i>Aí quando foi no outro dia desceu normal, passou outro dia aí desceu jorrando mermo. Aí peguei tive que vim pro hospital né, aí eu tive que vim, vim, fiquei aguardando a USG, aí fiquei aqui uns (pausa) quatro dia aguardando a ultrassom, ontem que eu fiz, foi no cinco dia e hoje que eu fiz a coleta, no sexto dia hoje, então seis dias eu aqui. Então graças a Deus né, já resolvi meus pobremas, tá tudo bem agora [...]</i></p>	<p>2ª idéia: Quando o sangramento desceu jorrando teve que vir para o hospital.</p> <p>3ª idéia: Dos seis dias que ficou no hospital quatro foi aguardando a ultrassom.</p>
<p>E6: [...] <i>eu vim aqui (maternidade) aí tomei soro, tudo aí no mermo dia ela mandou eu ir embora. Aí quando chegou em casa eu senti dor, aí perdi em casa mermo. Aí segunda-feira antes de ontem, eu vim pra cá, pra fazer a curetagem, porque fiz o ultrassom, o médico mandou eu vim pra cá, peguei e vim porque tinha restos de... placenta foi disso. Aí mandou eu parar aqui. Lá em casa em tinha alguém, mas ninguém viu não, porque eu tirei o... tirei dentro do banheiro, eu entrei no banheiro sozinha e ele saiu sozinho[...]</i></p>	<p>2ª idéia: Foi pra maternidade, tomou soro foi embora e quando chegou em casa sentiu dor e perdeu.</p> <p>3ª idéia: Veio pra maternidade pra fazer curetagem porque tinha restos de placenta.</p> <p>4ª idéia: Tirou sozinha o feto no banheiro, ninguém em casa viu.</p>
<p>E7: [...] <i>e aqui foi que eu comecei a... a sangrar, sangrar, e aí resolveram, mandar,</i></p>	<p>2ª idéia: Pegou táxi e foi pra maternidade; quando começou a sangrar foi internada pra</p>

<p><i>que me internassem para fazer a cureta. [...] ele (companheiro) ficou de sair hoje, até ontem ele ainda tava, ele ficou de sair hoje. Eu me senti mal (permanece chorando) mas eu tinha que fazer. Somente quando ele disse; olhe você vai fazer (aborto), mas se você sentir qualquer coisa, cê nem me chame, que eu não vou, não vou nem me mover. [...] (permanece chorando) quando eu comecei a passar mal, eu disse: eu não tô passando bem e ele (companheiro) disse: por mim, não mandei sentir nada. Eu achei aquilo um absurdo porque a convivência que eu tinha com ele... até um estranho a gente dá um socorro... qualquer pessoa, um inimigo, um estranho... (permanece chorando) aí eu disse tá bom... eu fiquei... até dá a hora pra eu poder vim. (permanece chorando)</i></p>	<p>fazer curetagem.</p> <p>3ª idéia: Companheiro disse que fizesse o aborto, mas se sentisse qualquer coisa não chamasse ele.</p> <p>4ª idéia: Passou mal, chamou o companheiro e ele não deu socorro.</p> <p>5ª idéia: Esperou dar a hora para ir à maternidade.</p>
<p>E8: <i>[...] E depois desses, desses momentos que eu perdi, que eu comecei a perder sangue, senti dores, sentir uma contração em cima da outra, vim pra maternidade. E aí o médico me internou após o exame que ele fez de toque ele constatou que eu estava com hemorragia, aí eu fui pra sala de coletagem, eu cheguei lá fiz a coletagem, quando eu saí, saí com hemorragia de novo. Após a coletagem, e tomei um monte de medicamento, mas aí eu consegui recuperar[...]</i></p>	<p>4ª idéia: Veio pra maternidade, o médico fez exame de toque e constatou hemorragia.</p> <p>5ª idéia: Após curetagem saiu com hemorragia, mas se recuperou.</p>
<p>E10: <i>[...] aí a médica pediu para eu fazer uma ultrassom e voltasse. Aí eu fiz a ultrassom e voltei. Aí na ultrassom constava é aborto incompleto. Aí ela disse que eu teria que ser internada para poder fazer uma coletagem. Que eu fiz o aborto nas minhas contas já tem um mês. Porque desceu uma semana, suspendeu, depois de duas ou três semanas desceu de novo. Entendeu. Eu só, eu não sentia nada, tava normal, aí depois de uma semana ela desceu uma hemorragia, entendeu? Então</i></p>	<p>5ª idéia: Procurou a maternidade e médica pediu pra fazer ultrassom e voltar.</p> <p>6ª idéia: Ultrassom constava aborto incompleto e teria que ser internada para fazer curetagem.</p>

<p><i>saindo os pedaços, aí que eu decidi procurar a maternidade.</i></p> <p>E12: <i>[...]Eu tomei chá, eu comecei a sangrar na verdade no domingo, não no sábado eu tava sentindo dor, por que tava sangrando fui lá (maternidade) a médica me examinou, passou a ultrassom porque tava sangrando, passei lá, ela me disse que era pra eu fazer um pré natal[...]</i></p> <p>E14: <i>[...] Não, vim sozinha, quer dizer chamei uma colega, mas ela falou que não podia vir no momento que era pra mim aguardar, aí eu preocupada vim sozinha. De ônibus? Foi.</i></p> <p>E15: <i>[...] Tive aqui na maternidade umas três vezes, e não tava fazendo ultrassom aqui, queriam me internar, mas só que eu preferi, não tinha assim previsão pra poder fazer ultrassom, eu preferi sair, fazer a ultrassom fora, e já vim com a ultrassom aqui, já com um mês e meio. Meu tempo de gestação foi um mês e meio. [...]</i></p> <p>E16: <i>[...] Aí eu fiquei toda assim, no outro dia começou o sangramento, mas acho tinha eliminado o feto, aí eu fiz uma ultrassom, aí deu aumento do útero, o útero tava aumentado; aí eu sem querer porque eu ainda tava com enjôo ainda. Depois que eu tomei a segunda vez, eu tive sangramento, mas eu também não vi o feto. Aí eu disse: acho que não perdi, aí eu fiz um transvaginal. Aí foi que viu né, que tinha restos embrionários. Aí foi que eu vim fazer uma curetagem.</i></p>	<p>9ª idéia: Depois que tomou chá e foi para maternidade sangrando, a médica mandou fazer pré-natal.</p> <p>3ª idéia: Veio sozinha para o hospital, de ônibus porque colega não podia.</p> <p>3ª idéia: Teve na maternidade três vezes e não tava fazendo ultrassom.</p> <p>4ª idéia: Queriam internar, mas como não tinha previsão de fazer ultrassom, preferiu sair, fazer fora e já vir com o resultado.</p> <p>5ª idéia: O tempo de gestação foi um mês e meio.</p> <p>3ª idéia: Da primeira vez que tomou achou que tinha eliminado o feto, fez ultrassom, deu útero aumentado e ainda estava com enjôo.</p> <p>4ª idéia: Depois que tomou da segunda vez teve sangramento, mas não viu feto.</p> <p>5ª idéia: Confirmou com ultrassom transvaginal a presença de restos embrionários e foi fazer curetagem.</p>
---	---

QUADRO 5.F - Idéia central síntese: Companheiro não queria que tirasse o feto, mas aceitou com medo de nascer defeituoso e ficou do seu lado.

DSC	
<p><i>Quando eu falei com ele que tava grávida? Ele (namorado) não queria que eu tirasse, se retou! Ele veio pra cá (maternidade) comigo também, no dia que eu senti dor, no dia que eu tirei e agora ele não sabe que eu tô aqui, porque eu ainda num disse a ele. Eu tinha medo de alguém me botar pra fora, entendeu, minha falava com minha vó: - bota essa menina pra fora, que não sei o quê. Minha vó: - como eu pude criar o seu, eu não vou deixar ela se acabar ter filho, isso e aquilo. Minha vó pegou, me trouxe pra cá (maternidade). Eu tava sangrando sentindo dor, aí eu conversei com ele (namorado), e ele ficou com medo de eu deixar e nascer defeituoso, queria me culpar, eu fiquei com medo também; ele não quis opinar, aí eu peguei e tomei o remédio de novo. Dessa vez ele ficou do meu lado, da primeira vez ele não me apoiou, das vezes que eu tomei Cytotec; mas, dessa vez ele ficou o tempo todo comigo. Na casa dele, com autorização dele, na cama, quando ele viu, eu sentindo dor mesmo, ele começou a cuidar de mim. Só a mãe dele sabe, ninguém sabe, porque ele pensou que eu tava com hemorragia (menstrual) .</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E6: [...] <i>Quando eu falei com ele que tava grávida? Ele (namorado) não queria que eu tirasse, se retou! Ele veio pra cá comigo também, no dia que eu senti dor, no dia que eu tirei e agora ele não sabe que eu tô aqui, porque eu ainda num disse a ele [...] Eu tinha medo de alguém me botar pra fora, que entendeu, minha mãe falava, minha falava com minha vó, bota essa menina pra fora, que não sei o quê. Minha vó: como eu pude criar o seu, eu posso... como ela tá nova, eu não vou deixar ela se acabar ter filho, isso e aquilo. Aí ela bota pra fora, bota pra fora, aí minha vó pegou, me trouxe pra cá, aí eu vim pra cá. A primeira vez foi, da segunda vez quem me trouxe foi o menino que eu namoro[...]</i></p>	<p>5ª idéia: O namorado não queria que ela tirasse o feto e se retou.</p> <p>6ª idéia: O namorado foi junto com ela até o hospital no dia em que sentiu dor, mas não sabe agora que está lá.</p> <p>7ª idéia: Tinha medo de alguém lhe botar pra fora, pois a mãe falava direto.</p> <p>8ª idéia: Foi levada ao hospital a primeira vez pela avó, e a segunda pelo namorado.</p> <p>10ª idéia: Falou com companheiro que tava sentindo dor e ele ficou com medo de deixar e nascer defeituoso.</p>
<p>E12: [...] <i>Mas eu tava sangrando sentindo dor, aí eu conversei com ele (companheiro), aí eu falei com ele que eu tava sentindo dor, aí ele ficou com medo de eu deixar e nascer defeituoso, porque eu tava sangrando, queria</i></p>	<p>11ª idéia: Companheiro ficou do lado dela quando a viu sentindo dor.</p> <p>12ª idéia: Só a mãe dele sabia e falou para os outros que era hemorragia (menstrual).</p>

me culpar, eu fiquei com medo também, ele não quis opinar, aí e peguei e tomei o remédio de novo. E aí desceu, aí dessa vez ele (namorado) ficou do meu lado, da primeira vez ele não me apoiou, das vezes que eu tomei Cytotec, e dessa vez ele ficou o tempo todo comigo. Na casa dele, com autorização dele, na cama, quando ele viu eu sentindo dor mesmo ele começou a cuidar de mim. Só a mãe dele sabe, ninguém sabe... mas, ele pensou que eu tava com hemorragia (menstrual) que a mãe dele, pra não falar sabe...

QUADRO 5.G - Idéia central síntese: Se arrepende do aborto vendo as criancinhas, mas namorado não estava trabalhando e ia atrapalhar seu futuro.

DSC

Eu me arrependi, isso eu não sei explicar direito não. Vendo vária criancinha, eu vejo aí você falando, e não sei pra quê eu fui tirar, e me arrependi. Aí quando eu vim pra cá pra Tyssila, o feto saiu, parecia um ratinho; eu dei um grito, um susto, a enfermeira que tava botando soro na mão do paciente ali perdeu a veia, foi aqui que eu expulsei. Porque tava parecendo um pedaço do braço ou de uma perna, mas o susto foi tão grande que eu gritei, quando eu fui ver, parecendo um coração saindo, eu morri de pena. Foi pela condição mesmo, porque se ele tivesse trabalhando, eu tava fazendo pré-natal já. Desde a semana passada que eu tô tentando. Eu dei um desgosto a ele (pai), porque eu não queria dar esse desgosto a meu pai, e poxa, é chato é muito desagradável, se eu pudesse voltar a trás, mas já que eu não posso; o único jeito é fazer o possível pra que isso não se repita, tomar cuidado, tomar o remédio (anticoncepcional). Tem um bocado de gente dizendo tem que usar a camisinha, mas eu usei a camisinha, a camisinha é que foi errada, ela que estourou. Foi, tomei o chá, o chá não fez efeito eu tive que tomar o Cytotec. Esperei passar mais tempo e tomei o Cytotec. Eu ia fazer três meses já, porque pra tomar o Cytotec tem que esperar o bebê ficar mais desenvolvido senão não pega. Então no sangramento você pára e pensa, pelo menos eu parei e pensei: - pô velho não era para eu tá aqui, porque se dependesse de mim entendeu, eu deixava (a gestação), mas não depende da gente né, ia atrapalhar meu futuro porque eu sou nova, eu sou nova, um filho agora pra mim não ia ser legal não.

EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E6: [...] <i>Eu me arrependi, isso eu não sei explicar direito não. Porque sei lá, vendo vária criancinha aí... essas coisas... eu vejo aí você falando, e não sei pra quê eu fui tirar, e me arrependi[...]</i></p> <p>E12: [...] <i>Foi pela condição mesmo, porque se ele tivesse trabalhando, eu tava fazendo pré-natal já. Foi desde a semana passada que eu tô tentando[...]</i></p> <p>E13: [...] <i>Aí quando eu vim pra cá pra Tyssila, aí o feto saiu, ai parecia um ratinho, ai eu dei um grito, um susto, a enfermeira, que tava botando soro na mão do paciente ali perdeu a veia, oh deixei todo mundo, foi aqui que eu expulsei. Porque tava parecendo um pedaço do braço ou de uma perna, mas o susto foi tão grande que eu gritei, quando eu fui ver, era um pedaço de, parecendo um coração saindo, eu morri de pena. Foi [...] porque eu dei um desgosto a ele, porque eu não queria dar esse desgosto a meu pai, e poxa, é chato é muito desagradável, se eu pudesse voltar a trás, mas já que eu não posso; o único jeito é fazer o possível pra que isso não se repita, tomar cuidado, tomar o remédio (anticoncepcional)... Usei a camisinha, tem um bocado de gente dizendo tem que usar a camisinha, mas eu usei a camisinha, a camisinha é que foi errada, ela que estourou. Foi, tomei o chá, o chá não fez efeito eu tive que tomar o Cytotec. Esperei passar mais tempo e tomei o Cytotec. Eu ia fazer três meses já, porque pra tomar o citotec tem que esperar o bebê ficar mais desenvolvido senão não pega. [...]</i></p> <p>E17: [...] <i>e no sangramento você pára e pensa: pelo menos eu parei e pensei: - pô velho não era para eu tá aqui, porque se dependesse de mim entendeu eu deixava (a gestação), mas não depende da gente né, ia atrapalhar meu futuro porque eu sou nova,</i></p>	<p>9ª idéia: Se arrepende do aborto ao ver várias criancinhas.</p> <p>13ª idéia: Abortou pela condição mesmo porque se o companheiro estivesse trabalhando ela estaria fazendo pré-natal.</p> <p>13ª idéia: Quando veio pra Tsylla, o feto saiu parecia um ratinho e ela deu um grito de susto.</p> <p>14ª idéia: Morreu de pena.</p> <p>7ª idéia: Vai fazer o possível para isso não se repetir, tomar cuidado e tomar o remédio anticoncepcional.</p> <p>8ª idéia: Usou camisinha, mas estourou.</p> <p>9ª idéia: Tomou o chá porque para tomar o Cytotec precisa o bebê ficar mais desenvolvido senão não pega.</p> <p>2ª idéia: Parou e pensou que não era pra tá ali.</p> <p>3ª idéia: Se dependesse dela deixava a gestação, mas ia atrapalhar o futuro.</p>

*eu sou nova, um filho agora pra mim não ia
ser legal não[...]*

QUADRO 5.H - Idéia central síntese: Tia usou água inglesa após aborto e ficou bem então fez a mesma coisa, mas pegou infecção; conversaram ela, a tia e o namorado e decidiram juntos abortar.

DSC	
<p><i>Eu não vim porque eu não tava sentindo nada e minha tia ficava dizendo que tinha perdido um tomou água inglesa e ficou tudo bem com ela. Eu achei que comigo ia ser a mesma coisa. Então cheguei a usar, mas senti muita dor e peguei infecção. Eu só vim senti no sábado depois que eu caí da escada, muitas dores, aí no domingo eu vim. Minha tia falou que a gente não se cuidou e não sei o quê; mas depois ela disse se eu achava que era o melhor, que ela era contra o aborto, mas já que eu queria, ela sabia que ia atrapalhar um pouquinho e concordou numa boa, conversou comigo, conversou com ele. Ele também conversou muito com ela, falou que ele tava a fim de ficar comigo e não sei o quê. Aí a gente decidiu tirar os três juntos, porque eu só moro com ela, minha mãe faleceu, ela é a responsável achei que ela devia saber. Porque eu sou de menor, a gente conversou normal, numa boa, e decidimos.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E9: [...] <i>Eu não vim porque eu não tava sentindo nada e minha tia ficava dizendo que tinha perdido um tomou água inglesa e ficou tudo bem com ela. Eu achei que comigo ia ser a mesma coisa. Aí cheguei a usar, mas aí senti muita dor e vim, aí peguei infecção. Eu só vim senti no sábado depois que eu caí... da escada... muitas dores, aí no domingo eu vim.</i></p> <p>E17: [...] <i>Minha tia falou, falou que a gente não se cuidou e não sei o que, mas depois ela disse: tia, se eu achava que era o melhor, que ela era contra o aborto; mas já que eu queria e ela sabia que ia atrapalhar um pouquinho e concordou numa boa, conversou comigo, conversou com ele. Ele também conversou muito com ela, falou que ele tava a fim de ficar comigo e não sei o quê. Aí a gente decidiu tirar os três juntos, porque eu só moro com ela, minha mãe faleceu, ai ela é a responsável achei que ela devia saber. Porque eu sou de menor. Pois a gente conversou normal numa boa, e decidimos [...]</i></p>	<p>5ª idéia: Tia disse que tinha perdido e tomou água inglesa e ficou tudo bem; pensou que seria a mesma coisa com ela.</p> <p>6ª idéia: Usou água inglesa, mas sentiu muita dor e pegou infecção.</p> <p>4ª idéia: Tia era contra o aborto, mas concordou que ia atrapalhar.</p> <p>5ª idéia: Decidiram tirar os três juntos (tia, companheiro e ela).</p>

Questão 6: Fale um pouco sobre sua relação com trabalho e/ou o estudo

QUADRO 6.A - Idéia central síntese: Trabalhava e sustentava irmãos; tá desempregada, agora abriu um negocinho em casa mesmo, se não abortasse ia empatar seu futuro e não tinha como dar futuro ao filho.

DSC

*Quando trabalhava com minha tia, eu recebia setenta, oitenta por semana e botava compras em casa, comprava merenda para os meninos, pagando cartão de meus irmãos, o dinheiro que o pai dos meninos dava eu também dava a ela (mãe). Tenho dois anos desempregada, então eu abri um negocinho pra mim assim na sala de minha casa, umas bobagens cerveja pra levar, refrigerantes, queimado tudo né. E fiquei morando só no quarto e na cozinha, agora eu tô com um emprego em vista. Tô na expectativa aí pra vê, porque mandaram eu aguardar. É na prefeitura, de cozinha na escola pra fazer lanche, essas coisas pros meninos. Aí estou aguardando. Enquanto isso, eu vendo revista, mas eu não me sustento totalmente, porque eu vendo revista, o que dá eu boto em casa, o que não dá eu não boto. Eu fico em casa também, eu vou pra casa, fico em casa com meus pais. Aí volto pra lá, é porque ele (companheiro) não arranhou um trabalho ainda, porque se ele arranhasse, eu tava lá fixa. Mas eu vou e volto, fico em casa dois, três dias e já volto. Aproveitei esta época de política aí pedi um emprego. É porque se eu tivesse um trabalho, mas eu faço bico, hoje em dia eu ganho trinta, eu faço faxina, lavo roupa, de ganho, ganho o que, quinze, trinta reais, só que o quilo do feijão é cinco reais, dá o dinheiro todo, o leite tá caro, se eu deixasse essa criança, essa criança ia morrer de fome, nesse mundo cheio de violência. Hoje em dia, botar filho no mundo, só quem quer realmente. Eu ia empatar futuro e não ia dar futuro pro meu filho, não tenho casa própria. Aí eu resolvi não ter, mas só por causa disso, mas eu não tirei, porque era gostoso, era charme não, foi porque a necessidade que me obrigou. Daí, eu tomei uma decisão que eu quero ficar sozinha. Que é melhor pra mim né? Eu vivo às minhas próprias custas, porque minha mãe, ela não me dá, só meu pai às vezes me ajuda, ele me dá, quando eu peço a ele. Meu pai conversa comigo, meu pai é ótimo pra mim, porque ele me ajuda, quando eu preciso, ele conversa comigo, minha mãe falou que eu tava grávida, mas só que ele não me julgou. Ele chegou pra mim e falou: minha filha me fale se você tá grávida? Só que eu não tive coragem de falar, porque pra não assustar meu pai, meu pai fica às vezes discute com minha mãe por causa de mim e eu não gosto entendeu? Já ele (companheiro) sempre queria que eu ficasse dentro de casa, dependendo dele por tudo. Depois que eu comecei a trabalhar ele disse que eu fiquei muito ousada, que comecei a ter minha independência, mas pra mim meu trabalho além de minha saúde, meus filhos, meu trabalho é tudo pra mim. Eu sinto ter que tocar nesse assunto né, porque a gente não pode desabafar com todo mundo e às vezes, a gente chega no hospital criticam por a gente fazer este aborto mas (permanece chorando) ninguém procura ouvir porque a gente faz isso, mas é difícil. A gente ter que contar que tirou a vida do nosso filho, a todo mundo que chegar. Eu fiz e continuo fazendo sim, porque, infelizmente eu não quero ter mais nenhum, nenhum mesmo, não quero mais! Por isso que eu falo com essa convicção, não odiando meus filhos, foi porque eu não quero mais passar pelo que eu já passei. E eu tiro por isso. (permanece chorando) não quero falar mais não. **Desligado gravador e depois de um tempo ela resolve continuar a entrevista.***

EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E1: <i>Quando trabalhava com minha tia, eu recebia setenta, oitenta por semana e botava compras em casa, comprava merenda para os meninos, pagando cartão de meus irmãos, o dinheiro que o pai dos meninos dava eu também dava a ela (mãe).</i></p>	<p>1ª idéia: Quando trabalhava com a tia comprava coisas para casa, merenda para os meninos pagava cartão dos irmãos e o dinheiro da pensão também dava a mãe.</p>
<p>E4: <i>[...] eu tomei uma decisão que eu quero ficar sozinha. Que é melhor pra mim né? Eu vivo às minhas próprias custas, porque minha mãe, ela não me dá, só meu pai que me ajuda, meu pai às vezes me ajuda, ele me dá, quando eu peço a ele. Meu pai conversa comigo, meu pai é ótimo, meu pai é ótimo pra mim. Porque ele me ajuda, quando eu preciso, ele conversa comigo, minha mãe falou que eu tava grávida, mas só que ele não me julgou. Ele chegou pra mim e falou: minha filha me fale se você tá grávida? Só que eu não tive coragem de falar, porque pra não assustar meu pai, meu pai fica às vezes discute com minha mãe por causa de mim e eu não gosto entendeu. É isso [...]</i></p>	<p>9ª idéia: Tomou decisão de ficar sozinha.</p> <p>10ª idéia: Vive às próprias custas, só o pai às vezes ajuda.</p> <p>11ª idéia: O pai a cuida quando precisa, não a julgou quando estava grávida.</p> <p>12ª idéia: Pai às vezes discute com a mãe por sua causa.</p>
<p>E7: <i>[...] tenho dois anos desempregada; aí eu abri um negocinho pra mim assim na sala de minha casa. aí eu abri, umas bobagens cerveja pra levar, refrigerantes, queimado tudo né. E fiquei morando só no quarto e na cozinha, agora a sala eu abri... o negocinho até... eu tô com um emprego em vista né. Tô na expectativa aí pra vê se... mandaram eu aguardar tô aguardando. É na prefeitura, de... na cozinha, pra fazer, na escola pra fazer lanche, essas coisas pros meninos. Aí estou aguardando. Aproveitei esta época de política aí pedi um emprego.</i></p>	<p>1ª idéia: Tem dois anos desempregada.</p> <p>2ª idéia: Abriu negócio na sala de casa.</p> <p>3ª idéia: Tá na expectativa de um emprego de cozinha na prefeitura.</p> <p>4ª idéia: Aproveitou época de política para pedir emprego.</p>

<p>E8: <i>Ó eu trabalhava há muito tempo há três anos [...]eu era, trabalhava na limpeza, é serviços gerais. E hoje eu tenho um, um depois desses anos todos trabalhando, eu abri um comércio pra mim, um barzinho né [...] ele (companheiro) sempre queria que eu ficasse dentro de casa, dependendo dele por tudo. Que ele, depois que eu comecei a trabalhar ele disse que eu fiquei muito ousada, que comecei a ter minha independência, mas pra mim meu trabalho além de minha saúde, meus filhos, meu trabalho é tudo pra mim, e eu sempre ai... Eu sinto ter que tocar nesse assunto né, porque a gente não pode desabafar com todo mundo e às vezes, a gente chega no hospital criticam por a gente fazer este aborto mas (permanece chorando) ninguém procura ouvir porque a gente faz isso, mas é difícil. A gente ter que contar que tirou a vida do nosso filho, a todo mundo que chegar. Eu fiz e continuo fazendo sim, porque, infelizmente eu não quero ter mais nenhum, nenhum mesmo, não quero mais! Por isso que eu falo com essa convicção, não odiando meus filhos, foi porque eu não quero mais passar pelo que eu já passei. E eu tiro por isso. (permanece chorando) não quero falar mais não. Desligado gravador e depois de um tempo ela resolve continuar a entrevista.</i></p>	<p>1ª idéia: Abriu um comércio, um barzinho.</p> <p>2ª idéia: O companheiro queria que ela ficasse dentro de casa, dependendo dele pra tudo.</p> <p>3ª idéia: Depois que começou a trabalhar, companheiro disse que ficou ousada, que começou a ter independência.</p> <p>4ª idéia: Sente em ter que tocar nesse assunto.</p> <p>5ª idéia: Quando chega no hospital criticam por fazer aborto mas ninguém procura ouvir porque a gente faz isso.</p> <p>6ª idéia: Fez e continua fazendo porque infelizmente não quer ter mais nenhum.</p> <p>7ª idéia: Fala com convicção não odiando os filhos, mas porque não quer mais passar pelo que já passou.</p>
<p>E12: <i>Eu vendo revista, mas eu não me sustento totalmente, porque eu vendo revista, o que dá eu boto em casa, o que não dá eu não boto. Então provavelmente a mãe e o pai dele, e eu fico em casa também, eu vou pra casa, fico em casa com meus pais. Aí volto pra lá, é porque ele (companheiro) não arranhou um trabalho ainda, porque se ele arranhasse, eu tava lá fixa. Mas eu vou e volto, mas é pouco tempo, fico em casa dois, três dias e</i></p>	<p>1ª idéia: Vende revista, mas não se sustenta totalmente.</p> <p>2ª idéia: Fica em casa e na casa dos pais vai e volta, porque o companheiro não arranhou um trabalho ainda.</p>

já volto.

E13: *É porque se eu tivesse um trabalho, mas eu faço bico, hoje em dia eu ganho trinta, eu faço faxina, lavo roupa, de ganho, ganho o que, quinze, trinta reais, só que o quilo do feijão é cinco reais, dá o dinheiro todo, o leite tá caro, se eu deixasse essa criança, essa criança ia morrer de fome, nesse mundo cheio de violência. Hoje em dia... botar filho no mundo, só quem quer realmente. Eu ia empatar futuro e não ia dar futuro pro meu filho, não tenho casa própria, moro com meu pai, ia ficar ouvindo coisa poucas e boas do meu pai, que meu pai não ia querer tomar... cuidar dele, pra poder trabalhar, estudar, ia ser muito complicado, muito puxado. Aí eu resolvi não ter, mas só por causa disso, mas eu não tirei, porque era gostoso, era charme não, foi porque a necessidade que me obrigou.*

1ª idéia: Não tem um trabalho, faz bico.

2ª idéia: Se deixasse a criança ia morrer de fome, nesse mundo de violência.

3ª idéia: Se não abortasse, ia empatar seu futuro e não ia dar futuro ao filho.

4ª idéia: Mora com o pai e ele não ia querer cuidar dele para ela poder trabalhar e estudar.

5ª idéia: Resolveu não ter porque a necessidade lhe obrigou, não por ser charme ou porque era gostoso.

QUADRO 6.B - Idéia central síntese: Trabalha, mas a mãe é que sustenta a casa, abortou porque não teve jeito.

DSC

Eu faço primeiro ano, trabalho fora, mas minha mãe me ajuda. E vou levando a vida e pai pra mim, eu não tive, pai pra mim foi meu padrasto. Aí ela fica falando né, e meu irmão faz faculdade, mas não vai pra faculdade uma vez, não vai. Ela paga o dinheiro em vão. Ai como eu estou estudando agora fazendo curso pré-vestibular, eu pretendo fazer enfermagem, daqui pra frente, aí ela fica falando. Ai eu digo: - se não quiser pagar também não paga, porque o dinheiro que meu pai deixou a senhora tem que dar de qualquer jeito. Minha mãe ligou pro meu trabalho e falou com a moça que eu tava grávida, aí a moça me perguntou eu briguei com a moça um bocado. Mas eu tô no trabalho ainda, ela (patroa) ficou com cara feia porque eu não quis falar a ela que eu tava (grávida). Ela queria que eu falasse apusso que eu tava, mas eu não queria falar, uma escolha minha. Só que minha mãe desconfiou porque meu peito tava grande (pausa). Eu fiquei constrangida, porque eu acho que não tinha nada a ver minha mãe chegar no meu trabalho e falar (pausa) uma coisa que aconteceu comigo e falar o que aconteceu, porque é uma coisa íntima de família, não ela comentou com todo mundo o que aconteceu comigo. E ainda ela perguntou quem era o pai do meu filho pra moça do trabalho. O que a moça do trabalho tem a ver com isso? Eu sabia, falei: - será que eu tô mesmo? Só que eu não fui no médico, não fiz nada. Fiquei desesperada, fui lá falar com minha colega. Aí ela falou: - toma um chá. Vá tomando chá, que vai descer. Só que eu tomei o chá, não desceu, aí chegou três meses. Já que não desceu vou falar com ele (namorado), pra ver qual a decisão dele. Fui lá conversei com ele, aí ele disse: - Então é, espere que eu vou te dar o remédio (abortivo), pra você tomar, aí eu falei tá certo. Sábado cê vem aqui, que eu te dou. Aí quando chegou sábado ele sumiu, simplesmente, nunca mais vi; só semana passada, que ele apareceu um dia só, veio conversar comigo, porque o colega dele levou ele lá e depois falou: - ah é com você, então pronto, problema seu, se vire! No que você quiser! Pronto aí sumiu de novo, nunca mais eu vi (pausa). Eu acho que nunca mais vou querer me envolver com ninguém, porque ele é um mau-caráter, vou ficar um bom tempo sem ninguém entendeu? Sei lá o que é de minha vida. Trabalhar, estudar. Fiz isso (aborto), porque não teve jeito, porque se tivesse eu teria. Eu não sei, porque tem pessoas que julgam né, as outras, acha que a gente fez porque é ruim, porque a gente é miserável, mas não é isso, é porque a gente num (pausa) pode mesmo. Agente sabe o que a gente passa, só a gente e Deus sabe o que a gente passa.

EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E2: Você trabalha? Não ainda não. <i>Meu pai quando morreu, eu estava na barriga dela, ele morreu no colo dela. É ela (mãe que sustenta). Aí ela fica falando né, e meu irmão faz faculdade, mas não vai pra faculdade uma vez, não vai. Ela paga o dinheiro em vão. Ai como eu estou estudando agora fazendo curso pré vestibular, eu pretendo fazer enfermagem, daqui pra frente, ai ela fica falando. Ai eu digo: se não quiser pagar também não paga, porque o dinheiro que meu pai deixou a senhora tem que dar de qualquer jeito, ele deixou cê tem que dar.</i></p>	<p>1ª idéia: Pai morreu quando a mãe estava grávida dela.</p> <p>2ª idéia: Mãe sustenta a casa, paga faculdade do irmão em vão, porque ele não vai.</p> <p>3ª idéia: Mãe fica falando e não quer pagar curso pré-vestibular dela.</p>
<p>E3: Trabalho fora, mas minha mãe me ajuda.</p>	<p>1ª idéia: Trabalha fora e mãe ajuda.</p>
<p>E4: Trabalho. Minha mãe, é, falaram, minha mãe ligou pro meu trabalho e falou com a moça que eu tava grávida, aí a moça me perguntou eu briguei com a moça (risos da entrevistada) um bocado. Mas eu tô no trabalho ainda, não briguei, ela ficou com cara feia porque eu não quis falar a ela que eu tava. Aí ela (patroa) queria eu falasse apusso que eu tava, mas eu não queria falar, uma escolha minha. Foi, aí ela ficou com cara feia, mas eu não saí do trabalho [...] só que minha mãe desconfiou e falou que eu tava. Porque meu peito tava grande (pausa) aí eu, sabia, falei, será que eu tô mesmo? Só que eu não fui no médico, não fiz nada. Fiquei desesperada, fui lá falar com minha colega. Aí ela falou toma um chá. Vá tomando chá, que vai descer. Só que eu tomei o chá, não desceu, aí chegou três meses. Eu falei então, já que não desceu vou falar com ele (namorado), pra ver que, qual a decisão dele. Fui lá conversei com ele, aí ele disse: Então, é, espere que eu vou te dar o remédio (abortivo). Pra você tomar, aí eu falei tá certo. Isso foi no sábado, sábado cê vem aqui, que eu te dou. Aí quando chegou sábado ele sumiu. Simplesmente, nunca mais vi, só semana passada, que ele apareceu, um dia só que veio conversar comigo, que o</p>	<p>1ª idéia: Trabalha.</p> <p>2ª idéia: Mãe ligou pro trabalho e falou que a filha estava grávida.</p> <p>3ª idéia: Patroa queria que ela falasse que tava grávida, ficou com cara feia, mas não saiu do trabalho.</p> <p>4ª idéia: Ficou desesperada, falou com colega e tomou chá para descer a menstruação.</p> <p>5ª idéia: Com três meses não desceu a menstruação falou com namorado; ele disse que ia dar o remédio e sumiu.</p> <p>6ª idéia: Colega levou namorado pra conversar novamente e ele disse: - se vire problema seu.</p> <p>7ª idéia: Acha que nunca mais vai querer se envolver com ninguém.</p> <p>8ª idéia: Pensa em trabalhar e estudar.</p> <p>13ª idéia: Ficou constrangida porque a mãe perguntou a moça do trabalho quem era o pai da criança.</p> <p>14ª idéia: Fez isso (aborto) porque não teve</p>

<p><i>colega dele que levou ele lá, pra ele conversar comigo, o colega que sorteou para ele ir falar comigo, ele foi e depois falou: ah é com você, então pronto, é com você, problema seu, se vire! No que você quiser! Pronto aí sumiu de novo, nunca mais eu vi (pausa). Eu acho que nunca mais vou querer me envolver com ninguém, porque ele é um mau-caráter, não sei, vou ficar um bom tempo sem ninguém entendeu? Sei lá o que é de minha vida. Trabalhar, estuda [...] Eu fiquei constrangida, porque não tem nada, eu acho que não tinha nada a ver minha mãe chegar no meu trabalho e falar (pausa) uma coisa que aconteceu comigo e falar o que aconteceu, porque é uma coisa íntima de família, não ela comentou com todo mundo o que aconteceu comigo. E ainda ela perguntou quem era o pai do meu filho pra moça do trabalho. O que a moça do trabalho tem a ver com isso? [...] Fiz isso (aborto), porque não teve jeito, porque se tivesse eu teria. Entendeu? Eu não sei, porque tem pessoas que julgam né as outras, acha que a gente fez porque é ruim, porque a gente é miserável, mas não é isso, é porque a gente num (pausa) pode mesmo. A gente tem o nosso (pausa), a gente sabe o que a gente passa, só a gente e Deus sabe o que a gente passa. Só isso.</i></p>	<p>jeito.</p> <p>15ª idéia: As pessoas julgam as outras, acham que faz aborto porque é ruim, miserável, mas é porque não pode mesmo.</p> <p>16ª idéia: Só a gente e Deus sabe o que a gente passa.</p>
<p>E5: <i>Dependo de meu pai e minha mãe.</i></p>	<p>1ª idéia: Depende do pai e da mãe.</p>
<p>E6: <i>Eu faço primeiro ano.</i></p>	<p>1ª idéia: Faz primeiro ano.</p>
<p>E11: <i>Agora não, não, tô desempregada. Meu pai (sustenta), meu pai e minha mãe moro com meu pai e minha mãe.</i></p>	<p>1ª idéia: Está desempregada e quem sustenta é o pai e a mãe, mora com eles.</p>
<p>E17: <i>Minha tia me dá tudo, meu namorado também, e vou levando a vida e pai pra mim, eu não tive, pai pra mim foi meu padrasto, que mesmo depois que minha mãe morreu ele me apóia.</i></p>	<p>1ª idéia: Tia e namorado lhe dá tudo que precisa.</p> <p>2ª idéia: Não teve pai, pai foi o padrasto.</p>

QUADRO 6.C - Idéia central síntese: Desempregada, é sustentada pelo companheiro.

DSC	
<p><i>Desempregada. Atualmente eu não trabalho, meu marido trabalha, eu só fico em casa, cuido da casa e dos meus filhos. Ele é que sustenta a casa paga aluguel, tudo. Ela (companheira) trabalha e não deixa faltar nada pra mim. Tudo que eu quero, é creme, tudo me dá. Eu parei de estudar, é, eu só fico em casa. É muito difícil de contribuir (o irmão), uma vez compra um gás, uma vez dá vinte reais, é muito difícil contribuir. Trabalha na marinha, este mês mesmo ele não deu nada, mês passado me deu vinte, o mês anterior ele me deu trinta pra comprar o gás, é muito difícil, tudo é ela. Ela (companheira) mantém ele também, porque tudo quem bota é ela. Ele não se preocupa com nada então mantém os dois. Este ano que vem eu tava querendo me inscrever no pró-jovem, porque eu tenho vinte e três anos não acabei meus estudos; mas só que a moça disse que eu não vou poder porque tinha que ter uma transferência, e a última vez que eu estudei foi lá em Minas, aí no caso teria que ter a transferência de um ano e eu não tenho entendeu? Mas eu quero arrumar um trabalho pra ocupar a mente, ver se muda alguma coisa na vida né? Porque eu tenho três filhos pequeno pra criar ainda e tenho que procurar me prevenir mais.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E9: <i>É ela (a companheira), ela é que sustenta. Ela trabalha e não deixa faltar nada pra mim. Tudo que eu quero, é creme, tudo é ela é quem me dá. Eu parei de estudar, é, eu só fico em casa. É muito difícil de contribuir (o irmão), uma vez compra um gás, uma vez dá vinte reais, é muito difícil contribuir. Trabalha na marinha, este mês mesmo ele não deu nada, mês passado me deu vinte, o mês anterior ele me deu trinta pra comprar o gás, é muito difícil, ela dar, tudo é ela. Mantém, mantém ele também, porque tudo quem bota é ela. Ele não se preocupa com nada então mantém os dois.</i></p> <p>E10: <i>Atualmente eu não trabalho, meu marido trabalha, eu só fico em casa, cuido da casa e dos meus filhos. Ele é que sustenta a casa paga aluguel, tudo. E eu procurando um trabalho né, pra ver se resolve mais minha vida[...] Este ano que vem eu tava querendo</i></p>	<p>1ª idéia: A companheira é quem sustenta a ela e ao irmão.</p> <p>1ª idéia: Atualmente não trabalha é o marido que sustenta a casa.</p> <p>2ª idéia: Este ano tava querendo se inscrever no pró-jovem para acabar os estudos, só que</p>

<p><i>me inscrever no pró-jovem, porque eu tenho vinte e três anos não acabei meus estudos, só que a moça disse que eu não vou poder porque tinha que ter uma transferência, e a última vez que eu estudei foi lá em Minas, aí no caso teria que ter a transferência de um ano e eu não tenho entendido? Mas eu quero arrumar um trabalho pra ocupar a mente, entendeu, ver se muda alguma coisa na vida né? Porque eu tenho três filhos pequeno pra criar ainda e procurar me prevenir mais.</i></p> <p>E14: <i>Desempregada</i></p>	<p>precisava de transferência.</p> <p>3ª idéia: Quer arrumar um trabalho pra ocupar a mente, porque tem três filhos pra criar e procurar prevenir mais.</p> <p>1ª idéia: Desempregada.</p>
--	--

QUADRO 6.D - Idéia central síntese: Precisa voltar ao trabalho, não vai apresentar atestado médico para não perder o emprego.

DSC	
<p><i>Eu preciso entrar no trabalho amanhã de novo, mesmo que ela (médica) me dê um atestado eu não vou apresentar. Porque eu não posso perder meu emprego, supermercado; eu já tenho três semanas, mas a dona do mercado não pode nem saber disso (aborto), que ela perguntou logo a ele (companheiro): - ela não corre o risco de estar grávida, não? Se não ela não ia me contratar entendeu? Então se ela souber que ele mentiu. Vou trabalhar duas da tarde e eu tava trabalhando estes dias tudo quase sem agüentar, eu tava trabalhando apusso, mas eu tinha que ir.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E16: [...] <i>eu preciso entrar no trabalho amanhã de novo, mesmo que ela (médica) me dê um atestado eu não vou apresentar. Porque eu não posso perder meu emprego, supermercado; eu já tenho três semanas, mas a dona do mercado não pode nem saber disso (aborto), que ela perguntou logo a ele (companheiro): - ela não corre o risco de estar grávida, não? Se não ela não ia me contratar entendeu? Então se ela souber que ele mentiu, ela pode até ver com... Vou trabalhar duas da tarde... Eu tava trabalhando estes dias tudo quase sem agüentar, eu tava trabalhando apusso, mas eu tinha que ir.</i></p>	<p>1ª idéia: Precisa entrar no trabalho amanhã de novo, mesmo que receba atestado não vai apresentar.</p> <p>2ª idéia: Não pode perder o emprego no supermercado que já tem três semanas.</p> <p>3ª idéia: A dona do mercado não pode saber do aborto, porque companheiro mentiu que ela não estava grávida.</p> <p>4ª idéia: Estava trabalhando estes dias ‘apusso’.</p>

Questão 7: Fale um pouco de sua relação com os métodos anticoncepcionais.

QUADRO 7.A - Idéia central síntese: Tava tomando remédio, mas engravidou e sente culpa após aborto.

<p>DSC</p> <p><i>Eu tava tomando remédio, eu tava me prevenindo, mas engravidei. Mas é horrível, eu tô horrível, com aquela culpa, porque eu pedi perdão a Deus, eu sei que eu vou pagar isso de qualquer jeito eu sei que nada justifica tirar uma vida, né, só a Deus; mas, a única solução que eu achei foi essa. Se eu já tenho a minha? Se eu não tivesse, eu teria (pausa prolongada).</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E3: <i>Horrível, eu to horrível, com aquela culpa, mas (pausa) culpa (pausa) vírgula, porque eu tava tomando remédio, eu tava me prevenindo, mas engravidei. Mas é horrível, mas eu pedi perdão a Deus, eu sei que eu vou pagar isso de qualquer jeito eu sei que nada justifica tirar uma vida, né, só a Deus, mas, a única solução que eu achei foi essa. Se eu já tenho a minha? Se eu não tivesse, eu teria (pausa prolongada).</i></p>	<p>1ª idéia: Se sente horrível com o aborto, com aquela culpa.</p> <p>2ª idéia: Tava tomando remédio, tava prevenindo, mas engravidou.</p> <p>3ª idéia: Pediu perdão a Deus porque sabe que nada justifica tirar uma vida.</p> <p>4ª idéia: A única solução que achou foi esta.</p>

QUADRO 7.B - Idéia central síntese: Engravidou porque se sente mal com medicamento, engorda, sente tontice e ânsia de vômito.

DSC	
<p><i>Engravidei porque eu me sinto mal com medicamento, fico assim com tontice, ânsia de vômito, com vontade de vomitar e o parceiro não gosta camisinha. E eu faço mais é tabelinha, aí engravidei. Depois da minha terceira filha eu fiquei mais velha e o pessoal me orientou, agora foi descuido mesmo, da terceira. E remédio nenhum eu não me dou bem, sempre quando eu começo a tomar um eu sinto alguma coisa. Aí eu ficava indo lá o médico trocava, nesse troca-troca eu acabei engravidando da terceira. Só que eu não gosto de tomar remédio porque todos que eu tomo eu não me sinto bem, e injeção porque me engorda. Eu uso camisinha, porque na primeira vez que eu tomei remédio eu engordei muito; eu era magra, aí tomei o remédio e fiquei assim, aí eu parei de usar o remédio e uso camisinha. Eu não quero tomar remédio que eu pegue corpo, quero que continue com o mesmo corpo; não sei se eu vou procurar informação, se bem que lá na rua tem um posto de saúde, só que eu pergunto lá se eu posso tomar remédio, que tipo de remédio eu tomo, só que lá ninguém sabe explicar direito, passa qualquer remédio e não pode ser assim, tem que explicar, porque eu sou magrinha e se eu pegar corpo minhas roupas não vão dar mais em mim.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E7: [...] engravidei porque eu me sinto mal com medicamento, aí engravidei, eu faço mais é tabelinha, aí engravidei [...]</p>	<p>1ª idéia: Engravidou porque se sente mal com medicamento.</p> <p>2ª idéia: Faz mais é tabelinha.</p>
<p>E10: Depois da minha terceira filha eu fiquei mais, mais velha, fiquei mais, entendeu o pessoal me orientou, agora foi descuido mesmo, da terceira. E remédio nenhum eu não me dou bem, sempre, sempre quando eu começo a tomar um eu sinto alguma coisa. Aí eu ficava indo lá o médico trocava, nesse troca-troca eu acabei engravidando da terceira. Só que eu não gosto de tomar remédio porque todos que eu tomo eu não me sinto bem, e injeção porque me engorda [...]</p>	<p>1ª idéia: Não se dá bem com nenhum remédio.</p> <p>2ª idéia: Quando sentia algo com remédio procurava o médico para trocar e nesse troca-troca engravidou.</p>
<p>E12: Eu uso camisinha, eu não tomo</p>	<p>1ª idéia: Usa camisinha, não toma remédio porque</p>

<p><i>remédio, porque na primeira vez que eu tomei remédio eu engordei muito, eu era magra, aí tomei o remédio e fiquei assim, aí eu parei de usar o remédio e uso camisinha [...]</i></p> <p>E13: <i>Não sei, porque eu não quero tomar remédio que eu pegue corpo eu quero que eu continue com o mesmo corpo; não sei se eu vou procurar informação assim, se bem que lá na rua tem um posto de saúde, só que eu pergunto lá se eu posso tomar remédio, que tipo de remédio eu tomo, só que lá ninguém sabe explicar direito, passa qualquer remédio e não pode ser se tem que explicar; saber qual é o remédio que eu não quero pegar corpo, porque eu sou magrinha e se eu pegar corpo minhas roupas não vão dar mais em mim.</i></p> <p>E14: <i>Eu usava pílula, mas aí achava que eu tava engordando entendeu, aí eu comecei com a camisinha. Com ele camisinha, só que furou né.</i></p> <p>E16: <i>Eu usava anticoncepcional (oral), mas só que na verdade eu não me dou. Fico assim com tontice, ânsia de vômito, com vontade de vomitar e o parceiro não gosta camisinha né? [...]</i></p>	<p>engordou na primeira vez que tomou.</p> <p>1ª idéia: Não quer tomar remédio para não pegar corpo.</p> <p>2ª idéia: Ninguém no posto de saúde sabe explicar direito sobre o remédio anticoncepcional.</p> <p>1ª idéia: Usava pílula, mas achava que tava engordando.</p> <p>2ª idéia: Começou com a camisinha só que furou.</p> <p>1ª idéia: Usava anticoncepcional oral, mas tinha tontice e ânsia de vômito.</p>
---	--

QUADRO 7.C - Idéia central síntese: Parou de tomar anticoncepcional e não usava nenhum método, então engravidou e pegou sífilis

DSC	
<p><i>Eu tomava o ciclo vinte e um, aí tem dois meses que eu parei. foi o tempo que engravidei. Era assim, no dia que eu menstruava eu ia no ginecologista, ele me dava tudo marcado já, porque minha menstruação vinha assim dia vinte e três, tudo marcado já, na tabelinha. No dia que deveria fazer e que não era pra fazer, que era o período fértil. Dessa vez eu ultrapassei. Não, na verdade eu tava sem ninguém. Depois que eu me separei eu tava sem ninguém, então não servia, se eu tava sem ninguém pra mim não servia. Aí depois quando eu conheci ele, aí aconteceu, eu engravidei, eu não tirei porque ele não quis, a família dele toda quis. Mas também eu, eu pensei em mim mais, pensei mais em mim do que nele. Não porque ele queria que eu ia deixar, pensei mais em mim entendeu? Eu conheci ele numa semana, quando chegou na outra a gente se viu de novo, aí rolou (relação sexual), não rolou no mesmo dia não. Rolou uma semana depois. Aí eu peguei falei pra ele: não tô tomando nada, já tinha acontecido já, aí eu falei pra ele eu vou tá grávida. Aí teve um dia que não vi minha menstruação descer, pensei e eu perguntei a ele também: é a gente se conheceu agora, você não ficou com medo de transar comigo sem camisinha? Ele pegou e falou assim: - é eu fiquei meio cabreiro assim, mas sei lá o que ia acontecer. Foi duas pessoas erradas, né, eu falei pra ele, foi duas pessoas erradas. A gente na hora da agonia, a gente não quis nem saber, mas isso é errado, eu falei pra ele. Assim como foi uma gravidez podia ser uma doença. Eu perguntei a ela, a moça esta doença (a sífilis) como era, com quantos meses é que descobria que tava doente, ela disse que muitos meses, então acredito que foi do meu primeiro namorado. A gente usou camisinha e tudo, mas furou, não veio na mente pílula do dia seguinte, essas coisas toda a gente pensou que o remédio não ia fazer efeito; aí foi quando a gente descobriu que tinha um mês e quinze dias, aí eu fiquei com medo de falar a minha tia, aí quando fez dois meses eu contei a ela logo, porque eu fiquei com medo, aí saí e decidi abortar, mas eu usava.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E9: <i>Você usava alguma coisa? Não, não. Eu perguntei a ela, a moça esta doença (a sífilis) como era, com quantos meses é que descobria que tava doente, ela disse que muitos meses, então acredito que foi do meu primeiro namorado.</i></p>	<p>1ª idéia: Não usava nenhum método.</p> <p>2ª idéia: Acredita que pegou sífilis do primeiro namorado.</p>
<p>E11: <i>Eu tomava o ciclo vinte e um, aí tem dois meses que eu parei. Não, Já, tomava antes. Aí dois meses atrás eu parei, foi o tempo que engravidei. Não, na verdade eu</i></p>	<p>1ª idéia: Tomava ciclo vinte e um e tem dois meses que parou e então engravidou.</p> <p>2ª idéia: Depois que se separou tava sem ninguém</p>

<p><i>tava sem ninguém. Depois que eu me separei eu tava sem ninguém, então não servia, se eu tava sem ninguém pra mim não servia. Aí depois quando eu conheci ele, aí aconteceu, eu engravidei, eu não tirei porque ele não quis, a família dele toda quis. Mas também eu, eu pensei em mim mais, pensei mais em mim do que nele. Não porque ele queria que eu ia deixar, pensei mais em mim entendeu? Não eu conheci ele numa semana, quando chegou na outra a gente se viu de novo, aí rolou (relação sexual), não rolou no mesmo dia não. Rolou uma semana depois, foi que rolou. Aí eu peguei falei pra ele: não tô tomando nada, já tinha acontecido já, aí eu falei pra ele eu vou tá grávida. [...] Aí teve um dia que não vi minha menstruação descer, aí não desceu... Pensei, eu perguntei a ele também: porque sei lá... eu falei assim pra ele: é a gente se conheceu agora, você não ficou com medo de transar comigo sem camisinha? Ele pegou e falou assim: é eu fiquei meio cabreiro assim, mas sei lá o que ia acontecer. A mesma coisa fui eu, foi duas pessoas erradas, né, eu falei pra ele, foi duas pessoas erradas. A gente na hora da agonia, a gente não quis nem saber, mas isso é errado, eu falei pra ele. Assim como foi uma gravidez podia ser uma doença [...]</i></p>	<p>então não servia o remédio.</p> <p>3ª idéia: Quando engravidou, ele e a família dele queria, mas pensou nela mesma e tirou.</p> <p>4ª idéia: Conheceu o namorado numa semana na outra manteve relação sexual.</p> <p>5ª idéia: Falou com o namorado depois que tinha transado que não estava tomando nada e que ia estar grávida.</p> <p>6ª idéia: Perguntou ao namorado sobre medo de transar com ela sem camisinha.</p> <p>7ª idéia: Como foi uma gravidez podia ser uma doença.</p>
<p>E15: <i>Era assim, no dia que eu menstruava eu ia no ginecologista, ele me dava tudo marcado já, porque minha menstruação vinha assim dia 23, tudo marcado já, na tabelinha. No dia que deveria fazer e que não era pra fazer, que era o período fértil. Dessa vez eu ultrapassei. Isso.</i></p>	<p>1ª idéia: Menstruava, ia no ginecologista fazer tabelinha.</p> <p>2ª idéia: Desta vez ultrapassou a tabelinha.</p>
<p>E17: <i>Eu uso a tabelinha (cartela de anticoncepcional oral), levorf, já ouviu falar só que ocorreu a gravidez porque eu parei de tomar vai fazer três meses e meio; a gente usou camisinha e tudo, mas furou, não veio na mente pílula do dia seguinte,</i></p>	<p>1ª idéia: Usa anticoncepcional oral levorf e engravidou porque parou de tomar.</p> <p>2ª idéia: Usou camisinha mas furou.</p> <p>3ª idéia: Não veio na mente pílula do dia seguinte,</p>

<p><i>essas coisas toda a gente pensou que o remédio não ia fazer efeito; aí foi quando a gente descobriu que tinha um mês e 15 dias, aí eu fiquei com medo de falar a minha tia, aí quando fez dois meses eu contei a ela logo, porque eu fiquei com medo, aí saí e decidi abortar, mas eu usava.</i></p>	<p>pensou que remédio não ia fazer efeito.</p> <p>4ª idéia: Descobriu gravidez com 1 mês e 15 dias e teve medo de contar pra tia.</p>
--	---

QUADRO 7.D - Idéia central síntese: Fica gorda com remédio e injeção, não usa camisinha porque parceiro não gosta.

DSC	
<p><i>Eu fico muito gorda, e fico feia, por isso que eu não tomo injeção. E camisinha porque meu parceiro ele não gosta de usar camisinha, e fica naquela quando tiver perto de ejacular eu tiro (coito interrompido), mas sempre acontece um acidente dele deixar alguma coisa cair dentro. Aí que aconteceu isso, entendeu. Aí quando ocorreu: eu engravidei. É isso eu me arrisco e acabo aqui (na maternidade abortando) entendeu. Me falaram agora que tem um novo método aí que coloca na perna, eu pensei nesta possibilidade. De colocar esse aí, diz que dá um corte do lado da perna ou em algum lugar do corpo e coloca, eu optaria por ele. Porque o DIU colocar alguma coisa no útero está fora de cogitação, injeção porque me engorda e remédio porque sempre eu sinto alguma coisa, entendeu? E camisinha porque ele não gosta. Na época (que fazia programa) eu sempre usava camisinha, sempre aparecia um que dizia eu dou mais pra você ir comigo (transar) sem camisinha. Só que aí eu desistia, eu preferia ir pra casa sem nada, mas não optava por esta maneira, porque eu sabia que se eu pegasse uma doença, seria pior pra mim. Então eu optei, em não fazer, eu desistia do dinheiro, poderia ser o que fosse. Mas sempre aparecia um dando mais, eu dou tanto, eu dou tanto se você for sem camisinha, só que eu nunca aceitava porque eu sabia que no futuro iria me prejudicar.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E10: [...] <i>Eu fico muito gorda, e fico feia, por isso que eu não tomo injeção. E camisinha porque meu parceiro ele não gosta de usar camisinha, e fica naquela quando tiver perto de ejacular eu tiro(pênis da vagina), mas sempre acontece um acidente dele deixar alguma coisa cair dentro. Aí que aconteceu isso, entendeu. Aí quando ocorreu: eu engravidei. É isso eu me arrisco e acabo aqui (na maternidade abortando) entendeu, porque ele fala não, na hora que tiver perto de ejacular eu tiro, só que nem sempre ele consegue tirar. Não, me falaram agora que diz que tem um novo método aí que coloca na perna, eu pensei nesta possibilidade. De colocar esse aí, diz que dá um corte do lado da perna ou em algum lugar do corpo e coloca. Esse aí eu optaria por ele. Entendeu, porque o DIU colocar alguma coisa no útero está fora de cogitação, injeção porque me engorda e remédio porque sempre eu sinto alguma coisa, entendeu? E camisinha porque</i></p>	<p>3ª idéia: Não toma injeção porque engorda e fica feia.</p> <p>4ª idéia: Não usa camisinha porque o parceiro não gosta.</p> <p>5ª idéia: Parceiro fala que quando estiver perto de ejacular ele tira o pênis da vagina.</p> <p>6ª idéia: Se arrisca e acaba na maternidade abortando.</p> <p>7ª idéia: Pensou agora na possibilidade de um novo método que coloca com um corte do lado da perna ou algum lugar do corpo.</p> <p>8ª idéia: O DIU, colocar alguma coisa no útero está fora de cogitação.</p> <p>9ª idéia: Na época que fazia programa sempre usava camisinha.</p>

<p><i>ele não gosta. Na época (que fazia programa) eu sempre usava camisinha, sempre aparecia um que dizia eu dou mais pra você ir comigo(transar) sem camisinha. Só que aí eu desistia, eu prefiria ir pra casa sem nada, mas não optava por esta maneira, porque eu sabia que se eu pegasse uma doença, seria pior pra mim. Então eu optei, em não fazer, eu desistia do dinheiro, poderia ser o que fosse. Mas sempre aparecia um dando mais, eu dou tanto, eu dou tanto se você for sem camisinha, só que eu nunca aceitava porque eu sabia que no futuro iria me prejudicar.</i></p>	<p>10ª idéia: Sempre alguém dava mais para transar sem camisinha, mas não aceitava porque podia pegar doença, desistia do dinheiro.</p>
---	---

QUADRO 7.E - Idéia central síntese: Usa camisinha, mas acha que estourou; quando não usa toma chá ou água com sal.

DSC	
<p><i>Ou a camisinha estourou, ou no dia que a gente teve relação sem camisinha, foi um negócio desse, mas quando eu tenho relação sem camisinha eu sempre tomo alguma coisa. Eu tomava chá, porque esses chá adianta, eu já tomei água com sal outras vezes e adiantou, mas eu sempre vinha com camisinha, sempre com a camisinha... Eu tava muito afoita, de companheiro. Se não usar (a camisinha) eu não quero, piorou agora. Na verdade, é melhor sem, mas quando penso nas coisas que podem acontecer, tem as doenças também, pior coisa é pegar um filho e pegar uma doença e aí? Eu não digo assim que 100% ele fica com a família, eu não boto minha mão no fogo que pode queimar, eu não confio. No homem não se pode confiar totalmente, a gente de ficar com um pé lá outro cá, de olho. Mas o problema é que a gente fica na camisinha de qualquer forma, porque não é só pela gravidez indesejada, mas pelas doenças sexualmente transmissíveis né? E a gente não pode confiar nesses homens que dormem na rua. Bebe e faz coisas que não vê. Então tem que optar por este método também, camisinha. Ele (marido) não gosta. Porque eu acho que o homem sente à vontade com a esposa, pensa que não corre nenhum risco. E que em casa assim, não é como as da rua né, que na rua eles têm que se prevenir, acho que é isso.</i></p>	
EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p>E12: [...] <i>Ou a camisinha estourou, ou no dia que a gente teve relação sem camisinha, foi um negócio desse mas quando eu tenho relação sem camisinha eu sempre tomo alguma coisa. Eu tomava chá, algum chá, porque esses chá adianta, eu já tomei água com sal outras vezes e adiantou, mas eu sempre vinha com camisinha, sempre com a camisinha... Eu tava muito afoita, de companheiro [...] Se não usar (a camisinha) eu não quero, piorou agora. Na verdade, é melhor sem, mas quando penso nas coisas que podem acontecer, uma tem as doenças também, pior coisa é pegar um filho e pegar uma doença e aí? Eu não digo assim que 100% ele fica com a família, eu não boto minha mão no fogo que pode queimar, eu não confio. No homem não se pode confiar totalmente, a gente de ficar com um pé lá outro</i></p>	<p>2ª idéia: Desta vez a camisinha estourou ou foi da vez que teve relação sem camisinha.</p> <p>3ª idéia: Quando tem relação sem camisinha toma chá ou água com sal e adianta.</p> <p>4ª idéia: Vinha usando camisinha, mas tava muito afoita de companheiro.</p> <p>5ª idéia: Na verdade é melhor sem camisinha, mas quando pensa nas doenças e filho prefere usar.</p> <p>6ª idéia: Não bota a mão no fogo, não confia 100% que o companheiro fica apenas com a família.</p>

cá, de olho.

E16: [...] *Mas o problema é que a gente fica na camisinha de qualquer forma, porque não é só pela gravidez indesejada, mas pelas doenças sexualmente transmissíveis né? E a gente não pode confiar nesses homens que dormem na rua. Bebe e faz coisas que não vê. Então tem que optar por este método também, camisinha. Ele (marido) não gosta. Porque eu acho que o homem sente à vontade com a esposa, pensa que não corre nenhum risco. E que em casa assim, não é como as da rua né, que na rua eles têm que se prevenir, acho que é isso.*

2ª idéia: Fica na camisinha de qualquer forma por causa da gravidez indesejada e das doenças sexualmente transmissíveis.

3ª idéia: Marido não gosta de usar camisinha; pesa que se sente à vontade com esposa e na rua é que eles tem que se prevenir.

ANEXO A



Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

Ofício nº237/2008
Ref.: Devolução de Projeto

Salvador, 10 de abril de 2008.

ESTIMADA
Normélia Maria Freire Diniz
PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Projeto de Pesquisa: "O discurso das mulheres que abortaram como consequência da violência doméstica"

Pesquisador (a) Responsável: Normélia Maria Freire Diniz

Situação do Projeto: APROVADO

Estamos encaminhando para seu conhecimento e providências, o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da SESAB.

O projeto pode ter continuidade uma vez que atende aos requisitos éticos para a pesquisa envolvendo seres humanos.

Nesse sentido, o Comitê decidiu por sua aprovação, lembrando ao pesquisador (a) a necessidade de informar esse Comitê do relatório parcial e ou final no período de 6 (seis) meses a 1 (um) ano conforme recomendação da Resolução nº 196/96, IX – 2 c.

Atenciosamente

ANA MARIA FERNANDES PITTA
Coordenadora do CEP-SESAB

Ao RH
Autorizado
M. Freire
30/04/08



ANEXO B

Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

PARECER Nº242/2008
Registro CEP: CAAE- 0025.0.053.000-08

I. Identificação:

Projeto de Pesquisa: “O discurso das mulheres que abortaram como conseqüência da violência doméstica”

Pesquisador (a) Responsável: Normélia Maria Freire Diniz

Instituição onde se realizará: Maternidade Tsylla Balbino

Área de Conhecimento: 4.00 e 4.04

II. Justificativas e Objetivos:

Necessidade de ampliar o debate sobre a assistência a mulher em abortamento provocado.

Descrever e analisar o discurso de mulheres que sofrem violência doméstica e provocaram um abortamento.

III. Desenho e Metodologias:

Pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho descritivo, com observações, registros, análises e correlações entre fatos e o fenômeno do abortamento.

IV. Critérios de Participação (recrutamento, critérios de inclusão/exclusão, interrupção da pesquisa):

Mulheres que tiveram um abortamento e estão sendo atendidas na Maternidade citada anteriormente.

V. Comentários e Parecer do (a) relator (a):

O projeto de pesquisa do curso de Mestrado em Enfermagem (UFBA) aborda dois temas bastante relevantes, que estão sendo discutido amplamente pelo Estado, no âmbito da saúde, da política e da própria sociedade civil, a violência doméstica e o aborto. Os objetivos foram apresentados de forma clara e estão bem justificados. Apesar das entrevistas com as mulheres que participarão da pesquisa, não ocorrerem em um momento que poderá não ser muito

ANEXO B

Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

confortável para a entrevistada, a autora já possui uma trajetória profissional e saberá lidar com esta situação. A abordagem de gênero proposta é louvável e necessária para cumprir os objetivos do trabalho.

VI. Situação do projeto: APROVADO

Salvador, 09 de abril de 2008.

Pelo Comitê,

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Ana Maria Fernandes Pita".

ANA MARIA FERNANDES PITA
Coordenadora do CEP-SESAB